

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Cristianismo  
Islamismo  
Península Ibérica, Idade Média  
Martí, Raimundo, estudo

**CRISTIANISMO E ISLAMISMO  
NA PENÍNSULA IBÉRICA**

Raimundo Martí, um precursor do diálogo religioso

**VOLUME III**



53 872

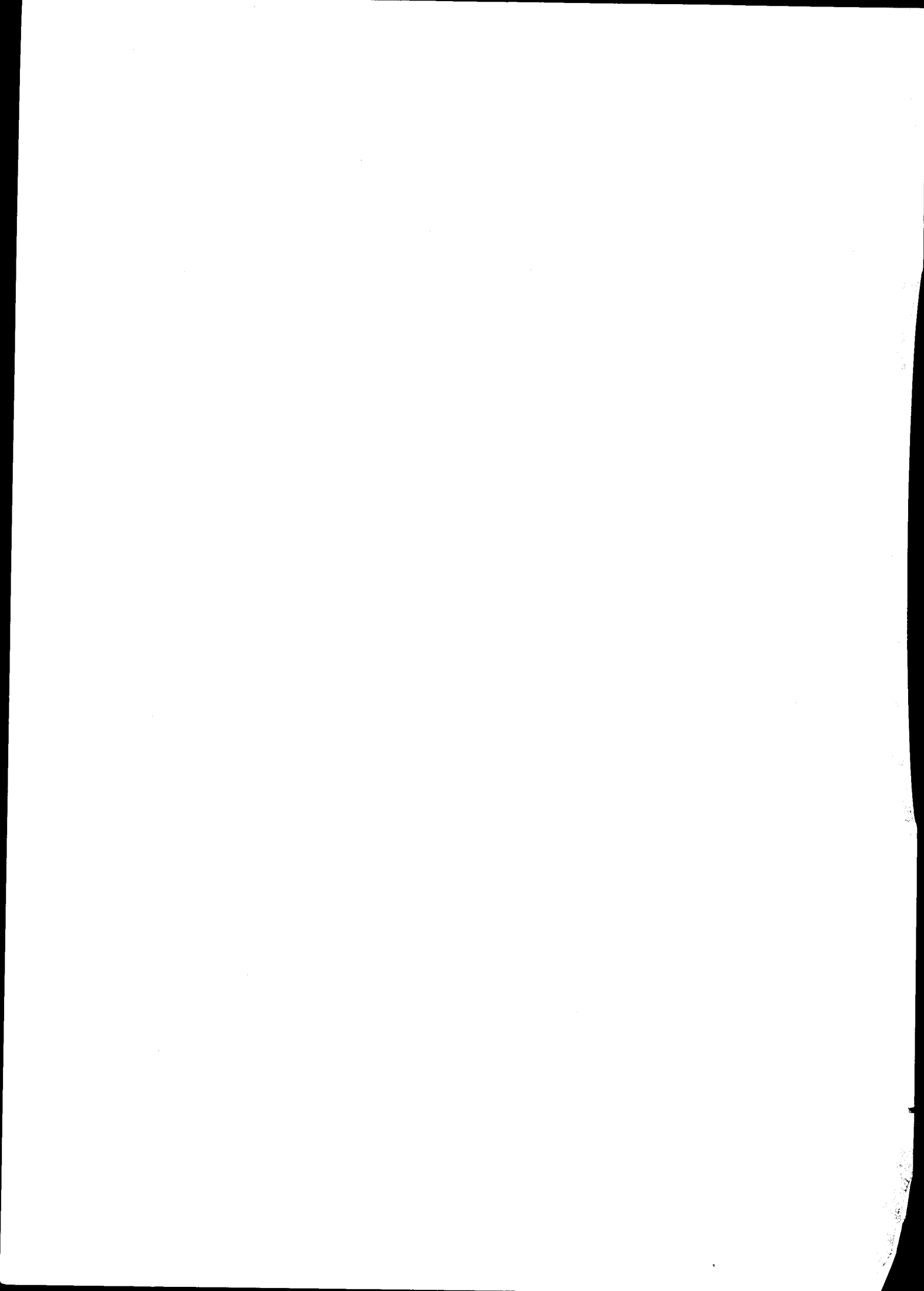
*Joaquim Chorão Lavajo*

Dissertação apresentada à Universidade de  
Évora para obtenção do Grau de Doutor  
em HISTÓRIA



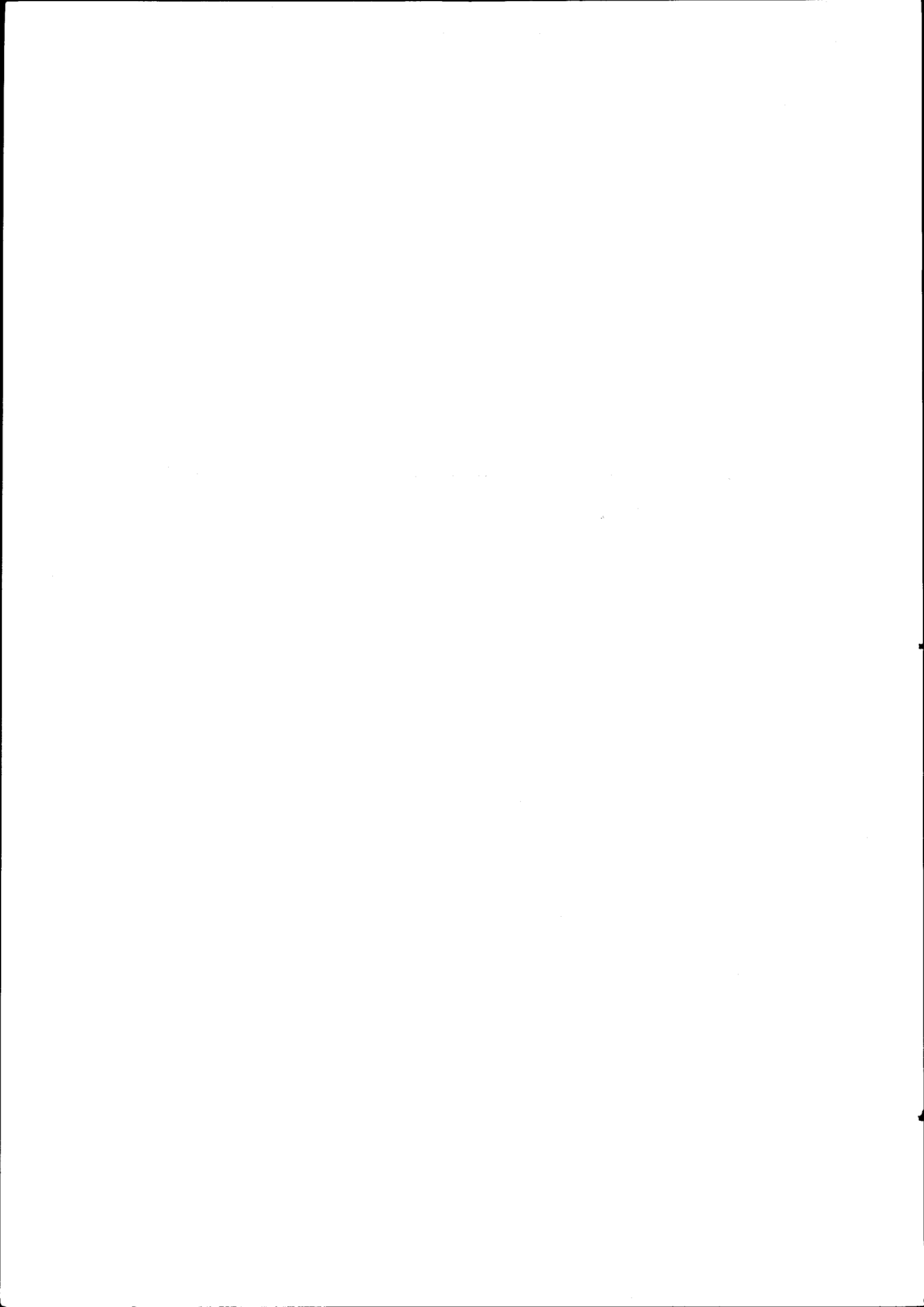
ÉVORA  
1988

946.0  
LAV c  
v. 3



# **TRACTATUS CONTRA MACHOMETUM DE RAIMUNDO MARTÍ**

Introdução, edição crítica, tradução e notas



## INTRODUÇÃO

### OS MANUSCRITOS E EDIÇÕES DO *TRACTATUS CONTRA MACHOMETUM*

O *TCM* foi uma obra muito divulgada nos séculos XIII, XIV, XV e XVI. Sabemos isso pelo número de exemplares manuscritos que nos restam. Estes seriam ainda mais se, por um lado, a edição de 1550 não tivesse facilitado a sua leitura, desencorajando assim a reprodução manuscrita e, por outro lado, se o tema não tivesse perdido parcialmente a sua actualidade histórica, com o consequente olvido da literatura que o alimentava.

#### 1. *Identificação e descrição dos manuscritos*

Apesar de várias tentativas anteriores (1) ainda não foi feito, até ao presente, o elenco completo dos manuscritos conhecidos do *TCM* e a respectiva descrição. É isso que vamos fazer, seguindo a que julgamos ser a ordem decrescente de fidelidade ao autógrafo.

Aos manuscritos que contêm integral ou quase integralmente o *TCM*, agregamos o único hoje conhecido da *Explanatio Symboli Apostolorum*, na medida em que a 1ª parte desta coincide, embora com uma diferente distribuição das matérias, com a 2ª parte do *TCM*. Igual tratamento vamos fazer ao *códice lat. 4230*, da Biblioteca Nacional de Paris. Com efeito, este manuscrito contém uma variante da obra, feita pela mão de alguém que a atribuiu a Raimundo Hispano, da Ordem dos Pregadores. Esta variante reveste-se de peculiar importância pelo facto de seguir a par e passo, ora transcrevendo literalmente, ora resumindo, ora ampliando, o texto dos outros manuscritos.

Aqui fica, pois, o elenco e uma breve recensão dos manuscritos que contêm, directa ou indirectamente, total ou parcialmente, o *TCM*.

1.1. ROMA, Casa Generalíssima dos Dominicanos, S. Sabina, XIV 28<sup>o</sup> (R)

**T**ractatus contra Machometum



ostendendum q<sup>d</sup> machometus non fuit propheta uel nuntius sicut asserunt saraceni qui miserabiliter peccant illius sequentes blasphemias et voces

**N**otandum q<sup>d</sup> dominus loquens de falsis prophetis et monens fideles ut caueant sibi ab eis dicit secundum ad habetur mathei .vii. c. attendite a falsis prophetis qui ueniunt ad uos in uestimentis ouium intrinsecus sunt luri rapaces .a fructibus eorum cognoscite eos .vbi dominus tria facit **P**rimo monet fideles ut a falsis prophetis sibi caueant .cum dicit attendite .a falsis prophetis **S**ecundo ostendit quales sint illi in se exterius et interius .cum dicit qui ueniunt ad uos in uestimentis ouium intrinsecus autem sunt luri rapaces

**T**ercio quibus sumis cognoscantur ut sic ab eis caueantur .cum subiungit .a fructibus eorum cognoscite eos **Q**uarto ad noticiam istorum fructuum facit per suorum contrariorum declarationem ueni peruenimus resumimus dicere q<sup>d</sup> propheta uel nuntius dei qui uult et dicere ueritatem sue propheticie uel missio me ita q<sup>d</sup> illi ad quos uertitur non resumunt

Este belo manuscrito de meados do séc. XV tem 262 fls, em pergaminho, de 275x195 mm, com 31 linhas e inclui oito obras, quase todas situadas no campo do diálogo religioso medieval. O TCM aparece-nos como anónimo nos fls. 200<sup>v</sup> a 222<sup>r</sup>, com o título *Tractatus contra Machometum*, escrito logo no início e no colofon. Com a regularidade e beleza da escrita semi-cursiva (obra de um mesmo copista) e com o colorido das suas capitais (amarelo, violeta, azul e vermelho) contrastam os erros de leitura, as omissões

e a incorrecta transcrição dos nomes próprios, o que dificulta a identificação dos mesmos. Estas limitações são tanto mais de lamentar quanto o texto é, a nosso ver, o que mais se aproxima do da *Explanatio Symboli Apostolorum*, de Ramón Martí, obra literal e parcialmente coincidente com o *TCM*, e com o *Contra Machometum* do ms. 4230 da BNP, que é um resumo tridentista do mesmo. Apesar dos seus defeitos, este manuscrito terá um lugar fundamental na apresentação do texto crítico da obra.

*Incipit: Tractatus contra Machometum. "Ad ostendendum quod Machometum non fuit verus propheta vel Dei nuncius sicut asserunt saraceni..."*.

*Explicit: "Sed potius corporalis et visibilis. Explicit tractatus contra Machometum".*

#### 1.2. *BURGO DE OSMA, Arquivo da Catedral, n. 46 (O)*

Também com escritura semi-cursiva do séc. XV, este códice, em papel, é integrado por 124 fls. de 210x145 mm, e 31 linhas. Foi escrito por um só copista, que se identifica na última página como "Parrocius Seguntinus manu propria". Inclui vários tratados sobre diferentes temáticas, arbitrariamente agrupadas sob o título geral de *Consideraciones de la Misa*. Juntamente com obras de S. Bernardo, S. Gregório, S. Isidoro e outros, aparece o *Contra Seta Machometi* (3), de autor anónimo, que ocupa o 6º lugar, nos fls. 45<sup>r</sup> a 60<sup>v</sup>. Por razões desconhecidas, esta obra ficou inacabada; falta-lhe o correspondente às últimas oito páginas da nossa edição. É o texto que mais se aproxima do *R*, que com ele deve ter um antecedente comum.

*Incipit: "De Seta Machometi, "Ad ostendendum quod Machometus non fuit Dei propheta vel nuncius sicut asserunt sarraceni..."*.

*Explicit: "... quia de similibus idea est iudicium".*

Josep Hernando I Delgado fez uma breve descrição deste manuscrito num trabalho publicado no n. 18 dos "Cahiers de Fanjeaux" (4). Pouco acrescenta o

autor àquilo que se conhecia da obra através da descrição de outros manuscritos e da edição de 1550.

De seia machometus

45

ostendendum q machometus nō fuit  
 dei prophā uel nuncius sicut aserūt farrā  
 cem qm miserabiliter peccit hinc sequi  
 tes blasphemias et errores Notandum  
 q dominus loquens de falsis prophete et monēs  
 fideles ut cauerent sibi ab eis dixit secundum  
 q habetur. az. viij. attendite a falsis prophete q  
 ueniunt ad uos inuestimento oliuū ut nescia  
 autem sunt lupi rapaces a fructibus eorum co  
 gnoscetis eos ubi dominus tua facit Primo  
 monet fideles ut a falsis prophete sibi caueat  
 cum diat attendite a falsis pphīs Secundo  
 ostendit quales sūt illi in se extius et intus  
 cum diat qui ueniunt ad uos in uestibus ou  
 um utrinsecus aut sūt lupi rapaces Tercio  
 quo quibus signis cognoscantur ut sic ab eis  
 caueantur cum subiungit a fructibus .e. cog  
 nos ut ad noticiam istorum fructuum facilius p  
 contrariorum suoz declarationem pueniamus  
 possima dē q prophā uel nuncius dei qui  
 uult ostendere ueritatem sive pphie uel missionis  
 ita q illi ad quos mittitur non possit respicere  
 sup hoc uel rationabiliter dubitare Quatuor  
 debet habere que sūt quasi quōdam fructus  
 seu signa per que pōt cognosci et discerni  
 uerū prophā uel nunciū dei a falsis pphīs uel  
 nunciis qui nō hnt illa quatuor signa seu  
 fructus sed contraria

Primum est q sit uerax: h pōt p  
 ostendi racione et auctoritate. Ista  
 ho est dēus d summa simplicitate ac puritate

Para além de ser omisso na catalogação dos manuscritos hoje conhecidos, continua a admitir acriticamente a existência de uma edição de 1551 e, ao transcrever três trechos do manuscrito em causa, contaminou-os com más leituras, transposições, omissões e adições. Demasiados erros para tão breve trabalho!...





Ao *TCM* cabe o 15º lugar, nos fls. 71<sup>r</sup> a 74<sup>v</sup>. Não tem título no início; encontramos-lo no colofon:

"Explicit tractatus de ortu, processu et actibus Machometi".

Ao fundo do fl. 71<sup>r</sup>, traz uma informação interessante: 2 linhas rectas com as notas explicativas respectivas: "haec linea quindecies ducta, longitudinem monstrat sepulcri Domini", sobre a primeira e mais longa; "haec, novies ducta, latitudinem monstrat eiusdem sepulcri", sobre a segunda.

O *incipit* situa-nos imediatamente no texto:

"Ad ostendendum quod Machometus non fuerit Dei propheta vel nuncius sicut asserunt saraceni qui..."

*Explicit*: "Explicit tractatus de Ortu, processu et actibus Machometi".

#### 1.4. CAMBRIDGE, *Bibliot. Universitária, Gonville and Caius, 162/83 (C')*

O códice é integrado por oito obras, das quais as duas últimas são de escritura mais antiga. Começa com o *TCM*, que ocupa 11 páginas compactas. Está bastante mutilado e deteriorado no início. Falta-lhe o correspondente a seis páginas da nossa edição, começando em pleno texto com:

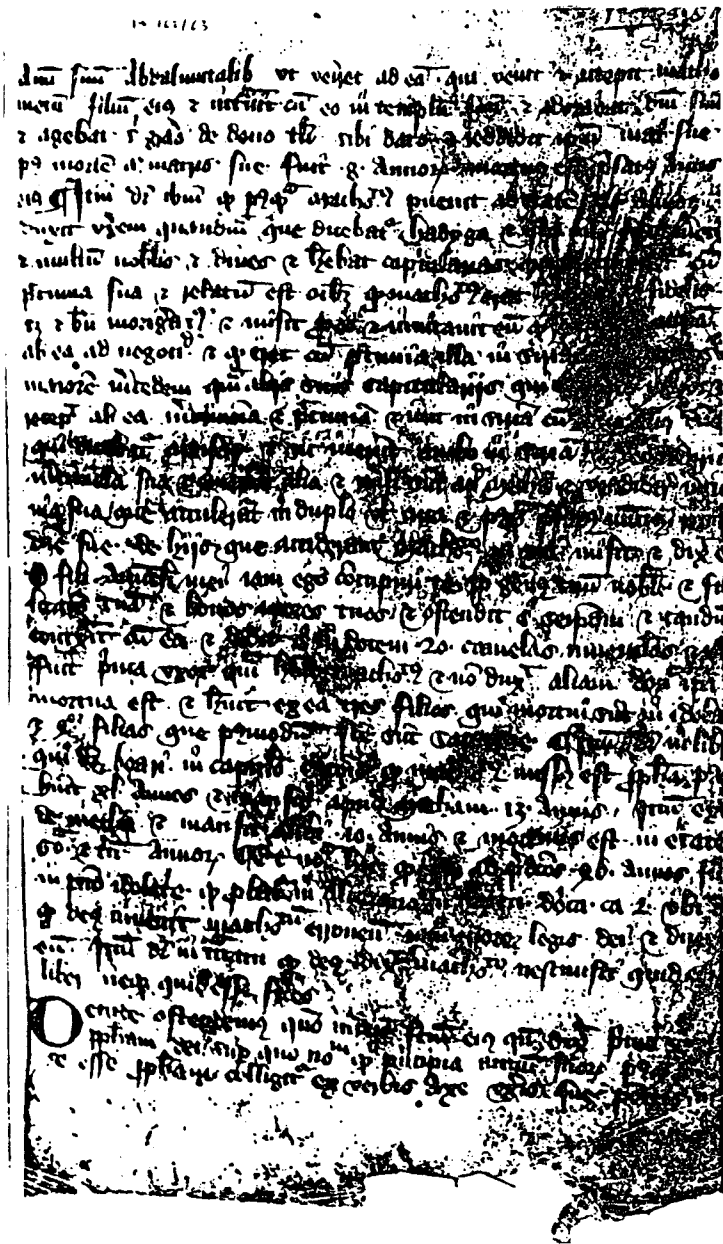
"... Avum suum Abdalmutalib ut veniret ad eum". Encontramos o título no Colofon:

"Explicit tractatus de ortu, processu et actibus Machometi".

A escritura deve ser de finais do séc.XV.

No final do sexto tratado (*Itinerarium Ierosolimitanorum...*), o copista deixou desenhadas as mesmas duas linhas referentes às dimensões do Santo Sepulcro que encontramos no códice anterior, quase no início do texto do *TCM*. Se neste manuscrito nos parecem perfeitamente oportunas, já que a obra em que se encontram trata, precisamente, da cidade de Jerusalém e, muito particularmente, do sepulcro de Cristo, o mesmo não acontece com o anterior, onde o texto não trata desse tema. Significará isto que *C* depende de um

antecedente de C' e que o copista do primeiro inseriu como mera curiosidade na sua obra aquilo que no seu arquétipo era elemento integrante?



É pertinente esta constatação, tanto mais que, apesar da diferente natureza das colectâneas, quer numa, quer noutra, o TCM é imediatamente seguido pelo "De statu sarracenorum", de Guilherme de Tripoli e que a análise interna de ambos nos obriga a incluí-los na mesma família de manuscritos.



Originário do convento da ordem menor de S. João de Brandeburgo, foi oferecido em 1544-1545 à mesma cidade.

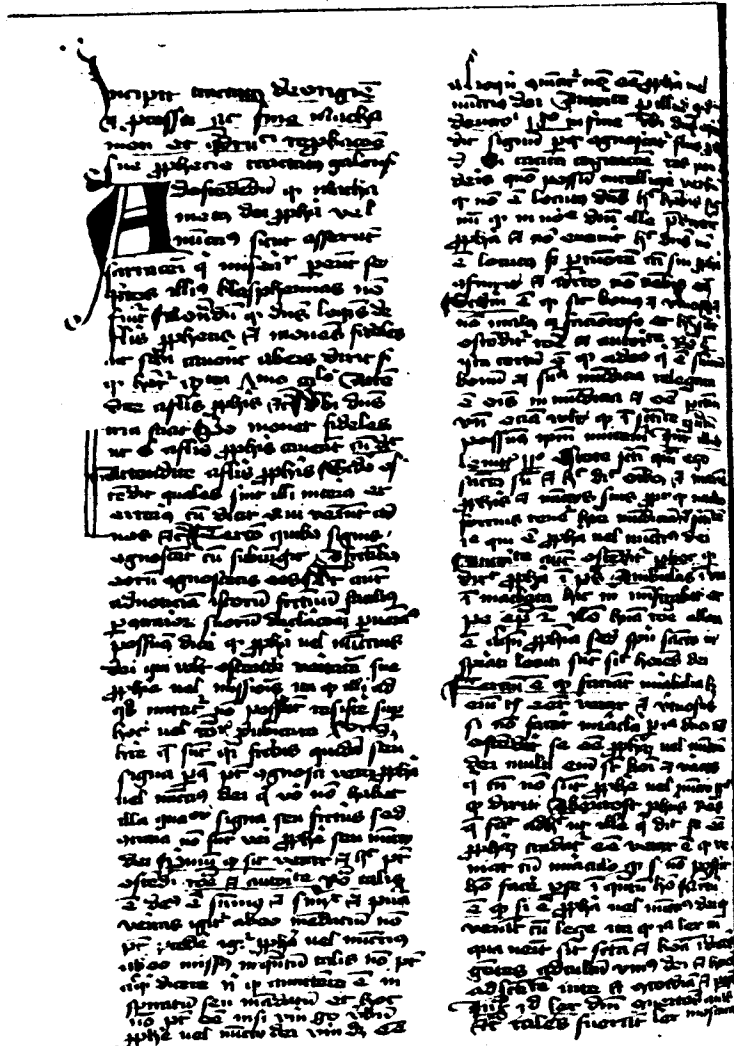
1.6. BERLIN Staatsbibliothek, ms. theol. lat. 425 (B<sup>1</sup>)

O manuscrito, B<sup>1</sup>, muito afim do anterior, contém o TCM nos fls. 122<sup>v</sup>-130<sup>v</sup>, com o *Incipit*:

"Incipit tractatus de origine et processu ac fine Machometi et quadruplici reprobatione sue prophetie. Tractatus galensis (Ad ostendendum quod Machometus)".

O *explicit* traz a datação e a origem:

"Explicit de processu, ortu et actibus Machometi, Anno Domini 1463, Saboia post Iohanes Baptiste".





Este códice consta de 195 fls., em pergaminho, de 310x215 mm, a duas colunas, escrito por várias mãos, antes de 1384, possivelmente em Avinhão, e inclui, sobretudo, obras de eremitas de S. Agostinho.

O fl. 194<sup>v</sup> dá-nos um pouco da sua história. Aí aparece uma acta de doação feita pelo bispo de Albano, o Cardeal Ânglico (Grimoard), clérigo da diocese de Mende. Essa acta foi assinada em Avinhão, com data de 5 de Fevereiro de 1384. Sabe-se que o manuscrito passou depois à biblioteca de Pefiscola, onde recebeu o n. 1078 do inventário e, posteriormente, seguiu o mesmo destino dos outros 573 que o Cardeal Pedro de Foix, legado do papa Martinho V, levou consigo para Toulouse, após a derrocada do sucessor de Bento XIII (Pedro de Luna), Clemente VIII (Egídio Sanchez Muñoz).

No século XVII foi parar, com outros códices que o acompanharam desde Avinhão, à Biblioteca de Colbert, com o n. 2273, para daí ir passar à Biblioteca Régia, com o n. 3893.1.1 (7).

A obra que nos interessa ocupa no manuscrito o n. 11 (fls. 151<sup>v</sup>-159<sup>r</sup>), e vem introduzido pela epígrafe:

"Incipit tractatus seu Disputatio fratris Ricoldi Florentini, ordinis fratrum predicatorum, contra Saracenos et Alchoranum"

seguido imediatamente de outro título ou subtítulo:

"Contra Machometum et legem eius, alius modus procedendi secundum fratrem Raymundum Yspanum ordinis fratrum praedicatorum" (8).

Na altura de fazermos a aproximação deste *ms.*, com o *TCM*, tentaremos interpretar a natureza deste título. Por agora, baste-nos saber que esta obra é um decalque do *TCM*, que umas vezes desenvolve, outras resume, e muitas outras transcreve literalmente.







## 2. A edição de 1550

Em 1550, o humanista Jorge Fabrício editava, em Estrasburgo, na tipografia de Tiago Jucundo, um pequeno volume de 193x93 mm, integrado por duas obras que se inserem no contexto do diálogo religioso islamo-cristão. A primeira, de cariz histórico é o *De Saracenis et Turcis Chronicon*, de Volfgango Drechsler; a segunda, de carácter doutrinal, é o *Tractatus contra Machometum*, que nos é apresentado sob o título:

De Origine et Progressu et Fine Machometi, et quadruplici reprobatione  
Prophetiae eius Ioannis Galensis Angli, Liber.

Esta foi editada, no dizer do próprio Fabrício, a partir de diversos manuscritos (10).

# DE SARA CENIS ET TVRCIS CHRONICON VOLF. gangi Drechsleri.

*Bibliotheca Parisiensis Catalogo Inscriptus*

ITEM,

DE ORIGINE ET  
PROGRESSU ET FINE  
Machometi, et quadruplici reprobatione  
Prophetiae eius Ioannis Galensis  
Angli, Liber.

OMNIA NVNC PRI-  
mum edita.

ARGENTORATI

ANNO, M. D. L.

O objectivo polémico da edição deste opúsculo é evidente. O próprio título não deixa qualquer dúvida, ao apresentar-se como um tratado contra Maomé e a sua profecia. Por outro lado, o contexto histórico-social que

conduziu à sua publicação é também eloquente. A Igreja era abalada, a partir do interior, pelas mutilações provocadas pela reforma protestante e, a partir do exterior, pelas investidas dos turcos otomanos.

Solimão, o Magnífico (Sulayman I, 1520-1566), tornara-se o terror do cristianismo ocidental. As hostes islâmicas faziam a sua aparição frequente e devastadora nas costas da Europa e nas ilhas do Mediterrâneo.

São marcos desta escalada:

1521: conquista de Belgrado;

1522: Rodes é arrancada aos Cavaleiros de S. João;

1526: batalha de Mohacs e ocupação da Hungria;

1529: cerco de Viena;

1543: saque de Nice.

Às dificuldades internas respondeu a Igreja com a dinâmica revitalizadora do concílio de Trento (1545-1563). Para fazer face às externas, desencadeou uma sensibilização geral dos espíritos e dos povos, que havia de conduzir, sob a égide do papa Pio V, em 1570, à formação da *Santa Liga*, entre o papado, a Espanha e Veneza. Foi a esta liga, apoiada por Malta, que coube a glória de desferir o golpe mortal contra a supremacia naval turca, na batalha de Lepanto, em 1571.

É neste contexto, sublimado pelo misticismo do jubileu do Ano Santo de 1550, que surge a edição do *TCM*, na sequência da obra *De Saracenis et Turcis*, escrita também nesse ano por Volfango Drechsler com o objectivo de "pôr ante os olhos" dos leitores a descrição das "vitórias dos sarracenos e dos turcos" e provocar a pureza de vida, considerada necessária para alcançar a "vitória feliz" sobre os inimigos da fé (11). É no mesmo contexto que a edição inclui dois poemas, um de Cristóforo Schellenberg e outro de Abraão Fúσιο, que explicam o domínio turco como um castigo de Deus para os pecados do Ocidente cristão. É também dentro deste espírito e mentalidade que deve

ser interpretada a tão expressiva oração com que o editor encerra o *De Saracenis et Turcis* e introduz o *TCM*. Vale a pena transcrevê-la:

"Hic annus autem cum Iubilaeus habeatur, et apud Hebraeos olim annus mitigationis et leuictionis fuerit, te oramus Deus aeternae, mitiga propter filium tuum mala tot annos Ecclesiae tuae illate, conserua pro immensa misericordia tua doctrinam Euangelii, ut sublatis Machomethanorum blasphemii; gloriosum fiat nomen tuum in gentibus; excita ad necessarium bellum principum Christianorum animos, ut liberato grege tuo ab impiissimo Tyrannidis iugo, tuam bonitatem et potentiam agnoscat atque praedicet orbis uniuersus".

Não há dúvida, pois, de que a edição do *TCM* foi inspirada por um momentâneo ressurgir do fogo nunca totalmente apagado da "Guerra Santa", muito semelhante ao que se viveu no tempo das Cruzadas. Tal como a atmosfera que provocou a redacção da obra, no século XIII, também a de meados do século XVI foi motivada pelo aparecimento do diálogo islamo-cristão. Paralela à cruzada das armas, e com tendência a sobrepor-se-lhe, surge a cruzada da palavra, cimentada no conhecimento da doutrina e da história dos povos em litígio.

O *TCM*, que surgiu no século XIII com objectivos mais missionários do que polémicos, o que lhe conferiu o cariz da serenidade própria do diálogo, apareceu na edição do século XVI, inserida no contexto literário, religioso, social e até bélico, que integrou as lutas de sobrevivência com que o Ocidente cristão se viu a braços, frente aos ataques hegemónicos dos turcos otomanos.

Ao editar o *TCM*, Fabrício preocupou-se com melhorar estilisticamente o texto, o que provocou a sua corrupção. Apesar de ter utilizado vários manuscritos, sabemos, pela análise interna dos mesmos, que tomou como base o *B'*, ou o seu arquétipo, também já ele caprichosamente deturpador do original com supressões e correcções descabidas. De entre as variantes introduzidas pelo editor salientamos as seguintes:

- a substituição dos textos bíblicos do N. T., que os manuscritos transcrevem de acordo com a edição da Vulgata e o *B'* substituí por etc., por traduções humanistas que, como é óbvio, não existiam no tempo do autor;
- a transformação frequente da copulativa "et" dos mss. pela enclítica "que" em palavras como *agebatque, misitque, bonosque, etc;*
- a supressão frequente de pronomes ou de adjectivos pronominais, como *eius, suae, sibi, quandam*, referidos a Maomé ou a outros personagens presentes no texto;
- a supressão de adjectivos verbais também referidos a interlocutores do texto, como *praedictus, praefactus, etc;*
- a supressão de expressões explicativas, como *qui vocatur, qui dicitur*, principalmente quando, no original, introduzem os livros citados;
- a supressão do *et* no início da frase, v.g. *(Et) postquam, (et) ista;*
- a substituição da preposição *pro* e respectivo ablativo por *ad* seguida do acusativo para exprimir o complemento indirecto ou complemento de "lugar para onde", v.g. *ad eum*, por *pro eo;*
- a substituição do pronome *is-ea-id* por *se* em expressões como *ad se*, por *ad eam; a se*, por *ab ea;*
- a utilização frequente de proposições infinitivas, sobretudo quando as mesmas são introduzidas nos mss. pela conjunção *quod*.

### 3. *Pseudo-edições*

Tem-se defendido repetida e acriticamente a existência de uma outra edição do *TCM*, supostamente feita em Colónia por Martinum Gymnicum, em 1551 (12). Foi C. Oudin o autor desse lamentável equívoco, ainda não desfeito por ninguém. Ingenuamente, diz o citado autor que Baluze, o responsável da biblioteca de Colbert, lhe mostrou um exemplar (13). Mais lamentável ainda é o equívoco do mesmo Oudin quando, citando Simler, refere uma outra edição, de 1516, feita em Paris. Quanto a esta última, bastava que tivesse sabido ler o rosto da edição de 1550, para se precaver contra semelhante erro. Com efeito, nele se refere explicitamente que a obra foi então editada pela primeira vez, juntamente com o *De Saracenis et turcis Chronicon*, de Wolfgango Drechsler (14).

Quanto à evocada edição de 1551, muitas foram as tentativas de identificação que me levaram, repetidamente, a percorrer as melhores bibliotecas e arquivos europeus; a contactar, directamente ou por escrito, com conservadores, arquivistas e investigadores da especialidade; a consultar anais tipográficos e a publicar anúncios em boletins do livro antigo. Como isso não bastasse, conferi, número a número, os três volumes do catálogo impresso da Biblioteca de Colbert (15), na esperança de aí encontrar a referência ao exemplar aludido por Oudin ou a raiz do seu equívoco. Persistindo a negativa, e sabendo que alguns dos livros da biblioteca de Colbert foram parar à do seu bibliotecário, analisei as 519 páginas (in-folio) manuscritas do catálogo do próprio Baluze (16). O resultado foi igualmente negativo.

Todas estas diligências pessoais, que envolveram contactos tão amplos com personalidade e instituições científicas a quem exprimo aqui a minha gratidão, permitem-me tirar a conclusão de que a suposta edição do *TCM*, feita em 1551, em Colónia, é um puro equívoco, porque não existiu.

#### 4. Parentesco dos manuscritos e da edição de 1550

Da análise atenta dos manuscritos, colhem-se as seguintes conclusões:

Os seis manuscritos do TCM associam-se em dois grupos, com os respectivos arquétipos, em convergência para o autógrafo: o grupo RO e o grupo CC' BB'; aos seus arquétipos chamamos respectiva e convencionalmente  $\alpha$  e  $\beta$ . Com a família de  $\alpha$  e especialmente com R, estão intimamente aparentados os mss. P e Exp. Por sua vez, o arquétipo  $\beta$  só indirectamente passou para os seus derivados. Fê-lo através de dois sub-arquétipos, que denominamos j e d. Deles dependem, respectivamente, os sub-grupos CC' e BB'.

A família  $\beta$  denota influências de  $\alpha$ , o que faz supor que o copista do seu arquétipo teve ante os olhos  $\alpha$  ou algum possível antecedente.

A edição de 1550 serviu-se directamente de d e, em especial, do seu derivado B'. Teve também presentes C e C', ou, com mais probabilidade, o sub-arquétipo j. Isto confirma a afirmação do editor que, no prefácio, diz ter utilizado vários manuscritos. Consideramos irrelevantes as raríssimas coincidências exclusivas da Ed. com os derivados de  $\alpha$  (RO). Devem ser fruto de mera sobreposição dos critérios de transcrição do editor com o dos copistas e que consistem na duplicação ou não duplicação de consoantes, nas formas que revestem os numerais (ordinais ou cardinais, por algarismos ou por extenso) e numa substituição de *ut* por *quod*. Assim, propomos o seguinte *stemma*:

Séculos

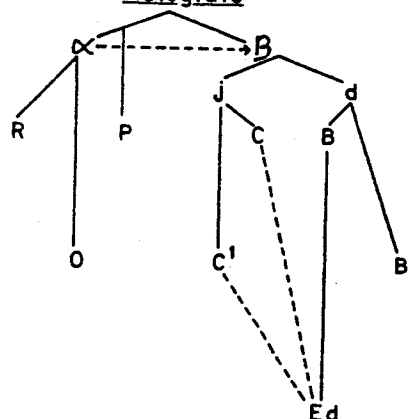
XIII

Autógrafo

XIV

XV

XVI



## 5. A nossa edição

### 5.1. Utilização das fontes

A edição que apresentamos teve em conta os seis manuscritos hoje conhecidos e a edição de 1550, que para nós funciona como manuscrito independente, na medida em que o seu autor afirmou explicitamente tê-la feito a partir de vários manuscritos então espalhados pelas bibliotecas, como já tivemos o ensejo de notar noutro lugar. Ainda que o editor tenha seguido de perto o ms. *B'* ou outro com ele aparentado, e não se afaste também muito do *B*, contém variantes que não se encontram em nenhum dos exemplares conhecidos. Algumas dessas variantes podem atribuir-se apenas a erros de transcrição; outras, à vontade clara de melhorar o texto. Mas é possível também que o editor tenha tido diante de si um ou vários manuscritos que não chegaram até nós.

Além destas fontes, tivemos ainda em conta o ms. lat. 4230 da Biblioteca Nacional de Paris (*P*), que se reveste de um valor privilegiado. Com efeito, ele contém uma obra que resume e, em muitos casos, transcreve literalmente o *TCM*. Porque é uma obra diferente, de que se conhece apenas o presente manuscrito, e porque explicitamente se filia no texto do *TCM*, tem um valor extraordinário para a implantação do texto original deste.

As semelhanças têm a sua explicação num arquétipo comum, necessariamente anterior a 1384, e que o atribuía explicitamente a Raimundo Hispano. Esse arquétipo podia muito bem ser o próprio autógrafo do *TCM*. Estamos, pois, ante um manuscrito de raro valor crítico para a recuperação do texto original do *TCM*.

No respeitante à segunda parte da obra (*Probaciones de ueritate et incorruptione Veteris ac Noui Testamenti*), servimo-nos também do opúsculo de Ramón Martí, *Explanatio Symboli Apostolorum* (*Exp.*), que a contém quase literalmente, ainda que com uma distribuição diferente dos materiais comuns.



Também neste caso, o facto de a *Explanatio* ter seguido um caminho manuscrito diferente, de que hoje conhecemos apenas uma cópia tridentista (18), confere-lhe um valor único para a recuperação do texto original. Com base nos seis manuscritos conhecidos do *TCM* e secundados pelos do *Contra Machometum et legem eius* do ms. 4230 de Paris e pelo da *Explanatio Symboli Apostolorum*, supomos ser o ms. *R* o mais próximo do autógrafo. E isto não obstante a época tardia em que se situa (séc. XV) e os muitos erros de transcrição, devidos à má leitura do copista ou à má qualidade do seu arquétipo.

O texto de *R* é o mais próximo do da *Explanatio* e dos outros livros de Raimundo Martí. Por isso o escolhemos como texto fundamental. Dele se aproximam, por ordem decrescente, os mss. *O*, *C*, *C'*, *B*, *B'*. Só abandonamos a leitura de *R* quando a divergência dos outros manuscritos é total ou muito significativa e, sobretudo, quando essa divergência é corroborada por *P* e pela *Exp.*, ou quando a análise interna do texto nos obrigar a abandoná-la como incoerente. Tentaremos, na medida do possível, reconstituir aquilo que o autor escreveu ou quis escrever.

Se o critério de escolha do texto fundamental tivesse sido o da qualidade literária, teríamos optado pela *Edição* de 1550 e, de entre os manuscritos, por aquele que dela mais se aproxima, o *B'*, seguido pelos *B*, *C*, *C'*, *R*, *O*.

O aparato crítico dá-nos conta de todas as variantes dos manuscritos da obra e também, quando isso contribui para justificar ou relativizar a opção tomada, faz presentes as leituras de *P* e da *Exp.*.

O nosso trabalho processou-se sobre micro-filmes e fotocópias de todos os manuscritos. Os mss. *R* e *P*, foram também consultados directamente.

## 5.2. Critérios de transcrição.

Desdobramos as abreviaturas, sem qualquer referência pontual a esse

processo. Fazemos excepção para os nomes de livros bíblicos, de que metemos entre ( ) a apócope dos mesmos.

À abreviatura helenística *Xp* atribuímos a forma latina *Chr*, tanto na palavra *Christus*, como nas suas derivadas *Antichristus* e *Christianus*. Igualmente atribuímos às abreviaturas *Ihs* e *Ihm* o valor respectivo de *Iesus* e *Iesum*.

Uniformizamos a transcrição de *y* em palavras como *Dyabolus*, *ystoria*, *ymmo*, *Moyses*, que nos mss. nos aparecem muito inconstantes. Igual critério de uniformização se estende a outras palavras, tais como *Sarracenus* - *Saracenus*; *Alchoranus* - *Alcoranus*; *dampnare* - *damnare*, *glosa* - *glossa*, etc.

Unimos os elementos separados de palavras como *ad/implere*, *veri/simile*, *quo/usque*, *quomodo*, etc.

Respeitamos a tendência geral dos mss. no uso da sílaba *ci* por *ti*, quando seguida de vogal, excepto quando é procedida de *c*. Neste caso, respeitando também a tendência geral, ainda que não total, optamos pelo *ti*.

Respeitamos sempre o emprego quase generalizado do *u*, não só quando este corresponde ao seu som vocálico, mas também quando corresponde à consoante *v*, mesmo que haja uma certa oscilação nos mss.

Dada a inconstância dos mss. em relação à utilização vocálica do *i* e do *j*, com vantagem notória para o uso do *i*, uniformizamos a transcrição com o *i*.

Introduzimos no texto a pontuação, de acordo com as normas modernas.

Actualizamos o uso das maiúsculas e das minúsculas.

### 5.3. Aparato crítico

#### 5.3.1. Siglas dos códices

B: SB, ms. theol. lat. 85, séc. XV (fls. 240-250);

- B'*: SB, ms. theol. lat. 425, séc. XV (fls. 122<sup>v</sup>-130<sup>v</sup>);
- C*: BUC, Dd. 1.17.II, séc. XIV (fls. 71<sup>r</sup>-74<sup>v</sup>);
- C'*: BUC, Gonville and Caius, 162/83, séc. XV (pp. 1-11);
- R*: Roma, AGDP, XIV, séc. XV (fls. 200<sup>v</sup>-222<sup>r</sup>);
- O*: ACD, n. 46, séc. XV (fls. 45<sup>r</sup>-60<sup>v</sup>);
- ED*: *De Origine et Progressu et Fine Machometi, et quadruplici reprobatione Prophetiae eius Ioannis Galensis Angli, Liber*, Argentorati, Anno M.D.L;
- EXP*: "Explanatio Symboli Apostolorum", ACT, ms. n. 6, sécs. XIII-XIV (69 fls);
- P*: BNP, ms. lat. 4230, séc. XIV (fls.151<sup>v</sup>-159<sup>r</sup>).

### 5.3.2. Sinais diacríticos

- ] separa o *lemma* das respectivas variantes;
- // separa variantes de duas linhas distintas;
- / separa variantes diferentes da mesma linha;
- ; separa leituras diferentes da mesma palavra ou frase;
- 1, 2... sobrepostos a uma palavra, indicam o respectivo número de ordem quando a mesma aparece mais de uma vez na mesma linha.

### 5.3.3. Abreviações explicativas

- add.* (*addidit*) indica a adição que um ms. faz à palavra dada como *lemma*;
- iter.* (*iteravit*) significa a repetição da palavra ou palavras do *lemma*;
- om.* (*omisit*) indica a omissão que um ms. faz da palavra ou palavras apresentadas como *lemma*;

*tr. (transposuit)* significa uma transferência ou inversão das palavras apontadas como *lemma*;

*s.u. (sed uero)*, numa enumeração de mss., exprime uma variante parcial e exclusiva que actua sobre o ms. ou mss. directamente afectados.

As palavras ou frases que no aparato crítico aparecem em itálico são da nossa inteira responsabilidade.

#### 5.3.4. O conteúdo

No aparato crítico anotamos todas as variantes que alteram o sentido do texto proposto. Prescindimos, pois, das variantes meramente ortográficas, filhas do capricho ou engano dos copistas ou da dependência do país ou região em que o manuscrito surgiu.

Omitimos, também as formas ortográficas típicas de cada manuscrito. Assim, em relação a *R*, a nasalização feita com o *m* em detrimento do *n*, v.g. *numcius*, *tamquam*, *numquid quocumque*, *quandocumque*, etc.; a conservação da consoante final das partículas que fazem composição com outras palavras começadas por consoante, em vez da duplicação desta, v.g. *actendo*, *micto*, e seus compostos *omicto*, *pretermicto*, *dimicto*, *commicto*, *promicto*; o emprego de formas originais como *loqutus*.

Omitimos também formas como as seguintes:

em relação a *C*, *set*, *optulit*, *aput*, *abhominabilis*;

em relação a *C'*, *optulit*;

em relação a *B*, *aput*, *uaxe* e *faxe*, *llex*, *oc*;

em relação a *B'*, *Llex*, *aput*, *obmito*;

em relação a *Ed.*, a utilização dos ditongos em vez das vogais simples dos manuscritos.

Igualmente omitimos as variantes ortográficas que se verificam na

passagem de uns manuscritos para os outros ou ainda dentro do mesmo. Assim, *Sarracenus* (R, O, C', B, B') e *Saracenus* (C, C', Ed., P); *Alcoranus* (O, C, C', B, B'), *Alchoranus* (R, O, C, C', B', P) e *Algoranus* (B); a utilização bastante inconstante do *i* e do *y*, como em *Diabolus* (O, B) e *Dyabolus* (R, B, B', C', P); *historia* (O, C, C', B, Ed.) *hystoria* (O, B'), *ystoria* (R, P) e *istoria* (O); *idola* (C', Ed.) e *hydola* (R, O, B, B'); *Nabucodonosor* (R, C), *Nabuchodonosor* (R, B', P), *Nabugodonosor* (C, C'), *Nabugo* (C, C', B'), *Nabugus* (C) *Nabudo* (C') *Nabudonosor* (C'); *Moises* (B, B', C, C') *Moyse* (R, O, B, P) *Moses* (Ed.).

Omitimos, finalmente, a utilização quase indiferenciada que os manuscritos fazem das referências quantitativas: em ordinal numérico (R, C', O, B, P, Ed.); em ordinal extenso (B'); em cardinal numérico (B, B', C, C'); em cardinal extenso (R, O, C, C', B, B', Ed.).

Anotamos, a diversificada transcrição dos nomes árabes porque julgamos importante o seu contributo para a determinação do parentesco existente entre os vários manuscritos.

## 6. O título da obra

Antes de procedermos à edição e descoberta do verdadeiro autor do *TCM*, urge encontrar e justificar definitivamente o seu título, já que não é uniforme o que lhe é atribuído pelos manuscritos, pela edição de 1550 e pelos historiadores. A inconstância das fontes, aliada ao facto de também a determinação do autor ainda não ter sido feita, dificulta a sua identificação. O título com que mais frequentemente é hoje conhecido é o de *Quadruplex Reprobatio*. Divulgado por Norman Daniel (17), corresponde a uma redução do título atribuído à obra pelos manuscritos de Berlim, de que se apropriou a edição renascentista.

Se este título, para além de ser já conhecido, tem a vantagem de ser breve e de facilitar a sua utilização nos estudos da especialidade, tem o

grande inconveniente de dificultar a sua identificação e natureza ideográfica por parte daqueles que não conhecem o texto. Não achamos correcto falar de "quádrupla reprovação" sem determinar o objecto dessa reprovação.

Há, pois, vantagem em estabelecer um título que exprima imediata e inequivocamente o tema da obra, ainda que seja mais longo. Assim, convém apresentar um título que corresponda, efectivamente, ao pensamento do autor e projecte imediatamente o leitor no campo do diálogo islamo-cristão que é, fundamentalmente, o da obra. Para evitarmos a arbitrariedade, temos de recorrer aos títulos atribuídos pelos manuscritos, quer no *Incipit*, quer no *Explicit*, e que atrás transcrevemos.

Os enunciados dos mss. mostram-nos, de imediato, que se trata de uma obra contra Maomé. Nisso todos estão de acordo. Nenhum deles, porém, nem mesmo os mais extensos, inclui explicitamente a segunda parte da obra, isto é, o tratado sobre a autenticidade e incorruptibilidade da Sagrada Escritura. No entanto, todos a incluem implicitamente, na medida em que ela é, por um lado, uma resposta directa à acusação de *tahrif* ou corrupção da Sagrada Escritura, que os muçulmanos fazem aos cristãos e, por outro, um apêndice ao tratado sobre a profecia islâmica. Isto está de acordo com a história literária deste texto, que deve ter sido aproveitado e re-estruturado a partir da introdução da *Explanatio Symboli*, de Ramón Martí, como veremos noutro lugar.

Os mss. de Berlim e de Cambridge são, aparentemente, os mais completos no seu enunciado. Ao referirem explicitamente a "origem, evolução e morte de Maomé", parece darem-nos um sumário da obra. Ora acontece que esta é bastante mais complexa no seu conteúdo e na sua forma. Foi, certamente, para obviar a essa lacuna que os mss. de Berlim, seguidos pela edição de 1550, acrescentaram o inciso "e quádrupla reprovação da sua profecia". A agravar a desvantagem de terem tornado o título mais longo, ficou o facto de não terem conseguido plenamente o seu objectivo: a descrição integral do conteúdo da

obra. O carácter pensadamente extensivo do título limitou o seu aspecto compreensivo.

Muito mais simples são os enunciados de *R* e *O*. Na sua indeterminação genérica, que apela para a pureza das origens, está incluído todo o conteúdo da obra. O *R* é o que melhor exprime esse conteúdo. Por outro lado, o seu texto é, como já sublinhámos, o que mais se aproxima do da *Explanatio Symboli*, nas partes que lhe são comuns. Isto confere-lhe uma maior garantia de fidelidade ao autógrafo, já que se trata de duas obras que seguiram rumos diferentes através dos manuscritos e que, portanto, só numa fonte única, que seria o original da parte comum às duas obras e, em última análise, no próprio autor, encontrariam a razão de ser das suas coincidências. Isto mesmo é corroborado pelo ms. lat. 4230 da Biblioteca Nacional de Paris, pois nos dá um resumo fiel da obra, que remonta, pelo menos, ao ano 1384, com o título *Contra Machometum et legem eius...* Tudo nos sugere que optemos pelo título do ms. de Roma, *Tractatus contra Machometum*. É, portanto, com este título, por extenso ou pelas iniciais *TCM*, que citamos a obra que a edição de Estrasburgo de 1550 atribuiu a João de Gales com o título *De Origine et Progressu et Fine Machometi et quadruplici reprobatio Prophetiae eius*, e que tem sido mais conhecida pela abreviação *Quadruplex reprobatio*.

NOTAS

- (1) NORMAN DANIEL, *Islam and the West*, University Press, Edinburgo, 1960, pp.397, 406 e 408; A. DONDAINE, *Ricoldiana, Notes sur les oeuvres de Ricoldo da Montecroce*, in "AFP", 37 (1967), p.157.
- (2) Cf. A. DONDAINE, *Ib.*, p.178.
- (3) Cf. TIMÓTEO ROJO ORCAJO, *Catálogo descriptivo de Códices que se encuentran en la Iglesia Catedral de Burgo de Osma*, Madrid 1929, pp.11-116.
- (4) JOSEP HERNANDO I DELGADO, *Le "De Seta Machometi" du Cod. 46 d'Osma, oeuvre Raymond Martin (Ramón Martí)*, in "Islam et chrétiens du Midi (XII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup>s.)", "CF", n.18, 1983.
- (5) Cf. *A Catalogue of the Manuscripts preserved in the Library of the University of Cambridge*, I, 1979, pp.22-23.
- (6) V. ROSE, *Die Handschriften der Koniglichen Bibliothek zu Berlin*, t.a, Berlin, 1901, p.271<sup>a</sup>, n.423.
- (7) Pode ver-se a descrição e o roteiro deste códice em *Le Cabinet des MSS de la Bibliothèque Impériale*, Paris, 1868, I, 493; *Catalogus codicum manuscriptorum Bibliothecae Regiae*, Pars Tertia, Tomus tercius, Parisiis, e typographia Regia, MDCCXLIV, p.565; cf. FRANCISCO CANTERA BURGOS, *El tratado "Contra Caecitatem Judaeorum" de Fray Bernardo Oliver*, Madrid-Barcelona, 1965, pp.43-45, que recebeu informações directas da grande conhecedora deste ms, M. Th. d'Alverny, que, anavelmente, me forneceu também informações várias, quer por carta, quer por telefone, quer pessoalmente, na presença do Códice.
- (8) Há ainda a notar, bem no alto do fl.151<sup>v</sup>, um terceiro título, escrito por mão diferente e que coincide com o da obra inserida nos fls.132<sup>v</sup>-134<sup>v</sup>: "Tractatus de Antichristo". Não vemos nisso mais do que uma simples caracterização da obra, de acordo com a moda então reinante de identificar Maomé com o Anticristo.
- (9) J. MARCH, *Anuari*, MCMVIII, Barcelona, Institut d'estudis Catalans, pp.443-496.
- (10) "Eum in dissipatis Bibliothecis inventum collegi et edere in lucem statui". Prólogo da edição de 1550.
- (11) Introd, a *De Saracenis et Turcis*.
- (12) A ser autêntica, teria sido uma das últimas obras impressas por Martinus Gymnicum, já que nesse mesmo ano, com a morte do editor, os livros começaram a aparecer publicados "apud viduam Martini Gymnici".
- (13) "... impressus in - 8 Coloniae... ann. 1551 apud Martinum Gymnicum, cuius unum exemplar mihi in Bibliotheca Colbertina exhibuit Stephanus Baluzius illius custos". C. OUDIN, *Commentarius de scriptoribus ecclesiae antiquae*, t. III, Leipzig, 1722,



col.497.

- (14) "Omnia nunc primum edita".
- (15) COLBERT, *Bibliotheca Colbertina*, 3 vol., 1728.
- (16) E. BALUZE, *Catalogue de mes livres*, "BNP", ms, Baluze 265.
- (17) O autógrafo foi inicialmente integrado por uma parte original, de carácter polémico, e pelo aproveitamento da Introdução da *Explanatio*, marcadamente apologética. A *Explanatio* ficou cristalizada no único manuscrito que hoje dela conhecemos e que, por essa razão e pela da sua antiguidade, se reveste de grande valor para a recuperação do *TCM*.
- (18) Tortosa, Arquivo da Catedral, ms. n.6; editamos em anexo 15 o capítulo aqui referido.
- (19) NORMAN DANIEL, *o.c.*

TRACTATUS CONTRA MACHOMETUM

Ad ostendendum quod Machometus non fuit uerus Propheta uel nuncius, sicut asserunt Sarraceni, qui miserabiliter pereunt illius sequentes blasphemias et errores, notandum quod Dominus, loquens de falsis prophetis, et monens fideles ut caueant sibi ab eis, dixit, secundum quod habetur Mathei VII<sup>o</sup> c (apitulo): *Attendite a falsis prophetis, qui ueniunt ad uos in uestimentis ouium, intrinsecus sunt lupi rapaces. A fructibus eorum cognoscetis eos*, ubi Dominus tria facit.

**Primo**, monet fideles, ut a falsis prophetis sibi caueant, cum dicit: *attendite a falsis prophetis.*

10 **Secundo**, ostendit quales sint illi in se exterius et interius, cum dicit: *qui ueniunt ad uos in uestimentis ouium, intrinsecus autem sunt lupi rapaces.*

**Tercio**, quibus signis cognoscantur, ut sic ab eis caueantur, cum subiungit: *a fructibus eorum cognoscetis eos.* Ut autem ad noticiam istorum fructuum facilius per contrariorum suorum declaracionem perueniamus, possumus dicere quod Propheta

\* \* \*

*Titulus* Tractatus contra Machometum R; De Seta Machometi O; om. C; des. usque ad paginam sextam C<sup>1</sup>; Incipit Tractatus Galensis de Origine processu ac fine Machometi et quadruplici reprobacione sue prophecie B; Incipit tractatus de Origine et processu ac fine Machometi et quadruplici reprobacione sue prophecie Tractatus Galensis B<sup>1</sup> //2 non fuit]non erit C; om. B B<sup>1</sup>/ uerus] Dei C B B<sup>1</sup> //3 illius sequentes] tr. B<sup>1</sup>; eius sequentes B/ blasphemias] add. non fuit B B<sup>1</sup> //3-4 et errores]om. B B<sup>1</sup> //4-5 cauerent sibi]tr. B B<sup>1</sup> //5 secundum quod habetur]om. B Ed./ Mathei VII<sup>o</sup> C.]om. B/ C (apitulo]om. O B //5-6 Attendite a falsis prophetis] Caute uobis a pseudiprophetis Ed. //6-7 qui...eos]etc. B; etc. Mathei 7<sup>mo</sup> B<sup>1</sup> //6 uestimentis]uestitu Ed./ ouium]add. sed Ed./ intrinsecus] add. autem O //7 eorum cognoscetis eos]ipsorum agnoscetis illos Ed./ ubi]ibi Ed. //8 cum dicit]ibi B/ attendite]caute uobis Ed. //9 a falsis prophetis]etc. B; a pseudoprophetis Ed. //10 sint]sunt B/ in]se om. C B B<sup>1</sup>/ exterius et interius] tr. C B<sup>1</sup>; interius et posterius B/ cum dicit]ibi B //11 uestimentis]uestitu Ed./ ouium] add. sed Ed./ autem]om. Ed./ sunt lupi] tr. C //12 ut...caueantur]om. C B B<sup>1</sup> Ed./ cum subiungit]ibi B //13 eorum cognoscetis eos]ipsorum agnoscetis illos Ed.; etc. B //14 contrariorum suorum]tr. R; contrariorum

### TRATADO CONTRA MAOMÉ

Para mostrar que Maomé não foi verdadeiro profeta<sup>(1)</sup> ou mensageiro, como pretendem os sarracenos, que se perdem miseravelmente seguindo os seus erros e blasfêmias<sup>(2)</sup>, devemos ter em conta que o Senhor, ao falar dos falsos profetas e ao advertir os fiéis de que se acautelassem com eles, disse, conforme se lê no capítulo VII de S. Mateus: "Tende cuidado com os falsos profetas, que vêm até vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Conhecê-los-eis pelos seus frutos"<sup>(3)</sup>. Com estas palavras, o Senhor faz três coisas:

Primeiro, adverte os fiéis para que se acautelem com os falsos profetas, quando diz: "Tende cuidado com os falsos profetas".

Segundo, identifica-os exterior e interiormente, quando diz: "que vêm até vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes".

Terceiro, apresenta os sinais que os identificam, de modo a acautelarem-se com eles, quando acrescenta: "conhecê-los-eis pelos seus frutos".

Para chegarmos mais facilmente ao conhecimento destes frutos, através da exposição dos seus opostos, podemos dizer que o Profeta

(1) O A. apreendeu bem as denominações atribuídas pelo Corão e pelos muçulmanos a Maomé: *Propheta* e *nuncius* são a tradução correcta de, respectivamente, *rasul* e *nabi*.

(2) Notar o paralelismo literário com Alano de Lillé: "...et per errorem varia principia dejecti, miserabiliter perierunt et pereunt...Saracenos" (Ed. M.T. d'Alverny, p. 332). Parece haver uma dependência literária.

(3) Mt. 7,15. É interessante notar como a CE faz a ligação deste texto inicial do TCM com o último capítulo do mesmo: "Sacra scriptura servata est illibata, quae nec in Veteri Testamento mentionem facit de Machometo, nisi ubi loquitur de falsis prophetis; nec in Evangelio, nisi ubi ait: "CE, fl. 241<sup>r-v</sup>. Al-Kindi também cita esta passagem de S. Mateus, no último capítulo; cf. ed. G. Tartar, p. 274. Esta citação está ausente na ed. lat. de Muñoz-Sendino.

uel nuncius Dei, qui uult ostendere ueritatem sue prophecie uel missionis, ita quod illi ad quos mittitur non possint resistere super hoc, uel rationabiliter dubitare. Quatuor debet habere, que sunt quasi fructus quidam seu signa, per que potest cognosci et discerni uerus propheta uel nuncius Dei a falsis prophetis uel nunciis, qui non habent illa quatuor signa seu fructus, sed contraria.

Primum est, quod sit uerax, et hoc potest ostendi ratione et auctoritate. Ratio talis est: Deus est summus et simplex, ac pura ueritas, ergo ab eo mendacium non potest procedere. Igitur propheta uel nuncius ab eo missus, in quantum talis, non potest aliquid dicere, nisi quod a mittente est inspiratum seu mandatum. Et hoc non potest esse nisi uerum. Ergo uerbum prophete uel nuncii Dei uerum debet esse, alioquin conuincitur non esse propheta uel nuncius Dei.

Auctoritate, per illud quod dicitur in Deut(eronomio), XVIII c(apitulo), in

\* \* \*

2 quod]ut Ed./ possint]possit O; possunt C/ super hoc uel]uel super hoc B; uel su  
per illo Ed. //3 que]que R/ fructus quidam]tr. O B Ed.; quidam fructus C//4 et discerni]om.  
C B B<sup>1</sup> Ed. //4-5 a...nuncius]om. C B B<sup>1</sup> Ed. //5 qui]ad uero B B<sup>1</sup> Ed./ sed]seu C/  
contraria]add. non sunt ueri prophete seu (uel B) nuncii Dei B B<sup>1</sup> Ed. //6 est]om.  
B<sup>1</sup>/ quod]ut Ed./ hoc]oc B //7 summus]summa R/ simplex]add. ueritas R/ ac]et B B<sup>1</sup>/  
ergo]ita B; igitur B<sup>1</sup>/ ab eo mendacium]tr. C Ed. //8 potest procedere]tr. Ed./  
Igitur]exp. R B/ in quantum]quam diu Ed./ talis]om. R //9 aliquid]aliud/ inspiratum]  
inspiratus R/ seu]et C/ mandatum]mandatus R C //11 potest esse]nisi tr. O/ prophe-  
te]prophecie R/ debet]Dei C/ nuncius Dei]tr. B //12 illud]id B/ in]om. B B<sup>1</sup>/ Deut(er-  
onomio).]de utero nomii O; Deuteronomii B B<sup>1</sup>/ C]om. O B B<sup>1</sup> Ed.

ou mensageiro de Deus, que pretende provar a verdade da sua profecia ou missão, de maneira que não possam resistir-lhe ou duvidar racionalmente aqueles a quem é enviado, deve possuir quatro frutos ou sinais. Através deles se conhecem e distinguem os autênticos profetas ou mensageiros de Deus dos falsos: estes não possuem os quatro sinais ou frutos, mas os contrários(1).

O primeiro consiste em que seja verdadeiro. Isto pode provar-se com argumentos de razão e de autoridade. O da razão é este: Deus é sumo e simples. Ele é a verdade pura. Portanto a mentira não pode proceder d'Ele. Assim, o profeta ou mensageiro por Ele enviado, só pode dizer, enquanto tal, aquilo que lhe foi inspirado ou mandado por aquele que o enviou. Ora isso tem de ser verdadeiro. Portanto, a palavra do profeta ou mensageiro de Deus deve ser verdadeira; de contrário, mostraria não ser profeta ou mensageiro de Deus.

O argumento de autoridade, vem-nos através daquilo que se diz no *Deuteronomio*, no fim do capítulo XVIII.

(1) A caracterização dos sinais da verdadeira profecia inspira-se na tradição judio-cristã e, nomeadamente, em Pedro Afonso, que diz: "Indicia namque veri prophetae sunt probitas vitae, miraculorum exhibitio, dictionum omnium firma veritas. *Dial.*, v, PL. 157, col. 601.

Também a CE segue implicitamente este esquema, ao notar em Maomé a ausência de :

- milagres (cap. III)
- santidade de vida (cap. VI e VII)
- verdade (cap. IX)
- santidade de doutrina

Por seu lado, Pedro, o Venerável, fala de "...quorum prophetia ac praedicatio, verax; quorum vita laudabilis" (ed. Kritzeck, p. 281).

Adel-Theodoro Khoury (o.c.pp. 115.) sintetiza e documenta as características do verdadeiro profeta exigidas pela tradição polemista cristã grega:

- intervenção de testemunhos categorizados
- anúncio profético da vinda e missão do Profeta
- dom da profecia
- Poder taumatúrgico
- santidade de vida
- expansão da religião pela intervenção divina

fine, ubi Dominus ostendit signum, per quod cognoscatur falsus propheta dicens: si tacita cogitatione responderis, quomodo possum intelligere uerbum, quod non est locutus Dominus? Hoc habebis signum: quod in nomine Domini propheta ille predixit, et non euenerit, hoc Dominus locutus non est, sed per timorem animi sui Propheta confinxit, et idcirco non timebis eum.

Secundum est, quod sit bonus uel uirtuosus, non malus et facinorosus, et hoc potest ostendi ratione et auctoritate. Ratio talis est: certum est quod a Deo, qui est summum bonum et summa mundicia, relegata est omnis immundicia et omne peccatum. Unde etiam uult quod in sanctitate qua possumus ipsum imitemur, iuxta illud 10 Leu(itici) XI (capitulo): Sancti estote, quia ego sanctus sum. Et hoc dicit omnibus, et maxime prophetis et nunciis suis. Propter quod multo forcius tenetur habere mundiciam et sanctitatem ille, qui est propheta uel nuncius Dei.

Auctoritate autem ostenditur quod de hoc dicit Propheta in Psalmo: *Ambulans*

\* \* \*

ubi]om. R // 2 cogitatione]consideracione C/ quomodo] add. non B //2-3 non est locutus Dominus] Dominus non est locutus, Ed. non locutus est Dominus O //3 Dominus] om. R/ hoc]hic R/ propheta]propterea R; om. B B<sup>1</sup> //3-4 propheta ille predixit]ille predixit propheta C B B<sup>1</sup>; propheta ille predixerit Ed.//4 Dominus locutus non est] non est locutus Dominus R; Dominus non locutus est O Dominus non est locutus B B<sup>1</sup>; /tumorem] timorem R O C //4-5 Propheta] preterea R //5 non]iter. C B<sup>1</sup>/ timebis] timebit C //6 uel]et C B/ uirtuosos]add. et B B<sup>1</sup>//7 potest]om. B<sup>1</sup>; add. similiter B<sup>1</sup> Ed./ ostendit]ostenditur B<sup>1</sup>/ talis est]add. quod R; est ista B B<sup>1</sup> Ed/ certum est quod]quod certum R //8 mundicia medicina R/ relegata est] longissime abest, Ed.; religat est O/ relegata...immundicia]om. C //9 etiam]et C/ qua inquantum C; quantum B B<sup>1</sup> / ipsum imitemur]tr. C/ illud]id B //10 Leu(itici) XI] om. R; Leuitici II C B/ Sancti estote]tr. B B<sup>1</sup>/ quia...sum]etc. B //11 Propter] add. hoc R/ forcius]magis Ed./ tenetur]tenentur R; cogitur Ed. //12 mundiciam]medicinam R/ ille]illi C //13 autem]sic B/ quod de hoc]per hoc quod C B<sup>1</sup> Ed.; nam B/ dicit]dixit C B<sup>1</sup> Ed.; dicitur B/ Propheta]om. B/ Psalmo] Psalmis O

Aí apresenta o Senhor o sinal distintivo do falso profeta, ao dizer: "Se disseres no teu coração: como posso eu distinguir a palavra que não procede do Senhor? Terás este sinal: quando o profeta anunciar em nome do Senhor alguma coisa e não acontecer, isso não foi dito pelo Senhor, mas foi anunciado pela presunção do profeta. Por isso não o temerás".<sup>(1)</sup>

**Segundo:** o profeta deve ser bom e virtuoso, não mau e criminoso. Isto pode provar-se pela razão e pela autoridade. A *razão* é esta: é certo que foi removida de Deus toda a imundície e todo o pecado. Deus é o sumo bem e a suma pureza. Por isso Ele quer também que o imitemos, na medida do possível, na santidade. É isto o que diz no capítulo XI do *Levítico* (2): "Sêde santos porque Eu sou Santo". E di-lo a todos, principalmente aos seus profetas e mensageiros. Por isso mesmo, o profeta ou mensageiro de Deus é muito mais profundamente obrigado a viver em pureza e santidade.

Pela *autoridade*, mostra-se aquilo que diz sobre este assunto o *salmista* (3):

(1) *Deut.* 18,21-22.

(2) *Lev.* 11,44.

(3) *Ps.* 100,6.

*in uia immaculata, hic michi ministrabat. Et Petrus in epistola II, c(apitulo) I:  
Non humana ratione allata est aliquando Prophecia, sed a Spiritu Sancto inspira-  
ti, locuti sunt sancti homines Dei.*

**Tercium** est quod faceret miracula. Licet enim talis esset uerax et virtuosus,  
5 si non faceret miracula, per illa duo non ostenderet se esse prophetam uel nuncium  
Dei. Multi enim sunt boni et veraces, qui tamen non sunt nuntii uel prophete Dei.  
Propter quod dicit Abenrost philosophus: *Res que facit ad hoc, ut ille qui dicit  
se esse Prophetam credatur esse uerax, est quod ueniat cum miraculo, quod non possit  
hoc facere per se, in quantum homo.*

10 **Quartum** est quod si est propheta uel nuncius Dei, quod ueniat cum lege, ita  
quod illa lex cum qua uenit sit sancta et bona, inducens gentes ad cultum unius  
Dei, et homines ad sanctitatem uite, et concordiam, et pacem iuxta illud: *Lex Domi-  
ni immaculata conuertens animas.* Talis fuit Lex Mosaica et Euangelica, ut patet

\* \* \*

ministrabat]ministrabit R; ministrat C/ in]om. B<sup>1</sup>/ II, c(apitulo) I]dicit B; II  
B<sup>1</sup> secunda, capite primo, Ed. //2 humana ratione]uoluntate hominis Ed.; uoluntate  
humana P/ aliquando]olim Ed./ a]om. R O B B<sup>1</sup> //2-3 non...locuti]om. C //3 sancti]  
om. B/ homines Dei]tr. Ed. //4 quod]ut Ed./ faceret]uocant C; faciat B P; faciant  
B<sup>1</sup>/ enim]tum C //5 miracula P]miraculum R/ ostenderet]ostenditur C; ostendet Ed.  
//6 sunt]om. C/ nuntii uel prophete]tr. C B B<sup>1</sup> Ed./ Dei]om. B B<sup>1</sup> Ed. //7 dicit]di-  
xit C B B<sup>1</sup> Ed.;/ Abenrost]Auerroys, R; Abenrostus O Ed. om. P/ Res]Rex O //8 se]  
sese C/ esse<sup>1</sup>]om. C/ esse<sup>2</sup>]enim R/ quod ut Ed./ quod]add. scilicet B B<sup>1</sup>  
//9 hoc facere]homo facere R; facere homo C //10 quod<sup>1</sup>]om. R/quod<sup>2</sup>]qui Q; ut Ed.; om B B<sup>1</sup>/ue-  
niat]ueniet B; Ed. //10-11 ita quod]et quod R; quia Q; quod, C; ita ut Ed. //11 unius huius  
O //12 illud]id, B; add. Psalmi XVIII Ed. //12-13 pacem...Lex]om. C //13 immacula-  
ta]om. B B; / conuertens]conuertans, B/ animas]add. etc. B B<sup>1</sup>/ Talis]tales B B<sup>1</sup>,  
Ed./ fuit]fuerunt B B<sup>1</sup> Ed./ ut]quod, B



"Será meu ministro o que andar pelo caminho puro". E Pedro na II epístola, capítulo I: "A profecia nunca foi proferida pela razão humana; inspirados pelo Espírito Santo, os homens santos falaram de Deus"(1).

**Terceiro:** o profeta deve fazer milagres. Ainda que um profeta fosse verdadeiro e virtuoso, se não fizesse milagres, não provaria por aquelas duas prerrogativas ser profeta ou mensageiro de Deus. Com efeito, há muitos que são bons e verdadeiros e, no entanto, não são mensageiros ou profetas de Deus. Acerca disto diz o filósofo Averróis(2). "O que faz com que seja tido como verdadeiro aquele que se afirma como profeta é o milagre que não pode realizar como simples homem".

**Quarto:** O profeta ou mensageiro de Deus deve apoiar-se na lei. Esta deve ser de tal maneira santa e honesta que conduza os povos ao culto do Deus único e os homens à santidade de vida, à concórdia e à paz, segundo a palavra: "A lei do Senhor é imaculada; converte as almas"(3). Assim foram as Leis mosaica e evangélica, como nelas se pode verificar.

(1) II Pet. 1,21.

Pedro o Venerável, foi o primeiro a utilizar esta passagem bíblica para ilustrar o tema da Profecia no contexto islâmico. Apesar de estar muito dependente de S. Gregório Magno (*Hom. ad Ez.*) a fonte clássica de todos os *De Prophetia* de fins do séc. XII e princípio do XIII, o abade de Cluny não recolheu dele este versículo. Ter-se-ia inspirado em Cassidoro, que o utiliza (*Exp. Psalm.*, Praef., I,1)? O TCM é natural que o tenha tomado de Pedro, o Venerável.

(2) AVERRÓIS, *Kachf*, v,2,1.

Também os muçulmanos se preocuparam com a aplicação deste princípio a Maomé. Na dificuldade de encontrar nele factos miraculosos, consideraram a inimitabilidade (*i<sup>c</sup> jāz*) do Corão como um milagre e prova da origem divina. Ibn Haldūn considerou também como milagres a subida (*mt<sup>c</sup> rāf*) ao Céu e o falar com Deus e os anjos, tradição muito difundida no seu tempo no *Garb* islâmico.

(3) Ps. 19,8.

O valor deste critério fundamenta-se no facto de que só pode ser verdadeira e santa a Lei que reflecte a verdade e santidade de Deus. A santidade de doutrina deduz-se pois, da maior ou menor referência a Deus e do contributo que presta à santidade e paz interior e social.

in eis.

Ex predictis patet, quod eum, qui predicta quatuor signa seu fructus non habet, non tenetur aliquis credere uel recipere tanquam Prophetam uel nuncium Dei. Et quicumque contraria signa uel fructus habet, debet uitari, iuxta prefactam admo-  
5 nitionem Dei, tanquam falsus Propheta et nuncius.

\* \* \*

2 predictis]ante dictis, *Ed.*/ eum]ei/ predicta]prefacta *O*/ signa seu fructus]tr.  
*C*/ habet]habuit, *C* //3 tenetur]oporteat *Ed.*/ aliquis]om. *Ed.*/ uel]add. eum, *Ed.*  
//4 debet uitari]om. *Ed.* //4-5 iuxta...Dei]om. *B* //5 et nuncius]om. *B* add. debet  
uitari *Ed.*

Do que fica dito se depreende que ninguém é obrigado a acreditar ou receber como profeta ou mensageiro de Deus quem não possui os quatro supra-citados sinais ou frutos. Por imperativo da supra-citada advertência de Deus, deve rejeitar-se como falso profeta ou mensageiro, aquele que possua os sinais ou frutos contrários<sup>(1)</sup>.

(1) O A. manifesta aqui a metodologia a seguir na exposição. Não vai desenvolver um estudo sobre os critérios da autenticidade profética. Vai, sim analisar Maomé e a sua doutrina para concluir que não reúnem aquilo que devem ser os critérios em causa. É um método indutivo, que parte da realidade intrínseca do islamismo e do seu autor para a formulação do princípio de que não há nele o sopro profético. A última parte, a da autenticidade da Sagrada Escritura, tem um procedimento metodológico completamente diferente: parte da análise externa das autoridades que atestam que ela se coaduna com a revelação autêntica de Deus.

QUOD MACHOMETUS NON FUIT PROPHETA NECQUE NUNCIUS DEI

Nunc autem ostendemus cum auxilio Dei, quod Machometus, qui dixit se prophetam et nuncium Dei, non solum non habuit predicta quatuor signa seu fructus, sed, quod maius est, habuit contraria signa seu fructus. Quod, ut melius et apercius intelligatur, ponemus primo originem, et aliquid de uerbis et factis ipsius.

Sciendum igitur, quod secundum quod legitur in libro qui uocatur Ciar, id est, Actus Machometi, Machometus fuit de genere Ysmael, filii Abrahe, et pater eius uocabatur Abdalla filius Abdalmutalib, et mater eius dicebatur Emma filia, Neph, et pater eius mortuus est antequam mater eius ipsum pareret, et postquam Machometus peruenit ad etatem sex annorum, mortua est mater eius. Et nota hic, quod secundum quod legitur in diuersis ystoriis que tanguntur in Alcorano et in aliis libris, dicti parentes eius dampnati sunt in inferno, secundum quod ipsemet Machometus in plerisque ex ipsis ystoriis legitur dixisse. Item dicitur in eodem libro, quod postquam mater eius peperit eum, misit ad auum suum Abdalmutalib, ut ueniret ad eum, et

\* \* \*

*Inscriptio om.* R O Sequitur quod Machometus non fuit nuncius seu Propheta, B B<sup>1</sup> //2 dixit] dicit R //2-3 sed... fructus] iter. R //4 se] et C B / ut] et C //5 originem] add. eius C B Ed / aliquid addamus Ed. / uerbis] add. eius Ed. / et factis] om. C B B<sup>1</sup> / ipsius] eius C B B<sup>1</sup> //6 igitur quod] est ergo R / secundum quod] om. Ed. / qui uocatur] om. B<sup>1</sup> / Ciar] Sciar R; Cyar B; Cias B<sup>1</sup> //7 Actus] Artus C; add. scilicet O B B<sup>1</sup> / Machometi] add. quod Ed. / Machometus] ipse B B<sup>1</sup> //8 Abdala P] Abdalla R / Abdalmutalib] Abdalim ut Alix R; Abdalmutalib O Abdamutalib P / et] om. Ed. / Hemina] Eminam R Hemmia B; Emusa C; Emma Ed.; Elmina P / Neph] Nehx (?) R //9 eius] ipsius O Ed.; Velip P //10 mortua est mater eius] mater eius mortua est R / nota hic] om. C; notandum B B<sup>1</sup> Ed. / quod] om. B B<sup>1</sup> //10-11 secundum quod] om. Ed. //11 in] ab B B<sup>1</sup> / libris] om. B B<sup>1</sup> Ed.; quod Ed. //12 sunt] om. C / ipsemet] ipse R //12-13 plerisque] plerisque O //14 auum suum] hic incipit C / Abdalmutalib] Abdalmutalix, R; Abdamutalib O; Abdalnutalib C; Abdalmitalib B<sup>1</sup> / ueniret ad eum] ueniret ad eam R C<sup>1</sup>; ad eum ueniret B B<sup>1</sup>; ueniret ad se Ed. //14-1 et uenit. Qui] qui uenit et C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.

(1)

**MAOMÉ NÃO FOI PROFETA OU MENSAGEIRO DE DEUS**

Mostremos agora, com a ajuda de Deus, que Maomé, que se auto-denominou profeta e mensageiro de Deus, não só não possuiu os quatro predictos sinais ou frutos, mas, o que é pior, teve os contrários. Para compreendermos melhor e mais abertamente isto, trataremos primeiramente da origem e também das palavras e feitos de Maomé.

Devemos saber, portanto, que, de acordo com o que se lê no livro chamado *Sīra*, isto é, *Actos de Maomé* (2), este pertencer à estirpe de Ismael filho de Abraão. O pai chamava-se <sup>C</sup>Abd Allāh, filho de <sup>C</sup>Abd al-Muṭṭalib, e a mãe Āmina, filha de Nef. O pai morreu antes de a mãe o ter dado à luz (3). Quando Maomé atingiu os seis anos, morreu-lhe a mãe. É de notar que, de acordo com diversas histórias relacionadas com o Corão e outros livros, Maomé terá dito que os seus pais foram condenados ao Inferno (4).

Igualmente se diz no mesmo livro (5) que, depois de a mãe o ter dado à luz, mandou dizer ao avô <sup>C</sup>Abd al-Muṭṭalib para vir até ele, o que

(1) Subjacente a este capítulo, parece estar, como objectivo polémico, uma refutação das *suras* 93,1-11 e 94,1-8, com três ideias fundamentais que, segundo os cristãos, não creditavam Maomé como profeta: orfão, extraviado (errôneo) e pobre. A maneira popular de iniciar o estudo de Maomé e do Islão com uma síntese da vida do Profeta visa levar o leitor a estabelecer o paralelismo contrastante entre os descendentes da escrava (agarenos) e os da livre (judeus e cristãos).

(2) IBN ISHĀQ *Sīrat Rasūl Allāh*, ed. A. Guillaume, 101-107.

(3) O pai morreu durante uma viagem, quando a esposa estava grávida de Maomé.

(4) *Bu.* t. 63, cap. 40, 1-2. Ibn Sa<sup>C</sup>d conta que, no fim da sua vida, ao conquistar Meca, Maomé se atirou sobre uma campa quase destruída e se levantou a chorar. <sup>C</sup>Umār perguntou-lhe porque chorava. Ele respondeu: "É o túmulo de minha mãe. Pedi autorização a Allāh para a visitar mas não permitiu. Então pedi-lhe para perdoar a minha mãe, mas Deus não quis ouvir-me. É por isso que choro. (*Ṭabaqāt*, ed. Sachau, I, p. 84; cf. *Co.* 9,114). A *sūra* 111 fala da condenação ao Inferno de Abū Lahab, tio de Maomé.

A *CE*, citando a *sura* da Vaca, aplica aos pais dos sarracenos em geral o que o TCM aplica aos pais de Maomé. (fl. 255<sup>r</sup>).

(5) *Sīrat*, 103-128; cf. IBN SA<sup>C</sup>D, I, 89<sup>ss</sup>.

uenit. Qui accepit Machometum filium eius, et intrauit cum eo in templum suum, et adorabat Deum suum, et agebat sibi gracias de dono tali sibi dato, et reddidit eum matri sue.

Post mortem autem matris sue, fuit cum dicto auo suo Abdalmutalib, et postquam fuit VIII annorum, mortuus est auus eius prefatus. Item dicitur ibidem, quod postquam Machometus peruenit ad etatem uiginti quinque annorum, duxit in uxorem quandam que dicebatur Hadiga, et ista mulier erat mercatrix, et multum nobilis, et diues, et habebat capitularias, qui negociabantur peccunia sua. Et relatum est sibi quod Machometus erat homo uerax et fidelis et bene morigeratus. Et misit pro eo, 10 et inuitauit eum quod reciperet peccuniam ab ea ad negociandum, et quod iret cum illa peccunia in Syriam, et daret sibi maiorem mercedem quam aliis suis capitulariis. Qui consensit in hoc, et recepit ab ea mercimonia et peccuniam, et iuit in Syriam cum seruo illius domine, qui dicebatur Mayzar. Et sic iuerunt ambo in Syriam,

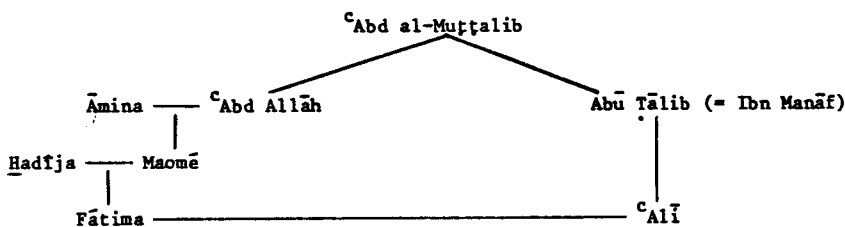
\* \* \*

intrauit]infuit R/ suum]om. B<sup>1</sup> Ed. //2 Deum]Dominum Ed./ sibi]om. B B<sup>1</sup> Ed./ dono tali]tali bono B; tr. B<sup>1</sup> Ed./ et<sup>2</sup>]postea Ed./ eum]ipsum C C<sup>1</sup> B; illum Ed. //3 sue]om. O Ed. //4 fuit]om. B<sup>1</sup> Ed./ dicto]om. Ed./ cum...suo]om. C C<sup>1</sup>/ Abdalmutalib] Abdalmutalip R; Abdalmucalib Ed.; add. vixit Ed. //4-5 Abdalmutalib...fuit]om. C C<sup>1</sup> B/ postquam fuit]nato Ed. //5 annorum]add. Machometus Ed./ mortuus]om. C/ auus eius prefatus]prefatus auus eius C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>; om. prefatus Ed. //6 postquam]post R/ peruenit]uenit B B<sup>1</sup>/ uiginti quinque] 24 C C<sup>1</sup> (?) B<sup>1</sup>/ in]om. C C<sup>1</sup> O B B<sup>1</sup> Ed. //7 quandam]quendam B; om. Ed./ Hadiga]Adega R, Adiga O, Hadyga C<sup>1</sup>/ et]om. B B<sup>1</sup> Ed./ ista]add. autem B B<sup>1</sup> Ed./ et<sup>2</sup>]om. B Ed. //8 capitularias]capitalarias R C; captalarias O B B<sup>1</sup> P/ qui]que Ed./ negociabantur]add. cum O Ed./ peccunia sua]tr. B/ relatum]reuelatum R/ est sibi]tr. O; illi est Ed.; omnibus C C<sup>1</sup> //9 erat]esset B/ et]om. B B<sup>1</sup>/ fidelis]fideles C; add. sed C/ pro eo]ad eum Ed. //10 et inuitauit]iter. R/ eum]om. Ed./ quod]ut B B<sup>1</sup> Ed./ ab ea]a se Ed./ quod]cum B B<sup>1</sup> //10-11 et ...Syriam]om. Ed. //11 illa peccunia]tr. C C<sup>1</sup>/ peccunia]peccuniam B B<sup>1</sup>/ et daret sibi]se daturum Ed./ maiorem]add. illi Ed. //11-12 capitularias]capitalariis R C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> //13 dicebatur]dicebantur C/ Maysar]Maisar R ./ et sic]om. B Ed./ iuerunt ambo in Syriam]amboibus igitur in Syriam euntibus Ed.

aconteceu. Este acolheu o seu filho Maomé e entrou com ele no templo<sup>(1)</sup>; adorou o seu Deus, e agradeceu-lhe o dom recebido e entregou-o à mãe.

Após a morte da mãe, viveu com o dito avô <sup>C</sup>Abd al-Muṭṭalib. Este morreu quando Maomé atingiu os sete anos<sup>(2)</sup>. Também se diz no mesmo lugar<sup>(3)</sup> que, quando chegou à idade de vinte e cinco anos, Maomé desposou uma certa Hadīja<sup>(4)</sup>. Esta mulher era uma mercadora: muito nobre e rica que tinha "capitulares" a negociar com o seu dinheiro. Contaram-lhe que Maomé era um homem verdadeiro, fiel e muito morigerado. Mandou-o chamar e convidou-o a aceitar dinheiro dela para negociar e para o levar para a Síria<sup>(5)</sup>, prometendo-lhe uma recompensa maior do que a dos outros "capitulares". Maomé concordou; recebeu as mercadorias e o dinheiro e partiu para a Síria com um servo daquela senhora, chamado Maysarah. Assim, foram ambos para a Síria,

- (1) O episódio da apresentação de Maomé no templo ( a Ka'aba ) é um contraste com a apresentação de Jesus. S. Pedro Pascoal associa-o extensa e confusamente, com a purificação de Maomé pelos anjos. Já antes, Jiménez de Rada, na HA utilizara este episódio. A fonte comum deve ser Ibn Ishāq.
- (2) O TCM segue a genealogia apontada por al-kindī. Compreende-se melhor, esquematizando:



Após a morte da mãe e do avô, tomou conta de Maomé Abū Ṭalib, um dos senhores de Quraych que o A. silencia. Terá feito com ele as primeiras viagens à Síria.

- (3) *Sīrāt*, 119 ss.
- (4) Hadīja, filha de Huwaylid, tinha 40 anos quando esposou Maomé. Dela teve 4 filhas, entre as quais Fátima.
- (5) Ach-Chan, que alguns, como Godofredo de Viterbo, traduzem por Ásia. Os mecenos faziam a ligação comercial da Síria com o Sul da Arábia. Era uma das rotas de escoamento das mercadorias vindas do Oriente para o Ocidente e vice-versa. No Inverno iam a Aden, onde carregavam as mercadorias trazidas da Índia nos navios então impulsionados pelos ventos da estação. No Verão, a caravana levava-as para a bacia do Mediterrâneo, para Bosra, na Síria, ou para Gaza, ou para o Baixo Egipto. Assim, aproveitavam as zonas tórridas do Sul para passar o Inverno e as temperadas da Síria para o Verão.

et uendiderunt mercimonia sua, et emerunt alia, et reuersi sunt apud Mecham, et uendiderunt mercimonia que attulerunt in duplo uel circa. Et postquam predictus nuncius retulit domine sue de hiis que acciderunt Machometo in uia, misit pro eo et dixit sibi: *O fili auunculi mei, ego iam concupiui te propter genus tuum nobile et fidelitatem tuam et bonos mores tuos.* Et ostendit sibi seipsam, et tandem contraxit cum ea, et dedit sibi in dotem 20 camelas inuenculas. Et ista fuit prima uxor quam habuit Machometus, et non duxit aliam donec ipsa mortua est. Et habuit ex ea tres filios, qui mortui sunt in ydolatria, et quatuor filias que postmodum facte sunt Sarracene.

10 Item dicitur in libro qui dicitur Bohari, in (capitulo) Creacionis, quod Machometus missus est propheta postquam habuit XL<sup>ta</sup> annos, et mansit apud Mecham XIII annis. Iterum exiuit de Mecha, et mansit alibi X annis, et mortuus est in etate

\* \* \*

1-2 sua...mercimonia]om. B<sup>1</sup>, Ed.;/ et<sup>2</sup>...mercimonia]om. B //2 mercimonia]add. sua, C C<sup>1</sup>/ attulerunt]attulerant, O C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ Et]om. Ed./ predictus]prefatus, C C<sup>1</sup>; au<sup>tem</sup>, Ed. //2-3 nuncius retulit]tr. Ed. //3 acciderunt]acciderant, O C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed./ Machometo]Machometus, R/ in uia]om. C/ pro eo]om. C C<sup>1</sup>; add. eum, Ed. //4 sibi]ei, Ed./ fili]filii, R B B<sup>1</sup>/ ego iam]tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> //5 et bonos mores tuos]mores tuos bonos, R/ et<sup>3</sup>]om. Ed./ ostendit]obtulit, B; ostendens, Ed./ sibi]igitur, C, Ed./ et<sup>4</sup>]illi, Ed. //6 cum ea et dedit]cum illo matrimonium deditque Ed./ dotem]suam, B/ camelas]cameras P/ Et]om. Ed. //7 et non duxit]neque induxit, Ed./ aliam]alutin, C/ ipsa]ista, R/ Et habuit]genuit, Ed. //8 postmodum]postea, Ed. //10 qui dicitur]qui uocatur, O; om. B<sup>1</sup> Ed./ Bohari]Bochari, O; Boari, C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ in capitulo]tercio cap., Ed./ Creacionis]Cancionis, O; Canonis, Ed. //11 XL<sup>ta</sup> annos]quadraginta annos; O; annos quadraginta, B; annos 40, B<sup>1</sup>; tres annos et XL, Ed. //12 Iterum...annis]om. O;/ Iterum]Item, C B Ed.;/ in]om. B<sup>1</sup>



venderam as suas mercadorias e compraram outras; regressaram a Meca e venderam, aproximadamente pelo dobro, as mercadorias que trouxeram. Quando o dito mensageiro relatou à sua senhora o que lhe acontecera no caminho(1), esta mandou-o chamar e disse-lhe: "Ó filho do meu tio materno, já te desejei ardentemente por causa da tua nobre estirpe, da tua fidelidade e dos teus bons costumes"(2). E declarou-se-lhe; finalmente contraiu matrimônio com ele e deu-lhe como dote vinte camelas jovens. Esta foi a primeira esposa de Maomé; e não teve outra até que ela morreu. Dela te ve três filhos que morreram na idolatria e quatro filhas que, entretanto, se fizeram sarracenas.(3)

Igualmente se diz no livro chamado *Buhāri*, no capítulo da *Criação*(4), que Maomé foi eleito profeta quando atingiu os quarenta anos, permanecendo em Meca treze. Saiu novamente de Meca e viveu algures dez anos. Morreu com

(1) Há muitas lendas que referem coisas extraordinárias acontecidas a Maomé nas viagens à Síria:

- Um anjo protegia-o dos raios solares
- sorte nos negócios
- encontro com o monge Bahira que o instruiu na doutrina cristã.

(2) O A. segue a tradição árabo-muçulmana acerca da origem nobre de Maomé, que o filia em Abraão, através de Ismael; é a tradição iniciada, entre os cristãos, por S. João Damasceno, introduzida no Ocidente pela *Chronographia* de Teófano e continuada por Pedro Afonso e Marcos de Toledo. A ela se opõe a de Bartolomeu de Edessa, seguida por Pedro, o Venerável, Guilherme de Trípoli, Ricoldo e outros que, admitindo a origem abraâmica de Maomé, lança a infâmia sobre as doze gerações que o precederam, em especial sobre os pais e avós.

(3) A maneira singela como é narrado o enamoramento de Hadīja com Maomé mantém a limpidez das fontes islâmicas, em contraste com as interpretações libidinosas que corriam nessa altura, como as de Viterbo, Vitry e Paris

(4) Bu. 58, 28.

L XIII annorum. Et nota hic, quod usque ad predictos XL annos fuerat in peccato ydolatrie, quod probatur in Alcorano, in tractatu Docta, c(apitulo) I, ubi dicitur quod Deus inuenit Machometum erroneum, id est, in errore Legis Dei, et direxit eum. Item dicitur in tractatu quod dixit Machometo: *nesciisti quid esset liber* 5 *nec quid esset fides.*

\* \* \*

LXIII annorum] quinquaginta et trium O; 60 et tres C<sup>1</sup>; sexaginta et trium B/ Et nota] notandum quod B<sup>1</sup> Ed.; / hic quod] om. R; tr. B<sup>1</sup>/ XL<sup>P</sup>] quadraginta O, 40 C<sup>1</sup> sexaginta B; 60 B<sup>1</sup>; 70 et tres C; LX Ed. / annos] annorum B<sup>1</sup>/ fuerat] fuit C B<sup>1</sup>/ peccato] add. scilicet O //2 Dota] Docha R; De ha O; Docta C C<sup>1</sup> //3 inuenit] inuenerit Ed. //3-4 et direxit eum] om. B //4 tractatu] add. id est, R; add. eodem P/ nec] neque O B B<sup>1</sup> Ed.

sessenta e três anos . É de notar que vivera no pecado da idolatria até aos quarenta anos,<sup>(1)</sup> como se prova no *Corão*, no tratado dos *Dons*, no capítulo I<sup>(2)</sup>. Aí se diz que Deus encontrou Maomé errôneo, isto é, no erro da Sua Lei e o corrigiu. Também se afirma no tratado<sup>(3)</sup> que [Deus] disse a Maomé: "ignoraste o que eram o livro e a fê".

(1) Esta é a cronologia apontada por al-kindī. Segundo o texto, podemos estabelecer as seguintes datas: 569, nascimento; 609, revelação; 622 Hégira; 632, morte.

(2) *Co.* 93,7. O recurso a este versículo corânico já tinha sido feito por al-kindī, Pedro Afonso e *CE*. A justificação da afirmação de idolatria de Maomé reside na palavra *dāllan* que, de si, significa "extraviado" mas que P. Afonso traduziu por "in errore", o *TCM* por "erroneum", o traductor da *CE* por "errantem" e R. de Ketton por "incredulum". Al-kindī, *CE* e *TCM* não hesitam em extrapolar o sentido da palavra e afirmar a idolatria. Segundo o árabe cristão, Maomé teria adorado al-Lāt e al-Uzzā, uma das três filhas de Allāh adoradas em Meca. Esta interpretação é rejeitada pelos exegetas muçulmanos. Fahr al-Dīn al-Rāzi (m. 1210) dá cerca de 20 interpretações da palavra *dāllan*, o que denota a dificuldade de aqueles aceitarem a idolatria de Maomé na juventude. Rāzi, com um pequeno grupo, aceita-a; os sunnitas interpretam: "Deus encontrou-te extraviado numa viagem, mas deu-te a boa direcção; outros dizem tratar-se de um extraviado em Meca, quando era pequeno; outros falam de um extraviado no deserto. Seja como for, Maomé unia-se aos compatriotas na devoção à *Ka'aba* e à fonte de Zamzan.

(3) *Ib.* 42,52.

DE FALSA INSPIRACIONE MACHOMETI

Deinceps ostendemus quomodo incepit factum eius, quando dixit primo se esse Prophetam Dei. Super quo, notandum quod principium actuum suorum, postquam dixit se esse Prophetam, colligitur ex uerbis Axe, uxoris sue, positus in libro, qui uocatur Muslim, cuius Axe uerba sunt hec: datum fuit Machometo quod diligeret solitudinem et secedebat et erat solitarius in quadam cauerna Hyre et ibi dabat se cultui pluribus noctibus et redibat ad uxorem suam, scilicet, Hadigam, et inde portabat illuc uictualia et ibi residebat. Et ipso ibi existente, uenit angelus, et dixit ei: "Lege". Qui respondit: "nescio legere". Et accepit eum et oppressit eum, 10 amplectendo uehementer, et dimisit eum. Iterum dixit ei: "Lege". Qui respondit: "nescio legere". Et accepit eum secundo, et oppressit eum amplectendo uehementer, et dimisit eum, et dixit ei "Lege". Qui respondit: "nescio legere". Iterum tercio, accepit eum, et oppressit eum, amplectendo uehementer, et dimisit eum et dixit ei: "Lege in nomine Dei tui, qui creauit hominem de sanguine coagulato. Lege et Domi-

\* \* \*

Inscriptio om. R C; De falsa inspiracione Machometi O B<sup>1</sup>; Sequitur de falsa inspiracione Machometi, B //2 Deinceps]Deinde, C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ primo se]tr. B<sup>1</sup> Ed. //3 notandum]nota, R/ Super...suorum]om. Ed./ principium postquam] quod Ed. //3-4 dixit se]tr. B<sup>1</sup>; dixerit se, Ed. //4 positus]possitis, O //5 Muslim]Moslim R C C<sup>1</sup>; Moyum, B; Noyum, B<sup>1</sup>; Moium, Ed./ hec]om. C/ datum fuit Machometo]om. R/ quod]ut, B<sup>1</sup> Ed. //6 secedebat]sese dabat P/ Hyre]Hire, R P yre, O //7 et redibat]rediensque, Ed./ scilicet]om. Ed./ Hadigam]Adiceam, R; Adiga, O P; Hadygam, C<sup>1</sup>/ et]om. Ed. //7-8 portabat illuc]tr. B B<sup>1</sup> //8 et]om. Ed./ ibi]om. C<sup>1</sup>/ existente]exeunte ibi, B B<sup>1</sup>; exeunte, Ed.; ibi exeunte P //9 Qui]cui, Ed./ eum]om. B B<sup>1</sup> Ed./ eum<sup>2</sup>]ipsum, O //10 amplectendo eum]om. R/ et]sicque, Ed./ Iterum]quod B; Iterumque B<sup>1</sup> Ed./ Qui]cui, Ed./ respondit]add. similiter B<sup>1</sup> Ed. // 10-12 Iterum .. legere]om R // 11-12 et accepit... Legel Et similiter 2<sup>o</sup> oppressit eum et 3<sup>o</sup> dixit ei: Lege. Qui similiter respondit. Et 3<sup>o</sup> oppressit eum et dixit ei: Lege B<sup>1</sup> //11 Et accepit eum]om. B<sup>1</sup>/ Et]add. similiter, Ed./ eum<sup>1</sup>]om. C<sup>1</sup>/ eum<sup>2</sup>]ipsum, O; sibi, Ed./ secundo]2<sup>o</sup> Ed. //11-12 Et...Legel om. R //14 Dei] Domini C<sup>1</sup> //14-1 Dominus] add. Deus C C<sup>1</sup> Ed.

## A FALSA INSPIRAÇÃO DE MAOMÉ <sup>(1)</sup>

Seguidamente mostraremos como começou a sua missão, isto é como afirmou pela primeira vez que Ele era o Profeta de Deus. Acerca disto, deve ter-se em conta que o início das suas actividades, depois de se afirmar Profeta, se depreende das palavras da sua esposa A'icha<sup>(2)</sup>, escritas no livro *Muslim*<sup>(3)</sup>. As palavras de A'icha são estas: "foi concedido a Maomé amar a solidão; retirava-se e vivia solitário numa caverna de Hyra; aí se entregava ao culto durante várias noites, voltando depois para junto da esposa, isto é, de Hadīja. Levava alimentos de casa para a caverna onde residia. Estando ele aí, veio o anjo e disse-lhe: "Lê"<sup>(4)</sup>. Ele respondeu: "não sei ler". Agarrou-o e, abraçando-o ardentemente, apertou-o e deixou-o. Disse-lhe de novo: "Lê". Ele respondeu: "não sei ler". Agarrou-o pela segunda vez e, abraçando-o ardentemente apertou-o e deixou-o. E disse-lhe: "Lê". Ele respondeu: "não sei ler". De novo, pela terceira vez, agarrou-o e, abraçando-o ardentemente, apertou-o e deixou-o. E disse-lhe: "Lê em nome do teu Deus, que criou o homem do sangue coagulado. Lê, e será

(1) O presente capítulo limita-se a fornecer informações históricas de uma maneira sóbria, ordenada e incisiva. Não faz juízos de valor sobre a origem e natureza da inspiração. Eles surgirão quando fizer a análise intrínseca da doutrina islâmica e do perfil moral de Maomé.

(2) A'icha foi a esposa favorita de M. Filha de Abū Bakr, esposou-a em Meca, após a morte de Hadīja, quando ela tinha 6 anos de idade, ainda que o matrimónio só tenha sido coçumado 3 anos mais tarde, em Medina. Foi a única mulher solteira esposada por M.

(3) *Mus.* 74,301; cf *Sīra* 96,1-5.

(4) O A. aceita e confirma com a autoridade de *Muslim* a tradição cristã generalizada no Ocidente através de Pedro o Venerável, que a deve ter recebido do Glosador do Corão de Ketton. Segundo ela, a revelação foi feita através do anjo Gabriel. Outros autores denigrem a inspiração maometana com a introdução de uma pomba treinada em ir comer grãos colocados nos ouvidos do Profeta para simular a intervenção do Espírito Santo, ou de um camelo ou touro com o livro na cabeça ou nos chifres, respectivamente.

Segundo Buhārī, a inspiração deu-se em 610, na noite "bendita" de 26 para 27 do Ramadão, quando M. tinha cerca de 40 anos, durante um retiro. O anjo apareceu-lhe em sonhos. A palavra "lê" é a tradução de 'iqra', empregada por Ibn Ishaq, que significa "recita em voz alta".

nus tuus honoratus est ipse, qui docuit cum calamo; docuit hominem quod nesciebat". Quo audito, reuersus est ad dictam uxorem eius Hadigam et dixit: "cooperite me". Et cooperuerunt eum, quousque tremor recessit ab eo.

Item dicitur in libro qui dicitur Bohari, secundum quod refert eadem Axa, 5 quod quidam interrogabat eum quomodo ueniebat sibi inspiratio illa, quam dicebat esse a Deo, Qui respondit dicens: aliquando uenit michi angelus, in forma hominis, et loquebatur michi, et retinebam quod dicebat.

Item dixit eadem Axa: uidi quod inspiratio descendebat super Machometum, inspiratio sicut sonitus tintinabulorum, et iste est forior modus michi; et recedebat a me ille sonus, quando iam retinueram, quod dicebat, Et aliquando ueniebat 10 michi angelus, in forma hominis, et loquebatur michi, et retinebam quod dicebat.

Item dixit eadem Axa: uidi quod inspiratio descendebat super Machometum, in die magni frigoris, et recedebat ab eo, et dimittebat eum cum sudore.

\* \* \*

est ipse] est R; tr. C C<sup>1</sup> B Ed./ docuit<sup>1</sup>]add. ipse R/ docuit<sup>2</sup>]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> //2 dictam] om. R/ Hadigam]Adigam R O; Haydigam C Hadygam C<sup>1</sup> Hadiga P/ et]om. Ed. //3 me] om. R B; add. cooperite me, O P/ tremor]trenuo C (?) //4 dicitur]om. Ed./ qui dicitur] quod dicitur B<sup>1</sup>; om. Ed./ Bohari]Bochari R; Bohary C<sup>1</sup>; Boari Ed.; Hary C/ secundum quod]ibidem B; idem B<sup>1</sup>; om. Ed. //5 quomodo]unde Ed./ ueniebat sibi]tr. B B<sup>1</sup>; ueniret sibi, Ed./ illa]ista, Ed. //6-8 Qui...inspiratio]etc. B<sup>1</sup>/ michi...Machometum] om. O C C<sup>1</sup> Ed. / angelus...Machometum]om. P //6-9 Qui...sicut]etc. B //6 Qui] cui Ed.;/ respondit]respondens R; respondet C/ uenit]ueniebat, Ed. //8 inspiratio]add. mihi, O //9 modus]motus Ed./ michi]om. C C<sup>1</sup>; mihi Ed. //10 ille sonus]forius ille R/ retinueram]retinui eram, R/ dicebat]dicebatur Ed. //11 michi]add. me Ed. //12 super]add. dictum R/ Machometum]add. et C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //13 die]om. C C<sup>1</sup>/ magni frigoris]magnificacionis, C<sup>1</sup>/ et recedebat]et recedatur, C; recedens Ed./ et<sup>2</sup>] om. Ed./ eum]illum, Ed./ cum]om. B/ sudore]add. plenum B.

honrado, o teu Senhor, que ensinou com o cãlamo; ensinou ao homem o que ele ignorava"<sup>(1)</sup>. Ouvido isto, regressou para junto da esposa Hadiya e disse: "cobri-me". E cobriram-no até que o tremor o deixou<sup>(2)</sup>.

Item, se diz no livro Buhārī<sup>(3)</sup> que, segundo a mesma CA'icha, alguém o interrogava sobre o modo como lhe vinha a inspiração que dizia provir de Deus. Ele respondeu dizendo: "algumas vezes o anjo vinha até mim em forma humana; falava comigo e eu retinha o que ele dizia".

Item, disse a mesma CA'icha: "eu vi que a inspiração descia sobre Maomé. A inspiração <era> como o som de campainhas mais forte do que eu; o som deixava-me depois de eu decorar o que dizia. Algumas vezes, o anjo vinha até mim em forma humana, falava comigo e eu retinha o que ele dizia".

Item, disse a mesma CA'icha: "Num dia de muito frio, vi que a inspiração descia sobre Maomé e se retirava deixando-o com suor".

(1) Todo o aparato da revelação maometana pode ser comparado às narrações das teofanias bíblicas, tais como as de Moisés, Isaías, Jeremias e S. Paulo.

(2) É interessante notar como o autor é comedido, limitando-se apenas a apontar os distúrbios somáticos que acompanhavam a revelação, de acordo com as fontes de que se serve. Enquanto noutros autores o fenómeno aparece como causa da "fábula" distorcida da revelação, aqui aparece como efeito; enquanto naqueles a perturbação somática é identificada com a epilepsia ou com a possessão diabólica, aqui não passa de tremores e suores. O autor limita-se a fornecer como material para o diálogo elementos que, à partida, eram aceites pelos adversários, já que apoiados nas suas mais autênticas fontes histórico-doutrinárias, quais são Buhārī e Muslim.

Marcos de Toledo, em vez de apelar para a enfermidade física apela, para a desonestidade de Maomé. Segundo ele, a epilepsia era simulada, com o objectivo de obter a adesão dos seus compatriotas.

(3) Bu. 59,6; cf. 1,1-2.

QUOMODO ET QUANDO INCEPIT POPULUS SEU SECTA SARRACENORUM

Qui autem crediderunt ei et facit sunt primo Sarraceni, ostenditur in libro qui uocatur Ciar, ubi dicitur quod prima mulier que facta fuit sarracena fuit Hadiga, uxor eius. Et primus masculus fuit Aly, filius Abitalip, qui erat tunc decem annorum. Post istum, Zeit, et post istum Eliubecr, et post istum Uzme, et cetera. Sic fuit receptus ab istis et multis aliis tamquam propheta et nuncius Dei. Quorum quidam, sicut dicit Aliquindis, intrauerunt legem eius. Qui dixit enim, ut habetur in libro qui dicitur Bohari, sibi dictum a Deo quod interficeret seu expugnaret homines quousque testificarentur quod non est Deus nisi Deus, et quod Machometus esset nuncius Dei, et darent sibi tributum seu primicias.

Alii, fatua simplicitate decepti a Diabolo, credentes ipsum bonum hominem et Prophetam Dei.

\* \* \*

*Inscriptio:* om R c<sup>1</sup> Sequitur quomodo et quando incepit populus seu secta Sarracenorum B B<sup>1</sup> (s.u. B<sup>1</sup> om. Sequitur); Quomodo et quando inceperit secta seu populus Saracenorum Ed.; De secta Sarracenorum O; //2 crediderunt ei]tradiderunt eum/ ostenditur] Id ostenditur Ed. //3 Ciar] Cyar C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ prima] om. C C<sup>1</sup>/ fuit] est O C C<sup>1</sup> B Ed. //3-4 Hadiga] Adiga R O; Hadyga C<sup>1</sup>; Abtali B<sup>1</sup> //4 Et primus] primus autem Ed./ Aly] Haly R; Ali B B<sup>1</sup> P/ Abitalip] Abitalib O; Aptali B; Abrialib C C<sup>1</sup>; Abcali Ed. a Calip P/ tunc] etc., C<sup>1</sup>; add. erat B; tum Ed. //5 Zeit] Zeyr B B<sup>1</sup>; Zeir Ed. Zeita P/ Eliubecr] Eliuber C; Eliubez C<sup>1</sup>; Eliopes B; Elynbez B<sup>1</sup>; Elinbeet P/ Uzme] Uzmen O; Uttrtmetz (?) C<sup>1</sup>; Utuzmet B<sup>1</sup> Ed.; Utirumeter C; Utusmet B //6 cetera] ceteri Ed./ Sic] et sic C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed./ fuit] om. B B<sup>1</sup> Ed./ receptus] add. est B/ et] add. et B<sup>1</sup>/ aliis] om. R/ et] add. ei B //6-7 nuncius Dei] tr. B<sup>1</sup> //7 Aliquindis] Aliquitidius R; Alquidius O; Alcuandius Ed. Aliquidius P/ Qui] in R O C C<sup>1</sup>; om. Ed. //8 enim] om. B/ qui dicitur] om. Ed./ Bohari] Bochari R O Bohary C C<sup>1</sup>; Boari B<sup>1</sup> Ed./ sibi dictum a Deo quod] sibi dictum quod ideo quod R; sibi dictum quod O B; sibi datum a Deo ut Ed.; omnibus dictum a Deo quod C C<sup>1</sup> //9 est] esset Ed./ Deus] B B<sup>1</sup> Ed./ nisi Deus] om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //10 esset] est B B<sup>1</sup> Ed./ darent sibi] tr. C C<sup>1</sup>/ seu] sue C<sup>1</sup> //11 ipsum] eum B B<sup>1</sup>/ bonum] esse bonum Ed.; bonum esse B B<sup>1</sup> //12 Dei] om. C C<sup>1</sup>.



### COMO E QUANDO COMEÇOU A SEITA DOS SARRACENOS (1)

No livro *Sīra* (2) mostra-se quais foram os primeiros que acreditaram nele e se fizeram sarracenos. Aí se diz que a primeira mulher que se tornou sarracena foi a esposa *Hadīja*. O primeiro varão foi <sup>c</sup>Alī, filho de *Abū Ṭalib* que tinha então dez anos. Depois deste, foram *Zayd*, <sup>(3)</sup>*Abū Bakr*, *Uzman*, etc. Assim foi recebido como profeta e mensageiro de Deus por estes e por muitos outros. Alguns deles, no dizer de *Al-Kindī* (4), entraram na sua lei. Com efeito, como se encontra no livro *Buḥārī* *Maomé* disse que Deus lhe ordenara matar ou combater os homens até confessarem que não há outro Deus além de Deus e que *Maomé* é o mensageiro de Deus e até lhe pagarem o tributo ou as primícias (5).

Outros, por estúpida ingenuidade, foram enganados pelo demônio e acreditaram que ele era um homem bom e um profeta de Deus.

(1) Este capítulo foi, certamente, inspirado no cap. II da *CE* (fl. 23 q<sup>r-v</sup>): "Quatuor sunt partes tenentium Mahomet errorem:

Prima pars ingressa est Sarracenum scilicet eorum qui per gladium intraverunt...

Pars alia intravit illorum qui decepti a Diabolo, credunt vera esse quae falsa sunt: tantae enim simplicitate erant agrestes homines...

Tertia pars est eorum qui a progenitorum errorem discedere nolunt...

Quarta pars est eorum qui propter laxiorem vitam...

*Mateus Paris* aponta as mesmas 4 determinantes da *CE* com expressões muito próximas. De todas, a mais utilizada pelos jozemistas orientais e ocidentais como contra-indicativo do islamismo foi a da violência.

(2) *Sīra*, 111-162.

(3) *Zayd Ibn Ḥārīta* era um escravo árabe oferecido por um parente a *Hadīja* e que esta, por sua vez, ofereceu a *Maomé*, que lhe deu a liberdade e tornou filho adoptivo. Foi sempre fiel ao Profeta, mesmo depois de este lhe ter tomado a própria mulher, *Zaynab*. Morreu na batalha de *Mū'ta*, em 629.

(4) Cf. *AL-KINDĪ*, ed. Muñoz Sendino, p. 382.

(5) *Bu* 2,16,1; cf. 56,102,6. Os cristãos, ou judeus, ou outros, que aceitavam pagar o tributo (*dajn*) em troca da protecção (*Dimma*) eram os chamados *ḍimmī*-s ou *ahl al-ḍimma*. O acto de fé exigido aos muçulmanos constituía a profissão de fé ou *chahāda* e era normalmente considerado pelos autores cristãos como uma paródia da forma baptismal. Por essa razão e por causa do frequente uso como parte da fórmula de chamamento à oração (*adān*) feito pelos almoédãos, era profundamente detestada pelos cristãos.

Alii, quia inuenerunt parentes suos hoc errore deceptos, et uoluerunt eos sequi, de quibus completum est illud Euangelii: *Sí cecus cecum ducat*, et cetera.

Alii, propter honorem et multiplicacionem temporalium.

Et sic multiplicatus fuit populus Sarracenorum.

- 5 Nos autem ostendemus ex subsequentibus, cum auxilio Dei, quod Machometus predictus non fuit Propheta nec nuncius Dei, ostendendo quod non habuit illos quatuor fructus ueri Prophete, de quibus supra dictum est, sed potius contrarios, a quibus, iuxta uerbum Domini, falsi Prophete cognoscuntur.

\* \* \*

quia] qui *B*/ et] *om.* *B Ed.*/ uoluerunt] noluerunt *B<sup>1</sup>*/ eos] illos *C //2 de]* in *B*/ comple  
tum] impletum *B*/ illud] in *O*; id *B*/ Euangelii] Euangelium *R eum O*; *add. Matth XV Ed/ cecus] cecrim*  
*C<sup>1</sup>*/ cecum] secum *B ceco Ed.*; / cecum ducat] *tr. C C<sup>1</sup>*/ ducat et cetera] dux fuerit am-  
bo in foueam cadunt *Ed.*; ducatum prestat ambo in foveam cadunt *P //3 temporalium]*  
*add. secuti sunt Machometum Ed. //4 fuit] est C //5 ostendemus] ostendimus R/ ex ]*  
in *O C Ed.*/ subsequentibus] sequentibus *Ed.*/ cum] *om. Ed. //6 fuit] erit Ed./ Dei] om.*  
*C<sup>1</sup>*/ ostendendo] proponendo *Ed.*/ habuit] erit *Ed.*/ quatuor] *om. B B<sup>1</sup> Ed. //7 dictum]*  
actum *O C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.*/ potius] *om. C //8 iuxta] om. R/ uerbum] id ueri B B<sup>1</sup>/ Domini]*  
Dei *C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.*

Outros, porque encontraram os pais enganados por este erro e quiseram segui-  
-los.<sup>(1)</sup> A eles se aplica com justeza a passagem do Evangelho: "Se um cego conduzir  
outro cego, etc..."<sup>(2)</sup>.

Outros, por causa da honra e da ganância dos bens materiais.

Assim se multiplicou o povo dos sarracenos.<sup>(3)</sup>

Nós, porém, vamos mostrar, com a ajuda de Deus, que Maomé não foi profeta  
nem mensageiro de Deus. Provaremos que não possuiu os quatro frutos do autêntico  
profeta, de que falámos atrás. Teve, antes, os frutos contrários, pelos quais, se-  
gundo a palavra do Senhor, se conhecem os falsos profetas.

(1) Esta mesma razão, mas aplicada aos judeus e cristãos, já tinha sido utilizada pelo zahirita andalus do século XI, Ibn Hazm, que os condenava por seguirem cegamente os seus pais e permanecerem indiferentes ao islão (*al-Ihkām fī uṣūl al-aḥkām*, Cairo 1345-7, t. I, p. 20; ap. A.M. TURK, *Polémique entre Ibn Hazm e Baḡi sur les principes de la loi musulmane*, Alger s.d., p. 28.

(2) Mt. 15,14

(3) Pedro, o Venerável, já tinha tratado o problema da expansão do islão no *Tract. Adv. Judaeorum invec-  
ratam duritiam* (IV; PL 189, 590D). Para explicar a difusão de uma nova doutrina, apresenta cinco possí-  
veis causas, actuando separada ou conjuntamente: a autoridade, a razão os milagres, a força e o prazer.  
Para o Cluniacense, no Islão actuaram a autoridade que Maomé se arrogou, a força de que se valeu e o  
prazer que prometeu aos seus adeptos. O TCM, mais sistemático, optou pela enumeração mais alargada de  
causas propostas pela CE, que desenvolverá ao longo das suas páginas, para chegar à conclusão de que  
com Maomé não estiveram nem a razão nem os milagres.

Nos LCS e STHS, o abade de Cluny desenvolve os mesmos argumentos, principalmente o da violên-  
cia.

SEQUITUR DE MENDACIIS EIUS

Primus namque fructus ueri Prophete est, quod uerus Propheta debet esse uerax. Sed Machometus non habuit, sed potius habuit contrarium.

Fuit enim mendax, quod patet per uerba ipsius. Quorum quedam fuerunt uera, 5 quedam falsa, ut per amixtionem uerorum posset efficacius persuadere falsa, nam, ut ait Augustinus, *nulla falsa doctrina est, que aliquid ueritatis non immisceat*. Verba quoque eius uera fuerunt, cum dixit in Alcorano, seu in tractatu Ione sic: *Dominus Deus noster est ille, qui creauit celum et terram in sex diebus*.

Item, quod dicit in Alcorano, in tractatu Abraam, quod Deus preelegit et sanc- 10 tificauit beatam Mariam super mulieres seculorum.

Item dixit in Alcorano, in tractatu Mulierum, quod Christus est Uerbum Dei, quod Deus posuit in Maria, et est Spiritus ex eo.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Prohibitionis, quod Deus insufflauit

\* \* \*

*Inscriptio om. R C C<sup>1</sup> Sequitur de mendaciis suis B B<sup>1</sup> (s.u. eius B<sup>1</sup>); De doctrina Machometi, in que paucissima uera, pleraque mendaciis et blasphemis plena sunt Ed. //2 Primus] (P) rimum R O B<sup>1</sup> C<sup>1</sup>/ namque] om. Ed./ fructus] fructum R O; add. non habuit R/ Prophete] add. qui R; add. secundum B/ est] om. R B/ uerus] omnis C; uerax B<sup>1</sup>/ uerus Propheta] om. B Ed./ debet] debeat Ed. //3 Sed] om. O; quod C Ed./ Machometus non habuit] om. R; Machometus talis non fuit B B<sup>1</sup> Ed./ potius] add. habuit R O/ contrarium] contrarius uero Prophetae Ed. //4 per] om. C/ ipsius] quibus B/ quorum] om. C C<sup>1</sup>/ quedam] om. C<sup>1</sup>; plurima Ed. //4-5 uera...falsa] om. Ed. //5 falsa... persuadere] om. C C<sup>1</sup>/ ut...falsam] om. B<sup>1</sup> //6 ait] ait B; add. D Ed./ Augustinus] om. P/ nulla] om. B/ est] om. B<sup>1</sup>/ que] add. non B/ immisceat] miscatur O; immiscerit B<sup>1</sup> //7 quoque] quidem C<sup>1</sup> B; quidem Ed./ uera fuerunt] tr. B/ dixit] dicit R/ seu] om. Ed./ in] om. O C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ Ione] Ioue R B<sup>1</sup>; *Vaphe correcte in Ione, in margine, B; om. P* //8 est ille] om. R<sup>1</sup>; tantum ille C/ creauit] creat B/ celum] celos C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //9 Item...Alcorano] om. Ed./ quod] qui B<sup>1</sup>/ Abraam] Ambulari B B<sup>1</sup> Ed./ quod] om. Ed. //9-10 Abraam...seculorum] om. C C<sup>1</sup>/ et] ... beatam] om. B B<sup>1</sup> Ed. //10 sanctificauit] add. et prelegit R/super] supra Ed./seculorum] add.] etc R //11 Item...Alcorano] om. Ed./ Item] add. quod O B B<sup>1</sup>/ quod] om. Ed. //11-13 Item...tractatu] om. C C<sup>1</sup> //12 Maria] Mariam O //13 Item...Alcorano] om. Ed./ dixit] dicit R/ quod] om. Ed./ insufflauit] insufflat B*

### AS FALSIDADES DE MAOMÉ

O primeiro fruto do autêntico profeta consiste no facto de este ser verdadeiro. Maomé não o foi; foi, antes, o contrário.

Com efeito, foi mentiroso, como se deduz das suas palavras. Destas, umas foram verdadeiras, outras falsas, de tal modo que, pela mistura com as verdadeiras, mais facilmente pudesse propagar as falsas. Com efeito, como diz Agostinho, "não existe nenhuma doutrina falsa que não contenha algo de verdade"(1).

Assim, foram verdadeiras as suas palavras quando disse no *Corão*, no tratado de *Jonas*(2): "Foi o Senhor nosso Deus quem criou o céu e a terra em seis dias".

Item, é verdadeiro o que diz no *Corão*, no tratado de *Abraão*(3), que Deus predestinou e santificou a Virgem Maria mais do que todas as mulheres do mundo.

Item, disse no *Corão*, no tratado das Mulheres(4), que Cristo é a Palavra de Deus, Palavra que Deus colocou em Maria e que é o Seu Espírito.

Item, o que disse no *Corão*, no tratado da *Proibição* (5), que Deus insuflou

(1) Atribuição errada a S. Agostinho da citação de Beda, o Venerável (*Comment. in Lucan*, lib. 5, c. 17, v. 12).

A tradição polémica medieval, sobretudo a partir do *Corpus Cluniacensis*, reconheceu unanimemente as verdades corânicas. Como ela, também o A. as interpreta como estratégia para, através das verdades, fazer aceitar os erros. No entanto, fiel ao espírito dialogante que caracteriza a *Exp.*, o *Capistrum* e o *Pugio* aceita o valor intrínseco dessas verdades, tal como Beda, o Venerável.

As seis verdades islâmicas analisadas pelo A. são todas de carácter teológico. Citadas directamente do *Corão*, têm um objectivo marcadamente dialogante. São as que, partindo de pontos comuns às duas confissões religiosas, melhor se prestam para defender os dogmas cristãos mais directamente atacados pelo islamismo: Ss. Trindade, Divindade e Encarnação de Cristo, Maternidade Divina de Maria, origem divina de Sag. Escritura e autenticidade do cristianismo, o herdeiro directo de Cristo e dos Apóstolos.

(2) *Co.* 57, 4: cf. *Gen.* 1,5,5,13,19,23,31. O tema da criação é um dos mais energicamente proclamados pelo *Corão* e pelos autores muçulmanos. Ao recitarem frequentemente a *Fatiha*; os muçulmanos fazem um acto de fé em Deus criador (cf. *Co.* 1,1-2). O recito corânico da criação resume os dois primeiros capítulos do *Gênesis*.

(3) *Co.* 3,37.

(4) *Ib.*, 4,169. João Damasceno se impressionara pela afirmação implícita corânica da trindade Deus - Verbo - Espírito. Com efeito, se Cristo é o Verbo e Espírito de Deus, é Deus, pois em Deus tudo é Deus (cf. *De Haer.*, 101, PG 94, col. 768).

(5) *Co.* 66,12.

in beatam Uirginem de Spiritu Sancto ubi, recte intelligenti datur intelligere quod Christus est conceptus de Spiritu Sancto.

Item dixit in Alcorano, in tractatu Mense, quod in Euangelio Christi est directio et lumen et prodigium timentibus Deum.

5 Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Apostolorum, quod Christi Apostoli erant adiutores Dei. Hec et alia dixit, que sunt uera.

Verba autem ipsius multa fuerunt falsa:

Primum, quod dixit in Alcorano, in tractatu Caharam, id est, Prohibitionis, ubi loquens de beata Uirgine, ait quod fuit filia Abraam.

10 Item dixit in Alcorano, in tractatu Marie, quod beata Uirgo fuit filia Abraam, et soror Aaron, quod patet esse falsum per libros Prophetarum, Euangeliorum, et libros Ystoriales.

Item quod dixit in Alcorano, in tractatu Araf, XVI c(apitulo), ubi loquens de

\* \* \*

beatam Uirginem]beata Uirgine C B Ed./ Sancto]suo R/ ubi]et R //1-2 Sancto...Spi  
ritu]om. B B<sup>1</sup>/ datur]dat C<sup>1</sup> Ed. //3 Item...Alcorano]om. Ed./ Item]add. quod C C<sup>1</sup>  
B<sup>1</sup>/ dixit]dicit R/ in]quod O/ in Alcorano]ibidem B B<sup>1</sup>/ Mense]Mese O; Messie C C<sup>1</sup>  
B B<sup>1</sup> Ed./ quod]om. Ed./ Christi]om. Ed. //3-4 directio]directionis R; duratio Ed.  
//4 et]om. R //5 Item...Alcorano]om. Ed./ quod dixit]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ in]om. R/ quod]  
om. Ed./ Christi]ipsi O B B<sup>1</sup> Ed. //6 alia]aliqua O C; add. aliqua C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> add.  
quaedam Ed./ uera]add. Inscriptio De mendaciis Machomet O //7 multa fuerunt falsa]  
multa falsa fuerunt O; falsa multa fuerunt C C<sup>1</sup> B; falsa multa sunt B<sup>1</sup> Ed. //8 Pri  
mum...dixit]ut Ed.; add. est R/ Caharam]Caharim R; Cahayram correcta in Caharam  
C; Cahayraym C<sup>1</sup>; Diharahim B; Tiharay B<sup>1</sup>; Tharim P/ id est]om. C<sup>1</sup> //9 ubi]quod B/  
loquens]loquitur B<sup>1</sup>/ ait]dicens B; dixit B<sup>1</sup>/ fuit filia]tr. C/ Abraam]Amram O  
//10 Item]add. quod O/ dixit in Alcorano]dixit ibidem B<sup>1</sup>; om. Ed./ Alcorano]om. B/  
in]om. B/ Marie]M O; Me C C<sup>1</sup>; misericordiae inquit Ed./ quod]om. Ed./ beata]add.  
Maria O //10-11 filia Abraam et]om. R B //11 Aaron]add. per quod ostenditur quod  
ipse credebat (et dicebat B) quod beata Uirgo fuit filia Abraham B B<sup>1</sup> Ed./ quod  
patet]patet quod patet B<sup>1</sup>/ Prophetarum]add. et O/ Euangeliorum]Euangelia O B; Euan  
gelii C<sup>1</sup> //11-12 Prophetarum...libros]om. C //12 libros]om. Ed./ Ystoriales]histo  
riarum Ed. //13 Item...Alcorano]om. Ed./ in Alcorano]ibidem B B<sup>1</sup>/ Araf]Arafat P/  
XVI C(apitulo)]capitulo 6<sup>to</sup> Deus B; capitulo 16 C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ ubi]om. Ed.

o Espírito Santo na Bem-aventurada Virgem, o que leva o bom entendedor a compreender que Cristo concebido pelo Espírito Santo. (1)

Item, disse no *Corão*, no tratado de *Mesa*(2), que no Evangelho de Cristo se encontram a luz e o sinal profético para os que temem a Deus.

Item, o que disse no *Corão*, no tratado dos *Apóstolos*(3), que os Apóstolos de Cristo eram os auxiliares de Deus. Disse estas e outras coisas que são verdadeiras.

Contudo, foram falsas muitas das suas palavras:

Primeiramente, o que disse no *Corão*(4), no tratado *al-haram*, isto é, da *Proibição*. Aí, ao falar da Bem-aventurada Virgem, diz que foi filha de Abraão.

Item, disse no *Corão*(5), no tratado de *Maria*, que a Bem-aventurada Virgem foi filha de Abraão. Que isto é falso, vê-se através dos livros dos Profetas, dos Evangelhos e dos livros históricos.

Item, o que disse no *Corão*, no tratado '*Acrifa*'(6), capítulo XVI. Aí, ao falar de

(1) O A. tem o cuidado de não atribuir aos muçulmanos a aceitação formal da filiação divina de Cristo. Isso excitá-los-ia sumamente e não corresponderia à doutrina islâmica, que o recusa formalmente, por entender a filiação apenas num sentido carnal. Neste ponto, como em muitos outros, denota um rigor científico e um tacto polémico que faltam a autores cristãos medievais como Raimundo Lulo, que chegou a afirmar: "Saraceni credunt quod Dominus noster Jesus Christus sit Filius Dei" (*Liber de Fide*, d. I, p. II). Se havia alguns muçulmanos que, por influência de nestorianos e monofisitas, acreditavam na divindade de Cristo, o certo é que, o *Corão* e a tradição islâmica lhe são formalmente adversos.

Igualmente evita o equívoco da interpretação Iuliana da concepção de Cristo pelo Espírito Santo na Virgem Maria. O A. apresenta esse dogma cristão apenas como uma exigência lógica da doutrina corânica (cf. R. LULO *ib*).

Igual sensibilidade lógica manifesta em relação ao dogma cristão da Ss. Trindade.

(2) *Co.* 5,50.

A exaltação corânica de Cristo como profeta superior a todos os outros, marcado na sua origem pela concepção virginal de Maria e imune de todo o pecado, e coexistindo com a negação formal da sua divindade, morte e conseqüente ressurreição, constitui para os cristãos medievais o melhor exemplo da mistura islâmica da verdade com o erro, que o autor documenta com rigor.

(3) *Co.* 61,14; cf. 3,45.

Enquanto outros autores, como Ricoldo, não interpretam esta afirmação corânica como uma verdade mas como uma tentativa de Maomé para mostrar que os Apóstolos eram já autênticos muçulmanos, o A. apresenta-a como uma das verdades comuns às duas religiões.

(4) *Co.* 66,12.

(5) *Ib.* 19,28.

(6) *Ib.* 7,156.

seipso dixit: illi, qui sequuntur, nuncium prophetam ydiotam, inueniunt eum scriptum in lege Moysi, et in Euangelio et hoc est falsum, cum non inueniatur scriptus in istis libris.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Zaf, id est, Ordinis, quod Christus prophetauit de eo, dicens: ueniet post me nuncius, cuius nomen est Ahmet, hoc intelligens de seipso, et hoc est falsum, cum Christus nunquam legatur hoc dixisse.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Mulierum, XVI (capitulo), inducens Iudeos loquentes sic: Nos interfecimus Messiam Jesum, filium Marie, nuncium Dei, et non interfecerunt eum neque crucifixerunt eum, sed assimilatum fuit eis. Hic negat passionem et mortem Christi, et hoc patet esse falsum per libros Prophetarum, Euangeliorum, et per dicta Apostolorum et reuelacionem multorum antiquorum, et per signum crucis, quod est memoriale passionis Christi.

\* \* \*

seipso]seipsa C/ dixit]om. R; dicit Ed./ sequuntur]secuitur O; secuntur C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/  
nuncium]om. R/ ydiotam]ydiotae Ed./ eum]se Ed. //2 et]om. Ed./ est falsum]tr. Ed./  
inueniatur]inueniatus C<sup>1</sup>/ scriptus]scriptum O //3 istis libris]tr. C C<sup>1</sup> //4 Item  
...Alcorano]om. Ed./ Zaf]Zaff B; Saff B<sup>1</sup>/ Ordinis]add. inquit Ed. //5 eo]se Ed./  
nuncius]om. R/ cuius]om. O C/ Ahmet]Ahmed R; Haynet B B<sup>1</sup>; Ahimez Ed.; add. et B  
Ed./ hoc]oc B //6 et hoc]et B; om. Ed./ est falsum]tr. C C<sup>1</sup> B Ed./ Christus]Chris-  
tum R/ nunquam]nusquam Ed. //7 Item...Alcorano]om. Ed./ in Alcorano]ibidem B B<sup>1</sup>/  
XVI c(apitulo)]16 capitulo C C<sup>1</sup>; capitulo 16<sup>to</sup> B B<sup>1</sup> //7-8 Iudeos]Judos C Judes C<sup>1</sup> //8 lo-  
quentes sic]tr. B B<sup>1</sup>; loquentes ait sic Ed./ Nos]non C C<sup>1</sup>; add. autem R/ interfe-  
cimus]autem fecimus R/ Iesum]illum B<sup>1</sup> //9 neque]nec R/ eum]om. B B<sup>1</sup> Ed./ assmila-  
tum]assmilatum R; assimilatus B; assimilata Ed./ fuit eis]fuit eius C B; eius for-  
ma fuit Ed. //10 libros]librum C; libro C<sup>1</sup>/ Prophetarum]add. et B B<sup>1</sup> //11 et]om.  
R B<sup>1</sup>/ et<sup>2</sup>]add. per O Ed./ relacionem]reuelacionem R reuelaciones P/ et<sup>3</sup>]om. C/ per]  
om. O //12 crucis]om. C<sup>1</sup>/ memoriale]memoria R/ Christi]iter. Item quod dixit per  
signum crucis, quod est memoriale passionis Christi O; add. Item per sepulcrum  
Christi, quod ipsi Sarraceni custodiunt. Confitentur enim illud esse sepulcrum in  
quo corpus Christi mortuum requieuit P.



si próprio, disse: "aqueles que seguem o mensageiro-profeta *analfabeto*(1) encontram o seu nome escrito na Lei de Moisés e no Evangelho". Ora isto é falso, já que não se encontra escrito nestes livros(2).

Item, o que disse no *Corão*, no tratado *Saff*, isto é, da *Ordem*(3), que Cristo profetizou dele, dizendo: "virá depois de mim o mensageiro, cujo nome é Ahmad". Interpretou isto acerca de si próprio, o que é falso, pois nunca se lê que Cristo tivesse dito tal coisa.

Item, o que disse no *Corão*, no tratado das *Mulheres*, capítulo XVI(4), *introduziu* os judeus a falar assim: "Nós matamos o Messias Jesus, filho de Maria, mensageiro de Deus". Ora não o mataram, nem o crucificaram, mas pareceu-lhes <isso>. Aqui nega a Paixão e Morte de Cristo, o que sabemos ser falso através dos livros dos Profetas, dos Evangelhos, dos Actos dos Apóstolos e da revelação de muitos antigos e através do sinal da cruz, que é o memorial da Paixão de Cristo.

(1) Analfabeto é a tradução do árabe *'um*, que o autor traduziu por *ydiota*.

(2) A sequência deste parágrafo e dos dois seguintes parece ser uma resposta directa e imediata a *al-Qarāfi* (m 1285), que trata estes problemas no *Kitāb al-ajwiba al-fāhira* (Livro das respostas sumptuosas). Esta obra inclui ainda outros temas comuns ao TCM tais como o do *tahrīf*, o do apelo ao Corão para dirimir a polémica sobre os milagres de Maomé, e o dogma da Incarnação e outros.

Já antes de Qarāfi, outros teólogos e apologetas muçulmanos tinham tentado identificar nas Escrituras as profecias que Maomé invocara vagamente acerca dele próprio. *Ali ibn Rabban al-Tabarī*, nos capítulos IX e X do *Kitāb al-dīn wa l-dawla* (Livro acerca da religião e do império), escrito em 855, foi o ponto de partida desse movimento. Como cristão que se convertera ao islamismo, conhecia listas de profecias vetero-testamentárias referentes a Cristo e adoptou-as a Maomé. Ante a recusa sistemática dos apologetas e polemistas cristãos bizantinos e latinos de aceitarem as profecias bíblicas acerca de Maomé, os muçulmanos apelavam para a corrupção das Escrituras (*tahrīf*) pelos cristãos. A refutação da acusação de *tahrīf* é uma constante na literatura polémica cristã, desde o diálogo de Abū Kurra (op. 19, PG 97, 1544 C-1545-A). A importância deste tema suscitará mais duas intervenções explícitas e pertinentes do autor.

(3) *Co.* 61,6 cf. 2,129 e 7,157.

(4) *Ib.* 4, 156/157.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Mulierum, XVI Capitulo: Numquid uultis dirigere illos, quos Deus ponit in errore?

Item dicitur in libro, qui dicitur Bohari, III c(apitulo), Predestinacionis, quod Deus scripsit super hominem partem suam de luxuria, et necessario oportet ipsum sequi illam partem. Unde per hec et alia multa ostenditur quod Deus attribuit quod ponit homines in errore, et quod necessario fornicentur, et hoc est falsum et blasfemia. Homini enim dictum est in Gen(es)i]IIII: *subtus te erit appetitus tuus, et tu dominaueris illius*. Et contra illud, dixit quidam sapiens Sarracenorum satis pulcre: *si Deus prohibet me a peccato, et postea compellit ad illud, et dampnat me* 10 *propter illud, ego sum primus qui dico quod qui hoc facit non est Deus, sed Diabolus*.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Errahmen, id est, Misericordis, ubi describens Paradisum in alia uita, dixit quod ibi erunt fontes, fructus, uxores,

\* \* \*

Item...c(apitulo)] Ibidem cap. IX Ed./ tractatu]add. id est O/ XVI c(apitulo)] IX capitulo O; 99 capitulo C C<sup>1</sup>; capitulo 99 B<sup>1</sup>/ uultis]ultis R //2 illos]eos B/ erro re]add. non inuenies iter (*item B*) illis quos Deus posuit (*ponit Ed.*) in errore B Ed. //3 Item dicitur]om. Ed./ qui dicitur]om. Ed./ Bohari]Bucharii R; Boari O Ed.; Buchary C<sup>1</sup>/ III capitulo]capitulo 39 B B<sup>1</sup>; IIII cap. Ed./ quod]inquit Ed. //4 ipsum]illum R //5 sequi]consequi R O/ illam]istam B/ hec]hoc O C C<sup>1</sup> P/ et]add. per C C<sup>1</sup>/ alia multa]tr. R/ ostenditur]dicitur C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>; autem (?) B Ed./ quod]om. B Ed./ Deo]Deus R O; eciam B/ attribuit]tribuit R B; add. Deo B //6 ponit]ponat Ed./ homines]hominem C C<sup>1</sup> B/ errore]errorem B B<sup>1</sup>/ fornicentur]fornicetur B/ et]om. Ed./ hoc]quod Ed./ est falsum]tr. B //6-7 blasfemia]blasfema R; blasfemum Ed. //7 enim]cui R; cum O Ed./ in]om. R O/ Gen(es)i]Genesis O/ IIII]capitulo 4<sup>to</sup> B Ed./ subtus]supter O; sub Ed. subter P/ te]de (*correctio in ta*) erit]erat O; deerit C<sup>1</sup> //8 dominaueris]dominabis C; dominaberis C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ illius]illi Ed./ illud]illos B; add. ipsum Ed./ satis]ualde C //9 postea compellit me]om. me R O C<sup>1</sup>; postea me cogit B; et postea me B<sup>1</sup>; postulat me Ed./ dampnat]ammonet B (*correctio in dampnat supra et in margine*); damnat Ed. //10 qui hoc]quilibet C C<sup>1</sup> //12 Errahmen]Errahmen O; Errahmeri C; Errahilben (?) B; Errahem P/ Misericordis]Misericordie R Ed./ ubi]om. C; add. quando (?) B //13 uita]uia B<sup>1</sup>; erunt]erant B<sup>1</sup>/ fructus]B add. in mar gine.

Item, o que disse no *Corão*; no tratado das *Mulheres*(1), capítulo XVI: "Quereis porventura dirigir aqueles que Deus coloca no erro?"

Item, se diz no livro *Buhārī*, capítulo III, da *Predestinação*(2), que Deus impôs ao homem a parte de luxúria que este, necessariamente, tem de seguir. Por estas e muitas outras coisas se vê que atribui a Deus o induzir os homens no erro e o levá-los a prostituir-se necessariamente. Ora isto é falso e constitui uma blasfêmia. Com efeito, foi dito ao homem no Gênesis, IV(3): "O teu apetite estará debaixo de ti e dominá-lo-ás". Contra aquilo disse com muita beleza um certo sábio dos sarracenos(4): "se Deus me proíbe o pecado e depois me impele para ele e me condena por causa dele, sou o primeiro a dizer que quem faz tal coisa não é Deus, mas o Diabo".

Item, o que disse no *Corão*, no tratado *ar-Rahmen*, isto é, do *Misericordioso*(5), onde, ao descrever o Paraíso na outra vida, disse que aí haverá fontes, frutos, mulheres,

(1) Co. 30,29.

(2) Bu. 82,9.

(3) Gen. 4,7.

(4) Não consegui identificar o autor deste texto sobre a justiça de Deus. Segundo o P. Jomier, em carta de 2.08.82, "Il doit s'agir d'un mo<sup>c</sup>tazilite ou d'une de ses sources, car jamais des ash<sup>c</sup>arites ne diraient cela. On reconnaît une polémique de style mo<sup>c</sup>tazilite ou d'un philosophe comme Averroës ou Ghazālī contre les jabariyya, Hanābila et Ach<sup>c</sup>arites primitifs (X<sup>e</sup>-XI<sup>e</sup> s.).

O A. combate aqui a doutrina islâmica generalizada, segundo a qual Deus é o autor de tudo, inclusive do mal. Expressa pelo Corão (cf. 2,6; 2,9; 2,16; 2,19; 2,106; 2,221; 2,246; 2,254; 2,274; 3,11; 3,124; 4,154; 5,16; 7,154; 8,44; 13,27; 16,39; 7,26), esta doutrina foi vulgarizada por grandes pensadores islâmicos como Algazel (cf. F.M. PAREJA, *Islamologia*, cap. XIII, p. 588), Ibn Hazm de Córdoba (994-1065) e aceite pelo povo, que a exprime realisticamente através da narração da criação em cadeia dos vícios humanos e da sua distribuição pelos povos da terra (F.M. PAREJA, *Ib*, XVI, II, p. 694. O tema do fatalismo islâmico não aparece frequentemente no diálogo islamo-cristão medieval, talvez por causa do aspecto filosófico-teológico que o caracteriza e pelo facto de os medievais, mesmo os cristãos, se encontrarem bastante influenciados por uma certa concepção fatalista da vida em que o agir humano se apaga exageradamente ante a vontade divina. De acordo com a tática do diálogo martiniano, o texto do *Buhārī* é invectivado por um texto do "sapiens sarracenorum". Autores medievais hã, no entanto, que dedicam a sua atenção a este problema islâmico. Assim S. João Damasceno, no Oriente, e S. Pedro Pascual no Ocidente.

(5) Co. 55,46-56.

tapecia de Serico et puelle uel uirgines, cum quibus iacebunt et concumbent, et non fedauerunt illas puellas uel uirgines ante eos homo uel Dyabolus.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Alquitel, id est Pugne, quod in Paradiso erunt riui aque incorrupte et riui lactis, cuius sapor non immutabitur, et 5 riui uini, et erit delectabile bibentibus, et riui mellis colati, et habebunt ibi de omnibus fructibus.

Item, quod dixit in Alcorano, in tractatu Nel Murtileth, ultimo capitulo, quod timentes Deum erunt in umbris et fontibus, et habebunt fructus, quos concupiscent, et dicetur eis: *comedite et bibite sine perturbacione, secundum quod operati estis.*  
 10 Per hec et multa alia ostenditur quod Machometus credidit et predicauit quod beatitudo eterna consistit in cibo, potu, coitu et delectacionibus corporalibus. Quod patet esse falsum, per hoc quod dicitur in Gen(esi) XV, ubi Dominus dixit ad Abraam: *ego protector tuus sum et merces tua magna nimis.*

\* \* \*

tapecia] sapecia C<sup>1</sup>/ de] iter. R/ et<sup>1</sup>] om. C C<sup>1</sup> B Ed./ uel] et R/ et<sup>2</sup>] uel C/ concumbent] concubent R/ et<sup>3</sup>] om. R //2 illas] ipsas C C<sup>1</sup>; eas B; add. autem R/ uel] et R //3 Item...Alcorano] om. Ed./ Alquitel] Aquitel R C; Alquicel C<sup>1</sup> Ed./ Pugne] Pugite R/ quod] om. Ed. //4 erunt] erant B<sup>1</sup> //4-5 aque...riui<sup>1</sup> om. B B<sup>1</sup> Ed. //5 et quod C C<sup>1</sup>/ erit] erunt Ed./ delectabile] delectabiles Ed./ habebunt] abundabunt Ed./ ibi] ibidem B B<sup>1</sup> Ed. //6 de] om. Ed. //7 Item...Alcorano] om. Ed./ quod] om. R/ in Alcorano] om. B; ibidem B<sup>1</sup>/ Nel Murtileth] Mulierum R; Nel Murtilet O; Nel (Uel. C B<sup>1</sup>) Murtileth C B B<sup>1</sup> Ed.; Uel Murtileh C<sup>1</sup> Moltileth B (*correctio in Murtileth in margine*)/ ultimo capitulo] tr. B B<sup>1</sup>/ capitulo] cuius C C<sup>1</sup>; capite Ed./ quod] om. Ed. //8 timentis] timens C/ erunt] pereunt B (*correctio in erunt*)/ umbris] uinibus B/ et] add. in O/ quos] quas O //9 et] ac Ed./ operati] optati O //10 hec] hoc C<sup>1</sup> Ed./ Macometus] Machotus B/ predicauit] prophetisauit //10-11 quod beatitudo eterna consistit] beatitudinem eternam consistere Ed./ beatitudo eterna] tr. B B<sup>1</sup>; beatitudo uero eterna C //11 cibo] add. et C<sup>1</sup> B/ potu] add. et Ed. //12 Quo] Hoc Ed./ per hoc quod dicitur] scribitur enim Ed./ dicitur] dicit O B/ in Gen(esi) XV] Genesis 14 C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ Dominus dixit] tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //13 sum] om. R O

tapetes de seda, donzelas ou virgens com as quais se deitarão e terão contactos. Antes deles, nenhum homem ou Diabo manchou tais donzelas.

Item, o que disse no *Corão*, no tratado *al-Qitāl*, isto é, da *Luta*(1), que no Paraíso haverá rios de água pura, rios de leite, de sabor imutável, e rios de vinho delicioso para os que o bebem; haverá rios de mel transparente, e terão aí todos os frutos.

Item, o que disse no *Corão*, no tratado *al-mursilāt*, no último capítulo(2), que os que temem a Deus terão sombras e fontes; comerão os frutos que desejarem e ser-lhes-á dito: "comei e bebei sem perturbação, de acordo com o que fizeste".

Por estas e muitas outras coisas em que Maomé acreditou e que pregou, conclui-se que a felicidade eterna reside na comida, na bebida, nas relações sexuais e nos prazeres corporais. Ora vê-se que isto é falso através do que se diz no Génesis, XV(3), onde o Senhor disse a Abraão: "Eu sou o teu escudo; será muito grande a tua recompensa".

(1) Co. 47, 16/15.

(2) Ib. 77, 41-43.

O tema do paraíso islâmico foi sempre considerado pedra de escândalo não só para os cristãos como também para muitos muçulmanos. Todos os autores que trataram a profecia islâmica incluem a rejeição explícita ou implícita do paraíso islâmico. A literatura sobre este tema associada à do *Mi<sup>o</sup> rāj*, é tão extensa que proporcionou a E. Cerulli a redacção das suculentas obras já varias vezes citadas

A ausência de qualquer referência explícita à viagem nocturna (*al-'Iscrā'*) e à ascensão de Maomé aos sete céus (*Mi<sup>o</sup> rāj*), que tanto alimentaram as imaginações dos medievais, é sinónima da prudência do A. do TCM, que respigou informações do *Corão* e das fontes autênticas islâmicas. Ele conhecia, certamente o *Kitab al-Mi<sup>o</sup> rāj*, quer no original árabe, quer nas traduções suas contemporâneas. Sabia que essa obra era universalmente atribuída a Maomé e que o próprio texto o sugeria, ao desenvolver a narração na primeira pessoa. O não lhe fazer a menor referência pode significar, e eu estou convencido que sim, que não lhe reconhecia a autenticidade e, por isso, não lhe mereceu qualquer atenção, mesmo quando tratou os temas que lhe eram comuns. O A. contentou-se, na linha de Pedro Afonso, al-Kindī, Marcos de Toledo e Pedro o Venerável, com apresentar três citações textuais do *Corão*, para concluir que, para os muçulmanos a felicidade eterna reside na comida, na bebida, nas relações sexuais e nos prazeres corporais", incompatíveis com a natureza espiritual do homem, expressa por uma sequência de seis citações bíblicas. O carácter popular da obra e a imagem grosseira do paraíso corânico, tal como o apresentam autores como Álvaro de Córdova e o do Códice Uncastillo, pouparam-lhe uma análise aprofundada do tema, tão do gosto de autores como o próprio R. Martí (*Pugio* I, III, pp. 196-199, Capistrum, BuBol, ms 1675, fl. 45<sup>r</sup>; Exp. 492-3, 495), Rogério Bacon, Guilherme de Alvérnia e Ricoldo, que refutam o tema com razões de ordem racional e apelam para o escândalo que o paraíso material provocou nos próprios filósofos árabes.

(3) Gen. 15,1.

Item in Isaias LXIIII<sup>o</sup>: oculus non uidit, Deus, absque te, que preparasti expectantibus te,

Item Apostolus, I ad Cor(intios) II<sup>o</sup>: oculus non uidit, nec auris audiuit, nec in cor hominis ascendit, que preparauit Deus hiis qui diligunt eum, sed cibum et potum et mulieres, in quibus dixit Machometus esse beatitudinem; uidet oculus, audit auris, cor hominis cogitat. Ergo in illis non consistit beatitudo eterna.

Item per hoc quod dicitur Luca 20: filii seculi huius nubent et traduntur ad nupcias. Illi autem, qui digni habebuntur seculo illo, in resurrectione ex mortuis, neque nubent, neque ducent uxores, equales enim angelis sunt et filii Dei.

Item Mathei 22<sup>o</sup>: In resurrectione neque nubent, neque nubentur, sed sunt sicut angeli Dei in celo.

\* \* \*

Item]add. in R/ Ysaias LXIIII<sup>o</sup>]Ysaias XVIII<sup>o</sup> R O; Isaia 13 C C<sup>1</sup>; Ys. 18<sup>uo</sup> B B<sup>1</sup>; Ysa P; Esa LXIIII Ed./ uidit]add. si C<sup>1</sup>/ te]om. R/ que]quam R //2 te]om. R //3 I] prime B B<sup>1</sup>/ Cor(intios)]Corintiorum B/ II] III<sup>o</sup> R;/ nec]et Ed. //4 nec]et Ed./ ascendit]ostendit R; ascenderunt Ed./ preparauit]parauit C //7 per...20]om. Ed./ dicitur]dicit O C/ Luc(a) 20] Lucas 2<sup>o</sup> B<sup>1</sup>/ seculi huius]tr. C C<sup>1</sup> Ed./ traduntur] tradentur O //7-8 nubent et traduntur ad nupcias]ducunt uxores et nuptum dant Ed. //8 Illi R autem]uero Ed./ digni]om. C<sup>1</sup>/habebuntur]sunt R/in]et O Ed. / resurrectione] Christum C //9 nubent...ducent uxores]nubent...uxores ducent B B<sup>1</sup>; ducunt uxores ...nuptum dant, neque enim ultra mori possunt Ed.; //11 Item]om. B/ nubent...nubentur]matrimonium contrahunt...elocantur Ed./ sunt]om. R //11-12 sunt...sicut... celo]sicut...celo sunt R //12 celo]add. ut cognoscant te solum Deum uerum et quem misisti: Jesum Christum Ed.

Item, em Isaías LXIV<sup>(1)</sup>: "Sem Ti, ó Deus, o olho não viu aquilo que preparaste para os quem Ti confiam".

Item, o Apóstolo, na I aos Coríntios, II: Nem o olho viu nem o ouvido ou viu nem sabe o coração do homem aquilo que Deus preparou para aqueles que O "amam", mas sim o alimento, a bebida e as mulheres em que Maomé diz consistir a felicidade. Os olhos vêem, os ouvidos ouvem, o coração do homem pensa. Portanto não consiste nessas coisas a felicidade eterna.

Item, através daquilo que se diz em Lucas, 20<sup>(3)</sup>: "Os filhos deste mundo casam e são dados em casamento, mas aqueles que forem considerados dignos do outro mundo, na ressurreição dos mortos, nem casarão, nem serão dados em casamento, serão iguais aos anjos e serão filhos de Deus".

Item, em Mateus, 22<sup>(4)</sup>: "Na ressurreição, nem casarão, nem serão dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu".

(1) Is. 64,4.

(2) I Cor. 2,9.

(3) Lc. 20,34-37.

(4) Mt. 22,30.

Item Jo(anne) XVII: *Hec est uita eterna*, etc.

Item, quod dixit in libro, qui dicitur Bohari in tractatu Creacionis, ubi loquens de demonibus, dixit suis quod in ortu Solis uel in occasu eius non facerent oracionem, quia Sol ascendit uel oritur inter duo cornua Diaboli, et occidit similiter. Quod quidem patet esse falsum, considerata magnitudine Solis, et quod Diabolus non habet cornua, cum sit res spiritualis.

Item mandauit suis quod biberent et comederent cum manu dextra, quia Diabolus comedit et bibit cum manu sinistra. Item dixit quod canis niger est Diabolus.

Item dicitur in Alcorano, in tractatu Demonum, (capitulo) I et II, quod quedam congregacio Demonum audiuit ab eo Alcoranum, et aliqui ex eis crediderunt, et facti sunt Sarraceni. Et hoc idem laicius dicitur in libro, qui uocatur Muslim, ubi dicitur quod ipse Machometus legit Alcoranum Demonibus. Quem cum audierunt, facti sunt Sarraceni. Quo facto, pecierunt ab eo uaticum. Qui dixit eis quod omnia ossa, que possent habere, essent uaticum eorum, et quod omne stercus caprarum uel ouium

\* \* \*

Jo(anne) XVII]Jo. XVI R; Jo. 21 C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> //2 quod dixit]quod dicit C C<sup>1</sup>; om. Ed./ qui dicitur]que dicitur O, om. Ed./ Bohari]Bocharii R; Boharii O; Bocharii C C<sup>1</sup>; Boari Ed./ in tractatu Creacionis]om. B/ ubi]om. Ed. //3 demonibus]omnibus R/ in]om. B B<sup>1</sup> Ed./ eius]om. C C<sup>1</sup> Ed./ non]ne/ facerent]faceret R //4 ascendit uel oritur]tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //6 habet]habeat Ed./ res]rex O //7 ~~biberent et comederent]tr. Ed. //8 comedit et bibit]tr. R/ manu]om. C<sup>1</sup> B Ed.; suis cum B / dixit]om. R/ quod canis niger est Diabolus]canem nigrum esse Diabolum Ed. //9 dicitur...Alcorano]om. Ed./ dicitur]dixit B; dicit B<sup>1</sup>/ in]et B<sup>1</sup>/ C(apitulo) I et II]libro primo et 29 //10 audiuit]audit B; audiuerit Ed./ ab eo]ab ea O; a se Ed./ ab eo Alcoranum]tr. R/ et]om. C C<sup>1</sup>; add. quod Ed./ aliqui]add. qui O/ crediderunt]crediderint Ed. //11 et hoc]et oc B; om. Ed./ qui uocatur]om. Ed./ Muslim]Musclim R O; Muzlim B (correctus in margine) Ed.; Mustlim B<sup>1</sup> Misterium P //11-12 dicitur]legitur Ed. //12 legit]om. Ed./ Demonibus]add. legerit Ed. //13 Sarraceni]add. Et hoc idem laicius dicitur R/ omnia]om. R //13-14 qui...uaticum]om. O B<sup>1</sup> //14 habere]inuenire C/ omne]omnem R/ uel]et Ed.~~



Item, em João XVII(1): "Esta é a vida eterna, etc."

Item, o que disse no livro chamado *Buhārī*, no tratado da Criação(2) onde, ao falar dos demônios, ordenou aos seus que não rezassem ao nascer nem ao pôr-do-Sol porque o Sol sobe ou nasce o põe-se entre os dois chifres do Diabo. É evidente que isto é falso, se considerarmos a grandeza do Sol e que o Diabo não tem chifres porque é um ser espiritual.

Item, ordenou aos seus que bebessem e comessem com a mão direita, porque o Diabo come e bebe com a mão esquerda.

Item, disse que o cão negro é o Demônio. (3)

Item, se diz no *Corão*, no tratado dos *Demônios*, capítulo I e II(4), que uma certa assembleia de demônios lhe ouviu ler o Corão e que alguns acreditaram e se fizeram sarracenos. Isto é dito mais extensamente no livro *Muslim*(5), onde se diz que o próprio Maomé leu o Corão aos demônios e que, quando estes o ouviram, se fizeram sarracenos. Feito isto, pediram-lhe provisões. Ele disse-lhes para juntarem, como provisões, o maior número possível de ossos e para aproveitarem todos os excrementos das cabras e

(1) Jo. 17,3.

(2) Bu. 59,11,5.

O A aponta uma série de superstições e crenças populares islâmicas de que se fazem eco os *Hadit*-s que ele se compraz em citar para denunciar e ridicularizar as situações. Omitir o valor islâmico da oração ritual (*salāt*) cinco vezes ao dia, a qual por sua vez constitui um dos cinco pilares (*Rukn*) em que o islamismo se apoia, para citar apenas um dito que, ainda que autêntico (*sahih*), provoca o ridículo, não é um processo muito honesto de tratar um tema tão sagrado para o islamismo, com a agravante de que os muçulmanos santificam o nascer e o pôr-do-sol, respectivamente, com as orações da aurora (*subh*) e do pôr-do-sol (*magrib*).

(3) Atribui erradamente a Maomé o canone hanbalita que proíbe comer carne de cães negros porque neles incarnam os *jinn*-s.

(4) Co. 72, 1-2. A tradução de *jinn* por demônio não está correcta, na medida em que aqueles são seres elementares, feitos de "fogo claro" (Co. 55,14-15), ao contrário dos anjos, que são espíritos (*rūh*) feitos de luz (*nūr*), e dos homens, feitos de barro. Os *jinn* pré-islâmicos, cuja existência é aceite pelo Corão, eram forças ocultas que, numa concepção pan-vitalista e totemista, estavam associadas às forças da natureza (como as árvores, as fontes, as pedras), aos animais, e ao próprio homem. Eles estão sujeitos ao *Taklīf*, isto é, à imposição de deveres jurídico-religiosos. Como os homens, podem ser crentes ou infiéis, ju deus, cristãos ou muçulmanos. É neste sentido que os profetas são por vezes enviados aos *jinn* e que o Corão e a tradição islâmica dizem que Maomé converteu uma tribo. É a esta tradição que o A. se refere.

Os demônios (*Iblīs*, gr. *diabolus*; *chaitān*=*Satān*), oriundos de entre os anjos ou os *jinn*, foram castigados por causa do orgulho, ao desobedecerem a Deus, que os mandara prostrar-se diante de Adão. (Co. 18,48; 2,32).

(5) Mus. 180,903.

esset annona bestiis eorum. Et ideo prohibuit Sarracenis ut non tergerent inferiora sua cum ossibus, quia illa sunt cibus fratrum suorum, scilicet Demonum. Que falsa et ridiculosa esse, homo intelligens non ignorat.

Item in libro, qui dicitur Muslim, loquens de die iudicii, dixit: *antequam*  
5 *ueniant centum anni, non remanebit super terram anima nata, id est aliquis uiuens,*

Item alibi, dixit Axa quod quidam Arabes ueniebant ad Prophetam Machometum, et interrogabant eum de die iudicii, et ipse, aspiciens minorem in etate, dicebat: *si uixerit iste, non perueniet ad decrepitam etatem, donec sit dies iudicii.*

Per hec et omnia ostenditur quod ipse predicabat et asserebat quod dies iudici  
10 *ci* debebat esse ante centum annos, quod patet esse falsum, cum iam fluxerunt sexcentos annos, ex quo ista dicta sunt.

\* \* \*

esse] essent R/ eorum] suis R/ ideo] ide B; om. Ed./ prohibuit] probauit O/ ut] quod B; om. Ed.; / non] om. Ed.; //1-2 inferiora] interiora O //2 illa sunt] illa fuit R; tr. O B Ed.; / cibus] cibi Ed./ suorum] eorum O/ Que] Haec Ed. //4 Item] Idem Ed./ in] add. eo Ed./ qui dicitur Muslim] om. Ed./ Muslim] Musclim R; Muzlim O B; Mirami C C<sup>1</sup>; Mustlim B<sup>1</sup>/ dixit] om. C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed.; dicitur quod B //5 ueniant] uenient B/ centum] tricenti B;/ super terram anima nata] anima nata super terram B<sup>1</sup> //6 Axa] om. C C<sup>1</sup> //7 interrogabant] interrogant C C<sup>1</sup>/ et] om. Ed./ minorem] ~~iunioram~~ O C C<sup>1</sup> Ed.; seniore[m] (?) B<sup>1</sup>/ in] om. Ed. //8 si] set (*correcta in si in marg.*) C/ uixerit iste] tr. B B<sup>1</sup> Ed./ non] antequam Ed./ decrepitam] crepitam C C<sup>1</sup>/ donec sit] erit Ed. //9 ~~omnia~~] alia O C C<sup>1</sup> Ed./ ostenditur] obicitur C C<sup>1</sup>; obiicitur Ed. //9-10 Per... iudicii] om. B B<sup>1</sup> O (*s.u. O add. in marg.*) //10 ante] add. elapsos Ed./ centum] trecentos B;/ fluxerunt] fluxerint O B; effluerint Ed. //10-11 sex centum anni] duo centum anni R multi centenarii annorum B B<sup>1</sup> (*s.u. B<sup>1</sup> anni*); anni 800 P //ex quo] ex C<sup>1</sup>; postquam Ed./ dicta] facta B; acta Ed.

das ovelhas como alimento para os animais. Foi por isso que proibiu aos sarracenos limpar as partes inferiores com ossos, porque estes são o alimento dos seus irmãos, isto é, dos demónios. Nenhum homem inteligente ignora que estas coisas são falsas e ridículas<sup>(1)</sup>. Igualmente disse, no livro *Muslim*<sup>(2)</sup>, ao falar do dia do juízo: "Antes de cem anos, não ficará alma viva, isto é, nenhum ser vivo sobre a Terra"<sup>(3)</sup>.

Item, noutro lugar<sup>(4)</sup>, A'icha disse que alguns árabes vinham ter com o profeta Maomé para o interrogar, sobre do dia do juízo. Ele, fixando uma criança, dizia: "se ela viver, não chegará à decrepitude antes de chegar o dia do juízo".

Por tudo isto se intui que ele pregava e afirmava que o dia do juízo devia acontecer antes de passados cem anos, o que é evidente ser falso, pois já passaram seiscentos anos desde que estas coisas foram ditas<sup>(5)</sup>.

- (1) Ao apelar para o "homem inteligente", o A. parece sugerir que as lendas, tradições e superstições que acaba de referir pertencem à mentalidade do povo islâmico, que pretende ridicularizar, tanto mais quanto esse tipo de mentalidade é contagiante em relação aos estratos sociais mais degradados de qualquer comunidade, mesmo cristã.
- (2) Citação errada; a fonte correcta deve ser a *CE* (fl. 254v) que a trancreve comó sendo tirada de *Historiis aprobatis*.
- (3) Segundo Spengler, esta predição foi transmitida por Mas'udī e causou temor entre a população. (Cf. CASANOVA, Mohammed et la fin du monde, p. 17).
- (4) *Mus.* 714 e 7050.
- (5) Também na constatação do não cumprimento da pseudo-profecia maometana o A. segue a ilacção da *CE*, que nos dá a idade em que foi escrita: "Nos autem a tempore illo sumus in quarto centenário" *Ib.*

Item in libro, qui dicitur Bohari, loquens de musca, dixit Sarracenis: quando ceciderit musca in uas, submerge eam ibi, quia in una ala portat uenenum, et in altera medicinam, et ponit ante alam in qua est uenenum; deinde, aliam.

Item dixit in eodem libro: quando gallus cantat, uidet Angelus, et quando asinus rudit, uidet Diabolum.

Hec autem omnia uidentur potius uerba stulti et derisoris, quam prophete, uel nuncii Dei. Per ista et multa alia, que propter prolixitatem uitandam omitimus, ostenditur quod Machometus fuit mendax in multis, et sic defuit sibi primum quod debet habere uerus propheta, scilicet quod sit uerax in dictis suis.

\* \* \*

qui dicitur]om. Ed./ Bohari]Buchari R; Bochari O; Bohary C C<sup>1</sup>; Obuhaharii B; Obuhahari B<sup>1</sup>; Boari Ed./ dixit]dicit C C<sup>1</sup> Ed. //2 ceciderit musca]tr. B B<sup>1</sup> Ed. //3 altera]alia B/ ante]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ uenenum]add. et B //4 libro]add. quod dicitur Bohari P/ Angelus]Angelum C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed. //6 Hec]Et hec B/ autem]om. B B<sup>1</sup> Ed./ uidentur potius]tr. B B<sup>1</sup>; uidentur Ed./ et]uel B; potius uel Ed./ derisoris]derrisoris R O; delusoris aut jocolatoris P //6-7 prophete...que]om. B<sup>1</sup> //7 et multa]et per multa C;/ prolixitatem uitandam]prolixitatem uitanda O; tr. C C<sup>1</sup> (s.u. C<sup>1</sup> euitandam) B B<sup>1</sup> Ed. //8 ostenditur]obicitur C C<sup>1</sup>; obicitur B B<sup>1</sup>; obiicitur Ed./ mendax]add. et R O/ et]om. C B/ defuit]de fine C C<sup>1</sup>/ sibi]illi Ed. //9 scilicet...suis]om. B/ scilicet]secundum O/ quod]ut Ed./ sit uerax]tr. Ed.

Item, no livro chamado *Buhari*(1), ao falar da mosca, disse aos sarracenos: "quando uma mosca cair no corpo, mergulhá-a, aĩ, porque numa asa traz o veneno e na outra o remédio, e põe primeiro a asa que tem o veneno e depois a outra".

Item, disse no mesmo livro(2): "O galo canta quando vê o anjo e o burro zurra quando vê o Diabo".

Todas estas coisas parecem mais palavras de louco e de bobo do que de profeta ou mensageiro de Deus. Por elas e por muitas outras que omitimos por causa da proximidade, se vê que Maomé foi mentiroso em muitas coisas. Assim, falta-lhe a primeira coisa que o verdadeiro profeta dever ter, isto é, que seja verdadeiro nas palavras.

(1) *Bu.* 59,17,1; cf. *Ib.* 52,53 e 76,58

(2) *Ib.* 59,15,4.

DE IMMUNDICIIS MACHOMETI

Secundum quod debet habere Propheta, est quod sit mundus et sanctus. Ostendemus autem per dicta et facta Machometi, et per libros ipsius, quod ipse non fuit talis, sed potius immundus et peccator, ut patebit in inferioribus sequentibus.

5 Dicitur enim in libro qui dicitur Bohari, in c(apitulo) Locucionis, Anas filium Melic dixisse quod Machometus circuibat mulieres suas, iacendo cum eis in una hora noctis uel diei, et erant undecim. Et dictum fuit isti enim, numquid poterat illud facere. Dixit: nos dicebamus inter nos quod potestas uel uirtus triginta uirorum fuit data sibi, scilicet Machometo, in coitu.

10 Item in eodem libro continetur quod dixit Axa uxor eius: ego et Propheta lauabamus de uno uase simul et eramus polluti. Et mandabat michi quod cingerem

\* \* \*

Inscriptio om. R C C<sup>1</sup>; De immundiciis Machometi O Ed.; Sequitur de eius immundiciis B B<sup>1</sup>; //2 Propheta, est]om. C; est C<sup>1</sup>/ quod]ut Ed./ sanctus]hic O adidit inscripcio De immundiciis Ma(chometi) //2-3 ostendemus]add. hoc B<sup>1</sup>; add. hic Ed. //3 per]om. R/ et facta]om. Ed./ ipse]om. B/ fuit]fuerit Ed. //4 talis]mundus O/ patebit]patet C C<sup>1</sup>/ in]ex Ed./ in]add. inferioribus R/ sequentibus]insequentibus O //5 qui dicitur]om. Ed./ Bohari]Bochari R; Buhari O; Behary C; Bochary C<sup>1</sup>; Boari Ed. Buari P/ in c(apitulo) Locucionis]in C III Urias (?) R; in C Leccionis O; in capitulo Locucionis C B B<sup>1</sup>; cap. Locutionis Ed.; om. P/ Anas filium Melic]Enim filium Melic R; Aim filium Melich O; Elim filium Melech C C<sup>1</sup>; Emus filium Elech B; Eniz filium Elech B<sup>1</sup>; Elim filium Elech Ed.; om. P; add. una hora noctis uel dietat B<sup>1</sup> //6 dixisse]om. Ed. //7 et]om. R O/ erant]erunt R/ undecim]40 C C<sup>1</sup>; / et]om. Ed./ dictum]add. autem Ed./ Anas]Enim R; Emus B; Elim Ed./ poterat]potuit C B B<sup>1</sup>; potuerit Ed./ illud]istud R; om. B B<sup>1</sup> //8 facere]add. id qui B; add. illud B<sup>1</sup>/ uel]et B; seu Ed. //9 fuit data]tr. B B<sup>1</sup> Ed. (s.u. Ed. fuerit)/ sibi scilicet]sibi C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>; om. Ed. //10 Axa uxor eius]uxor Axa C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //11 lauabamus]add. nos O C/ eramus polluit et]om. R/ mandabat]mandauit B B<sup>1</sup>/ michi]me O/ quod]ut Ed./ cingerem]lingerem R; contegerem Ed.

### AS IMUNDÍCIAS DE MAOMÉ

O segundo sinal que deve possuir o profeta é que seja puro e santo. Mostraremos pelas palavras e actos de Maomé e pelos seus próprios livros que ele não foi tal; pelo contrário, foi imundo e pecador(1), como veremos a seguir.

Diz-se, com efeito, no livro *Buhārī*, no capítulo da *Linguagem*(2), que Anas, filho de Malic, afirmou que Maomé frequentava rotativamente as suas mulheres, deitando-se com elas durante uma hora da noite ou do dia. E eram onze(3). Perguntaram-lhe como era isso possível. Ele respondeu: "nós comentávamos uns com os outros que tinha sido dada a Maomé a potência sexual de trinta homens"(4).

se encontra no mesmo livro(5) o que a sua esposa <sup>C</sup>A'icha disse: "quando estávamos sujos, eu e o Profeta lavávamo-nos ao mesmo tempo, na mesma tina. Ordenava-me que me cingisse

(1) A caracterização moral de "immundus et peccator", aqui, e de "desolator...corporalis et visibilis atque etiam fedus et vilis", no *explicit*, pode considerar-se moderada em relação ao contexto histórico. Basta passar os olhos por Speraindeo, Álvaro e Eulógio de Córdova, al-Kindī, Ketton, Alano de Lille, Pedro Afonso, Gautier Compiègne, Vitry, Humberto de Romans, Fidenzo de Pádua e outros, para nos apercebermos disso mesmo.

Porque o comportamento moral de Maomé contradizia frontalmente o perfil do autêntico profeta, havia a tendência para detectar atitudes concretas, exagerá-las, falsificá-las e, às vezes, inventá-las. O A., bom conhecedor das fontes islâmicas e cristãs, não tinha necessidade de as inventar, nem esse processo se coadunava com a sua consciência. No entanto, em alguns casos, a sua interpretação dos factos é de tal modo dúbia e exagerada que parece degenerar em falsificação.

A tese da *isima* (impecabilidade), como integrante da personalidade profética, foi silenciada pelo Corão e pelos *hadīt*-s. O Corão admitiu mesmo a pecabilidade de Maomé (33,37; 48,2). Foi o *Kalām* que a introduziu no islamismo. Desenvolveu-se nos maios *ohītas* por influências iranianas e orientais, paralelamente à tese da infabilidade e impecabilidade do *imām*.

(2) Citação errada. Trata-se de *Bu.* 5,12,2; cf. *Ib.* 66,102.

(3) O *TCM* contenta-se com indicar o número das esposas, o que já é profundamente escandaloso. Mais o seria se citasse a lista dos nomes, como o fazem outros autores, como Kindī e S. Pedro Pascoal, que apresentam respectivamente, 15 e 18 e se explorasse os aspectos da promiscuidade e da introdução da revelação divina para sancionar o que consideram desvarios morais.

(4) Esta indicação anedótica da potência sexual de Maomé no contexto do número de esposas era já tradicional na Hispânia. Álvaro de Córdova e al-Kindī exploram-na, chegando a aumentar o número para 40. O A. limita-se a citá-la, referenciada às fontes autênticas, o que lhe dá força e isenção.

(5) *Bu.* 6,51; cf. *Ib.* 64,21,22;5,9,3; 5,2,1; *Co.* 2,222.



me cum linteamine, et sic iacebat mecum, seu coniungebat se michi et eram mens-  
truata.

Item in Alcorano, in tractatu Elahazeb IIII C (apitulo), dixit Machometus quod  
Deus loquens sibi ait: nos licenciamus tibi uxores tuas, quibus debes dare spon-  
5 salicium, et omnes ancillas tuas, quas tibi Deus dedit, et filias patruui tui, et  
filias amicte tue, et filias auunculi tuui, et filias matertere tue, que secute  
fuerunt te, et omnis mulier credens, si obtulerit corpus suum siue seipsam Pro-  
phete, si uoluerit coire cum ea, liceat hoc pure, sed tantum tibi, et non aliis  
credentibus. Et post pauca dabis spem quibus uolueris, de illis scilicet que of-  
10 ferunt se, et recipies quas uolueris, et si appetis de illis quas dimisisti non  
est tibi peccatum. Et propter hoc multe mulieres offerebant ei seipsas, quod pro-  
batur per hoc, quod dicitur in libro qui uocatur Bohari, in tractatu Expositio-  
nis Alcorani, dixisse Axam. Ego zelabam contra illas mulieres, que offerebant  
seipsas nuncio Dei, et dicebam: mulier offert seipsam Prophete. Sed postquam

\* \* \*

coniungebat] contingebat C B Ed./ se michi] me B Ed.; michi B<sup>1</sup> //1-2 menstruata] mes-  
trua R //3 Alcorano in tractatu] tractatu Algorani qui dicitur B; tractatu Alcorani  
ibidem qui dicitur B<sup>1</sup>; Alchorano in tractatu R C C<sup>1</sup>/ Elahzeb] Elahze O; Eleazeb C  
C<sup>1</sup>; Elahazab in Elabazeb correcta in marg. B; Elabazeb B<sup>1</sup>; Elhaaseb P //4 loquens  
sibi] tr. B B<sup>1</sup>; loquens secum Ed./ licenciamus] permittimus Ed./ debes] debeas C<sup>1</sup> B  
Ed. //4-5 sponsalium] sponsalium O //5 omnes] omnis B/ tuas] om R/ quas] om. C/ tibi  
Deus dedit] Deus tibi dederit R; Deus dedit tibi C; Deus dedit C<sup>1</sup>/ patruui] patris O  
//6 filias] om. Ed./ amicte] amice O C;/ filias] om. Ed./ matertere] matris O/ secute]  
sequente R //5-6 et<sup>3</sup>...tui] om. B<sup>1</sup> //7 fuerunt] fuerint B; sunt Ed./ credens] credes  
O/ si] se R/ siue] seu Ed./ seipsam] ipsam R; seipsas B<sup>1</sup> //7-8 Propheae R //8 uoluerit] add Propheta  
C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ ea] om. R; add. non B<sup>1</sup>/ pure] purus C patrare Ed. impie] P/ sed] seu O B B<sup>1</sup>  
//9 de illis] om. O; de aliis C C<sup>1</sup>/ scilicet] secundum O;/ que] quod O //10 recipies]  
recipiens R; recipias B/ appetis] appetit Ed./ illis] aliquis Ed./ dimisisti] dimi-  
sistis R //11 tibi] illi Ed./ Et] om. Ed./ propter] per R;/ hoc] oc B/ ei] om. Ed.  
//11-12 probatur] add. et O //12 per...libro] per librum Ed./ qui uocatur] om. Ed.;  
qui dicitur C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ Bohari] Bochari R O: Bqhary C<sup>1</sup>; Boari Ed. //12-13 Expositio-  
nis] Exponis //13 Ego] illas ipsas R //offerebant] offerebat R //14 offert seipsam offeret  
seipsam O; tr. B B<sup>1</sup>/ seipsam add. et C/ Sed Si C



com roupa de linho, e assim se deitava comigo ou se unia a mim quando estava menstruada(1).

Item, disse Maomé no *Corão*, no tratado *al-Ahzāb*, IV capítulo(2), que Deus lhe falou dizendo: "permitimos-te as esposas: aquelas a que deves dar esponsais e todas as escravas que Deus te deu, e as filhas do teu tio paterno, as filhas da tua tia paterna, as filhas do teu tio materno e as filhas da tua tia materna que te seguiram, e qualquer crente que ofereça o seu corpo, isto é, a si própria, ao Profeta, se este quiser ter relações com ela. Isto é-te lícito, mas semente a ti, não aos outros crentes. E depois de poucas coisas darás esperança às que quiseres, isto é de entre as que se oferecerem; receberás as que quiseres; se pretenderes daquelas que abandonaste, não fazes pecado"(3). Por causa disto, muitas mulheres se lhe ofereciam, como se prova pelo livro *Buhārī*, onde se afirma, no tratado da *Exposição do Corão*(4), que <sup>C</sup>A'icha terá dito: "Eu tinha ciúmes daquelas mulheres que se ofereciam ao mensageiro de Deus e dizia: uma mulher oferece-se ao Profeta. Mas depois que

(1) O A. dá a esta passagem do *Buhārī* uma interpretação eufemista e exagerada que força a fonte. S. Pedro Pascoal (*SSM*, I, IV, 18-19) irá ainda muito mais longe. Referindo-se a <sup>C</sup>A'icha e a Maymūna, diz: "ipse met Mahometus, cum uxores eius impediabantur aegretudine qua femina laborant, iusta earum naturam, combat cum illis vase praepostero..."

Devem ter sido ambos influenciados pela doutrina Malikita que permite esta prática, embora os juristas não pareçam atribuir a sua legitimação ao próprio Maomé.

(2) *Co.* 33, 49/50-51; cf. *Ib.* 4,26.

(3) Esta revelação aparece aqui como uma justificação implícita da atitude de Maomé, ao tomar como esposa Zaynab bint Jahch, casada com Zayd Ibn Harita, seu antigo escravo, que ele adoptara como filho (cf. *Co.* 33,37). Trata-se do episódio mais glosado pelos polemistas cristãos, desde João Damasceno. A atitude de <sup>C</sup>A'icha, expressa pela citação do *Buhārī*, que vem a seguir e que se refere a este texto corânico, é aproveitada pelo A., escandalizado, contra o facto de muitas mulheres se oferecerem ao Profeta como consequência da revelação em causa. É uma interpretação gratuita. Os objectivos cristãos eram atacar a autenticidade da revelação corânica e o adultério e consanguinidade de Maomé.

(4) *Bu.* 65,33,7; *Co.* 33,49-51.

Deus dedit istam legem, scilicet quod Machometus daret spem quibus uellet, et  
reciperet quas uellet, dixi Machometo: Uideo Dominum Deum tuum uelociter imple-  
tem desiderium tuum. Item in eodem dixit quod uxores eius erant matres Sarraceno-  
rum. Item in eodem dixit: non licet nobis nocere Prophete, nec licet ducere uxores  
5 eius post eum in uxores aliquo modo, quia istud est magnum quid apud Deum.

Item tangitur in Alcorano, in tractatu Prohibicionis, in principio, et in  
glosa que est ibi, quod quidam, nomine Moncauquiz presentauit Machometo mulierem,  
que uocabatur Maria Capcia. Qui assumpsit eam in concubinam. Contigit autem quod  
semel coibat cum ea, in domo uxoris sue, nomine Hafsa, que non erat presens. Cum  
10 autem uenit, uidit eos commiscentes, et displicuit sibi multum, et redarguit eum  
dicens: O Propheta Dei, non erat inter mulieres tuas uilior me, cur coibas cum ea

\* \* \*

Deus dedit]tr. O B Ed. dedit C/ istam]itam B/ scilicet]om. Ed./ quod]ut Ed./ spem]  
a spe C //1-2 et reciperet quas uellet]om. C //2 dixi Machometo]dixit Machometus  
O/ tuum]om. C //3 matres]mulieres C //3-4 Item...Sarracenorum]om. R //4 Item]Et  
C/ non...ducere]non licet nobis ducere R/ nocere]om. B<sup>1</sup>/ licet<sup>2</sup>]om. B Ed.; add.  
nobis R //5 in uxores]om. Ed./ modo]om. B/ istud]om. B B<sup>1</sup> Ed./ est]esset R O/ mag-  
num]om. B<sup>1</sup> Ed. //7 quidam]quedam R C C<sup>1</sup>/ Moncauquiz]Macauquiz O; Machanquiz C C<sup>1</sup>;  
Machauquiz B B<sup>1</sup>; Mathanaquim Ed.; om. P //8 Maria Capcia]Meriacapcia O B<sup>1</sup>; Meria-  
capia C; Meria Capia C<sup>1</sup>; Meria Capcia B; Meriacaptia Ed. Meria P/ qui assumpsit]  
quia sumpsit B/ autem]om. O //9 in domo]iter. C; add. et O/ Hafsa]Axa R O; Hasa  
C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed. Hafza P //10 uidit]uidet Ed. //11 Dei]om. C C<sup>1</sup>/ tuas]om. R; uas Ed./  
coibas coiles R/eum ea]om. B B<sup>1</sup>

Deus deu esta lei, isto é, que permitiu a Maomé dar esperança e receber as que quisse, eu disse a Maomé: "Vejo que o Senhor teu Deus satisfaz rapidamente o teu desejo"<sup>(1)</sup>. Igualmente disse no mesmo capítulo<sup>(2)</sup>, que as suas mulheres eram as mães dos sarracenos e que "não nos é lícito prejudicar o Profeta, nem receber de qualquer modo, depois dele, como esposas as suas esposas, porque isto é uma enormidade diante de Deus"<sup>(3)</sup>.

Item, se trata no *Corão*, no princípio do tratado da *Proibição*<sup>(4)</sup>, e na glosa respectiva, que um certo, chamado Muqawqis,<sup>(5)</sup> apresentou a Maomé a mulher, chamada Maria, a Copta, que ele recebeu como concubina. Aconteceu, porém, que uma vez estava a ter relações com ela, na casa da sua esposa Hafsa, a qual não estava presente. Quando esta chegou, viu-os juntos. Desagradou-lhe muito e interpelou-o, dizendo: "Ó Profeta de Deus, não havia entre as tuas mulheres uma mais vil do que eu para que tivesses relações com ela

(1) 'Aicha terá pronunciado estas palavras quando se sentiu escandalizada pela revelação anterior. O *Corão* dissera apenas: Ó profeta, porque é que, buscando a satisfação das tuas esposas, declaras ilícito o que Deus te declarou lícito? Deus é indulgente, misericordioso" (*Co.* 66,1).

Esta passagem corânica, segundo os dados histórico-biográficos, parece referir-se a uma intriga urdida por Hafsa filha de Umar, e 'Aicha contra Marya, a Copta, mãe de Ibrahim. O versículo 2 ("Deus permitiu-vos a expiação pela quebra dos vossos juramentos...") faz ver que o Profeta fez um juramento de que teve escrúpulo de se libertar. (cfr. R. BLACHÈRE, *O Corão*, sura 66, *Introd.*).

Segundo Tor Andrae (*o.c.* p. 154), a expressão de 'Aicha era um comentário à revelação que sancionou o casamento de Maomé com Zayda (*Co.* 33, 36ss).

(2) *Bu.* 65,8,1; cf. *Co.* 33,6.

(3) *Bu.* 65,8.

(4) cf. *Co.* 66,1-2.

(5) Muqawqis (o caucasiano) era talvez Cyros, que tinha sido patriarca de Phase, no Cáucaso e que, em resposta a uma embaixada enviada, por Maomé (em 628?), lhe ofereceu duas escravas coptas, das quais uma, Marya, se tornou concubina (cf. M. GANDEFROY-DEMOMBYNES, *o.c.*, p. 168).

*in domo mea, et super lectum meum? Dixit ei, uolens placere ei: placet tibi quod abstineam ab ea semper? Que dixit sic. Et ille iurauit quod ulterius non accederet ad ipsam, et dixit ei: non dicas hoc alicui. Et post istud, contra istam promissionem et iuramentum, coiuit cum ea. Et dixit in Alcorano quod Deus constitue-*  
5 *rat eis, scilicet Sarracenis, satisfactionem iuramentorum suorum. Hoc est, quod si uellent facere aliquod iuramentum, et uellent contrauenire, quod possent cum satisfactione, siue compensacione, de qua dicitur infra.*

Ad ostendendum eciam immundicias suas, facit quod dicitur in Alcorano, in tractatu Alphata, quod Deus pepercit sibi peccata preterita et futura.

10 Item dicitur in libro, qui dicitur Bohari, quod dixit Machometus: *rapine licenciate sunt michi, sed non fuerunt licenciate alicui ante me.* Ad ostendendum hoc idem facit, quod tradidit suis, leges immundissimas et abhominabiles, de quibus dicitur infra, in tractatu de lege, quam tradidit.

\* \* \*

mea]me B/ placere ei]placere R; a placere C; placare eam Ed./ quod]ut Ed. //2 ab-  
tineam]add. me B/ semper]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ quod]se Ed. //2-3 ad ipsam non acce-  
deret]non accederet ad ipsam R; ad eam non accessurum Ed.; //3 ipsam]eam C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>  
Ed./ istud contra]om. R; istud tempus contra Ed. //4-5 constituerat]constituit R  
//5 eis scilicet]om. Ed./ quod]om. B B<sup>1</sup> Ed. //6 uellent facere]satisfacerent R; fa-  
cerent O/ uellent contrauenire]uenirent contra uentrem R; uellent conuenire B<sup>1</sup>; ue-  
nire contra P/ quod]cum O //7 satisfactione siue compensacione]tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.;/  
siue]seu B; sine B<sup>1</sup>/ dicitur infra]tr. R B<sup>1</sup> //9 Alphata]Alfatha O; Aluata B; Alfa-  
ta P/ pepercit]beperat B; indulsarit Ed. //10 Item]add. quod R/ dicitur]dixit B  
B<sup>1</sup>/ qui dicitur]om. Ed./ Bohari]Bochari R; Bachari O; Bohary C; Boary C<sup>1</sup>; Boari  
Ed./ dixit Machometus]tr. R/ Machometus]add. quod C C<sup>1</sup> //10-11 licenciate]permis-  
sae Ed. //11 sed]et R; B<sup>1</sup>; et C<sup>1</sup> B Ed./ licenciate P]permissae Ed./ licenciate alicui]  
tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //11-12 hoc idem]ad idem R; igitur C C<sup>1</sup>; ad hec B //12 suis]suas  
B<sup>1</sup>/ leges]legibus R/ abhominabiles]ad hominabiles R //13 dicitur]dicentur O; dice-  
mus Ed./ infra]ista O; om. B B<sup>1</sup> Ed./ lege]add. infra B<sup>1</sup>; legibus Machometi Ed./  
quam tradidit]om. B

na minha casa e no meu leito?(1)". Ele, querendo apaziguá-la, disse-lhe: "apraz-te que me abstenha dela para sempre?". Ela respondeu: "Sim". Ele jurou que não mais se aproximaria dela e disse-lhe: "não digas nada a ninguém". Depois disto e contra esta promessa e juramento teve relações com ela. E disse no *Corão* (2) que Deus estabelecera com eles, isto é, com os sarracenos, a satisfação dos juramentos. Isto significa que, se quiserem fazer algum juramento e voltar atrás, poderão < fazê-lo > mediante a satisfação ou compensação de que falaremos adiante.

Para mostrar ainda as suas imundícies, fez o que se diz no *Corão*, no tratado *al-Fath* (3), que Deus lhe perdoou os pecados passados e futuros .

Item, se diz no livro *Buḥārī* (4) que Maomé afirmou: "foram-me permitidas as rapinas, mas não o foram a ninguém antes de mim". Para provar isto mesmo, fez o que transmitiu aos seus: leis imundíssimas e abomináveis, de que falaremos adiante, no tratado acerca da lei que ensinou.

(1) Dentro da perspectiva medieval, o A. refere aqui a transgressão de Maomé em relação à casa e ao leito de uma das suas esposas, neste caso Hafsa; segundo S. Pedro Pascual (*SSM*, I, IV, II), teria sido 'A'icha e segundo Ricoldo, (*Disp.* XII), ambas. Na realidade, devia tratar-se da transgressão do direito de rotação das esposas, que os medievais parecem não conhecer bem, o que não é o caso do A., que o refere mais adiante, a propósito da morte de Maomé. O fundo da questão, aqui, é o ciúme provocado pela rotação e agravado pela violação da casa e do leito de uma das esposas.

Este é um dos episódios denunciadores da fraqueza de Maomé pelo sexo fraco mais utilizados na polémica islamo-cristã medieval. Outros autores, como Eulógio, (*Ms.* p. 398), Pedro Afonso, e al-Kindī preferem explorar o de Zaynab Ibn Jahch, esposa de Zayd Ibn al-Hārīta, filho adoptivo do Profeta, invocando *Co.* 33,37. Quer num, quer noutro episódio, o escândalo dos cristãos é motivado pela promiscuidade de Maomé e, ainda mais, pela pretensão de justificar com revelações os seus desvarios e pela elevação destes a leis gerais em proveito dos seus adeptos. cf. NORMAN DANIEL, *Islam...*, p. 100.

Há autores muçulmanos que associam este versículo quer ao caso de Marya, quer ao de Zaynab; cf. SA-LE, comentário a *Co.* 48,1-2.

(2) *Co.* 66,2 .

(3) *Co.* 48, 1-2.

(4) *Bu.* 57,8,6.

AD PROBANDUM QUOD MACHOMETUS NON FECIT MIRACULA

Sequitur de tercio, scilicet de miraculo, per quod uerus propheta ostendit certitudinem sue prophecie, et ostenditur hic, quod Machometus nunquam fecit miracula, et per consequens non potuit dare certitudinem, quod esset uerus propheta.

5 Ostenditur autem per hoc, quod dicitur in libro, qui uocatur Ciar, ubi dicitur, quod Arabes diuersarum nacionum, tempore quo Machometus dixit se esse prophetam, miserunt pro eo, et pecierunt ab eo miracula, dicentes ei: *tu scis, quod non sunt aliqui homines, qui habeant magis strictam ciuitatem quam nos, nec qui minus habeant de aquis, et minus de uictalibus, uel magis strictam uitam quam nos. Si ergo*  
10 *es sicut tu dicis, scilicet quod sis propheta et nuncius Dei, pete pro nobis ad Dominum Deum tuum, qui misit te, quod remoueat a nobis istos montes, qui constringunt nos, et quod amplificet nobis terram nostram, et quod manent hic riui, ut sunt riui terre orientalis, et quod resuscitet nobis aliquem de patribus nostris, et quod*

\* \* \*

*Inscriptio om. R C C<sup>1</sup>; Ad probandum quod Machometus non fecit miracula O; Sequitur quod Machometus non fecit miracula B B<sup>1</sup>; Quod Machometus non fecit miracula Ed. //2 tercio] 3 C<sup>1</sup>; 39 B B<sup>1</sup>/ miraculo] miraculis Ed./ quod ]que Ed./ uerus] uerius R //2-3 ostendit...et] in marg. C //3 certitudinem sue prophecie ]certitudinem R; om. C; certitudinem prophecie sue Ed./ ostenditur] ostendetur R/ hic] hec Ed./ fecit] facit O //4 et per consequens] ideo Ed./ potuit dare] poterat C<sup>1</sup>/ certitudinem] certitudinem O C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //5 Ostendatur] Ostenditur R/ per... libro] per librum Ed/ uocatur] dicitur B B<sup>1</sup> Ed./ Ciar] Cvar O C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ ubi dicitur] om. Ed. //6 dixit se] tr. B B<sup>1</sup>/ esse] om. C C<sup>1</sup> //7 pro eo] ad eum Ed. pro Machometo P/ ei: tu scis] uides R/ sunt] sint Ed. //8 aliqui] om. R Ed. //8-9 nec..., nos] iter, R //8 nec] aut R; //9 strictam uitam ] tr. B<sup>1</sup> //9-10 Si ergo es] secure esset R; si igitur est B B<sup>1</sup> //10 sicut] Ed./ scilicet quod sis] om. B Ed./ scilicet] om. O/ sis propheta] tr. B<sup>1</sup>/ ad] a Ed. //11 Dominum Deum tuum] Domino Deo tuo Ed./ te] om. C/ quod] ut C B Ed.; et C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ istos montes] tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //12 et] om. Ed./ quod] om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ amplificet] ampliet C B<sup>1</sup>; ampliat in ampliet correcte supra B; amplietque Ed./ et quod] ut Ed./ manent] ueniant/ ut] ubi O; sicuti Ed./ sunt] om. Ed. //13 orientalis] orientale R/ quod] ut R/ nobis aliquem] nobis aliquid O; tr. C C<sup>1</sup> Ed./ et quod] ut Ed.*

## MAOMÉ NÃO FEZ MILAGRES<sup>(1)</sup>

Segue o terceiro < sinal >, isto é, o milagre, através do qual o verdadeiro profeta manifesta a certeza da sua profecia. Mostramos aqui que Maomé nunca fez milagres e, conseqüentemente, não pôde confirmar que era verdadeiro profeta.

Vê-se através disto o que se diz no livro *Síra*<sup>(2)</sup>, onde se afirma que no tempo em que Maomé se proclamou profeta, árabes de vários países lhe pediram milagres, mandando dizer-lhe: "tu sabes que não há homens que tenham uma cidade mais apertada do que nós, nem menos águas e menos mantimentos nem uma mais pobre do que a nossa. Se és o que dizes, isto é, se és profeta ou mensageiro de Deus, intercede por nós diante do Senhor teu Deus, que te enviou, para que afaste de nós estes montes que nos comprimem, que aumente a nossa terra, que corram aqui rios como os da terra oriental, que ressuscite algum dos nossos pais e que

(1) Nos séculos XII e XIII estava muito difundida no Ocidente islâmico a doutrina do Qādī<sup>c</sup> Iyād (m 1149), que exerceu muita influência sobre os muçulmanos e os mouros da Reconquista, através do *Kitāb al-chifā bi-ta<sup>c</sup>rīf ħuqūq al-muṣṭafā* (Livro do remédio para o ensino dos direitos do Enviado de Deus). Nele proclama os pseudo-milagres e profecias de Maomé, de que fornece listas para a posteridade.

Por parte dos polemistas, a ausência de milagres de Maomé é um argumento explorado polemicamente no Ocidente, a partir das obras de Pedro Afonso, al-Kíndī, Pedro de Poitiers, Pedro o Venerável e R. Martí (na *Exp.*).

(2) *Sír.* 187,190.

Esta longa passagem, bem atribuída a Ibn Ishaq, mostra que os árabes consideravam o milagre como sinal distintivo do verdadeiro profeta. A atitude dos mecenos não difere da dos judeus do tempo dos Profetas e de Cristo. Nota-se em todo o trecho uma certa ressonância do episódio evangélico das tentações de Cristo (Mt. 4,1-11).

O próprio apelo para Quçay o antepassado dos Quzā<sup>c</sup>, como árbitro entre os árabes e Maomé, é paralelo dos apelos bíblicos para Abraão e David, como árbitros entre os judeus e Cristo.

Os paralelismos do anjo e do demônio, da aridez, pobreza e acidentado de Meca com o deserto das tentações têm um fundo bíblico incontestável. O A. aproveita este texto para, implicitamente, salientar o contraste das conclusões. A atitude de Cristo foi uma vitória sobre a tentação; a de Maomé foi a do reconhecimento da incapacidade de fazer milagres.

Podemos esquematizar o paralelismo das tentações de Cristo e de Maomé, subjacente a esta passagem:

1 - *Riqueza*: "Se és o filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pão". "Se és Profeta ou mensageiro de Deus, intercede... para que afaste de nós estes montes que nos comprimem, que aumente a nossa terra, que corram aqui rios..."

- *Prestígio Pessoal*: "Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: dará a teu rego peito ordens aos anjos; eles sustentar-te-ão..." - "Se és Profeta..., pede ao Senhor teu Deus que te envie um anjo a mostrar que és verdadeiro..."

3 - *Ambição*: "... Tudo isto te darei se, prostado, me adorares" - "Pede ao Senhor teu Deus que te dê palácios e tesouros de ouro e prata..."

Resposta de Jesus: rejeição do milagre. "Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto"

E Maomé: Não farei isso nem o pedirei ao Senhor meu Deus; não vos fui enviado para isso. Deus enviou-me a anunciar e a predizer.

sit unus de illis, Cozay, quia ille fuit senex uerax. Et interrogabimus eos de hoc quod dicis, utinam sit uerum aut falsum. Et si dixerint te esse ueracem, et feceris quod petimus, credemus tibi, et sciemus quod Deus misit te, sicut dicis. Respondit eis Machometus: non sum uobis missus cum hoc, scilicet cum miraculis. Item dixerunt ei: ex quo hoc non facis nobis, accipe tibi ipsi, et pete a Domino Deo tuo, quod mittat tecum angelum, qui ostendat te esse ueracem super hoc quod dicis, et respondeat nobis pro te. Et pete Deo tuo, quod det tibi palacia et thesauros auri et argenti, et sic dicet te de hoc, quod uidimus te petere. Tu enim uadis per fora, et acquiris uictum tuum, sicut nos acquirimus, et sic cognoscemus gratiam tuam et dignitatem tuam, quam habes apud Deum tuum, si es nuncius sicut dicis. Respondit eis Machometus: istud non faciam; non sum ego ille, qui petit a Domino Deo suo istud, et non sum uobis missus cum hoc. Sed Deus misit me annunciantem et premonentem. Item

\* \* \*

de] ex C C<sup>1</sup> B/ Cozay] Eozay R; Cogay (correctus in Cozay in marg.) B Cozar P/ eos de hoc] utrum Ed. //2 utinam] utrum O B B<sup>1</sup>; om. Ed./ aut] uel O/ et<sup>1</sup>] om. Ed. //3 quod] que R/ petimus] petiuimus O/ tibi] om. C C<sup>1</sup>/ et...dicis] om. O //4 eis] ei R; om. C B B<sup>1</sup>/ missus] missum R; om. C C<sup>1</sup>/ cum...miraculis] ut faciat miracula/ hoc] hic C C<sup>1</sup>/ cum om. O //5 ex quo] quia Ed./ hoc] add. tu B B<sup>1</sup> Ed. //6 quod] et C C<sup>1</sup>; et sic B B<sup>1</sup>; ut Ed./ tecum] tibi C/ ostendat] ostendet O; ostendit B/ esse] om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ hoc quod] his que Ed. //7 respondeat] respondat O/ nobis pro te] pro te nobis C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ Et] om. Ed./ pete] add. a C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.; add. eciam ed/ quod] ut B B<sup>1</sup> Ed./ palacia] pallacia B Ed./ thesauros] thesaurus B<sup>1</sup> //8 et<sup>1</sup>] om. R/ de hoc] in eo Ed./ uidimus] uidemus C; uolumus a Ed./ enim] autem C/ per fora] perfora R; per foras B; per fera Ed. //9 sic] om. C C<sup>1</sup> //9-10 sicut...dicis] om. Ed./ sicut...tuum] om. B B<sup>1</sup> //10 Deum tuum] Dominum tuum O; tr. C C<sup>1</sup> //11 istud non faciam] istud R; illud non faciam B B<sup>1</sup>/ ego] om. C //12 uobis missus] tr. C/ ad hoc] adhuc Ed./ Sed] Si C/ misit] misit R/ annunciantem] annunciantem B/ premonentem] premonete B



um deles seja Cozay, porque foi um ancião verdadeiro. E perguntar-lhes: "Se disserdes que tu és veraz e fizeres o que pedimos, acreditaremos em ti e saberemos que Deus te enviou, como dizes". Respondeu-lhes Maomé: "não fui enviado a vós com isso, isto é, com milagres. Igualmente lhe disseram: "já que não fazes isto, aceita-te a ti próprio e pede ao Senhor teu Deus que te mande um anjo a provar que és verdadeiro naquilo que dizes e a responder-nos por ti. Pede ao teu Deus que te dê palácios e tesouros de ouro e prata e assim falar-te-á do que te vimos pedir. Tu, porém, irás adquirir o alimento como nós e assim conheceremos a graça e dignidade que tens diante do teu Deus, se és mensageiro, como dizes". Respondeu-lhes Maomé: "Não farei isso nem o pedirei ao Senhor meu Deus; não vos fui enviado para isso. Deus enviou-me a anunciar e a pre-dizer. Item

dixerunt ei: O Machomete, nunquid non sciebat Dominus Deus tuus, quod nos sedere-  
mus tecum, et interrogaremus te, et peteremus quod petuimus? Quare ipse Deus non  
preuenit te, et docuit te, quod responderes nobis, et nunciaret tibi quid faceret  
de nobis, ex quo non recedebamus a te illud, cum quo uenisti ad nos? Iam peruenit  
5 ad nos, quod quidam homo de Yamenia, qui dicitur Rahmem, docet te hoc, scilicet quod  
dicis, et nos per Deum nunquam credemus illi ~~Rahmem~~. Tunc recessit Machometus tristis  
rediens ad suos.

Item in Alcorano, in tractatu Ascensus, dicitur quod Arabes pecierunt a Macho-  
meto similia, et addiderunt dicentes ei, quod faceret celum cadere super eos, ut di-  
10 xerat se facturum. Et tandem respondit, quod ipse non erat nisi homo nuncius, quasi  
diceret: "non possum facere, quod petitis".

Item dicitur in libro, qui uocatur Bohari, in tractatu Fidei, quod Machometus  
dixit: non fuit aliquis propheta, cui non fuit datum facere miracula. Propter quod  
homines credebant ei. Sed illud, quod michi datum est, fuit inspiracio, quam Deus

\* \* \*

ei]sibi O B B<sup>1</sup>; igitur C C<sup>1</sup>; illi Ed/Machomete]add. hoc R/Dominus]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed//1-2 sederemus]  
sedemus O //2 interrogaremus]interrogamus Ed./ te]om. R; a te O/ et peteremus]pe-  
teremusque Ed./ quod]et O/ petuimus]petimus B //3 quod]qui O B Ed. //4 quod]qui  
O C/ ex quo]ideo quia Ed./ a]om. B<sup>1</sup>/ illud]B B<sup>1</sup> Ed. //4-5 Iam...nos]om. O; //4 Iam]  
item B B<sup>1</sup> Ed. //5 ad nos]ad aures nostras Ed./ Yamenia]Ynema R; Ymenia O; Hyamenia  
B B<sup>1</sup>; Armenia Ed. P/ Rahmem]Rahinet C C<sup>1</sup> Ed.; Rahynen B B<sup>1</sup>; Ramen P/ docet]decet O  
//6 credemus]credimus C/ Rahmem]Rahme R O; Rahynet C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>; Rahymen B Rahinet Ed.  
//8 Ascensus]Ascensas R; Assensus C C<sup>1</sup>; Ascenssus B //8-9 Machometo]iter. meto C  
//9 quod]ut Ed./ ut]non O //9-10 dixerat]dixeram R //10 Et]om. Ed./ erat]esset Ed./  
nisi]missus R/ homo]om. B<sup>1</sup> //12 qui uocatur]dicitur C; om. Ed./ Bohari]Bohari R O;  
Bohary C C<sup>1</sup>; Boari Ed. //13 dixit]Dei B/ Non]om. R/ fuit]fuisse Ed.; C/ aliquis]  
aliquem R Ed.; ante quis C C<sup>1</sup>/ propheta]prophetam Ed./ cui]cum C/ non fuit]sit non  
B non sit O C Ed.; scit C<sup>1</sup>/ miracula]iter. R/ quod]om. R B B<sup>1</sup>; que Ed.; //14 cre-  
debant]crederent B/ ei]eis B/ illud]aliud C C<sup>1</sup>

lhe disseram: "Ó Maomé, não sabia porventura o Senhor teu Deus que nós nos sentaríamos contigo, te interrogaríamos e pediríamos o que pedimos? Porque razão não te preveniu e ensinou o que havias de responder, e não te anunciou o que faria de nós, já que não receberíamos de ti aquilo com que vieste até nós? Já ouvimos dizer que é um certo homem de Yamnia, chamado Rahmem<sup>(1)</sup>, quem te ensina o que dizes. Ora nós, por Deus, nunca acreditaremos naquele Rahmem". Então Maomé afastou-se triste e voltou para os seus.

Item, se diz no *Corão*, no tratado da *Ascensão*<sup>(2)</sup>, que os árabes pediram tais coisas a Maomé e acrescentaram dizendo-lhe que fizesse cair o céu sobre eles, como dissera que havia de fazer<sup>(3)</sup>. Finalmente respondeu que não passava de um mensageiro<sup>(4)</sup>, como se dissesse: "não posso fazer o que pedis".

Item, se diz no livro *Buhārī*<sup>(5)</sup>, no tratado da *Fé*, que Maomé afirmou: "não existiu nenhum profeta a quem não tinha sido concedido fazer milagres. Por isso acreditavam neles os homens. A mim, porém, foi-me dada a inspiração que Deus

(1) Não é fácil precisar quem era Rahmem de Yamnia, que terá instruído Maomé. A imprecisão é assinalada pelo próprio texto, que lhe chama "quidam homo" e pelos copistas medievais, que hesitam entre Rahmem, Rahinet (CC', Ed.), Rahynen (BB'), Ramen (P). O mesmo se diga de Yamnia, que os *ms* chamam Yamenia (C), Ymena (R), Ymenia (O), Hyamenia (BB') Armenia (P). Nós cremos ser Yamnia, o nome bíblico da Yabné do A.T. (no hebraico Yabné, na Vg. Yamnia). Trata-se da cidade mediterrânica situada a meio caminho entre Jaffa e Asquelôn, que Jos. atribuía Judá mas que só foi conquistada aos filisteus pelo rei Azaria (769-738 a.c., cf. II Par. 26,6).

Na época helenística, no ano 142 a.c., Yamnia foi dominada por Judas Macabeu (I Mac. 4,15 e 5,58; II Mac. 12,8) e, posteriormente por Alexandre Yanneo. Conquistada por Pompeu em 63 a.c., foi incorporada à província romana da Síria. Depois da destruição de Jerusalém (70 d.c.), a cidade foi residência do sanedrín e tornou-se um centro espiritual do judaísmo até 135. Tinha uma célebre escola rabínica, onde foi fixado o canon do A.T.

É possível que o A.queira consignar aqui uma tradição paralela à do monge cristão que instruiu Maomé: o Bahīrā das fontes árabes e cristãs ocidentais; o monge ariano de S. João Damasceno; o Sergius das fontes gregas: o Maurus de S. Pedro Pascual; o Sofius de Vitry; o Joannes, de Lucas de Tuy.

(2) Co. 17,92-96.

(3) alusão a Co. 52,44;

(4) cf. Co. 17-95.

(5) Bu. 116,1; cf. Co. 92-95; Sir. 188-189.

*inspiravit michi.* Ubi expresse innuit quod non erat sibi datum facere miracula. Per ea que superius tacta sunt, manifestum est, quod Machometus nunquam fecit miracula.

Si autem aliquis dicat, quod ad nutum eius et preceptum Luna fidit se, et quod una pars cecidit super unum montem, et alia super alium, uel quod una pars intrauit per unam manicam ipsius, et alia per aliam, sicut fabulose asserunt aliqui Sarraceni, potest racionabiliter responderi, quod dictum eius, eciam per Alchoranum non potest probari, cum in tractatu Lune, ubi agitur de hoc, de nutu uel precepto uel aliis supra dictis, nihil dicatur. Sed hoc solum, quod dies iudicii appropinquauit et Luna fidit se. Quod recte intelligenti, non potest aliud uideri, nisi quod hoc aliquando fieri deberet, fieret in die iudicii, quod innuitur, cum pretermittitur in auctoritate: *appropinquauit dies iudicii et postea sequitur Luna fidit se.* Quod cum nondum uenerit, constat quod nec Luna fissa est, nec miraculum factum. Et hunc

\* \* \*

quod...datum]sibi non datum *Ed.*/ erat]est *R* //2-3 Per...miracula]om. *R P*/ tacta]tractata *Ed.* //4 fidit se]findit se *C C<sup>1</sup>*; fidit seu diuisit ita *B*; fidit uel diuisit se *Ed.*/ et<sup>2</sup>]om. *R B* //5 super]supra *C C<sup>1</sup> B*/ unum montem]tr. *C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>*; montem *C Ed.*/ super]supra *B*;/ pars]om. *C* //6 aliam]alium *Ed.*/ aliqui]om. *Ed.* //7 quod]per *B*; et *Ed.*/ eius]eciam tr. *R*; est eciam *C C<sup>1</sup>* //8 ubi agitur]ubi uidetur (*corruptus in agitur in marg. B*); om. *Ed.*/ de nutu]nutu *C B Ed.*; de nutto *C<sup>1</sup>*/ aliis]aliquid *R* //9 supra-dictis]supra dictum/ nichil]nichi *R*; uel *O*/ quod]add. cum *Ed.*/ appropinquauit]appropinquauerit *R*; *Ed.* appropinquat *B<sup>1</sup>*;/ et]om. *Ed.* //10 fidit]findet *Ed.*/ se om. *R*/ Quod ut *B*/ aliud aliquid *O C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>*/ uideri *corruptus in uideri, in marg. B*/ quod]om. *C B*; add. si *C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>* //10-11 se...iudicii]om. *R* //11 fieri deberet, fieret]fieri deberet si eset *C<sup>1</sup>*; fiet *Ed.* //11-12 quod innuitur...iudicii]om. *C C<sup>1</sup>* (s.u. *C<sup>1</sup>* add. in marg.); iter. *R* //11 quod innuitur]om. *B*/ quod]et *C* //12 auctoritate]add. cum *Ed.*/ appropinquauit]appropinquauerit *Ed.*/ sequitur]subsequitur et *O C C<sup>1</sup>*; sequitur et *B* //12-13 fidit...Luna]om. *R* //12 fidit]findet *Ed.* //13 uenerit]ueniret *C*; uenit *Ed.*/ nec]neque *O*/ fissa]fisa *R C C<sup>1</sup>*; fixa *O*/ est]sit *Ed.*/ nec miraculum]iter. *C<sup>1</sup>*/ miraculum factum]tr. *Ed.*/ Et]om. *Ed.*

me concedeu". Aí indica expressamente que não lhe tinha sido dado fazer milagres. Conclui-se daquilo que, acima foi dito, que Maomé nunca fez milagres.

Contudo se alguém<sup>(1)</sup> disser que à sua ordem e preceito a Lua se fendeu e que uma parte caiu sobre um monte e outra sobre outro, ou que uma parte entrou por uma manga e outra por outra, como afirmam ingenuamente alguns sarracenos, podemos responder racionalmente que essa afirmação não pode provar-se, nem mesmo pelo Corão, já que no tratado da Lua<sup>(2)</sup>, em que se trata disto, não fala da ordem ou preceito, nem das outras coisas acima mencionados. Apenas se diz que se aproximou o dia do juízo e a Lua se fendeu. Ao que compreende rectamente não pode parecer outra coisa de que, se alguma vez acontecesse, aconteceria no dia do juízo. Isto é sugerido pelo facto de se omitir na <seguinte> autoridade: "aproximou-se o dia do juízo" e acrescenta a seguir: "a Lua fendeu-se"<sup>(3)</sup>. Como isto ainda não aconteceu, consta que nem a Lua se fendeu, nem o milagre foi feito. Caali,<sup>(4)</sup> glossador do Corão no lugar citado aprova e confirma esta

(1) Cf. Bu. 63,36; Ib. 61-27; 64,1,1; Mus. 180-903.

(2) Co. 54,1. O ponto de partida da atribuição deste milagre a Maomé é a tradição islâmica do *chaqq al-qamar*, a fenda da Lua (Co. 54,1), que remonta aos primeiros tempos. No Ocidente, encontramos ecos dessa tradição na *Lenda Aurea*, em Godofredo de Viterbo, em Vitry e outros autores.

(3) *Ib.*, l.c. O A dá-nos conta aqui da dupla interpretação islâmica de Co. 54,1. Para uns, trata-se simplesmente do anúncio da cisão da Lua como sinal da proximidade do Dia do Juízo. A utilização gramatical do passado "fendeu-se" não passa de um preciosismo profético para indicar o futuro. Para outros, que o A enfrenta neste texto, trata-se de um milagre que Maomé teria feito para se creditar como profeta.

Cf. L. MARRACCI, *Refutatio Alcorani*, II, pp. 689-690.

(4) Apesar de muitas consultas feitas, pessoalmente e através de conceituados islamólogos, não consegui identificar esta fonte.

sensum approbat et confirmat Caali, glossator Alcorani super predictum locum. Hoc etiam evidenter reprobatur Aliquidius duplici ratione:

Una ratio est, quod cum Luna, secundum philosophos, sit multum maior terra, et etiam legatur Machometum dixisse, quod est occies maior terra, impossibile et incredibile est, quod una pars ceciderit super unum montem, qui est minima pars terre, et alia super alium montem. Et multo magis impossibile et incredibile est, quod una pars intrauit per unam manicam Machometi, et alia pars per aliam.

Alia ratio est, quia cum Luna sit manifesta toti mundo, utpote que ab omnibus uiuentibus uidetur, et totum mundum illuminat et habitantes in eo; si talis diuisio Lune aliquando contigisset, fuisset tam magnum factum manifestum omnibus gentibus, et multi, maxime astronomi, tam nouum et tam mirabile factum redigissent in scriptis. Et insuper comuni relatione ac memoria hominum sibi per generationes succedentium, ad nostri temporis noticiam peruenisset, sicut factum est de diluuiio, et multis aliis factis que, contingerunt in mundo, quod quidem non inuenitur in scriptis authenticis, nec commune relatione diuersarum gentium habetur.

\* \* \*

Caali]Cali R O; Cahali B Taali P/ predictum locum] tr. B B<sup>1</sup> //1-2 Hoc etiam] tr. O //2 Aliquidius] Alquidius R; Aliquidius O B<sup>1</sup> Alcuandius Ed. //3 ratio] om. B/ est] om. C/ quod]quia O C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>; om. B/ multum]multo O B B<sup>1</sup> Ed. //4 legatur] om. C C<sup>1</sup>; Machometum]Machometus Ed./ et etiam...terra] om. O //5 est] sit Ed.;/ maior]amplior B<sup>1</sup>/ terra] add. quod cum (tamen B<sup>1</sup> Ed.) supra (similiter B<sup>1</sup> Ed.) falsum est nam longe maior est terra B B<sup>1</sup> Ed. //4-5 impossibile et incredibile]impossibilis et incredibilis R //5 est quod]tr. O Ed./ super] supra B B<sup>1</sup>/ unum]alium C //5-6 ceciderit...super] om. C //5-7 ceciderit...intrauit] om. R //6 montem] om. B B<sup>1</sup>/ impossibile et incredibile]impossibile uel incredibile O; tr. B<sup>1</sup> //7 unam]unicam B<sup>1</sup>;/ pars] om. C C<sup>1</sup> //8 Alia]Secunda B/ quia]quod R; om. B/ sit manifesta] tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ toti]toto O/ utpote]potest que O/ que]om. C<sup>1</sup> //9 et]quod O/ illuminat]illuminet Ed./ si]om. R; et si B B<sup>1</sup> //9-10 diuisio]diem R //10 Lune]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ aliquando contigisset]tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ fuisset] om. B/ tam]add. magnum et Ed./ manifestum]manifestatum Ed.; add. fuisset B //11 multi et]multi R Ed./ astro nomi]astrologi C<sup>1</sup> P/ nouum et]nouum Ed. //11-12 redigissent in scriptis]tr. B Ed. (s.u. Ed. scripta) //12 Et]om. Ed./ communi]comuni R; omni O/ ac memoria]memoriam O; ad memoriam B B<sup>1</sup> //13 nostri]nostris O;/ temporis] om. R/ noticiam] om. R/ et] add. in O; add. de C C<sup>1</sup> //14 factis]aliis C/ contingerunt] contingunt R/ quod]que Ed./ non inuenitur]nec inuenientur R; inueniuntur Ed. //15 nec]et B B<sup>1</sup>; sed Ed./ commu ni]commune O/ gentium]add. hoc O C<sup>1</sup>; add. nota Ed./ habetur]habentur Ed.

interpretação. Al-Kindī<sup>(1)</sup> se reprovava também claramente isto por duas razões:

A primeira razão é que, como a Lua é muito maior do que a Terra, segundo os filósofos, e até se lê que Maomé disse que é oito vezes maior<sup>(2)</sup>, é impossível e inacreditável que uma parte tenha caído sobre um monte, que é uma parte mínima da Terra, e a outra sobre outro monte. É ainda muito mais impossível e inacreditável que uma parte tenha entrado por uma manga de Maomé e a outra pela autor.

A segunda razão é que, como a Lua se manifesta a todo o mundo, porque é vista por todos os vivos e ilumina todo o mundo e seus habitantes, se tal divisão alguma vez, acontecesse, seria um evento tão grande e evidente a todas as gentes, que muitos, principalmente os astrónomos, consignariam por escrito tão novo, como insólito acontecimento. Além disso, de geração em geração, chegaria ao conhecimento do nosso tempo, através da memória e do relato comum dos homens, tal como se deu com o dilúvio e com muitos outros factos que aconteceram no mundo, e que não se encontram nos escritos autênticos, nem constam do relato comum dos vários povos.

(1) Depois de esgotadas todas as hipóteses de solução pessoal do problema, foram muitas as consultas feitas oralmente e por escrito a pessoas de reconhecido mérito científico internacional sobre a identificação da obra em que al-Kindī poderia ter tratado desta maneira o tema. J. Jolivet fez-me saber a sua opinião e a de outros especialistas que afirmam que este tema não foi tratado em nenhuma das obras conhecidas do filósofo al-Kindī (carta de 22.06.82). Com R. Morelon, também eu penso que o filósofo turquestanês não poderia ter defendido a hipótese de a Lua ser maior do que a terra. Igualmente o cristão al-Kindī autor da célebre Rissāla do "corpus cluniacensis" não traz este argumento nem o seguinte, o da "crebra fama", tão do gosto de R. Martí. Há uma obra anónima em que o autor do TCM certamente se inspirou e que desenvolve, precisamente, as duas razões atribuídas a al-Kindī. Trata-se da CE (ffl. 251v-252v). Somos, portanto, de opinião que em vez de al-Kindī (neste caso o al-Kindī cristão que influíu também no TCM) deve tratar-se do autor anónimo da CE. Isto não exclui totalmente a hipótese de o autor do TCM, ao citar al-Kindī pensar na fonte comum a Viterbo, Paris e Vitry, isto é na Apologia Síriaca que atribuiu a al-Kindī, em virtude das semelhanças com a Rissāla? É uma hipótese provável. Para já fique isto como certo: o A conheceu a *Contrarietas*, onde encontrou, tal como Ricoldo (*Itin.*) o material desta argumentação.

(2) A CE diz: "Abbas dixit: Audiui Machometum dicere quod decem et octo uicibus Luna maior est universo" (fl. 242<sup>v</sup>).

SEQUITUR DE FEDITATE ET IMMUNDICIA LEGUM MACHOMETI

Sequitur de quarto, quod debet habere propheta, qui uenit cum lege, scilicet quod lex quam offert sit sancta et bona, ut supra dictum est. Ostendetur autem hic per libros ipsius, quod lex quam tradidit non fuit talis, sed potius immunda, 5 nociua et mala, et per consequens, nec fuit a Deo auctore, nec a nuncio uel propheta ipsius, quod manifeste patet per leges quas tradidit, ut in sequentibus continetur. Sunt autem iste leges ipsius.

*Lex super matrimonio et mulieribus.*

Dixit in Alcorano, in tractatu Mulierum, in principio: *contrahatis matrimonium cum mulieribus que placebunt uobis, et possunt esse binae et trinae et quaterne, et si timueritis quod non potestis omnibus sufficere equaliter, ducite unam, aut habeatis de mulieribus que possedit dextera uestra.*

\* \* \*

*Inscriptio om. R O C C<sup>1</sup>; Sequitur de feditate et immundicia legum Machometi B B<sup>1</sup> //2 Sequitur] om. Ed./ habere] esse R //2-3 scilicet quod] ut Ed. //3 offert] affert O; effert B; afferunt B/ sancta et bona] ~~ta~~ R/ ut] sicut C C<sup>1</sup>/ supra] in principio B B<sup>1</sup> Ed./ supra dictum est] dictum est supra O //4 hic hoc R/ ipsius eius C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ quam] add. ipse B //5 et] om. O/ et per consequens] ideoque Ed./ nec] non C C<sup>1</sup>/ auctore] accione C C<sup>1</sup>; uel eius auctoritate B B<sup>1</sup> Ed. //6 patet] a paret B<sup>1</sup>; apparet Ed. //7 iste] hec R //8 Inscriptioes decem legum Machometi ab earum enumeratione praecessae sunt (prima lex; secunda...) in R/ Matrimonio] Machometo O //9 Dixit:] dicitur C C<sup>1</sup>/ contrahatis] contrahitur O; contrahatur C B Ed. contrahat B<sup>1</sup> //9-10 ma trimonium] quantum O //10 uobis] om. C C<sup>1</sup>/ et trine] et terne C<sup>1</sup> B Ed. P; trine B B<sup>1</sup>/ et<sup>3</sup>] uel B //11 et] om. Ed./ sufficere] satisffacere R //12 mulieribus] add. quas placebunt uobis O/ que] quod R O/ possedit] possidet Ed./ dextera uestra] terra uestra Ed.*



## FEALDADE E IMPUNDÍCIA DAS LEIS DE MAOMÉ (1)

Segue o quarto < sinal > que deve ter o profeta que traz consigo a lei, isto é, a lei deve ser santa e boa, como já se disse. Aqui proveremos, pelos livros de Maomé, que a lei que deixou não é assim, mas antes imunda, nociva e má e, conseqüentemente, não tem Deus como autor, nem o seu mensageiro ou profeta, o que é óbvio pelas leis que deixou, como se depreende do que segue. São estas as suas leis:

### *Lei sobre o matrimônio e as mulheres* (2)

Diz-se no *Corão*, no tratado das *Mulheres*, no principio (3): "contraireis matrimônio com as mulheres que vos agradarem; podem ser duas, três ou quatro; se receardes não poderdes sustentá-las todas equitativamente, tomai uma ou conservai das mulheres que possui a vossa mão direita.

(1) Neste capítulo, o autor, dentro da boa tradição cluniacense, considera o *Corão* como uma lei ou conjunto de leis, entendendo por isto quer a lei, no sentido próprio da palavra, quer a inspiração ou doutrina, no aspecto mais teológico que jurídico. Este sentido tinha já sido definido por outros autores e pelo próprio Martí.

Em relação à lei islâmica, o autor é solidário com todos os autores cristãos medievais não discute a hipótese de aquela ser uma alternativa à lei cristã. Esta é sempre o ponto de partida e de referência. A lei muçulmana ou destrói ou reforça a lei cristã. Em todo o caso, não chega ao ponto bastante generalizado de querer ver em tudo aquilo que há de bom no islamismo como que uma imitação ou sobrevivência da doutrina e moral cristãs o que, aliás, é coerente com o facto de que aquele é considerado uma religião autónoma e não uma heresia ou deformação do cristianismo.

(2) Reside na concepção do matrimônio um dos maiores pontos de discórdia a separar cristãos e muçulmanos. Para os primeiros, o matrimônio é essencialmente monogâmico; para os segundos, pode ser poligâmico.

(3) *Co.* 4,3.

Hoc est, quod haberent de ancillis concubinas, que possent emere uel habere. Et secundum hanc legem, quilibet Sarracenus potest habere quatuor uxores et unam concubinam, uel X uel C uel mille, uel amplius; si potuerit et uoluerit. Hanc autem legem constat esse falsam, cum nullus possit habere simul plures uxores, sed unam tantum. Deus enim institutor matrimonii, in principio mundi non concessit Ade nisi unam. Et si uoluntas eius fuisset, quod homo aliquando plures posset habere, uideatur quod ei concessisset plures, pro eo quod cum solus esset, maior erat necessitas, quod per usum plurium uxorū multiplicaretur genus humanum. Patet etiam eiusdem legis iniquitas, in hoc quod concedit adulterium et fornicationem, in eo quod dixit, quod quilibet possit habere preter uxores, plures concubinas, ut supra ostendū est. Quod quidem est contra preceptum diuinum, et contra naturalem rationem.

\* \* \*

Hoc]hec O/ quod]ut Ed./ haberent]haberet R om. Ed./ que]add. tu R; quod O C B; quot B<sup>1</sup> Ed.; quas P/ emere uel habere]emere et habere C C<sup>1</sup>; emere uel alere Ed./ Et]om. Ed. //2 quilibet]quibus C //2-3 unam concubinam]concubinas Ed. //3 uel mille]mille C; 1000 B<sup>1</sup>; X uel 100.000 C<sup>1</sup>; om. P/ et]uel R/ uoluerit]add. ipsas tenere O/ autem]om. R //4 legem]legent B/ falsam]falsa O/ habere simul]tr. B<sup>1</sup> Ed. //5 Deus]Dominus C<sup>1</sup>/ enim]om. R //6 unam]add. tantum C<sup>1</sup>/ quod]ut Ed.; add. quilibet O/ plures posset habere]add. uxores R B<sup>1</sup>; habere posset plures C C<sup>1</sup>; posset habere plures B B<sup>1</sup>; plures habere Ed. //7 pro eo]ideo Ed. //7-8 erat necessitas]tr. R; esset necessitas C //8 quod]ut Ed./ plurium uxorū]plurium R; plurium uxores O; plurium uxori C<sup>1</sup>; plurimarum uxorū Ed./ etiam]om. B B<sup>1</sup> //8-9 eiusdem]om. R //9 in hoc]om. C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed.; esse B //9-10 quod dixit]quod dicit O C C<sup>1</sup> Ed.; om. B B<sup>1</sup> //10 quilibet]quili R; quemlibet Ed./ possit]posset B Ed./ ut]et R //10-11 ostensum]ostendum R //11 est<sup>1</sup>]om. O/ est<sup>2</sup>]om. B<sup>1</sup>/ diuinum preceptum]tr. R; add. est B.

Isto significa que, de entre as criadas, tivessem as concubinas que pudessem comprar ou manter. Segundo esta lei, é lícita a cada sarraceno que possa e queira ter quatro mulheres e uma concubina, ou dez, ou cem, ou mil, ou mais.<sup>(1)</sup> É evidente que esta lei é falsa, pois ninguém pode ter simultaneamente várias mulheres, mas uma só. Com efeito, no princípio do mundo, Deus, autor do matrimônio, apenas uma a Adão. É óbvio que, se fosse sua vontade que o homem pudesse ter, eventualmente, várias, lhas teria concedido. Com efeito, porque ele era só, maior era a necessidade de multiplicar o gênero humano mediante o uso de várias mulheres. Manifesta-se ainda a iniquidade desta lei no facto de favorecer o adultério e a fornicação, na medida em que disse que cada um poderia ter, além das esposas, vários concubinas, como acima se viu.<sup>(2)</sup> Ora isto vai, contra o preceito divino e contra a razão natural.

- (1) Segundo alguns autores medievais, Maomé teria legalizado não só a poligamia como também a poliandria. Assim, A. du Pont, para quem cada homem podia ter dez esposas e cada mulher dez maridos ("Et de bestes oblations, et c'une femme ait x barons et que x femmes ait uns hons", *Li Romans de Mahon*, vv 165-167).
- (2) A mesma razão porque o Autor diz que a poligamia e o concubinato favorecem o adultério e a fornicação, serve a Verona para dizer que para o islamismo, aqueles são uma alternativa a estes (cf. N. DANIEL, *o.c.* p. 137).

*Lex super repudio.*

In Alchorano, in tractatu Uacce: *repudium uxorum uestrarum licet uobis bis et infra. Et si aliquis repudiauerit uxorem suam tercio, non licet ei reducere eam quousque uxor cognoscatur ab alio uiro. Secundum hanc legem, Sarracenus potest dimittere uxorem uel uxores suas sine omni causa et ratione legitima, quodcumque uult. Quod quam inconueniens sit et iniquum, patet ex hoc, quod est manifeste contra mandatum diuinum, contra legem naturalem et contra rationem. Per quam uir et uxor non ad imparia iudicantur, quantum ad matrimonium, et quod licet uiro debet licere uxori cum, quantum ad legem matrimonii, non sit ancilla uel subiecta, sed potius equalis et socia. Et insuper propter sui sexus fragilitatem, et in culpis et in penis, cum eis melius est agendum, quod secundum legem predictam Sarraceni non faciunt, sed potius totum contrarium.*

*Lex cognoscendi mulieres.*

Dixit in Alchorano, in tractatu Uacce: *mulieres uestre sunt aracio uestra; ergo intrate aracionem uestram quocumque modo uolueristis. Ubi dicit Glosator*

\* \* \*

Uacce]Uace O; Faxe B/ repudium]repudio (?) C/ bis]om. B B<sup>1</sup> Ed. //3 Et] om. O Ed./ aliquis]quis R/ repudiauerit]repudiauit B B<sup>1</sup> O C; repudiat B/reducere]ducere B B<sup>1</sup> //4 uiro]add. et B B<sup>1</sup>/ Secundum]set O //5 uel]suam siue R/ suas]om. C //6 quam] quantum C C<sup>1</sup>/ quod<sup>2</sup>]om. O; quia B B<sup>1</sup> //7 diuinum]add. et C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ Quum]Per quam R; Quoniam Ed. //8 non]add. tam Ed./ ad imparia]adinpar O; ad imperia Ed./ iudicantur]coniunguntur Ed./ matrimonium]contrarium O/ licet uiro]tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>. Ed. //9 matrimonii]contrarii O/ sed]uel O //10 et<sup>1</sup>]uel B B<sup>1</sup> Ed./ Et<sup>2</sup>]om. Ed./ sui] om. Ed./ et<sup>3</sup>] om. O //11 eis] eius O/ secundum]si O/ Sarraceni]Sarracenorum R; //14 Uacce]Uace O; Uaxe B/ aracio]oracio R C //15 aracionem]denocionem R; racionem O; oracionem C C<sup>1</sup>/ uolueritis]uoluerit C add. licebat B B<sup>1</sup>/ Ubi]Ibi B B<sup>1</sup>/ Glo sator]glossarius Ed.; glosa P.

*Lei sobre o repúdio*

< Diz-se > no *Corão*, no tratado da *Vaca*<sup>(1)</sup>: "é-vos lícito o repúdio das mulheres duas vezes. Se valguem repudiar três vezes a sua mulher, não lhe é lícito retomá-la, até que ela seja conhecida por outro homem". Segundo esta lei, o sarraceno pode abandonar quando quiser a esposa ou esposas, mesmo sem legítima causa e razão. Quanto isto é inconveniente e iníquo, vê-se pelo facto de que é manifestamente contra o mandamento divino, contra a lei natural e contra a razão. O homem e a mulher não são julgados discriminadamente pela razão, no respeitante ao matrimónio. Aquilo que é lícito ao homem deve ser lícito à mulher, já que, neste campo não é escrava ou subalterna, mas antes igual e companheira. Além disso, por causa da fragilidade do seu sexo, deve agir-se mais docemente com elas, não só em relação às culpas como também em relação às penas. Segundo tal lei, os sarracenos não fazem assim, mas, precisamente, o contrário.<sup>(2)</sup>

*Lei sobre o "conhecimento" das mulheres.*

< Maomé > disse no *Corão*, no tratado da *Vaca*<sup>(3)</sup>: "as mulheres são a vossa lavra; entrai como quiserdes vossa lavra". O Glosador

(1) *Co.* 2, 229-230.

(2) É grande o paralelismo existente entre este texto e o da *Explanatio*. Em ambos o A. defende tenazmente a dignidade da mulher contra a condição a que é reduzida pela lei islâmica, apelando para a sua igualdade radical em relação ao homem (*socia... non ancilla*) e para a sua maior debilidade.

(3) *Co.* 2, 223.

Trata-se da prática muçulmana do *muhallil* (= licitador), tão chocante para quase todos os polemistas cristãos medievais do Ocidente, tal como o foi para os orientais, desde S. João Damasceno, a propósito do adultério de Maomé (*De Haer.*, PG, 94, col. 769). Consistia no facto de um segundo homem esposar a mulher repudiada para de novo repudiar, como condição para aquela poder regressar para o primeiro marido.

Autores há que, como Pedro Afonso se limitam a citar a lei do repúdio; outros, como Ricoldo e Lulo, para impressionar os leitores, chegam a descrever realisticamente o mecanismo e as condições em que o processo sexual com o segundo marido se deve realizar para que seja legítimo o regresso da mulher para o primeiro. Outros ainda, na sequência de Alano de Lille (ed. d'Alverny, pp. 340-341) e Marcos de Toledo (e.c. p. 266) no Ocidente, referem-se directamente ao *tahlil*, sem descrever a obscenidade. Situa-se neste grupo mais discreto R. Martí, que tem uma atitude idêntica no *TCM* e na *Exp.* (491, 10-14).

Por outro lado, o emprego eufemista e pejorativo do verbo "conhecer" desligado do vínculo matrimonial admitido por outros autores, visa nitidamente ampliar o escândalo dos leitores.

Sarracenorum, expositor Alchorani, super istud uerbum: *quocunque modo, id est, ante et retro*. Hanc autem detestabilem turpitudinem et inordinacionem, homo sani intellectus manifeste intelligit esse contra Deum et contra rationem.

**Primo**, quia uidetur quasi blasphemia quod Deus, qui est summa mundicia, detestatur de talibus immundiciis instructionem aliquam seu doctrinam, cum et ipsa bruta animalia talia faciunt ordinate, sine aliqua instructione.

**Secundo**, quia Deus fecit omnia in ordine. Unde, consequens est, quod talis inordinacio nunquam de uoluntate sua processit.

**Tercio**, quia lex nature indita, hoc detestatur et prohibet, quod patet etiam in brutis animalibus, que non paciuntur talem inordinacionem.

**Quarto**, quia secundum hoc, uel conceditur illud detestabile uicium, propter quod ira Dei uenit in filios dissidencie, uel est uia uel occasio ad perpetrandum illud.

\* \* \*

expositor]expositorum R O C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ istud uerbum]tr. R //2 autem]ad O/ detestabilem]add. consuetudinem C C<sup>1</sup>/ turpitudinem]torpitudinem B/ inordinacionem]ordinacionem R/ homo]honorosam O //3 contra]add. naturalem R/ rationem]add. multis argumentis Ed. //4 Primo]Primo in Ymmo correcte in marg. B/ quia]quod Ed./ quasi]ingens Ed./ blasphemia]blasffema R; blasfemia C/ det]debet R C<sup>1</sup>; et O; om. C dare P //5 et]eciam O B B<sup>1</sup>/ ipsa]om. Ed. //6 talia]om. R; add. non O/ faciunt]faciant C/ aliqua]alia R //7 in]om. Ed./ consequens]conueniens R; consequitur Ed./ est]om. Ed. //8 sua]Dei Ed. //9 indita]in dicta O; indicat C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed.; om. B/ hoc]add. et Ed./ patet]apparet Ed./ eciam]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //10 brutis]add. eciam B B<sup>1</sup> Ed. //11 quia]quod Ed./ secundum]om. C C<sup>1</sup>/ uel]om. Ed./ uicium]uicim B //12 dissidencie]diffidencie RP/est]el O/ uia]ulla O/ uel]om. O/ perpetrandum]petrandum O //13 illud]ustud O

dos sarracenos, *Comentador do Corão*, (1), diz nesse lugar, acerca da palavra «como»: "isto é, por diante e por trás". O homem de inteligência sã vê claramente que esta detestável torpeza e desordem é contra Deus e contra a razão.

Primeiramente, porque parece quase uma blasfêmia que Deus, que é a suma pureza, dê alguma ordem ou doutrina acerca de tais imundícies, quando os próprios animais, sem qualquer ordem, fazem tais coisas ordenadamente.

Em segundo lugar, porque Deus fez tudo com ordem. Portanto, é lógico que tal desordem nunca proceda da Sua vontade,

Em terceiro lugar, porque a lei imposta à natureza detesta e proíbe isto, tal como se verifica também nos irracionais, que não sofrem tal desordem.

Em quarto lugar, porque, de acordo com isto, ou se permite aquele vício detestável, por causa do qual a ira de Deus caiu sobre os filhos da dissidência, ou se abre caminho ou ocasião para o praticar.

(1) É difícil identificar o Comentador do Corão aqui citado. As quatro páginas de Fahr ad Dīn al-Razī são muito redistasecom precisões pouco normais. A tradução "quocunque modo" é já indicadora clara do laxismo. Mas a expressão "ante et retro" é interpretada exclusivamente como sinônimo de anormalidade moral, quando é certo que alguns comentadores falam da possibilidade de ela nada envolver contra a natureza. Essa expressão refere-se apenas à posição e não ao local. O próprio Razī diz que a maioria dos comentadores aceita esta interpretação mais benigna, que não contraria a fecundidade. Esta interpretação coaduna-se, aliás, com a imagem da lavra ou campo cultivado, capaz de produzir fruto. O nosso A. seguiu a opinião da maioria ou tomou apenas uma parte daquilo que Razī ou outro Comentador afirmou, tal como citou apenas a parte negativa do versículo corânico que diz: "As vossas mulheres são o vosso campo. Ide ao vosso campo como quiserdes mas fazei-vos preceder. Temei a Deus e sabei que o encontrareis. Recompensai os crentes" (Co. 2,223). Além disso, esta interpretação contradiz abertamente o vers. anterior do Corão que diz que a "abordagem" deve ser "como Deus vos ordenou" (*Ib.*, 222).

O TCM é representativo, nesta passagem, da interpretação ocidental mais desfavorável à moral islâmica, interpretação muito próxima da de S. Pedro Pascoal, que também invoca o "Glossarius" e para quem o versículo 223 era uma resposta de Maomé a um homem que lhe perguntara "utrum liceret eis cum uxori-bus coire quomocunque placuerit, relicta concipiendi seu pariendi natura" (cf. NORMAN DANIEL, *o.c.*, pp. 141, 320-321; J. JOMIER, carta de 2/08/82).

Sabemos que, na Hispânia, a escola *malikita* dava cobertura jurídica a interpretações laxistas da moral islâmica. Delas se faz eco Pedro de Poitiers quando, ao enviar ao seu abade, Pedro Venerável, as informações que haviam de o ajudar a escrever uma refutação do islamismo, justifica a utilização de elementos obscenos, já que eles se encontram no Corão e, segundo Pedro de Toledo e Roberto Ketton, os muçulmanos de al-Andalus os vivem como sendo a lei de Maomé: "Capitulum etiam quod est ibi de uxori-bus turpiter abutendis (Lib. II, cap. VI), non nos ullo modo scandalizat, quia uere ita est in Alchorano, et sicut ego in Hispania pro certo, et a Petro Toletano, cuius in transferendo socius eram, et a Roberto Pampilonensi nunc archidiacono audiui, omnes Sarraceni hoc licenter quasi ex praecepto Mahumet faciunt" ed. KRITZECK, p. 215. O referido capítulo VI transcreve a passagem corânica. "O uiri, mulieres uobis subiectas, ex quaecumque parte placuerit perarate" (*Ib.*, p. 217), e o ms. do Arsenal comenta: "id est, in uulua uel in ano"

É natural que o A. conhecesse estes dados e os aproveitasse para a sua crítica à moral Islâmica, visando assim contribuir para a moralização dos muçulmanos e a prevenção dos cristãos.

Quinto, quia per istam inordinacionem potest impediri fructus prolis, qui est unum de maximis bonis matrimonii, et propter quod primo et principaliter fuit matrimonium institutum.

*Lex super conductionem mulierum.*

5 Dicitur in libro qui uocatur Muzlim, quod Machometus concessit et licenciauit suis, quod possent conducere mulieres ad cognoscendas eas, usque ad certum terminum, et tunc ipsas dimittere pro uoluntate sua. Et ista lex durauit tempore uite sue, nec in morte reuocauit eam. Cuius legis inmundicia, quod manifeste est contra mandatum Dei, et contra Reipublice utilitatem, non indiget speciali reprobacione a-  
10 pud homines ueri nominis.

*Lex de effusione seminis extra uas debitum.*

Concessit et licenciauit suis quod possent iacere cum mulieribus sic, quod effunderent semen extra uas debitum. Et super hoc, sunt multe ystorie et dicta

\* \* \*

quia]om. R/ inordinacionem]ordinacionem O/ potest impediri]potest...institutum  
frustari, tubari et impediri R; potest impedire B<sup>1</sup>; impeditur Ed./ fructus]fruc-  
tibus O/ qui]quod R //2 et]om. B/ quod]hoc O C; quem C<sup>1</sup> Ed. //3 matrimonium]con-  
trarium O Institutum]add. frustrari et impediri R//4 conductione C C<sup>1</sup> Ed.//5 qui uocatur]om.  
Ed./Muzlim]Mulim R/licenciauit]add. ut O//5-6 quod Machometus concessit et licenciauit suis]  
Machometum licenter concessisse suis //6 suis] om. Ed./ possent]possint Ed./ con-  
ducere]adducere B B<sup>1</sup>/ mulieres]plures R/ cognoscendas]cognoscendum R O B B<sup>1</sup> //7i-  
psas]eas B/ Et]om. Ed. //8 nec]iterum Ed./ eam]eum C<sup>1</sup>/ cuius]cui C/ quod]quia O  
C C<sup>1</sup> Ed./ est]om. C C<sup>1</sup> //9-10 apud...nominis]om. B //10 homines] om. B<sup>1</sup> Ed./ nomi-  
nis]istudiosos Ed. //11 seminis]sexus C C<sup>1</sup> //12 et licenciauit]om. Ed./ suis]illis  
R/ iacere P]latere R; om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ mulieribus]add. uersari Ed./ quod]ut R  
Ed. //13 effunderent]exfuderent C<sup>1</sup>/ Et super hoc]De hoc Ed.



Em quinto lugar esta desordem pode impedir o fruto da prole, que é um dos maiores bens do matrimônio, através do qual este foi prioritária e fundamentalmente instituído.

*Lei sobre a contratação das mulheres.*

Diz-se no livro *Muslim*(1), que Maomé concedeu e permitiu aos seus que pudessem contratar as mulheres para as conhecer, até um certo limite, e que depois as abandonassem livremente. Ora esta lei perdurou durante a sua vida e não foi revogada à hora da morte.<sup>(2)</sup> A imundície desta lei, que é claramente contra o mandamento de Deus e contra a utilidade da nação, não necessita de uma condenação especial por parte dos homens dignos deste nome.

*Lei sobre a efusão do semen fora do recipiente próprio*

<Maomé> concedeu e permitiu aos seus que pudessem deitar-se com as mulheres de maneira tal que derramassem o semen fora do recipiente próprio. Nos livros *Muslim* e *Buhārī*<sup>(3)</sup> há muitas

(1) *Mus.* 141,3247.

(2) O A. trata aqui do *mut'ah* ou matrimônio temporário, tema pouco explorado pela literatura polémica cristã. A fundamentação a partir do Saḥīḥ de Muslim onde, efectivamente, se trata do *mut'ah*, no livro do casamento (*Ritāb al-Nikāh*, é muito mais clara do que a corânica proposta por Ricolto. A utilização equivocada do verbo "conhecer" desvirtua, no entanto o carácter legal do matrimônio "ad tempus", a que se refere a fonte, para induzir o leitor a pensar no concubinato. Em todo o caso, a análise é muito mais moderada e sensata do que a extrapolação ridicularizante a que Ricolto submete esta situação, confundindo-a, simplesmente com o concubinato com escravas (cf. RICOLTO, *Itin.*, XXII).

(3) *Mus.* 560,3371; cf. *Bu.* 76,96.

Machometi in libris qui uocantur Muzlim et Bohari, Quod cum manifeste sit contra legem diuinam et contra bonum praelis, non indiget alia reprobacione.

*Lex de modo comedendi.*

Dicitur in libro qui uocatur Muzlim, in tractatu Ciborum, quod Machometus mandauit suis quod lamberent digitos et parapsidem. Et dicitur alibi quod Machometus dixit: *quando comedit aliquis uestrum, non tergat manum suam, quousque lambat aut suggat eam, aut lambat eam sibi aliquis.* Et ipse Machometus lambebat manum suam, antequam ipsam tergeret. Hoc autem inmundum et bestiale ac ridicolosum est.

*Lex super rapinis.*

10 Dicitur in libro qui uocatur Bohari, quod Machometus dixit suis: *Deus concessit uobis rapinas.*

Item: *Deus licenciauit uobis rapinas. Uidit enim debilitatem nostram et defectum nostrum et licenciauit eas nobis.* Hoc est contra preceptum Dei et legem naturalem.

\* \* \*

qui uocantur]om. Ed./ Muzlim]Muslim R/ Bohari]Bochari R O; Boary C C<sup>1</sup>; Boari Ed.;  
contra om. B B<sup>1</sup> //2 alia] aliqua B //4 qui uocatur]om. Ed./ Muzlim]Muslim R  
//4-5 quod Machometus mandauit]Machometum mandasse Ed./ mandauit]mandat B<sup>1</sup> //5quod]  
ut Ed./ parapsidem]paropsidem Ed./ et]item Ed./ dicitur]dicunt O/ dicitur alibi]  
tr. Ed. //5-6 quod Machometus dixit]Machometum dixisse Ed. //6 comedit]comederet  
C; comederit C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ uestrum]om. C; nostrum non nostrum B<sup>1</sup>; add. de alieno  
Ed./ non...suam]manum suam non tergat C C<sup>1</sup>/ quousque]add. aut Ed. //6-7 aut sugat  
...lambat]om. C;tr. Ed./ aut lambat...aliquis]om. Ed. //7 lambat<sup>2</sup>]libat B<sup>1</sup>/ eam]  
om. R; eum C<sup>1</sup>/ et ipse]ipseque Ed./ suam]add. et O //8 antequam ipsam]tr. C/ terge-  
rent]intingeret Ed./ et]ac C<sup>1</sup>/ bestiale]bestialis R //10 qui uocatur]qui dicitur  
C C<sup>1</sup>; om. Ed./ Bohari]Bochari R O; Bohary C; Bahary C<sup>1</sup>; Boari Ed./ quod Machometus  
dixit]Machometum dixisse Ed. //12 licenciauit]permisit Ed./ uobis]nobis R C B<sup>1</sup>/  
debilitatem nostram]libertatem uestram C/ nostram]om. B<sup>1</sup> Ed. //13 nostrum]uestrum  
C Ed./ licenciauit]permisit Ed./ eas]om. C C<sup>1</sup>/ nobis]uobis Ed./ Hoc]add. enim B  
B<sup>1</sup> //13-14 legem naturalem]tr. C

histórias e ditos acerca disto que, por ser manifestamente contra a lei divina e o bem da prole, não carece de outra condenação.

*Lei acerca da maneira de comer.*

Diz-se no livro *Muslim*<sup>(1)</sup>, no tratado dos *Alimentos* que Maomé ordenou aos seus que lambessem os dedos e o prato. E diz-se noutro lugar que Maomé afirmou: "quando algum de vós comer, não limpe a mão até que a lamba ou chupe ou alguém lha lamba". O próprio Maomé lambia a mão antes de a limpar. Isto é imundo, boçal e ridículo.<sup>(2)</sup>

*Lei sobre as rapinas.*

Conta-se no livro *Buhārī*<sup>(3)</sup>, que Maomé disse aos seus: "Deus concedeu-vos as pilhagens". Igualmente: "Deus permitiu-vos as pilhagens. Viu, com efeito, a nossa fraqueza e rebelião e autorizou-no-las". Isto vai contra o preceito

(1) *Mus.* 846,5043, cf. *Ib.* 846,5037-38.

(2) Ao classificar de "imundo, boçal e ridículo" o costume de os muçulmanis chuparem os dedos sujos da comida antes de os limparem, o A. desvirtua a autoridade do Autêntico (*sahih*) de *Muslim* gerando a confusão nos adeptos de Maomé e o descrédito nos cristãos. O autor tem o cuidado de só analisar os costumes populares que consegue fundamentar no Corão ou nos *hadit*-s. Esta estratégia, escudada na seriedade das fontes, provoca nos leitores um impacto muito mais forte ao deixá-los, através de um pequeno comentário, confrontados com o próprio bom senso que, naturalmente, os leva a demarcar-se dos homens rudes do deserto.

(3) *Bu.* 57,8,6.

*Lex super transgressionem iuramentō.*

Dicitur in Alcorano, in tractatu *Mense*, X c(apitulo), sic: non reprehendet nos Deus de iuramentis uestris iocosis, sed reprehendet de iuramentis, que nodastis seu affirmastis. Satisfactio periculi est, ut pascatis decem pauperes de illo  
5 cibo, quo pascitis familiam uestram medocrem, uel quod induatis eos, aut redempcio unius captiui. Et qui non potest hoc facere, ieiunet tres dies. Hec est satisfactio iuramentorum uestrorum. Secundum hanc legem, si Sarracenus iurat aliquid, et uult contra uenire, potest licite, dum tamen satisfaciat postea, ut tactum est. Et Machometus sic fecit super facto Marie Quibie, ut habetur in Alcorano, in trac  
10 tatu Prohibicionis, c(apitulo) I. Iurauit enim eam non cognoscere, et postea cognouit eam, faciens contra iuramentum. Et sic, per legem supra positam, dedit causam

\* \* \*

2 X c(apitulo)] X C B<sup>1</sup>; om. B; capite decimo Ed./ sic] si C/ non] nec B Ed./ reprehendet] reprehendat C C<sup>1</sup>; reprehendit Ed. //3 nos Deus] Deus uos Deus C; Deus nos B B<sup>1</sup> Ed./ de] a C<sup>1</sup>/ sed reprehendet nos de iuramentis] om. R B B<sup>1</sup> Ed./ sed] si C; licet C<sup>1</sup> //3-4 nodastis] iurastis Ed.; add. a C //4 est] non B<sup>1</sup> //4-5 decem...pascitis om. R //5 quo] quod C<sup>1</sup>/ induatis] uestiatis Ed./ aut] uel C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //6 Et] om. Ed. //7 legem] om. B/ aliquid] aliquos C; aliquod C<sup>1</sup>; om. B //8 uult] uult B; add. aliquid B<sup>1</sup>/ contra uenire] conuenire C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ tamen] om. Ed./ tactum] dictum R Ed. //9 Et] om. Ed./ fecit] add. etiam Ed./ Meria Quibie] Marie qui bene (?) R Merie Quib de O; Amasie quibet (?) C; Marie quibus (?) C<sup>1</sup>; Merie captiuae B<sup>1</sup> Ed.; Merie et concubine P //10 Iurauit] unum O/ enim eam] tr. R/ non] add. uelle se Ed./ et] add. cum B<sup>1</sup> //11 eam] om. R/ Et] om. Ed./ supra positam] tr. C C<sup>1</sup>/ dedit] add. a C.

de Deus e contra a lei natural.

*Lei sobre a transgressão do juramento.*

No *Corão*, no tratado da *Mesa*(1), capítulo X, diz-se assim: "Deus não vos repreenderá pelos juramentos jocosos, mas repreender-vos-há pelos juramentos que fizestes ou afirmastes. A satisfação do perjúrio consiste em alimentardes dez pobres com a comida com que alimentais uma das vossas famílias medíocres ou em os vestirdes, ou no resgate de um cativo. Aquele que não puder fazer isto, jejue três dias.<sup>(2)</sup> Esta é a satisfação dos vossos juramentos". Segundo esta lei, se um sarraceno jura algo e quer voltar atrás pode <fazê-lo> licitamente, contanto que satisfaça, posteriormente, como foi indicado, Maomé agiu assim relativamente ao caso de Maria, a Copta, como se afirma no *Corão*, no *Tratado da Proibição*, capítulo I<sup>(3)</sup>. Com efeito, jurou não a conhecer e depois conheceu-a, agindo contra o juramento. Assim, através da lei acima exposta, proporcionou aos homens ocasião

(1) Co. 5,91.

(2) Toda esta sequência corânica acerca da natureza, transgressão e satisfação dos juramentos tinha já sido utilizada por Al-Kindī (ed. Muñoz-Sendino, p. 389). O A. pretende, nesta rubrica, mostrar que houve uma corrupção moral em relação à jāhiliyya, com a agravante de que essa corrupção foi provocada para justificar uma atitude condenável do próprio autor da lei. Isto contrariava o princípio escolástico de que as coisas são impostas ou proibidas porque são boas ou más e não são boas ou más porque impostas.

(3) Co. 66,2; cf. 6,18.

hominibus periurandi, quod est expresse contra preceptum Dei. Unde dicitur in libro qui dicitur Bohari, quod Axa dixit in tractatu Expositionis Alcorani, quod pater eius nunquam periurauit, quousque uenit lex satisfactionis iuramenti.

**Lex contra illud "non concupisces".**

5 Dicitur in libro qui uocatur Bohari, in tractatu Redempcionis, quod Machometus dixit: *Deus dimittit pertransire populo meo peccatum cordis, dum tamen non perueniat ad opus uel sermonem.* Sensus est, quod pro peccato cordis non punietur aliquis Sarracenus. Quod est contra illud preceptum *non concupisces*, etc. Et contra illud qui uiderit mulierem ad concupiscendam eam, etc.

10 **Lex super peccato sodomitico.**

Dixit Machometus, in tractatu Mullerum, (capitulo) II: *contra mulieres uestras, que committunt facinus inter se, adducatis III<sup>or</sup> testes ex uobis, et si testificati fuerunt super hoc, retinete eas in domibus, quousque moriantur, aut Deus ponat eis aliquam uiam, hoc est, det eis aliquod consilium. Et si reperti fuerint*

\* \* \*

periurandi]perierandi Ed./ est expresse]tr. C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>; expresse B/ preceptum]legem R; mandatum Ed. //1-2 dicitur in libro...Bohari]in marg. O; in libro...Bohari dicitur C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed. (s.u. Ed. om. qui dicitur] //2 Bohari]Bochari R; Bohary C C<sup>1</sup>; Boari Ed./ quod]om. C Ed./ Axa dixit in tractatu...Alcorani]in tractatu...Axam dixisse Ed./ Axa]Aza C C<sup>1</sup> //3 periurauit]plorauit R; perierauit C Ed./ quousque]donec R //5 qui uocatur]qui dicitur C C<sup>1</sup>; om. Ed./ Bohari]Bochari R; Bohary C C<sup>1</sup>; Boari Ed./ in tractatu Redempcionis]om. B //5-6 quod Machometus dixit]Machometum dixisse Ed. //6 dimittit]remitit Ed./ pertransire]om. B Ed./ tamen]om. Ed./ non]om. B<sup>1</sup> //7 perueniat]perueniant C C<sup>1</sup>; perueniet B/ ad opus]ad actum uel opus R/ uel sermonem]sed sermonem B; secundum monicionem O/ punietur]puniatur Ed. //8 illud preceptum]tr. C C<sup>1</sup>; add. nonum et decimum Ed./ etc.]om. B/ et]add. iterum C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ contra]om. P //8-9 Et...etc.]om. R O //9 illud]add. Matthaei quinto Ed./ qui uiderit mulierem ad concupiscendam eam, etc.]quicumque aspexerit uxorem alterius ad concupiscendum eam, iam adulterium cum ea commisit in corde suo Ed./ ad concupiscendam eam etc.]etc. B; om. B<sup>1</sup> P //11 uestras]nostras R Ed./ que]qui R;/ committunt]committunt R/ inducatis]adducatis R/ et]quod Ed. //13 super]secundum Ed./ retinete]retinere debent B B<sup>1</sup>/ domibus]moribus R/ aut]add. donec Ed. //12-13 ponat P]aponat R; disponat B //14 uiam]om. C/ det]dat B/ aliquod]add. signum C/ Et]quod Ed.

de jurar falso, o que é expressamente contra o preceito divino. Por isso se afirma no livro *Buhārī* (1) que A'icha disse, no tratado da *Exposição do Corão*, que seu pai nunca jurara falso até que apareceu à lei da satisfação do juramento.

*Lei contra aquele "não cometerás adultério".*

Conta-se no livro *Buhārī*, no tratado da *Redenção* (2), que Maomé disse: "Deus perdoa ao meu povo ir além do pecado do coração, contanto que não chegue à acção ou à palavra". Isto significa que nenhum sarraceno será punido pelo pecado do coração, o que é contra aquele preceito "não cometerás adultério, etc." (3), e contra aquele: "o que olhar para uma mulher, desejando-a, etc."

*Lei sobre o pecado sodomítico*

Maomé disse no tratado das *Mulheres*, capítulo II (4): "Fareis vir a juízo, contra as mulheres que cometerem o lesbianismo, quatro testemunhos das vossas e se elas testemunharem isso, retê-las-eis nas casas até que morram, ou que Deus lhes aponte algum caminho, isto é, lhes dê algum conselho. E se alguns de vós forem em contrados.

(1) *Bu.* 65,8,2;

(2) *Bu.* (?)

(3) *Mt.* 5,27-28.

(4) *Co.* 4,19-20; cf. *Ib.* 24,4 e 13.

Este versículo corânico, associado ao seguinte, parece referir-se ao adultério e não ao lesbianismo. Fahr al-Dīn al-Razī nota que pode referir-se à fornicação, ou ao adultério, ou às relações lesbianas. Em qualquer dos casos, todos os juristas notam a dificuldade de conseguir quatro testemunhas capazes de garantir o facto. Este é um dos três casos em que as quatro testemunhas são exigidas pelo Corão (*Co.* 4,19;24,4;24,13). A dificuldade aumentava quando as testemunhas eram mulheres pois, nesse caso, eram exigidas oito.

Também aqui o A. se refugia no *Glossarius*, em vez de completar o texto com aquilo que ele contém de mais positivo: "...repreendi-os. Se se arrependem e recuperarem, afastai-vos deles. Deus é indulgente, misericordioso".

aliqui uestrum ~~commictentis~~ inter se illud facimus, arguite eos, et reprehendite. Super ista auctoritate dicit Glosarius, quod probacio huius sceleris inter mulieres non potest compleri, nisi per quatuor testes. Ubi nota, quod per hoc quodammodo aperuit uiam, et dedit causam, ut mulieres illud facinus perpetrarent. Raro enim erit, quod IIIII<sup>or</sup> testes, qui ad hoc probandum sunt necessarii, uideant tantum scelus. Item nota, quod in hoc quod dixit, quod homines tale facinus perpetrantes arguerentur et reprehenderentur, non adiecta alia pena, dedit intelligere quod istud peccatum non reputabat magnum, cum Dominus dicat, quod secundum mensuram peccati, debet esse plagarum modus. Et ex hoc quod talem legem tradidit su-  
10 per tanto scelere, dedit causam et occasionem suis, quod quasi sine uerecundia et

\* \* \*

commictentes] comistentes *RO B<sup>1</sup>*; commiscentes *C Ed.*; commiscendes *B/* arguite] cognoscite *B B<sup>1</sup>*; coarguite *Ed.* / eos] illos *C*; *om.*, *B B<sup>1</sup>*; / et reprehendite] *om.* *B //2* auctoritate] auctoritatem *O/* glosarius] glosa *B*; //3 non... compleri] *tr.* *C C<sup>1</sup>* / potest] *om.* *B/* compleri] compelli *O*; complere *B<sup>1</sup>* / Ubi] Ibi *Ed.* / nota] notandum *Ed.* //4 illud] idem *O*; hoc *B B<sup>1</sup> Ed.* / Raro] ratio *R //5* erit] reperimus *Ed.* / quod] per *B B<sup>1</sup>*; *om.* *Ed.* / qui] que *O/* probandum] probandi *R/* necessarii] *add.* et *B<sup>1</sup>* / uideant] *P/* noscant *R*; uideatur *B //5-6* qui ad hoc... uideant tantum scelus] qui uideant tantum scelus... *Ed.* / tantum] totum *O //6* nota] notandum *O Ed.* / quod<sup>2</sup>] quidam / quod<sup>3</sup>] *om.* *R/* tale] tali *R*; tabes *O/* facinus] facimus *O //7* arguerentur et reprehenderentur] arguentur et reprehendentur *R*; arguerentur *O*; argui oportere et reprehendi *Ed.* / alia] aliqua *B/* dedit intelligere] *tr.* *R //8* istud] illud *C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.* / reputabat] reputat *O*; reputauit *Ed.* / quod] *om.* *B B<sup>1</sup> Ed.* //9 peccati] *om.* *R O/* debet] debere *Ed.* / modus] modum *Ed.* / Et] *om.* *C Ed.* / hoc] *add.* igitur *Ed.* / talem legem] *tr.* *R //10* suis] *om.* *C<sup>1</sup>* / quod] scilicet *B<sup>1</sup>*; ut *Ed.* / quasi] *om.* *Ed.*



a cometer esse crime entre si, denunciá-~~os~~ e repreendi-<sup>(1)</sup>os. Sobre esta autoridade, o *Glosador*(2) diz que a prova deste crime entre as mulheres pode obter-se apenas com quatro testemunhas. É de notar que abriu assim, de alguma maneira, o caminho e deu ocasião a que as mulheres perpetrassem tal crime. Com efeito, raramente acontecerá que as quatro testemunhas necessárias para comprovar tamanho crime o presenciem. É também de notar que, pelo facto de dizer que os homens que cometessem tal crime seriam denunciados e repreendidos, sem lhe acrescentar outra pena, dá a entender que não considerou este pecado grande, pois o Senhor diz que a dimensão das penas deve ser proporcional à medida do pecado. Do facto de ter dado tal lei sobre tamanho crime proporcionou a causa e a ocasião aos seus para que muitos o perpetrassem

(1) Este versículo é considerado anulado e o respectivo crime punido no islão como *Zinā'* ou adultério. O crime das mulheres antes referido é o *al-fāhisha*, que Sale traduz como a fornicação ou adultério (cf. N. DANIEL, o.c., p. 321.

(2) Não é fácil identificar o *Glosador*, tanto mais que o argumento das quatro testemunhas é um dado comum entre os comentadores.

timore multi perpetrent illud scelus.

Per istas leges, quas tradidit, satis patet quod leges sue fuerunt immundissime et pessime, et per consequens non fuerunt leges Dei, nec ipse Propheta uel nunci<sup>us</sup> Dei.

5 Ostensum est in precedentibus, quod Machometus non habuit illos fructus per quos ueri prophete cognoscuntur, sed potius contrarios, per quos manifestantur falsi prophete, de quibus dixit Dominus: *A fructibus eorum cognoscetis eos.*

Deinde tangemus aliquid de infortuniis et infirmitate ac morte Machometi.

\* \* \*

perpetrent]perpetrant *R B*;/ multi perpetrent illud scelus]illud facinus multi perpetrarent *C*; multi perpetrent illud facinus *C*<sup>1</sup> *add.* Et principaliter in mulieribus, magis agrauauit, quam in uiris. Dicatur contra hanc immundissimam legem sic: aut scelus hoc est grave, aut leue. Si grauit<sup>er</sup>, sic leuiter pertransiuit cum uiris. Si leue, cur tam grauit<sup>er</sup> indicauit mulieres pro hoc scelere promouendas? Et postquam mulieres talia perpetrantes, testes quatuor aduocabunt, ut coram ipsis talia committere presumant. Quia idem fuit dicere, quod non possent conuinci, nisi per quatuor testes, at si dixisset vivere faciant, sicut uolunt. *P //2 leges]add. enim B B*<sup>1</sup>/ satis]suis *O*/ sue]om. *R //3 et per consequens]ideoque Ed. / Dei] iter. C*<sup>1</sup>; *add.* et *B*<sup>1</sup>/ ipse]add. erat *B*/ uel]om. *C*<sup>1</sup> //5 Ostensum]hic incipit, secundum *R*, sequens capitulum //6 cognoscuntur]dignoscuntur *B*<sup>1</sup> *Ed.*/ contrarios]contrarius *B //7 dixit Dominus]dixit Deus O; tr. B B*<sup>1</sup>/ cognoscetis eos]cognoscitis eos *O*; etc. *B B*<sup>1</sup> //8 Deinde]Deinceps *Ed.*/ tangemus]tangimus *O*; tangam *C C*<sup>1</sup> *B*<sup>1</sup>; dicam *Ed.*/ infortuniis et infirmitate]infirmitate et de infortuniis *R*; infortuniis, infirmitate *B B*<sup>1</sup> *Ed.*/ ac]et *B*.

crime, quase sem vergonha, nem temor.

Através destas leis que legou, é bastante claro que as suas leis foram imundíssimas e péssimas e, conseqüentemente, não foram leis de Deus, nem ele foi profeta ou mensageiro de Deus.<sup>(1)</sup>

Nas <páginas> anteriores mostrámos que Maomé não possuiu aqueles frutos que caracterizaram o verdadeiro profeta, mas antes os contrários, através dos quais se denunciam os falsos profetas e de quem o Senhor dâsse<sup>(2)</sup>: "conhecê-los-eis pelos seus frutos".

Seguidamente trataremos um pouco dos infortúnios e da doença e morte de Maomé.<sup>(3)</sup>

(1) O autor utiliza claramente o método indutivo: narra um conjunto de leis que, em vez de nobilitarem, aviltam o legislador e aqueles que as praticam. Neste parágrafo encerra o capítulo sugerindo a incompatibilidade dessas leis com a santidade de Deus-Legislator e com a de um Profeta enviado por ele.

(2) Mt. 7,15.

O método utilizado em relação ao capítulo presente é o mesmo que utiliza em relação ao tratado integrado pelos capítulos anteriores. Por isso, após a conclusão do primeiro, conclui com uma argumentação análoga o segundo.

(3) Após a quádrupla reprovação da profecia islâmica, o A. introduz o capítulo seguinte, utilizado como apêndice para corroborar o tratado com um argumento muito centrado sobre a figura de Maomé, em que insinua que este foi abandonado por Deus, de quem pretendeu ser profeta.



DE INFORTUNIIS ET MORTE MACHOMETI

De infortuniis Machometi dicitur in libro, qui uocatur Bohari, in titulo Medicine, quod Axa dixit, quod ipse fuit maleficiatus ita, quod uidebatur ei, quod cognosceret mulieres, et non cognoscebat.

5 Item dicitur in libro Actus Machometi, quod quedam Iudea, nomine Zeyneb, obtulit Machometo ouem assatam, et posuit uenenum in ea, specialiter in brachio eius, de qua cum comederet Bixr, socius Machometi, statim mortuus est. Gustauit autem de illa Machometus, et licet non statim, tamen de illo ueneno mortuus est, secundum quod refert Axa, uxor eius, in libro, qui uocatur Bohari, in tractatu Infirmittatis Prophete.

10 Item dicitur in libro Actus Machometi, quod inimici eius Arabes ueniebant contra eum. Quod cum ille sciuit, animauit suos fortiter ad pugnandum, promittens eis adiutorium Dei. Accidit autem ei sic, quod fuit deuictus, et incidit in foueam, quam fecerant inimici sui, et hoc nesciebant Sarraceni. Fuerunt etiam fracti dentes

\* \* \*

*Inscriptio om.* R O B B<sup>1</sup>; De infortuniis et morte Machometi C C<sup>1</sup>; De infortuniis, infirmitate ac morte Machometi Ed. //2 infortuniis] infortunio R B Ed.; add. et morte C/ qui uocatur] om. Ed./ Bohari] Bochari R; Bohary C C<sup>1</sup>; Boari Ed./ titulo] capitulo C<sup>1</sup> //3 Axa] Aza C C<sup>1</sup>/ maleficiatus] maleficatus C<sup>1</sup>; male uiciatus B; incantatus Ed./ quod] ut Ed./ uidebatur] uideretur Ed. //3-4 cognoscebat] cognosceret C //5 quedam Iudea] quidam Iudex R quedam uidua P/ Zeyneb] Zehiex R; Zeynel O; Zemub C C<sup>1</sup>; Zemeb B B<sup>1</sup> Ed. //6 posuit] exposuit R/ uenenum in ea] add. et B tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ eius] om. Ed. //7 Bixr] Bier R P; Byir O; Bixi C C<sup>1</sup>; Bixer B; Bixin Ed./ socius] add. eius R Mchometi] eius Machometus R //8 licet] licem R/ tamen] om B B<sup>1</sup>; add. post ea O C C<sup>1</sup>/ illo ueneno] add. postmodum R eodem ueneno B B<sup>1</sup>; ueneno illo ed; add. tamen B/ secundum quod] sed C B<sup>1</sup>; ita ut Ed. //9-10 quod refert] iter. C/ Axa] Aza C C<sup>1</sup>/ qui uocatur] om. B B<sup>1</sup> Ed./ Bohari] Bochari R; Bohary C C<sup>1</sup>; Boari Ed. //11 cum] om. B<sup>1</sup>; / sciuit] rescuit Ed. //12 ei sic] tr. O C C<sup>1</sup>; ei B Ed./ quod] ut Ed./ fuit] fuerit Ed./ incidit] cecidit Ed. //13 inimici sui] tr. B<sup>1</sup>/ hoc] oc B/ nesciebant] nescierunt Ed. //13-1 Fuerunt etiam fracti dentes ipsius primi quatuor] Et etiam primi 4<sup>or</sup> dentes eius fuerunt fracti B B<sup>1</sup> //13 Fuerunt] Fuere C C<sup>1</sup>/ etiam] autem C

### OS INFORTÚNIOS E MORTE DE MAOMÉ

Acerca dos infortúnios de Maomé, conta-se no livro *Buhārī*, no título da *Medicina* (1), que <sup>C</sup>A'icha disse que ele foi de tal maneira enfeitiçado que julgava conhecer as mulheres quando não as conhecia.

Item, diz-se, no livro dos *Actos de Maomé* (2) que uma certa judia, chamada *Zainab* (3), ofereceu a Maomé uma ovelha assada e que a envenenou, principalmente no braço. Ao comer dela, Bichr (4), companheiro de Maomé, morreu imediatamente. Maomé comeu também e, embora não imediatamente, morreu por causa daquele veneno, como diz <sup>C</sup>A'icha, sua mulher, no livro *Buhārī*, no tratado da *Enfermidade do Profeta* (5).

Item, se afirma no livro dos *Actos de Maomé* (6) que os inimigos árabes vinham contra ele. Quando se deu conta, encorajou os seus a lutarem tenazmente, prometendo-lhes a ajuda de Deus. Aconteceu, porém, que foi vencido e caiu num fosso feito pelos inimigos. Os sarracenos ignoravam isto. Quebraram-lhe também

(1) Bu. 76,49,1.

(2) Sir. 764-765.

O episódio da ovelha assada, presente em quase todos os autores cristãos medievais que referem a morte de Maomé (Paris, Viterbo, Acqui, Leg. Aur. S. Pedro Pascoal...), é aproveitado por Al-Kindī como prova de falso milagre. Maomé apercebeu-se do veneno e, no entanto, viria a morrer por causa dele, mais tarde, tal como morrera o seu companheiro. Segundo Pedro Pascoal (SSM, I,VI,2,3; cf. VII,14), Zaynab agira assim por vingança, por causa de Maomé ter escravizado os judeus. Segundo ela, se Maomé morresse, salvaria os judeus e provaria que aquele não era verdadeiro profeta; se ele descobrisse e rejeitasse o engodo, seria a prova de que não era profeta e, nesse caso, ela própria acreditaria.

Autores muçulmanos hã que, por causa deste facto, consideram Maomé mártir. Assim, Bu. 64,41; AL-<sup>C</sup>AIMĪ, *Umdat al-qārī*..., 8,325; TABARĪ, *Annales*, 1,1584; JA<sup>C</sup>QŪBI, *Historiae*, Leyde, 1883, p. 57; cf. GAUDEFRY-DÉMONBRINES, *o.c.*, p. 162, n. 530.

(3) Zaynab, filha de al Hārīt, de Haybar, mulher de Sallām, filho de Mchkam.

(4) Bichr Ibn al-Barā' Ibn Magrūr.

(5) Bu. 64,83.

(6) Sir. 592.

Refer-se à batalha de Uhūd, montanha a quatro quilómetros ao Norte de Medina, onde os adeptos de Maomé foram derrotados pela expedição enviada pelos quraichitas, alarmados com o crescente poderio daquela cidade. Maomé ficou ferido e o tio e numerosos muçulmanos perderam a vida. Maomé salvou-se graças ao seu "Companheiro" Talha Ibn <sup>C</sup>Ubayd Allah al Taymī, que o protegeu com a mão, o que lhe custou um dedo quando Ibn Abū Qami'a al-Laytī lhe desferiu um golpe de espada no lado direito.

Este insucesso de Maomé foi evocado por toda a tradição cristã ocidental, que o recebeu da *Risāla*, completamente desintegrado do seu contexto. O nosso A. tem o cuidado de regressar às fontes árabes, à Sīra, para o documentar e dar, assim, solidez ao seu objectivo: mostrar que Maomé não passava de um simples homem, sujeito, como todos os tiranos, aos altos e baixos da sorte.

ipsius primi quatuor, et fuit uulneratus in facie, et in labio, et tandem vix euasit.

Nota hic quod ex eo quod Machometus non presciuit, nec potuit se iuuare contra premissa infortunia seu pericula, manifeste colligitur ipsum nec fuisse prophetam, nec nuncium Dei.

5 De infirmitate Machometi, dicitur in libro, qui uocatur Muzlim, in tractatu Oracionis, Axam dixisse quod Machometus in infirmitate, de qua mortuus est, maledicebat Iudeos et Christianos, quia fecerant de sepulcris Prophetarum suorum oracula, uel ecclesias. Super hoc nota, quod in hoc quod maledicebat peccabat, et in hoc, quod sequitur de oraculis et ecclesis, dicebat falsum.

10 Item dicitur in libro, qui uocatur Bohari, quod cum Machometus esset grauiter infirmus, dixit suis: *uenite; scribam uobis librum, ut non sitis in errore post illum librum.* Tunc dixerunt aliqui eorum: *Machometus est ualde grauatus propter dolorem infirmitatis, et habetis Alcoranum, sufficit uobis.* Et fuit contencio inter

\* \* \*

et tandem] et tum R; tandemque Ed. //2 Nota] Notandum Ed./ ex eo quod] om. R/ non] nec R/ se iuuare] seruare Ed. //3 premissa infortunia] premissa infortunia R; premissam in fortuna O/ predicta infortunia B //5 infirmitate] add. uero B B<sup>1</sup>/ qui uocatur] dicto B B<sup>1</sup>; om. Ed./ Muzlim] Mislum R; Muslim C; Muslimi C<sup>1</sup> //6 Oracionis P] Creacionis B/ Axam] Azam C C<sup>1</sup>/ dixisse] dixissem R //6-7 maledicebat] maledixerit Ed. //7 Iudeos] Iudaeis Ed./ Christianos] Christianis Ed./ quia] qui R; quod Ed./ fecerant] fecissent C; fecerint Ed./ suorum] suarum O //8 nota] notandum Ed./ maledicebat] malediceret Ed./ hoc] nihil Ed./ quod] add. dixit quod C //9 oraculis et ecclesiis] tr. O C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //10 in libro qui uocatur Bohari] in uita sua dixisse B; in uita sua B<sup>1</sup>; in uita ipsius Ed./ Bohari] Bochari R; Bohary C/ esset] esse O //10-11 quod...uenite] om. B B<sup>1</sup> Ed./ grauiter infirmus] om. O //11 dixit] iter. C/ uobis uel B<sup>1</sup>; om. Ed. //11-12 ut...librum P] om. R C C<sup>1</sup> //12 eorum] illorum C/ Machometus] Machometo R/ est ualde grauatus] uos estis ualde grauatus R; ualde grauatus est B //13 dolorem infirmitatis] doloris infirmitatem R/ habetis] habemus C C<sup>1</sup>/ Alcoranum] add. et B<sup>1</sup>/ uobis] nobis O C<sup>1</sup>/ Et] om. Ed./ fuit] erat C C<sup>1</sup>; add. autem Ed.

os quatro primeiros dentes e ficou ferido no rosto e no lábio. Por fim, salvou-se com dificuldade.

É de notar que, pelo facto de Maomé não ter previsto nem se ter podido prever contra esses infortúnios ou perigos, se pode concluir claramente que nem foi profeta, nem mensageiro de Deus. (1)

Acerca da doença de Maomé, conta-se no livro *Muslim*, no tratado da *Oração* (2), que A'icha terá dito que Maomé, durante a doença que o vitimou, amaldiçoava os judeus e os cristãos, porque tinham feito dos sepulcros dos Profetas oratórios ou igrejas. Sobre isto, é de notar que pecava, pelo facto de amaldiçoar, e que mentia ao falar dos oratórios e das igrejas.

Item, se narra no livro *Buhārī* (3) que, quando Maomé estava gravemente enfermo, disse aos seus: "Vinde; escrever-vos-ei um livro para que, de futuro, não estejais no erro". Então disseram alguns deles: "Maomé está profundamente acabrunhada pela dor da enfermidade. Tendes o Corão; basta-vos. E levantou-se um conflito entre

(1) O A. deixou-se influenciar por uma tradição de séculos, comum ao judaísmo ao cristianismo e ao islamismo, em que cada confissão religiosa interpreta as vitórias próprias como uma interferência favorável de Deus e as derrotas dos inimigos como abandono divino dos mesmos. As crônicas quer cristãs, quer muçulmanas, estão repletas de passagens denunciadoras desta mentalidade.

(2) *Mus.* 197,1082.

(3) *Bu.* 64; *Ib.* 83,4; cf. *Ib.* 3,29.

O facto dramático narrado a seguir, tem fundamento histórico e reflete a confusão que se gerou, após a morte de Maomé, acerca da autenticidade do Corão, até então conhecido apenas oralmente. Foi difícil o estabelecimento do texto definitivo, que não foi aceite por todas as facções islâmicas como autêntico, o que lhe reduziu a credibilidade.

illos, qui erant in domo. Quidam dicebant: *appropinquate, scribetur uobis liber, ne sitis in errore legis post illum.* Quidam autem dicebant aliud. Et postquam multiplicauerunt maledictiones et contencionem, dixit Machometus: *Surgite.* Tunc dicebat Ibanabez: *infortunium super infortunium, quod diuisit inter hoc, quod nuncius 5. Dei non scripsit nobis illum librum.* Ex hoc potest colligi quod Sarraceni, post mortem Machometi, remanserunt, et sunt in errore.

Item de morte eius dicitur in libro, qui uocatur Bohari, in tractatu Matrimonii, quod Axa dixit, quod Machometus mortuus est in domo eius, quia tunc erat dies suus, in quo debebat esse cum ea. Et quando Machometus mortuus est, tenebat caput suum  
10 inter barbam et pectus Axe, et miscebatur saliuia sua cum saliuia ipsius Machometi, et sic mortuus est. Patet hic quod mors siue finis Machometi fuit uilis, inmunda, abominabilis. Et talis mors nunquam conuenit Prophete uel nuncio Dei.

\* \* \*

dicebant ]dixerunt C C<sup>1</sup>/ scribetur] scribitur R/ uobis ]om. O //2 ne]me B/ sitis] scitis C/ legis]om. O/ autem ]igitur C<sup>1</sup>/ Et]om. R Ed. //3 multiplicauerunt] multiplicarunt C C<sup>1</sup>/ contencionem] contenciones B Ed. //4 dicebat] dixit C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ Ibanabez] Hibern Acibez R; Ibmus Habet O; ibnaben P Ibanabest C; Hibanabez B; Ybanabez B<sup>1</sup>/ infortunium ]fortunium R O C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ diuisit] dimisit C/ inter] intus C C<sup>1</sup>// 5 nobis] uobis C C<sup>1</sup>/ illum librum] tr. B B<sup>1</sup> //7 qui uocatur] om. B B<sup>1</sup> Ed./ Bohari] Bochari R; Bohary C; Boari Ed. //8 Axa] Aza C C<sup>1</sup> //8-9 quod<sup>2</sup>...cum ea et]om. R //9 quod qua C<sup>1</sup>/ debebat] dicebat C<sup>1</sup>/ quando] add. autem Ed.; add. Machometus om. R //10 inter] et Ed./ et<sup>1</sup>] intra Ed./ Axe] Aze C C<sup>1</sup>/ saliuia sua] tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ ipsius Machometi] tr. C //11 sic]om. B<sup>1</sup>/ Patet hic] Per hoc patet C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed./ siue] secundum O/ inmunda] emunda B //12 Dei] add. etc. B<sup>1</sup>



os que estavam em casa. Uns diziam: "aproximai-vos; ser-vos-ã escrito um livro para que, de futuro, não permaneçais na ignorância da lei". Outros, porém, diziam outra coisa. Depois de se terem multiplicado as maldições e contendas, disse Maomé: "Levantai-vos". Então dizia Ibu <sup>C</sup>Abbas (1): "desgraça sobre desgraça o que nos dividiu, pelo facto de o mensageiro de Deus não nos ter escrito aquele livro". Daqui se pode concluir que os sarracenos permaneceram e estão no erro após a morte de Maomé.

Item, se conta acerca da sua morte, no livro *Buhārī*, no tratado do *Matrimônio* (2), que <sup>C</sup>A'icha disse que Maomé morreu na sua casa, porque era então o dia em que devia estar com ela. Quando Maomé morreu a cabeça entre a barba e o peito (3) de Maomé e misturava a saliva com a do próprio Maomé que morreu assim.

Vê-se que a morte ou fim de Maomé foi vil, imunda, abominável. Ora tal morte não condiz com o profeta ou mensageiro de Deus (4).

- (1) Fadl Ibn <sup>C</sup>Abbās no dizer de <sup>C</sup>A'icha, foi um dos dois homens que acompanharam Maomé quando este, ao sentir-se mal, deixou a companhia de Maymūna para ir para a sua casa. *Bu.* 64,83,13; al-<sup>C</sup>Āimī, *op.* 8, 445.
- (2) *Bu.* 64,83,18; cf. *Ib.* 64,83,14 e 19; cf. TABARĪ, *Annales*, 1,18115. Há aqui uma imprecisão histórica. Com efeito, Maomé não se encontrava em casa de <sup>C</sup>A'icha pelo facto de ser o seu dia, mas porque as outras esposas, apreensivas pelo seu estado de saúde, concordaram em que fosse para casa da sua esposa preferida. Pela ordem da rotação, deveria permanecer com Maymūna.
- (3) Os mms dizem: "tinha a cabeça entre a barba e o peito de <sup>C</sup>A'icha, o que é erro evidente. Deve ler-se "de Maomé" em vez "de <sup>C</sup>A'icha."
- (4) Mais do que condenar como pecaminosa a morte de Maomé, devemos ver aqui um apelo do A. para a humanidade e fraqueza do Profeta. A morte profana é imprópria de um verdadeiro profeta. O A. não quis tanto reprovar aquilo que foi a morte de Maomé, mas aquilo que ela não foi, de acordo com a edificação e santidade que deveriam caracterizar, segundo os medievais, a morte do verdadeiro Profeta ou enviado de Deus. Ao tratar assim este problema, visava também enfrentar o culto popular de que Maomé era alvo. É neste sentido que deve interpretar-se a tríplice e radical caracterização da morte do Profeta como "vil, imunda e abominável".

Segundo o A., o estado de espírito e a actuação de Maomé durante a doença e, sobretudo, na hora da morte, são dificilmente compatíveis com a serenidade e "sobrenaturalidade" do verdadeiro profeta. É assim que devem interpretar-se, factual e globalmente, os episódios narrados e bem documentados:

- a loucura ou feitiço em relação às mulheres;
- a não previsão do futuro, manifestada no envenenamento e no desastre de Uḥud.
- o espírito de maldição e de mentira contra os cristãos
- o reconhecimento de que, apesar de terem o Corão, os muçulmanos continuavam no erro
- a banalidade da morte de Maomé

Se o A. quisesse agarrar-se à "plebeia opinião" para descrever a morte de Maomé, teria muitos elementos ao seu dispor: a tradição grega de Bartolomeu de Edessa, com a lenda da camela a cuja cauda foi atado pelos coraichitas: a ocidental, que introduz a morte pelos cães, pelos lobos ou pelos porcos, de que a *Chanson de Roland* (vv. 1750-1751) faz a síntese.

PROBACIONES DE UERITATE ET INCORRUPTIONE UETERIS AC NOUI TESTAMENTI

Si autem Saracenus aliquis, ueritati predictae et probatae in precedentibus acquiescere nolens, dicat libros Noui ac Ueteris Testamenti fuisse corruptos et immutatos, nos auctore Deo, probabimus euidenter rationibus, auctoritatibus et 5 ystoriis antiquis prefatos libros, sicut a Spiritu Sancto editi sunt ab initio et immutatos et incorruptos penitus permansisse. Quo probato, necesse est credere et suscipere quecumque per ipsos probantur.

Prima ratio talis est: dicatur ratiocinando tali sic contradicenti: tu credis Alchoranum, et librum tuum integrum et immutatum et incorruptum, ex eo quod 10 credis illum, qui tradidit eum hominibus, fuisse ueracem et similiter illos qui audierunt et receperunt ab eo et scripserunt et publicauerunt fuisse ueraces. Et dicis quod ex quo liber talis fuit sic publicatus, non potuit corrumpi, tum quia Deus conseruat librum et opus suum, tum quia homines sapientes uel insipientes, tot et tam diuersi, non possent conuenire ad destruendum et corrumpendum librum,

\* \* \*

*Inscriptio om.* R C C<sup>1</sup> Sequuntur probaciones de ueritate seu incorruptione Ueteris et Noui Testamenti B Sequuntur probaciones de ueritate seu incorruptione Noui ac Ueteris Testamenti B<sup>1</sup> //2 predictae]predicare C/ et]om. C C<sup>1</sup> //3 nolens]uolens O/ Noui ac Ueteris] tr. C/ corruptos et immutatos]correctos aut immutatos R; //4 auctore]autore B; actore B<sup>1</sup>/ probabimus]probabius B<sup>1</sup>/ racionibus]add. et B<sup>1</sup> //5 prefatos]perfectos R; prefatus B/ a]ab B/ et<sup>1</sup>]om. O C B B<sup>1</sup> //6-7 quecumque]quicumque R //8 dicatur]dicebatur R //9 tuum]add. esse R O/ et<sup>2</sup>]om. R B B<sup>1</sup> //10 illum]iter. R/ tradidit]om. C C<sup>1</sup>/ eum]ipsum O C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ fuisse ueracem]tr. R // 11 ab eo] ab illo om. R C C<sup>1</sup>//12 non]ut O/ tum<sup>1</sup>]tunc (?) B //13 tum]add. etiam B/ quia]om. B<sup>1</sup>

## PROVAS DA VERDADE E INCORRUPIBILIDADE DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO <sup>(1)</sup>

Se, porém, algum sarraceno, não querendo aderir à verdade explanada e provada nas < páginas > precedentes, disser que os livros do Novo e do Antigo Testamento foram corrompidos e modificados, nós, pela autoridade de Deus, provaremos claramente com razões, autoridades e histórias antigas, que os citados livros permaneceram completamente imutáveis e incorruptos, tal como foram inicialmente publicados pelo Espírito Santo. Provado isto, urge acreditar e aceitar tudo aquilo que por eles é provado.

A primeira razão é esta: raciocinando, diga-se a quem assim contradisser: tu acreditas que o Corão, o teu livro, está íntegro, imutável e incorrupto, porque acreditas que aquele que o deu aos homens é verdadeiro, tal como acreditas que foram verdadeiros os que o ouviram e receberam dele e escreveram e publicaram. E dizes que, pelo facto de que tal livro foi assim publicado, não pode corromper-se, não só porque Deus conserva o seu livro e a sua obra, mas também porque homens sábios e ignorantes, tantos e tão diferentes, não poderiam chegar a acordo para destruí-lo e corromper o livro.

(1) O presente capítulo é importado da *Explanatio*, onde, com uma diferente organização dos mesmos materiais, serve de introdução. Numa e noutra obra, o A. pretende estabelecer as bases da estratégia proposta por S. Raimundo de Penhaforte para a missão dos judeus e muçulmanos. Segundo o doutor catalão, eles "devem ser atraídos à fé cristã através de autoridades, razões e delicadezas e não devem ser forçados" (*Sancti Raymundi summa sacrorum canonum*, lib. I, tit. IV). O objectivo deste tratado é estabelecer a Sagrada Escritura como a primeira autoridade. Nela assentará todo o edifício doutrinal. Este objectivo é plenamente atingido na *Explanatio*, em que a fundamentação da autoridade da Sagrada Escritura abre o tratado teológico que nela se apoia, secundada por razões e "atenções" para com os muçulmanos e judeus invocados para apoiar o autor. Aqui, a fundamentação aparece tardiamente e só secundariamente é aplicada, na medida em que o A. preferiu apoiar-se prioritariamente nas autoridades islâmicas, mormente no Corão, secundado por razões, pela própria Sagrada Escritura e pelas "atenções" que são as verdades islâmicas que ele aceita.

É interessante notar que esta fundamentação da Sagrada Escritura forma um todo. Separada do texto a que estivera vinculada, segue escrupulosamente o método martiniano, com a utilização das *Autoridades* (a Sagrada escritura fala de si própria), das *Razões*, que muitas são, e das *Atenções* com que, servindo-se do Corão, chama o islamismo em apoio da autenticidade da Bíblia.

Não há dúvida de que o ambiente da *Exp.* e do *TCM* é o mesmo que caracteriza as normas do grande jurista e mentor dominicano que foi S. Raimundo de Penhaforte. As "autoridades e razões" constituem a tessitura da obra; as "atenções", a sua atmosfera dialogante.

Todo este capítulo se inspira directamente no I Livro do *Css* de Pedro, o Venerável (ed. Kritzeck, pp. 248-262) que, por sua vez, desenvolveu o esquema dos *Capitula* do I Livro de Pedro de Poitiers (ed. Kritzeck, p. 217).

quem crederent esse a Deo.

Sapientes enim illud non facerent, propter sapientiam suam, que ab hoc eos prohiberet. Insipientes non possent, quia nescirent, Et si aliquando fuisset scitum, non fuisset occultatum; ymo fuisset scitum aliquo modo. Sed eadem ratio et 5 forcior est ex parte Euangelii; ergo erit idem iudicium secundum regulam logicalem et naturalem. Certum est enim et publicum, per relationem multorum ueridicorum Christianorum et Sarracenorum, et per libros eorundem, quod fuit Christus, et creditur et scitur, quod fuit uerax, et quod habuit Apostolos et discipulos, qui similiter creduntur et sciuntur fuisse ueraces, qui receperunt Euangelium a Chris- 10 to et eiam mandatum die Ascensions eius ad celum, quod ipsum predicarent et publicarent omni homini. Quod siquidem fecerunt Apostoli, et super hoc interfecti fuerunt, ut patet hoc per relacionem multorum iudiciorum et per ystorias et scripturas super factis Apostolorum ipsorum. Unde liber talis, a tot et a talibus, et

\* \* \*

quem]quod O B/esse]essent C<sup>1</sup>/ esse a Deo]tr. R //illud]id B //3 insipientes]autem B B<sup>1</sup>/ fuisset]add. factum non fuisset R //4 non fuisset occultatum]om. C/fuisset scitum l. tr. B B<sup>1</sup>//5 ergo]igitur B B<sup>1</sup>//6 est enim]tr. BB<sup>1</sup>/ et]per R/publicum]add. ut tenetur O//7 per]add. deuentum vel om. R B/ et<sup>2</sup>]om. R/ per]om. B B<sup>1</sup>/ libros eo- runden]tr. B// 8 quod]om R//10 Ascensionis]Assumpcionis R/ipsum]Christum C C<sup>1</sup>//10- 11 predicarent et publicarent]tr. C<sup>1</sup>//12 per]add. deuentum, id est R; parauerunt idest O; add. tentum, id est C C<sup>1</sup>;add. centum, id est B; add. tentrum, id est (?) B/ iudiciorum]add. ueridicorum R; iudicorum C C<sup>1</sup> B; et<sup>2</sup>]add. per C//12-13 scriptu- ras]scripta antiqua R O B B<sup>1</sup>//13 factis]sanctis O/ Apostolorum ipsorum]tr. R O B B<sup>1</sup>/ a<sup>1</sup>]om. R O.

que acreditavam provir de Deus. (1)

Os sábios, com efeito, não fariam isso, pois a sabedoria lho proibiria. Os ignorantes não poderiam, porque o ignoravam. E, se alguma vez fosse conhecido, não seria ocultado; pelo contrário, seria dado a conhecer de algum modo. Ora a mesma razão é mais forte por parte do Evangelho. Portanto, idêntico será o juízo, segundo as ordens lógicas e naturais. Com efeito, através do relato de muitos cristãos e sarracenos autênticos, e pelos respectivos livros, é certo e público quem foi Cristo; acreditamos e sabemos que foi verdadeiro e que teve Apóstolos e discípulos que também foram verdadeiros. Estes receberam o Evangelho de Cristo e também o mandato, no dia da Ascensão ao céu, de pregar e publicar a cada homem. Os Apóstolos fizeram isso e, por essa razão foram mortos, como se vê pelo relato de muitos críticos e pelas histórias e escritos sobre os feitos dos próprios Apóstolos. Portanto, um tal livro, publicado e revedado.

(1) Os argumentos desenvolvidos pelo autor são os da "crebra forma" ou consenso universal, por um lado, e o da analogia com o Corão, por outro.

Com o primeiro, o A. pretende provar a impossibilidade de corrupção da Sagrada Escritura, mesmo que alguém intencionalmente o tentasse; com o segundo, estabelece a comparação do Evangelho com o Corão em que aquele sai com vantagem, na medida em que os próprios sequazes deste, os muçulmanos, reforçam os cristãos na proclamação da veracidade de Cristo, dos Apóstolos e discípulos que selaram com a morte a autenticidade da doutrina.

Estes argumentos já tinham sido desenvolvidos com os mesmos objectivos por Pedro, o Venerável e pela *Risāla* de al-Kindī, ainda que sem a estruturação lógica de que aqui se revestem.

Em contextos diferentes, são frequentemente utilizados pela *Explanatio*, pelo *Capistrum* e pelo *Pugio*.

quasi toto orbe predicatus et reuelatus, ubi erant multi sapientes, reges et principes, qui ante fuerunt peccato ydolatrie inuoluti, non potuit corrumpi, tum quia Deus conseruauit, tum quia tot, et tanti, et tales, quibus fuit Euangelium predicatum, non possent conuenire ad destruccionem talis libri.

\* \* \*

quasi] *add.* a B B<sup>1</sup>/ orbe] orbi C C<sup>1</sup>/ ubi] ut O //2 peccato ydolotrie] *tr.* B B<sup>1</sup> //3 conseruauit] conseruat B;/ tum] cum eciam B/ Euangelium] eum O/ conuenire] uenire R //4 destruccionem talis libri] talis libri destruccionem B B<sup>1</sup>

a tantos e a tais e a quase todo o orbe, entre os quais muitos eram sábios, reis e príncipes que antes estiveram mergulhados no pecado da idolatria, não pode corromper-se. Isto, não só porque Deus o conservou, mas também porque tantos e tais a quem foi pregado o Evangelho não poderiam chegar a acordo para a destruição desse livro :

*Probaciones ad idem per Alcoranum*

Dicitur in Alcorano, in capitulo Mense, quod cum Iudei postulauerunt iudicium ab Aby Horeyra, quem posuerat Machometus iudicem, ut iudicaret inter homines, et ille diceret eis: *non iudico inter uos, donec interrogem Machometum*, et ille iuisset ad Machometum et interrogasset eum, respondit Machometus et dixit: *Deus misit super me in facto Iudeorum*, et dixit: *Si uenerint ad te, iudica inter eos, aut auertere ab eis. Et si auerteris ab eis, non nocebunt tibi in aliquo. Et si iudicaueris inter eos, iudica iuste, quia Deus diligit iuste iudicantes. Et quando uenient ad iudicium tuum, et apud eos est Lex, in ipsa est iudicium Dei.* Ecce hoc testatus est Machometus: quod tempore suo erat Lex apud Iudeos, in qua erat iudicium Dei. Unde ex hoc patet quod remanserat incorrupta. Quia si corrupta fuisset, uerum iudicium Dei non contineret.

\* \* \*

*Inscriptio:* Probaciones autem ad idem per Alchoranum R; om. C C<sup>1</sup>; Probaciones ad idem per Alcoranum O B B<sup>1</sup> //2 capitulo] capite, Ed./ postulauerunt] postularent B<sup>1</sup> //3 ab]om. C<sup>1</sup> B; et cum B<sup>1</sup>/Aby Horeyra]Eheby Horeyra R. Aby Hreira B<sup>1</sup>; posuerat] posuit B<sup>1</sup> //4 interrogem]interrogetis Ed./ Machometum]Machometo O //4-5 et...Machometum]om. C<sup>1</sup>/ ille...Machometum]om. C //5 et<sup>1</sup>] et tunc C<sup>1</sup>/ et<sup>2</sup>] add. cum C //5-6 misit super me in]misit ad me super C //6 uenerint]uenerant C C<sup>1</sup>/ eos] illos C //6-7 auertere]conuertere O//7 eis<sup>1</sup>]illis C/ auerteris]aduertaris R; auertaris O si<sup>2</sup>]om. R//8 diligit]diligat O/ quando]quomodo R O //9 uenient]ueniunt B/ tuum]om. Ed./ eos]om. B<sup>1</sup>/est<sup>1</sup>]om. R B/ et in]om. R; et O/ et apud eos est Lex et in ipsa]aperta sit Lex in ipsa, Ed./ est<sup>2</sup>]enim B; et enim Ed./ hoc]hic R O Exp. //10 erat Lex]tr. O Exp./ in qua erat]om. R //9-11 Ecce...Dei]om. C C<sup>1</sup> //11 ex hoc]consequenter B B<sup>1</sup> Ed./ quod remanserit]quod remansit R; quod remanserat C C<sup>1</sup> O, Exp.; eam remansisse Ed./ incorrupta]add. Et R incorruptam Ed./ quia silet quia si R; si enim Ed.//12 iudicium Dei non contineret]iudicium non contineret Dei C C<sup>1</sup>; Dei iudicium non contineret R O



*Provas do mesmo pelo Corão* (1)

Conta-se no *Corão*, no capítulo da *Mesa* (2), que os judeus pediram uma sentença a Abū Horayra, que Maomé estabelecera como juiz para julgar os homens, e que ele lhes respondeu: "não vos julgarei enquanto não interrogar Maomé". Tendo ele ido ter com Maomé e tendo-o interrogado, este respondeu-lhe, dizendo: "Deus encarregou-me da conduta dos judeus" e acrescentou: "Se vierem ter contigo, julga-os ou afasta-te deles. Se te afastares, não te causarão qualquer dano. Se os julgares, julga-os rectamente, porque Deus ama os que julgam com rectidão. E quando vierem ao teu julgamento e trouxerem a Lei, < sabe que > nela está o juízo de Deus". Eis o que testemunhou Maomé: que, no seu tempo, a Lei estava com os judeus, e que nela estava o juízo de Deus. Disto conclui-se, portanto, que ela permanecera incorrupta, porque se estivesse corrupta não conteria o juízo verdadeiro de Deus.

(1) Também já Pedro Venerável, no *LCS* (ed. Krit. pp. 256-257) se tinha servido do *Corão* para provar a autenticidade das Escrituras. A diferença está nisto: enquanto aquele, provada a autenticidade das Escrituras pelo *Corão*, acaba por desacreditar este através daquelas, o *TCM* prova a inautenticidade das leis corânicas através do próprio *Corão* e dos livros autênticos islâmicos, como já tivemos o ensejo de verificar.

A estratégia de todo este capítulo é inatacável, na medida em que o A., conhecendo bem o *Corão*, o instrumentaliza para rebater os argumentos dos seus próprios seguidores. É esta uma das constantes da metodologia martiniana: enfrentar os interlocutores com as suas próprias armas doutrinárias.

(2) *Co.* 5,46 - 47.

Item in Alcorano, in tractatu Higer, introduxit Deum sibi loquentem: Nos dimisimus uel fecimus descendere memoriale, et sumus eius custodes. Vocant autem Legem et Euangelium memoriale Dei, ut dicunt Sarraceni, quod cum ipse Deus custodiat, non est corruptum, alioquin ipse non esset Deus fidelis custos, quod absit.

5 Item eodem (capitulo) V: Non est mutacio in uerbo Dei, sed uerbum Dei est Lex et Euangelium. Cum ergo in uerbo Dei non sit mutacio, Lex et Euangelium non sunt mutata.

Item in tractatu Uacce, in fine secunde distinctionis, dicitur: Credimus Deum, et id quod missum fuit nobis, et quod fuit missum Abrahe, et Ysmaeli, et Ysaac,  
10 et Iacob, et tribubus, et id quod datum fuit Moysi et Iesu, et id quod fuit datum Prophetis a Domino suo, et non separamus inter aliquem ex ipsis. Ecce in his uerbis est mandatum Sarracenis, ut credant Legem et Prophetas, et Euangelium Iesu Christi, et quod non faciant differentiam inter aliquem Prophetarum. Et ita de

\* \* \*

Higer] Hig. O; Hyer B/ Deum]Dominum, Ed. //1-2 dimisimus]dum sumus R //2 fecimus] facimus O/ uel]et B<sup>1</sup>/ Uocat] uocant R notat C C<sup>1</sup> //3 quod]quia R //4 ipse]om. R O C C<sup>1</sup>/ esset]est R/ ipse non esset Deus]Deus ipse non esset Ed./ fidelis custos] custos fidelis R //5 Item]add. idem in B; ad idem C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>/ eodem]om. C; idem B<sup>1</sup>/ capitulo V]tr. B/ in]om. R O C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed./ uerbo]uerbi B<sup>1</sup> Ed. //6 ergo]igitur B<sup>1</sup>/ in]om. R O C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed./ mutacio]add. sequitur quod B B<sup>1</sup> Ed./ Euangelium]Euangelia Ed./ sunt]sint Ed. //7 mutata]mutanda R //8 dicitur]dicite R O Exp. dicit B; //9 id] illud B/ et<sup>2</sup>...missum]om. B<sup>1</sup>/ fuit missum]tr. B B<sup>1</sup> Ed./ et<sup>4</sup>] om. B //10 id]illud B/ datum fuit]fuit dictum B B<sup>1</sup>/ id]illud B/ fuit datum]fuit dictum ac datum B B<sup>1</sup> //11 Prophetis] add. et C<sup>1</sup>/ aliquem]aliquod O/ his]hīs R B B<sup>1</sup> //12 Legem]leges O Prophetas]Prophetis R//13 et quod]utque Ed./ faciant]faciat R; facerent B/ aliquem] aliquod O/ Et]om. C C<sup>1</sup> Ed.

Item, no *Corão*, no tratado *Hijr*<sup>(1)</sup>, introduz Deus a comunicar-lhe: "enviámos-te uma mensagem, isto é, fizemos descer o memorial e somos os seus defensores. Chama à Lei e ao Evangelho memorial de Deus, como dizem os sarracenos. Porque é guardado pelo próprio Deus, não está corrompido; de contrário, não seria o próprio Deus o guarda fiel e isso repugnaria.

Item, no mesmo capítulo V<sup>(2)</sup>: "Não há alteração na palavra de Deus, mas nela está a Lei e o Evangelho. Como, porém, não existe mudança na palavra de Deus, imutáveis são a Lei e o Evangelho.

Item, no tratado da *Vaca*<sup>(3)</sup>, no fim da segunda distinção, diz-se: "Acreditamos em Deus e naquilo que nos foi enviado; naquilo que foi enviado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacob e às tribos; naquilo que foi dado a Maomé e a Jesus; e naquilo que foi dado pelo Senhor aos Profetas. Não pomos de lado nenhum deles. Vê-se que nestas palavras foi ordenado aos sarracenos que acreditem na Lei, nos Profetas e no Evangelho de Jesus Cristo, e que não façam acepção de qualquer dos Profetas. Assim,

(1) *Co.* 15,9. Esta sura toma o nome de *Hijr*, a capital dos Tamud, a que se refere o vers. 80 e que corresponde à Regra de Ptolomeu, a Egra de Plínio e actual Mudain Salih.

(2) *Co.* 5.

(3) *Co.* 2,130/136.

necessitate oportet eos credere: et Legem et Prophetas et Euangelium. Cum ergo dictum sit eis, quod credant omnia supra dicta (nec Deus mandaret credi corrupta) non erant corrupta, sed uera et incorrupta.

Item in V c(ápitulo), circa finem: *dedimus librum Moysi complementum ei, qui bene facit, et discreccionem in omni re, et direccionem et misericordiam.* Sed corrupta lex non dirigit, sed potius facit errare; ergo Lex Moysi non est corrupta.

Item in tractatu Mense, VII c(ápitulo): *donec statueritis Legem et Euangelium, in nichilo estis.* Ibi loquitur Deus de Christianis et Iudeis, ut dicunt Sarraceni. Sed cum Deus bonum consulat, et malum dissuadeat, hoc eis non dixisse, si Lex et Euangelium corrupta fuissent. Ergo incorrupta sunt Lex et Euangelium apud Christianos et Iudeos.

Item in eodem c(ápitulo) V, introduxit Deum dicentem de Iesu: *Nos dedimus ei, scilicet Iesu, Euangelium, in quo est direccio et lumen.* Sed si Euangelium corruptum fuisset, non dixisset Deus in eo esse direccionem et lumen, sed potius errorem

\* \* \*

eos]om. B B<sup>1</sup> Ed./ et<sup>1</sup>]ac B B<sup>1</sup>/ et Prophetas]om. C/ergo]igitur C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>//2 sit eis]tr. R/ cre-  
dant]crederent R/ supra dicta]sua predicta B B<sup>1</sup>/ mandaret]mandauit C; mandarit, Ed//3 erant;  
add. tunc O/ non... incorrupta om. R//4 V uno B B<sup>1</sup> Ed./finem add. dicit R/ complementum ei comple-  
tum et R//5 et misericordiam]etc. R//6 Lex]om. O/ potius facit errare]potius errare facit  
B B<sup>1</sup>/ Moysi]add. si R//7 VII capitulo]tr. O B B<sup>1</sup>/ statueritis] add. seu compleue-  
dicis O/ consulat]consiliat C //10 incorrupta]om. R/ Euangelium]add. tam Ed. //11 et]  
quam Ed. //12 capitulo V]tr. B B<sup>1</sup>/ Deum]Dominum B Ed. //10-13 apud...Euangelium]  
iter. B B<sup>1</sup> //13 est]erat O/ Sed]om. Ed. //14 Deus]om. C/ esse]direccionem tr. R

impõe-se necessariamente acreditar neles: não só na Lei e nos Profetas, mas também no Evangelho. Portanto, já que lhes foi ordenado que acreditassem em todos os < livros > acima citados (Deus não obrigaria a acreditar nos corrompidos), não estavam corrompidos, mas eram verdadeiros e incorruptos.

Igualmente no capítulo V, próximo do fim<sup>(1)</sup>: "Demos-lhe como complemento o livro de Moisés, que faz bem, e também a discreção em tudo, a direcção e a misericórdia". Ora a lei corrompida não dirige; pelo contrário, faz errar. Portanto, a Lei de Moisés não está corrompida.

Item, no tratado da *Mesa*, capítulo VII<sup>(2)</sup>: "Estareis sem nada enquanto não estabelecer a Lei e o Evangelho". Aí, Deus fala dos cristãos e dos judeus, como dizem os sarracenos. Mas porque Deus aprova o bem e desencoraja do mal, não diria isto se a Lei e o Evangelho estivessem corrompidos. Portanto, a Lei e o Evangelho permanecem incorruptos com os cristãos e os judeus.

Item, no mesmo capítulo V<sup>(3)</sup>, introduz Deus a dizer de Jesus: "Demos-lhe isto é a Jesus, o Evangelho, no qual está a direcção e a luz". Ora se o Evangelho estivesse corrompido Deus não diria que nele está a direcção e a luz, mas antes o erro

(1) *Co.* 6,155.

(2) *Ib.* 5,72.

(3) *Ib.* 5,50.

et falsitatem. Unde constat Euangelium esse uerum et incorruptum.

Si quis uero dicat quod in hoc sunt corrupti libri, quod nomen Machometi est inde amotum, respondemus quod non est causa quare nomen eius amoueretur. Quia si bonus erat futurus, utile erat sciri nomen eius, ut cum uenisset, sicut bonus, de quo iam prophetatum erat, reciperetur, sicut contigit in Iohanne Baptista precursore Christi, de cuius aduentu prophetisauerunt Isaias et Malachias; item sicut scriptum est etiam de Elya et Enoch, quorum aduentus in fine mundi predictus est in Uetero et Novo Testamento, per quos Iudei in fine seculi conuerterentur. Si uero malus futurus erat, necesse fuit similiter nomen eius sciri et mores, ut cum ueniret, per huius noticiam caueretur ab eo, sicut scriptum est de Antichristo, et de moribus eius, et seductione, et de falsis miraculis, que facturus est, ut per ista iam scripta, cum uenerit cognoscatur, et a fidelibus caueatur. Unde sicut non est ablatum nomen Antichristi, nec nomen Diaboli de libris, eodem modo nec nomen Machometi

\* \* \*

falsitatem] fragilitatem O //2 uero] modo C C<sup>1</sup>/ nomen Machometi] tr. R/ Machometi] Machoti C //3 inde] om. C C<sup>1</sup>/ amotum] immotum C C<sup>1</sup>; amotum B B<sup>1</sup>/ quod] om. Ed./ est causa] esse causam Ed./ quare] quia R O/ eius] add. inde C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.; / amoueretur] non amouerunt R non ueretur C/ Quia om.] Ed./ si] add. enim Ed. //4 futurus] add. ut B/ sciri] scire R/ sciri nomen eius] nomen eius sciri Ed./ ut] et O //5 contigit] contingit R O C C<sup>1</sup>/ precursore] precursor R O //6 aduentu] add. et O/ prophetisauerunt] prophetisauit C C<sup>1</sup> Ed./ Isaias et Malachias] Malechias et Isaias R item] et Ed. //7 etiam] om. C C<sup>1</sup> B Ed.; et B<sup>1</sup>/ in] om. R //7-8 in fine mundi praedictus est in Ueteri et in Novo Testamento] praedictus est in Ueteri et in nouo Testamento Ed./ praedictus... Seculi] om. O //8 quos] quod C<sup>1</sup>/ seculi] mundi B B<sup>1</sup>/ conuerterentur] conuertentur R; conuertantur B //9 fuit] erat C/ et mores] om. C C<sup>1</sup>; et iudeos B //10 huius] eius C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>; huiusmodi O/ de moribus] demonibus C C<sup>1</sup>/ de] om. B B<sup>1</sup> //10-11 de moribus eius] tr. B B<sup>1</sup> //11 que] qua Ed./ est] om. C //12 cum uenerit] om. C C<sup>1</sup>/ cognoscatur] cognoscetur C //12-13 non est ablatum] tr. B<sup>1</sup> //13 nec] ut C C<sup>1</sup>/ de libris] om. B //13-1 ablatum...fuisset] om. O

e a falsidade. Donde se conclui que o Evangelho é verdadeiro e incorrupto.

Se alguém, no entanto, disser que os livros estão corrompidos pelo facto de que o nome de Maomé foi deles removido, respondemos que não existe causa para que o seu nome fosse removido. <sup>(1)</sup> Porque se o que havia de vir era bom, era útil conhecer o seu nome de maneira que, quando chegasse, fosse recebido como o bom que já tinha sido profetizado, tal como aconteceu com João Baptista, precursor de Cristo, cuja vinda Isaias e Malaquias profetizaram; igualmente, como foi escrito também de Elias e Enoc, cuja vinda no fim do mundo foi predita no Antigo e no Novo Testamento e através dos quais se converterão os judeus no fim do mundo. Se, no entanto, aquele que havia de vir fosse mau, seria igualmente necessário conhecer o seu nome e costumes, de tal modo que, quando viesse, se acautelassem com ele, através da sua Predição. Assim aconteceu acerca do anticristo, dos seus costumes e sedução, e dos falses milagres que há-de fazer, para que através destes já escritos, seja identificado, ao chegar, e se acautelem os fiéis. Portanto, assim como não foram removidos dos livros os nomes do anticristo e do Diabo, assim também o nome de Maomé

(1) O tema do *tahrif* ou da acusação de corrupção da Sagrada Escritura pelos cristãos, com o objectivo de apagarem a predição de Maomé, já fora sugerido pelo autor ao tratar das "falsidades de Maomé" e sê-lo-á novamente, no final, ao atacar magistralmente o aproveitamento que os muçulmanos fazem de Habc. 3, 2 e Jo. 14,26 como sendo profecias acerca de Maomé. Aqui fá-lo por analogia com João Baptista, Elias e Enoc, por um lado, e com o anticristo por outro, no enquadramento lógico de um dilema implícito em que, quer Maomé fosse bom, quer fosse mau, só haveria vantagem para os cristãos em o conhecerem antecipada e profeticamente: se fosse bom, estariam preparados para o seguir; se mau, para o rejeitar.

inde fuisset ablatum, si ibi fuisset scriptum. Unde cesset Priuola excusatio, quae assumitur in defensione mendacii et erroris.

Item per hoc quod Christus, qui est ueritas, in diuersis locis nominauit et induxit Legem Moysaicam, et alios libros Prophetarum, ut patet in Euangeliis, ostenditur quod predicti libri non fuerunt immutati et corrupti.

Item ipse Christus in Euangelio Mathei, XXIII, ait: *Super cathedram Moysi sederunt scribe et pharisei. Omnia ergo que dixerint uobis, facite et seruate. Secundum uero opera eorum nolite facere.*

Et in capitulo ubi hoc dixit, redarguit eos de appetitu laudis et honoris, et de ypocrisi, et aliis viciis, que erant in ipsis. Unde si Legem mutassent in aliquo, magis eos de hoc redarguisset. Sed ipsemet ostendit Legem esse integram, ubi dicit: *Non ueni Legem solvere aut Prophetas, sed adimplere. Amen quippe dico uobis, donec transeat celum et terra, iota unum, aut unus apex non preteribit a Lege*

\* \* \*

scriptum] ascriptum R/ ibi] eis Ed./ Unde] Quamobrem Ed./ cesset] cessat R B B<sup>1</sup>-//2 de  
fensione] deffensionem R; // erroris] add. inscriptionem Probaciones eiusdem per auc-  
toritates Scripture Ed. //3 Item per hoc quod Christus] Quia Christus Ed. //5 quod]  
om. Ed./ fuerunt] fuere C/ amputati et corrupti] tr. R; mutati et corrupti B/ predicti libri non fue-  
runt immutati et corrupti] predictos libros non fuisse immutatos et corruptos Ed./ immutati et cor-  
rupti] tr. R O //6 ipse] om. R/ Christus] add. dicit B/ XXIII] XXVIII] R/ ait] om. R B / Super cathe-  
dram] in cathedra Ed./ Moysi] add. id est super doctrinis Moysi R O; Moysi B<sup>1</sup>  
//6-7 sederunt] sederint O; sedent Ed. //7 scribe] scribi B principes B<sup>1</sup>/ que] quecun-  
que B<sup>1</sup>/ dixerint] dixerunt R O; iusserint Ed./ uobis] uos Ed./ ergo] igitur C<sup>1</sup>/ faci-  
te et seruate] tr. B<sup>1</sup> //7-8 Omnia...facere] etc. B/ Secundum] sed B<sup>1</sup> //8 uero opera]  
tr. B<sup>1</sup> Ed./ eorum] illorum O C C<sup>1</sup> //9 Et] om. Ed./ capitulo ubi hoc dixit] eodem ca-  
pite Ed./ redarguit] darguit R eos] add. ibi C/ de] ab B B<sup>1</sup>//10 ypocrisi] hypocrisi Ed. ypocrisis O que]  
qui O //11 hoc] hac re Ed.; / de hoc redarguisset] tr. R/ esse integram] in te gratiam  
esse R; tr. O //11-12 ubi dicit] nobis dixit R; add. Matth. V Ed. //12 Legem solve-  
re] tr. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>; ut destruam Legem Ed./ aut Prophetas] soluere autem Prophetas R;  
add. non ueni solvere O/ sed adimplere] soluere autem prophetas] R; sed et adimpler B; sed ut compleam Ed-  
//13 transeat] praetereat Ed./ iota] loca R/ unus apex] tr. C/ preteribit] praeteriet  
Ed./ a] ex Ed.



não seria daí retirado se lá estivesse escrito. Cesse, portanto, a fútil evasiva que se assume na defesa da mentira e do erro.

Item, pelo facto de que Cristo, que é a Verdade, citou e aduziu a Lei Mosaica e os outros livros dos Profetas, como se vê nos Evangelhos, mostra-se que esses livros não foram alterados e corrompidos.<sup>(1)</sup>

Item, diz o próprio Cristo no Evangelho de S. Mateus, XXIII<sup>(2)</sup>: "Os escribas e os fariseus instalaram-se na cátedra de Moisés. Fazei, pois, e observai tudo o que eles vos disserem, mas não imiteis as suas obras".

No capítulo<sup>(3)</sup> em que disse isto, acusa-os da sede de louvor e de honra, da hipocrisia e de outros vícios que tinham. Daí se segue que os teria acusado ainda mais se em alguma coisa tivessem mudado a Lei. Ele próprio mostra que a Lei está íntegra, quando diz<sup>(4)</sup>: "Não vim revogar a Lei ou os Profetas, mas sim completá-la. Porque, em verdade, vos digo: até que passem o Céu e a Terra, não passará um só jota ou um ápice da Lei,

(1) Este tipo de argumentação, a partir da Bíblia, confere a esta parte do TCM um perfil metodológico diferente do da primeira parte e aproxima-a do contexto da *Explanatio*, com a qual forma um todo natural. Cristo, com a autoridade que lhe é reconhecida pelo Corão, aceita e aprova a doutrina de que os seus mais acérrimos inimigos, os escribas e os fariseus, eram garantes, isto é, o Antigo Testamento. Esta é a prova mais cabal da autenticidade da doutrina que Ele próprio não veio revogar mas apenas completar: a de a receber das mãos daqueles cuja vida estava em contradição com ela.

(2) Mt. 23,2-3.

(3) Ib. 23, 5-7.

(4) Ib. 5, 17-18.

donec omnia fiant. Et Lucas XXI: Celum et terra transibunt, uerba autem mea non transibunt. Ex hoc apparet quod Lex incorrupta remanserat apud Iudeos.

Item sicut habetur in historiis, Ptolomeus Rex Egipti, librorum cupidus, usque ad quinquaginta milia libros congregauit. Qui cum audisset quod apud Iudeos esset Lex ore Dei edita, misit de Iudeis captiuos, qui erant in regno suo CXX milia, et magna munera argenti et auri Eleazaro, summo pontifici Iudeorum, ut sibi mitteret Iudeos sapientes et in Hebraea et in Graeca lingua, cum Lege Dei, qui ad eam transferendam in Graecam sufficerent. Unde predictus pontifex misit ei septuaginta seniores, peritos utriusque lingue, qui Legem et Prophetas transtulerunt.  
10 Et hoc fuit per magnum tempus ante Christum, et ista translatio remansit apud Grecos. Unde etiam uoluissent Iudei aliquid mutare, nichilominus ueritas translationis remansisset apud duas gentes, diuersas ab eis, qui ipsos possent arguere de mutacione. Postea uero, tempore Apostolorum Christi, cum predictae gentes et aliae

\* \* \*

12-1 dico...uobis...fiant]etc. B B<sup>1</sup> //1 donec]quoad Ed./ fiant]facta fuerint Ed./ Lucas]Luca B B<sup>1</sup>; Lucae Ed./ terra]om. O //1-2 uerba...transibunt]om. B B<sup>1</sup>; //2 transibunt]transient R O/ remanserat]manserat B B<sup>1</sup>/ Iudeos]add. *inscripcio* Probationes eiusdem per historiam Ptolomaei, et alia argumenta Ed. //3 Item sicut]om. Ed./ historiis]sequitur spacium unius uerbi non scripti R; add. quod Ed./ Ptolomeus]om. R; Pholomeus O //3-4 usque ad]usque B B<sup>1</sup>; ultra Ed. //4 libros]librorum Ed./congregauit]congregauerit C<sup>1</sup> Ed./quod]om. Ed. //5 esset]esse Ed./Lex]Legem Ed./ore Dei]tr. R/ edita]editam Ed./ suo]om. O //6 sibi]si C C<sup>1</sup> //7 sapientes]om. Ed./ et]om. B/ hebraea]ebrea O C C<sup>1</sup> B; Hebraica Ed./ et in]om. O/ in]om. B<sup>1</sup>/ lingua]add. sapientes Ed./ Dei]om. O; add. peritus B //8 Grecam]Grecum R O/ sufficerent]essent idonei Ed./ sibi]ei Ed. //8-9 LXX]XX O; septuaginta Ed.; CXX Exp. //9 peritos]peritus B/ utriusque]ueterisque C C<sup>1</sup>/ qui]quius (?) C<sup>1</sup> //10 et ista]ipsaque O/ remansit]remansisset C permansit C<sup>1</sup> Ed. //10-11 Grecos]Grecus B //11 Unde etiam]quare si Ed./ aliquid]aliqui C<sup>1</sup>/ nichilominus ueritas]om. C C<sup>1</sup>; ueritas tamen B B<sup>1</sup> //12 qui]que Ed./ ipsos]om. C //12-13 possent arguere de mutacione]de mutacione arguere possent B B<sup>1</sup> Ed. //13 Postea]postero B B<sup>1</sup> Ed./ gentes]add. baptizantes eas in nomine patris, et filii, et Spiritus Sancti; docete eas seruare omnia quaecunque praecepi uobis.

sem que tudo se cumpra". E Lucas, XXI<sup>(1)</sup>: "O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não hão-de passar". Daqui se vê que a Lei permanecera incorrupta com os judeus.

Item, como se diz nas histórias, Ptolomeu, rei do Egipto, ávido de livros, juntou cerca de cinquenta mil. Ao ouvir dizer que a Lei publicada pela boca de Deus estava com os judeus, mandou alguns destes cativos, que eram cento e vinte mil no seu reino, com grandes presentes de prata e ouro a Eleázaro, sumo pontífice dos judeus, para que lhe enviasse judeus eruditos nas línguas hebraica e grega, com a Lei de Deus e que fossem capazes de a traduzir para o grego. Por isso o predito pontífice mandou-lhe setenta anciãos, peritos em ambas as línguas, os quais traduziram a Lei e os Profetas<sup>(2)</sup>. Ora isto aconteceu muito tempo antes de Cristo e esta tradução permanece com os gregos. Daí que, ainda que os judeus pretendessem mudar algo, contudo a verdade da tradução permanecera com os dois povos, diferentes entre si, e eles poderiam acusá-los da mudança. Posteriormente, porém, no tempo dos Apóstolos de Cristo, como tais gentes e outras

(1) *Lo.* 21,33.

(2) Diz-se que Ptolomeu II (285-246 a.C.) fez traduzir a Lei em grego pelos Setenta (carta apócrifa de Aristes). Antes dele, Ptolomeu I (322-285) instalara judeus no Egipto e Selenco I (312-280) em Antioquia (Flávio Josefo).

O A. retoma o argumento do consenso universal, agora alargado ao mundo helenista e romano e a todo o mundo, o que lhe confere uma solidez muito mais forte, na medida em que se tornava praticamente inviável que alguém corrompesse um texto universalmente conhecido sem que houvesse uma reacção de indignação por parte dos que não aceitavam essa corrupção, fosse por razões de honestidade intelectual, fosse por razões de conflitos pré-existentes, fosse por quaisquer outras.

recepissent fidem Christi, receperunt et Euangelium ab ipsis Apostolis, et ab aliis discipulis, qui predicauerunt eis, iuxta mandatum Christi, Mathei ultimo: *Euntes docete omnes gentes.* Et Marci ultimo: *euntes in mundum uniuersum, predicate Euangelium omni creature.* Et hoc in diuersis ydiomatibus. Unde iste gentes non possent congregari de finibus mundi ad mutandum Euangelium, cum inter se sint diuerse moribus et linguis, et sub diuersis principibus et regnis, et si factum fuisset, non potuisset latere.

Item emulacio est inter Iudeos et Christianos, specialiter de scripturis, et ideo nec corrupcionem Iudeorum silerent Christiani nec corrupcionem Christianorum silerent Iudei. Cum autem sint discordes contra intellectum scripturarum, constat quod ad scripturarum corrupcionem non potuerunt concordare. Cum igitur uterque concordent in lege Moysi et Prophete, constat Legem Moysi et Prophetas non esse corruptos.

Item Euangelium est complexio Legis et Prophetarum, et Lex et Prophete fuerunt

\* \* \*

ab]om. R O //2 predicauerunt]predicarent C //3 Euntes]ite Ed./ uniuersum]add. et R; add. etc. B B<sup>1</sup> //3-4 predicate...creature]om. B B<sup>1</sup> //4 et]om. R //5 mutandum]inmutandum B B<sup>1</sup>/ sint]diuerse]sunt diuersi R/principibus]patricibus R//8 Item emulacio]sine emulacione]est]om. R/Iudeos et Christianos]tr. Q/ specialiter]om. B//9 silerent]simulassent O/ Christiani]add. et O/ Iudeorum...corrupcionem]om. B B<sup>1</sup> Ed. //9-10 Christianorum silerent Iudei]om. O //10-11 constat...scripturarum]om. C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed.; add. in B //11 potuerunt]poterunt R B B<sup>1</sup>/ igitur]om. R; ergo Ed./ utrique]uterque R O; om. C C<sup>1</sup>//11-12 concordent]concordant Q//12 et Prophete]prophecie R; om. B B<sup>1</sup>/legem Moysi et Prophetas]et prophecias B B<sup>1</sup>; ipsam et Prophetas Ed./ Prophetas]prophecias R //12-13 corruptos]corruptas R B B<sup>1</sup>; add. nec Prophetas esse corruptos B //14 et]ac Ed./ fuerunt]fuere C; sunt Ed.

tivessem recebido a fé cristã, receberam também o Evangelho dos próprios Apóstolos e dos outros discípulos que lhes pregaram segundo o mandato de Cristo, no último <capítulo> de S. Mateus (1): "Ide, ensinai todos os povos", e no último de Marcos (2): "Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda a criatura", e isto em várias línguas. Ora estas gentes não poderiam congregar-se das extremidades da Terra para alterar o Evangelho, já que são de diferentes costumes e línguas, regidos por diferentes príncipes e reinos, e, se o fizessem, não poderia passar despercebido.

Item, existe a emulação entre os judeus e os cristãos, principalmente por causa das escrituras. Portanto, nem os cristãos calariam a corrupção dos judeus, nem estes a daqueles. Uma vez que são discordantes na interpretação das escrituras, é evidente que não poderiam concordar com a corrupção das mesmas. Portanto, concordando ambos na Lei de Moisés e nos Profetas, sabe-se que a Lei de Moisés e os Profetas não foram corrompidos.

Item, o Evangelho é o complemento da Lei e dos Profetas e a Lei e os Profetas foram

(1) Mt. 28,19.

(2) Mc. 16,15.

figura Euangelii. Unde Lex et Prophete continentur in Euangelio, et Euangelium in Lege et Prophetis. Propter quod dixit Ezechiel quod rota erat in medio rote. Si ergo Euangelium fuisset corruptum, discordaret a Lege et Prophetis, et si Lex et Prophete corrupti essent, similiter ab Euangelio discordarent.

5 Cum ergo concordent ad inuicem, sicut patet habentibus rerum intellectum et Scripture; manifestum est quod tam Nouum quam Vetus Testamentum sine corrupcione et mutacione remanserunt.

Item cui libet magis credendum est in sua sciencia uel arte quam alteri. Stultum enim esset magis credere de agricultura medico et agricole de medicina. Quae ergo temeritate uolunt Sarraceni quod ipsis, uel domino suo, qui ignorauerunt Euangelium Christi, de ipso Euangelio magis credatur quam Christianis, qui professionem Euangelii per continuam temporum successionem ab initio tenuerunt. Nostrum quidem Euangelium non solum a fidelibus testibus scriptum est, uerum etiam per

\* \* \*

2 Propter quod] Propterea *Ed.* / dixit] dicit *O B Ed.*; dicitur *B<sup>1</sup>* / Ezechiel] Ezechias *R*; Oze *B<sup>1</sup>* / erat] erit *Ed.* // 3 ergo] igitur *O B B<sup>1</sup>* / fuisset] fuisse *C C<sup>1</sup>*; esset *O* // 5 ergo] igitur *B B<sup>1</sup>* / ad inuicem] ut inuicem *C<sup>1</sup>*; inter se *Ed.* / Cum... inuicem] *om.* *O* / rerum] uerum *C* // 5-6 intellectum et Scripture] et Scripture intellectum *Ed.* // 6 Scripture] Scripturas *C C<sup>1</sup>* / quod] *om.* *B<sup>1</sup> Ed.* / Testamentum] *add.* quod *B B<sup>1</sup>* // 7 et mutacione] *om.* *C C<sup>1</sup> B* / permanserunt] remanserunt *R*; permansisse *Ed.* // 8 magis] *om.* *C C<sup>1</sup>* / credendum est] *tr.* *R B* / uel] *add.* in *O* // 9 esset] *add.* magis / medico de agricultura] de agricultura medico *R* // 10 temeritate] censitate *B B<sup>1</sup>*; censura *Ed.* / quod] ut *Ed.* / suo] ipsorum *Ed.*; *add.* Machometo *O* / ignorauerunt] ignorauit *O* // 11-12 professionem] perfectionem *Ed.* // 12 per] qui *R* / temporum] *om.* *B B<sup>1</sup>* / Euangelii... successio] *om.* *O* / tenuerunt] tenuere *C C<sup>1</sup>*; retinuerunt *Ed.* // 13 a] *om.* *B B<sup>1</sup>* / est] *om.* *R* / uerum etiam] uerum *R O* / per] *om.* *R*

a imagem do Evangelho. Daí que a Lei e os Profetas estão contidos no Evangelho e o Evangelho na Lei e nos Profetas. Por causa disso afirmou Ezequiel<sup>(1)</sup> que a roda estava dentro de roda. Se, portanto, o Evangelho estivesse corrompido, discordaria da Lei e dos Profetas e se a Lei e os Profetas estivessem corrompidos discordariam igualmente do Evangelho.

Como, porém, concordem mutuamente, como é óbvio aos que têm o conhecimento das coisas e da Escritura, é evidente que, tanto o Novo como o Antigo Testamento, permaneceram sem corrupção e sem mudança.<sup>(2)</sup>

Item, deve acreditar-se mais naquele que está na sua ciência ou arte do que noutro. Com efeito seria louco acreditar mais no médico acerca da agricultura ou no agricultor acerca da medicina. Portanto, com esta leviandade querem os sarracenos que, acerca do Evangelho, se acredite mais neles ou no seu senhor, que ignoraram o Evangelho de Cristo, do que nos cristãos, que o professaram desde o princípio, através da continua sucessão dos tempos.<sup>(3)</sup> Na verdade, o nosso Evangelho foi escrito não só por testemunhas fiéis, como também

(1) Ex. 1,16.

(2) A concordância do Antigo e Novo Testamento, que seguiram diferentes caminhos bibliográficos e religiosos, é para o A. um argumento forte para afirmar a não corrupção de qualquer deles já que, se tal tivera acontecido, o texto de um incarnaria a denúncia do acontecido ao outro.

(3) Este argumento, situado no século XIII, quando no mundo islâmica não havia especialistas árabes na ciência e história da transmissão dos textos bíblicos, recebe uma carga lógica tão forte que o A. apelida de *leviandade* e *loucura* a pretensão de os muçulmanos conhecerem melhor do que os cristãos a versão original dos textos bíblicos que estes conheceram e professaram ao longo de todas as gerações.

multitudinem Prophetarum ueridicorum et concorditer aduentum Christi preconizantium. Roboratur. necnon et miraculis quam plurimus supra naturam, et martirum multitudo copiosa, quos nec mors, nec gladius, nec tribulatio quecumque potuit a fide Euangelii separare. Unde si quis temptasset Euangelium mutare, tam zelo fidelium et deuotione, quam librorum ueterum collectione, quam diuersorum codicum apud diuersas nationes attestacione confutaretur. Preterea si Alcoranus, uel unus liber gramatice, qui est in una lingua non potest corrumpi, quomodo Euangelium, quod fuit scriptum in duersis linguis, potuisset corrumpi? Quod ergo recipiunt pro se de incorruptione Alcorani, uel alterius libri, oportet eos necessario reperire  
10 contra se de incorruptione Legis et Euangelii, quia de similibus simile est iudicium.

Item quod libri sunt integri et incorrupti, potest ostendi per auctoritates, quoniam nullus auderet mutare uel minuere uel addere in Ueteri uel Nouo Testamento,

\* \* \*

multitudinem]multitudine R/ueridicorum et]om. R/ concorditer]concordant C<sup>1</sup>//1-2 pre-  
conizantium]praeannuntiantium Ed.//2 roboratur]roborantur C/ et<sup>1</sup>]om. Ed./ supra]suam  
O//2-3multitudo]multitudine R; multitudinem O//3 nec<sup>1</sup>]aut C C<sup>1</sup>/nec]aut R/tribulacio  
quecumque]tr. Ed.//4 Euangelii]Euangelium O//5 ueterum]add. et O; uerorum Ed./col-  
lectione]et Ed.//6 attestacione]om. B B<sup>1</sup>; collatione Ed.//7 qui]que C<sup>1</sup> B Ed.//8 po-  
tuisset]potuit B B<sup>1</sup> Ed.//9-11 oportet... libri]om. R//10 Euangelii]Euangelium O //  
11 iudicium]hic explicit MS O//12 quod]si B B<sup>1</sup>/auctoritates]auctoritatem R C C<sup>1</sup>//13  
minuere]diminuere R/ uel]add. in C C<sup>1</sup>.



pela multidão de Profetas verdadeiros que predisseram unanimemente a vinda de Cristo. Além disso, fortalece-se com os milagres, a maior parte dos quais transcendem a natureza, e com a multidão copiosa de mártires os quais nem a morte, nem a espada, nem qualquer tribulação conseguiram afastar da fé do Evangelho.<sup>(1)</sup> Por isso, se alguém tentasse mudar o Evangelho, seria refutado quer pelo zelo e devoção dos fiéis, quer pela colecção dos livros antigos, quer pelo testemunho dos diversos códices, junto das diversas nações. Além disso, se o Corão ou um livro de gramática que existe numa língua não pode corromper-se, como poderia corromper-se o Evangelho, que foi escrito em diferentes línguas? Portanto aquilo que aceitam acerca da incorruptibilidade do Corão ou doutro livro, importa reconhecê-lo, necessariamente, contra si, acerca da incorruptibilidade da Lei e do Evangelho, porque semelhante é o juízo acerca dos semelhantes.<sup>(2)</sup>

Item, pode mostrar-se através das autoridades que os livros estão íntegros e incorruptos, porque ninguém ousaria mudar, suprimir, ou acrescentar o Velho e Novo Testamento,

(1) A invocação do milagre para garantir a veracidade e, concretamente, a incorruptibilidade das Escrituras faz parte do esquema apologético utilizado pelo autor em relação à não autenticidade da doutrina e missão maometanas e é um dos temas que Ramón Martí privilegia quer na *Explanatio*, quer no *Capistrum* e no *Pugio*. Só a convicção apodítica da veracidade das Escrituras justifica os martírios que por Ela sofreram tantos cristãos.

(2) O argumento da analogia, explicitamente enunciado pela expressão "porque semelhante é o juízo acerca dos semelhantes" confronta os interlocutores muçulmanos com um dilema dificilmente solúvel: ou eles aceitam a veracidade da Sagrada Escritura, e então são coerentes em aceitar a veracidade do Corão e de outros livros, ou rejeitam aquela e são obrigados a rejeitar estes, o que significa a abdicação ao seu ser islâmico, essencialmente dependente do seu livro revelado.

quoniam super hoc habetur prohibicio et eciam malediccio. Unde Moyses Deuteronomio, 4<sup>to</sup>: Non addetis ad uerbum quod uobis loquor, nec auferetis ex eo. Item Salomon, Prouerbiis XXX: Omnis sermo Dei ignitus clipeus est sperantibus in se. Ne addas quidquam uerbis illius, ne arguaris inueniarisque mendax. Item Johannis, in Apocalypsi: Si quis apposuerit super hoc, apponet illi Deus plagas in libro isto. Et si quis diminuerit de uerbis libri prophecie huius, auferet Deus partem eius de Libro uite et de Ciuitate Sancta. Non autem uidetur quod aliquis esset presumptuosus, quod contra ista auderet mutare aliquid in libris sanctis.

\* \* \*

supra] super habetur R/ hoc] add. eciam B B<sup>1</sup> Ed./ habetur eciam] tr. Ed./ prohibicio et] om. B B<sup>1</sup> Ed./ eciam] om. C C<sup>1</sup> //2 addetis] addens R B B<sup>1</sup>; addet C/ auferetis] auferens B ex] ab R//2-3 Salomon] add. in C<sup>1</sup>//3 ~~XXX~~ ~~XXV~~, C C<sup>1</sup>//3-4 Ne...mendax] om. R R //4 quicquam] quanquam B/ nec] ut C C<sup>1</sup> //4-5 Apocalypsi] add. I C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>//~~5~~ super hoc] ad hanc R add. haec Ed./ illi] om. Ed./ Deus] Dominus C<sup>1</sup>; add. super illum Ed. //5-6 plagas... Deus] om. R //6 de<sup>2</sup>] e Ed. //7 de] a Ed./ quod] om. Ed./ aliquis esset] tr. B B<sup>1</sup> //8 quod] qui Ed./ mutare aliquid] tr. R/ in libris sanctis] om. R; add. etc. B B<sup>1</sup>.

visto que, acerca disto, existe a proibição e também a maldição. Com efeito Moisés, no Deuterônimo, IV<sup>(1)</sup>: "Não acrescentareis nada ao que vos prescreve e nada eliminareis dele". Igualmente Salomão, nos Provérbios, XXX<sup>(2)</sup>: "Toda a palavra de Deus é um escudo purificado pelo fogo para aqueles que n'Ele confiam. Nada acrescentes às Suas palavras, para que Ele te repreenda e sejas achado mentiroso". Igualmente João, no Apocalipse<sup>(3)</sup>: "Se alguém lhe acrescentou alguma coisa, Deus fará vir sobre ele os flagelos descritos neste livro. E se alguém tirar alguma palavra do livro desta profecia, Deus tirar-lhe-á a sua parte do Livro da Vida e da Cidade Santa". Não parece, porém, que alguém fosse <tão> presunçoso que, contra estas <determinações>, ousasse mudar alguma coisa nos livros santos.<sup>(4)</sup>

(1) Deut. 4,2.

(2) Prov. 30,5-6.

(3) Apc. 22,18-19.

(4) O A. termina a defesa racional da veracidade e incorruptibilidade da Sagrada Escritura com um argumento a que os muçulmanos, tal como os judeus e os cristãos eram muito sensíveis. Caracterizados e quase definidos como o *ahl al-Ritāb* (as gentes do livro) as três religiões monoteístas fazem depender toda a sua fé e a própria essência religiosa da Palavra de Deus. No islamismo, esta convicção é tão forte que o papel do mediador da Palavra de Deus, isto é, o Profeta, não tem qualquer função activa. A tão defendida ignorância de Maomé significa que o milagre (*mu<sup>o</sup> jizāt*) que é o Corão tem exclusivamente a Deus como autor, o que constitui o milagre da insuperabilidade e inimitabilidade (*i<sup>o</sup> jās al-Qur'ān*). Ao aperceberem-se os muçulmanos das proibições bíblicas da alteração (*tahrīf*) da Sagrada Escritura, não teriam coragem de continuar a insinuar que os Cristãos e os judeus a corromperem, pois isso seria o maior dos crimes, sobre o qual recairia a ira de Deus. Apesar de apoiado na autoridade da Sagrada Escritura, este argumento é para os muçulmanos de um peso incalculável.

*Sequitur probatio ad idem per auctoritates*

Si quis uero dicat quod Nabuchodonosor combussit libros Legis et Prophetarum, hoc ostenditur esse falsum per gesta filiorum Israel. Nam, sicut habetur in 4º libro Regum 17º, Salmanasar, Rex Assiriorum, terram cepit filiorum Israel et transtulit filios Israel de terra sua in terram Assiriorum, et posuit eos in ciuitatibus Medorum, et adduxit de Babilone, et aliis locis terre sue colonos, et collocauit eos in ciuitatibus Samarie pro filiis Israel. Cum inhabitare cepissent terram, non timebant Deum, cum essent idolatre. Unde immisit in eos Deus leones, qui interficiebant eos. Et nunciatum est regi Assiriorum quod perirent coloni eius, quia ignorabant legitima Dei terre. Et misit rex unum de sacerdotibus Israel, et eciam Legem Moysi, sicut dicitur in hystoriis. Et iste habitauit in Bethel, et docebat gentes illas legitima Dei Israel. Ipsi tamen licet colerent Deum Israel, colebant ydola sua, unusquisque iuxta ritum gentis sue. Unde Lex Moysi permansit

\* \* \*

*Inscriptio: om. R C C<sup>1</sup> Sequitur probatio ad idem per auctoritates B B<sup>1</sup>; add. etc. B<sup>1</sup>; Probaciones eiusdem per historias et testimonia ueteris Testamenti Ed. //2 uero] autem R //3 hoc] hic R; add. manifeste B<sup>1</sup> Ed./ esse] om. B B<sup>1</sup> //3-5 Nam... Israel] om. R //4 Regum] add. capitulo B/ 17] 16 C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup>; 61 B/ terram cepit] tr. B B<sup>1</sup> Ed. //5 Israel] add. id est B //5-6 ciuitatibus] ciuitate R C C<sup>1</sup> //6 adduxit] adducit R C/ et] add. de R //7 eos] illos C/ ciuitatibus] ciuitate R C C<sup>1</sup>/ Cum] et cum autem R/ inhabitare] habitare R/ cepissent] cepisset Ed. //7-8 terram] ibi R //8 in eos Deus leones] Deus in eos leones R; in eos leones Deus Ed./ qui] et R //9 eius] sui Ed. //10 ignorabant] ignorabat B<sup>1</sup>/ legitima Dei terre] legitimum terram Dei B; legitima terre Dei B<sup>1</sup> //10-11 et eciam] atque Ed. //11 et] om. Ed./ iste] ille B<sup>1</sup>/ habitauit] habitauerit C; habitat B<sup>1</sup>/ in] cum R //12 legitima] legitimam B/ Ipsi... Israel] om. C B B<sup>1</sup> Ed. //13 colebant] colebat R C C<sup>1</sup> B Ed.; add. enim B; eius B/ ydola sua unusquisque] tr. R/ ritum] ritus R/ gentis] gente B<sup>1</sup>/ permansit] remansit R.*

*Segue a prova do mesmo através das autoridades* <sup>(1)</sup>

Se, no entanto, alguém<sup>(1)</sup> disser que Nabucodonosor queimou os livros da Lei e dos Profetas, mostra-se que isso é falso, através das gestas dos filhos de Israel. Com efeito, como se diz no IV livro dos Reis, XVII<sup>(3)</sup>, Salmanasar<sup>(4)</sup>, rei dos Assírios, conquistou a terra dos filhos de Israel e tranferiu estes da sua terra para a dos assírios; colocou-os nas cidades dos medos e trouxe de Babilônia e de outros lugares da sua terra colonos e colocou-os nas cidades da Samaria, em vez dos israelitas. Quando começaram a habitar a terra, não temiam a Deus, pois eram idólatras. Por isso Deus enviou contra eles leões que os matavam. Anunciaram ao rei dos assírios que os seus colonos morriam porque desconheciam os preceitos do Deus da terra. O rei enviou um dos sacerdotes de Israel e também a Lei de Moisés, conforme se conta nas histórias. Este habitou em Betel e ensinava àquelas gentes os preceitos do Deus de Israel. Eles, porém, embora adorassem o Deus de Israel, adoravam os seus ídolos, cada um segundo o rito da sua gente. Ora a Lei de Moisés permaneceu

(1) De argumentos de carácter geral, o A. passa a responder a questões pontuais de carácter histórico e doutrinal.

(2) O "Alguém" (*quis*) é, certamente, uma alusão clara ao contemporâneo de Martí, al-Qarāfī (m.1285), que fundamentava expressa e historicamente o *Tahrif* (corrupção) do A. Test. na perda do "Livro" dos judeus na altura em que Nabucodonosor destruiu Israel e matou os filhos de Aarão. Segundo ele, o livro encontrado setenta anos depois por Esdras não corresponde plenamente à Lei de Moisés.

(3) *IV Reg.* 17, 6 ss.

(4) Salmanasar V (726-722 a.C.) assediou a Samaria. A conquista realizou-a em 721 Sargão II (721-705 a.C.), que procedeu a deportações e invasões. cf. *II Reg.* 17,5 ss.

apud eos, et predictus Salmanasar, rex Assiriorum, fuit ante Nabuchodonosor  
c(entum) annis, sicut probatur ex numero annorum regum, qui regnauerunt in Ierusa  
lem, ab ipso Salmanasar usque ad Nabuchodonosor. Unde non potest generaliter dici  
quod ipse Nabuchodonosor combusserit Legem, cum non legatur destruxisse nisi Ie-  
5 rusalem. Quam quidem destruxit Nabuzardan, et quidam princeps milicie eius, non  
in prima uice, sed in secunda, sicut infra dicitur. Et iam tunc libri legis erant apud  
Samaritas, tempore Salmanasar regis, qui fuit ante Nabuchodonosor c(entum) annis,  
ut dictum est. Cum ergo non legatur destruxisse, Sobna non destruxit etiam libros  
Legis, qui apud Samaritas erant. Cum igitur primo uenit Nabuchodonosor, ut expug-  
10 naret Ierusalem, sicut dicitur in 4<sup>o</sup> Regum, 23<sup>o</sup> capitulo: *Egressus est Joachim rex  
Juda ad ipsum, pro sua uoluntate, et mater eius, et serui eius, et principes; et  
suscepit eum, et suos rex Babilonis [...], et transtulit eum, et omnem populum,  
Ierusalem, 10 milia, et non relinquit ibi exceptis pauperibus populi terre et tunc  
non destruxit Ierusalem, neque combussit aliquid in ea. Unde satis uidetur uerum, quod*

\* \* \*

2 ex] om. R C/ qui] quo R; quando C<sup>1</sup>/ regnauerunt] regnauit Ed. //3 Salmanasar] Salma  
R;/ ad] om. R/ generaliter] om. R //4 ipse] om. B; ipso C B<sup>1</sup>/ Nabuchodonosor] Nabudo C<sup>1</sup>/  
combusserit] combussit B B<sup>1</sup> Ed./ legem] add. generaliter R/ non] nihil Ed. //Nabuzardan] Na  
bugo C<sup>1</sup>/ et quidam] om. B B<sup>1</sup> Ed. P Exp./ non] add. tamen B B<sup>1</sup> Ed. //6 in] om. B/ prima  
uice] patria R/uice] iuda R; expedicione Ed./ sicut] om. R B B<sup>1</sup> Ed./ infra dicitur] om.  
B B<sup>1</sup> Ed.; infra dicitur C C<sup>1</sup>/ iam tunc] etiam tunc C<sup>1</sup>; tunc iam ~~Legis~~ om O C C<sup>1</sup> B, Exp.  
B<sup>1</sup> //7 Samaritas] Samaritanos B B<sup>1</sup>/ tempore] a patre RC//8 ergo] igitur B B<sup>1</sup>/ legatur]  
add. non C C<sup>1</sup>/ Sobna] Samaritas R; Salmanasser B<sup>1</sup>; Sobna Ed. Samariam P Salmanasar  
Exp./ etiam] om. C C<sup>1</sup> //9 apud Samaritas erant] erant apud Samaritas C/ Cum igitur]  
cum ergo R; quum igitur B; quando igitur Ed./ Nabuchodonosor] Nabugus C; Nabugo C<sup>1</sup>  
//10 dicitur] legitur in R/ 4<sup>o</sup>] predicto libro R/ 23 capitulo] om. R; tr. B; 24 P; XXIII Exp.  
//11 de sua uoluntate] de uoluntate propria R Ed. Exp.; pro sua uoluntate C; om.  
pro sua B; pro sua uoluntate Propheta C<sup>1</sup>/ et serui eius] om. B B<sup>1</sup> Ed. secundum eius  
P/ principes] ad eius B<sup>1</sup> //12 et suos] et suas C; ac suos Ed./ et<sup>2</sup>] ad B/ et<sup>3</sup>] ad B;  
atque Ed. //13 Ierusalem 10 milia] Ierusalem et similia R; decem prope milia de Ihe  
rusalem B; Ierusalem octodecim Ed. Iherusalem XVII milia Exp./ ibi] add. aliquem B/  
exceptis] extra C C<sup>1</sup> //14 neque] si R/ unde] Quapropter Ed./ uidetur uerum] tr. B B<sup>1</sup>/  
quod] ut B

com eles e o predicto Salmanasar, rei dos Assírios, viveu cem anos antes de Nabucodonosor, como se prova pelo número de anos dos reis que reinaram em Jerusalém desde o mesmo Salmanasar até Nabucodonosor. Daí que não se possa geralmente dizer que o próprio Nabucodonosor tenha queimado a Lei, já que não se lê que tenha destruído algo, excepto Jerusalém. Com efeito esta foi destruída por Nabuzardan e por um certo oficial do seu exército, não na primeira mas na segunda vez, como veremos adiante. Os livros também estavam então com os samaritanos, no tempo do rei Salmanasar, que viveu cem anos antes de Nabucodonosor, como dissemos. Portanto, como se não lê que tenha destruído, também Sobna, não destruiu os livros da Lei que estavam com os samaritanos. Quando, portanto, Nabucodonosor veio pela primeira vez conquistar Jerusalém, não a destruiu nem queimou algo nela, como se diz no IV dos Reis, capítulo XXIII<sup>(1)</sup>: "Joaquim, rei de Judá, saiu por vontade própria ao encontro do rei da Babilônia com sua mãe, seus servos e oficiais; e o rei da Babilônia prendeu-o a ele e aos seus[...] e levou-o cativo com todo o povo de Jerusalém, dez mil, e deixou aí apenas os pobres do povo da terra". Por isso se aceita como bastante verosímil que

(1) Jerusalém foi conquistada em 606 a.C.. Em 588 foi novamente cercada e destruída. O povo foi levado para o cativeiro.

(2) IV Reg., 24, 12 ss.

isti qui se reddiderunt et translati sunt in pace, portauerunt secum libros Legis et Prophetarum, et alios libros quos habebant, sicut contigit de Sarracenis, qui expulsi sunt de Oriente, et Occidente Hispanie. Qui secum de libris suis quos uoluerunt, portauerunt. In secunda uero uice, quum captus fuit Sedechias, rex Jerusalem, et exoculatus, Nabuzardam princeps regis Babilonis, destruxit muros Jerusalem, et combussit domos, sed non legitur aliquem librum combussisse, et tunc de beneplacito principis, remansit Jeremias propheta cum populo Judeorum, qui remansit ad colendam terram. Plures uero de maioribus et diuitibus translati sunt. tunc etiam in Babilone, non tantum de Jerusalem, sed etiam de aliis ciuitatibus Iude, 10 que neque fuerunt combuste, neque destructe, ut habetur Jeremiae XL<sup>o</sup> et est uerisimile, quod tam apud transmigrantes, quam apud populum, cum quo remansit Jeremias propheta, fuerunt libri Legis et Prophetarum. In Daniele etiam legitur 13 quod Iudei habebant iudices de Judeis, qui eos iudicabant secundum Legem suam. Unde legi-

\* \* \*

reddiderunt]dediderunt *Ed.*/ libros]om. *B B<sup>1</sup>* //2 contigit]contingit *R* //3 sunt]om. *Ed.*/ qui]om. *Ed.*/ secum]similiter *B B<sup>1</sup>* //3-4 secum...portauerunt]tr.*Ed.* //4 uice] expeditione *Ed.*/ quum]quando *R Ed.*/ Sedechias] Sedecaus *C C<sup>1</sup>* //4-5 Jerusalem] om. *R* //5 exoculatus]exocleratus *B<sup>1</sup>*; oculis priuatus *Ed.* ex occultatus *P/ Nabuzardam]Nabugo C C<sup>1</sup>*; add. princeps *B B<sup>1</sup> Ed.*; add. et quidam *C C<sup>1</sup>*/ princeps]add. milicie *B B<sup>1</sup> Ed.*/ regis Babilonis]tr. *C C<sup>1</sup>* //6 combussisse]combursise *B* //6-7 tunc de beneplacito]de uoluntate sui *Ed.* //7 remansit]emansit *C* //7-8 Jeremias...remansit]om. *B<sup>1</sup> Ed.* //8 terram]add. pauper populus *B/ et]add. de C<sup>1</sup>* //9 Babilone] Babilonem *Ed.* //10-11 uerisimile]ueresimile *C C<sup>1</sup>*; uisibile *B<sup>1</sup>* //12 Daniele]Danieli *B B<sup>1</sup>*/ 13]om. *B*; cap. XIII *Ed.* //12-13 Iudei]Judeos *B<sup>1</sup>* //13 qui]que *B/ Unde]add. ibi R*



os que regressaram e se transferiram em paz levaram consigo os livros da Lei e dos Profetas e os outros livros que possuíam, tal como aconteceu com os sarracenos, expulsos do Oriente e do Ocidente, da Hispânia. Estes, levaram consigo os livros que quiseram. Porém na segunda vez<sup>(1)</sup>, quando foi preso Sedecias, rei de Jerusalém, e lhe arrancaram os olhos, Nabuzardam, oficial do rei de Babilônia, destruiu as muralhas de Jerusalém e incendiou as casas, mas não se lê que tenha queimado algum livro; então, por beneplácito do príncipe, o profeta Jeremias ficou com o povo judeu, que permaneceu para cultivar a terra. Contudo, muitos dos importantes e ricos, não só de Jerusalém mas também das outras cidades de Judá que não foram indendiadas nem destruídas, foram então exilados para Babilônia, como se narra em Jeremias XL<sup>(2)</sup>; é plausível que, tanto junto dos emigrantes, como junto do povo com quem permaneceu o profeta Jeremias, houvesse livros da Lei e dos Profetas. Tam bém se lê em Daniel XIII<sup>(3)</sup>, que os judeus tinham juizes judeus que os julgavam segundo a sua Lei. Aí se lê

(1) *Ib.* 25,7 ss.

(2) *Jer.* 40,1 ss.

(3) *Dan.* 13,5 ss.

tur quod fecerunt duobus senibus, sicut male egerant aduersus proximam, dicendo  
contra eam falsum testimonium, et interfecerunt eos, ut facerent secundum Legem  
Moisi. Item in primo Esdre, 7 c (capitulo), ipse Esdras ascendit de Babilone, et ipse  
uelox scriba in Lege Domini, quam dedit Dominus Deus Israel. Et infra: Esdras au-  
5 tem parauit cor suum, et inuestigauit Legem Domini, ut faceret et doceret in Is-  
rael preceptum et iudicium. Item: Artaxerses rex regum Esdre sacerdoti, scribe le-  
gis Dei celi doctissimo, salutem... A facie regis et 7 consiliatorum eius missus  
es, ut uisites Judeam et Jerusalem in lege Dei tui, que est manu tua. Et in Neemia  
8º: dixerunt Esdre scribe ut afferret librum Legis Moysi, quem preceperat Dominus  
10 Moysi. Attulit ergo sacerdos Esdras Legem coram multitudine uirorum et mulierum,  
cunctisque qui poterant intelligere. Ecce per ista patet, quod Lex mansit apud Ju-  
deos, siue in captiuitate, siue post captiuitatem. Unde in secundo libro Machabeorum  
II dicitur de Neemia, quod construens bibliothecam congregauit de regionibus libros

\* \* \*

sicut] *add.* hii B/ egerant] egerunt R; *add.* eciam // 1-2 aduersus... eos] etc. B B<sup>1</sup>  
//2 eam] *om.* C/ et] *om.* Ed.; *add.* ideo R/ interfecerunt] *add.* enim Ed. //3 in] *om.* R  
B B<sup>1</sup> Ed./ primo] *om.* R; 1º C<sup>1</sup>; primi B<sup>1</sup> Ed. Esdre in Osee VII, id est, Esdras C/ capitulo]  
*om.* R B<sup>1</sup> Ed.; dicitur quod B/ ascendit] descendit C C<sup>1</sup> //4 uelox] uelux B/ infra] cetera R  
//5 et inuestigauit] ut inuestigaret B B<sup>1</sup>/ ut] et B B<sup>1</sup> //6 Artaxerses] Artaxenses C<sup>1</sup>;  
Artaxerxes Ed. P/ sacerdoti] sacerdotis R; *add.* et B //7 celi] *om.* B B<sup>1</sup> Ed./ 7] septem  
Ed.; VII P/8 uisites] insites (?) R; uisitas C C<sup>1</sup>/ manu tua] manus tuas R/ in Neemia] Nehemiae Ed.  
//9 Esdre] de Esdre C<sup>1</sup>/ afferret] asferet (6) R; auferet B<sup>1</sup>/ Legis] *om.* C C<sup>1</sup> //10 Moysi] Israeli Ed.  
ergo] igitur B<sup>1</sup>/ sacerdos Esdras] *tr.* RB<sup>1</sup>/ Legem] Lege B<sup>1</sup>/ et mulierum] ac mulierum R;  
*om.* B<sup>1</sup> //10-11 Attulit... intelligere] *om.* B<sup>1</sup> //11 cunctisque] ceterisque R/ poterant]  
posant C/ per] *om.* C/ mansit] remansit R //12 siue] cum Ed./ captiuitate] captiuitatem  
R/ siue] tum Ed./ in] *om.* B B<sup>1</sup> Ed./ secundo] secundi B/ Machabeorum] Machometi C C<sup>1</sup>  
//13 II] 4<sup>to</sup> B; 7º B<sup>1</sup>/ construens] construxit R //13-1 libros Prophetarum] libros et  
Prophetarum Prophetas R B; Prohetam B<sup>1</sup>

o que fizeram aos dois anciãos; como agiram mal contra a "próxima", levantando um falso testemunho contra ela, e como os mataram, para agirem de acordo com a Lei de Moisés.<sup>(1)</sup> Igualmente. <se diz> no I de Esdras, capítulo VII<sup>(2)</sup>, que o próprio Esdras subiu de Babilônia e que ele <era> um escriba versado na Lei de Moisés, dada pelo Senhor Deus de Israel". E a seguir: "Esdras, com efeito, aplicou o seu coração e estudou a Lei do Senhor, praticando e ensinando em Israel a Lei e o juízo".

Item, "Artaxerses, rei dos reis, a Esdras, sacerdote e escriba, versadíssimo na lei do Deus do Céu, saúde [...]. Fošte enviado pelo rei e pelos sete conselheiros a inspeccionar a Judeia e Jerusalém, segundo a Lei do teu Deus, que tens na mão". E em Neemias, VIII<sup>(3)</sup>: "Disseram ao escriba, Esdras, que trouxesse o livro da Lei de Moisés, que o Senhor prescrevera a Israel. O sacerdote Esdras apresentou, pois, a Lei diante da multidão de homens e mulheres e de quantos eram capazes de a compreender". Por tudo isto se vê que a Lei permaneceu com os judeus, quer durante o cativeiro, quer após. Donde, no II livro dos Macabeus, II<sup>(4)</sup>, diz-se que Neemias, formou uma biblioteca, reunindo os livros

(1) O episódio aqui referido é o da Casta Susana, acusada e condenada, a instâncias de dois anciãos e liberta pela sábia intervenção do jovem Daniel (*Dan.* 13,1 ss.)

(2) *I Esd.* 7,6 ss.

(3) *Neh.* 8,1-12.

(4) *II Mac.* 2,13.

Prophetarum, et Daud, et epistolas regum.

Item, quod dicunt Perse nomen eius scriptum fuisse in libro Abacuc Prophete, 3: *Deus ab Austro ueniet et sanctus de monte Pharan*, non potest conuenire Machometo. Quia nec Deus fuit, nec Spiritus, sed potius peccator et immundus. Fuit enim 5 luxuriosus et raptor alienorum bonorum, et interfector hominum sine iusticia, sicut colligitur ex historiis et gestis de eo scriptis. Nec uenit de monte Pharan. Ymo uenit de monte Meche. Nam mons Meche, unde ipse fuit oriundus, dicitur Tayquiam, sicut dicitur in libro Hayin. Nam Pharan, quam iactauit esse montem Meche, est in introitu terre promissionis, sicut habetur ex 4<sup>to</sup> libro Moisi, capitulo 13. 10 Mecha uero distat a terra promissionis per longa terrarum spacia itinere mensis unius et ultra. Prophecia autem predicta uerius Christo conuenit, sicut patet per precedencia et consequencia.

Item, quod dicunt quod Christum predixisse de Machometo in Euangelio, ubi promisit mittere discipulis Paraclitum, uolentes intelligere Paraclitum Machometum.

\* \* \*

regum] *add. inscripcionem: Machometum à Prophetis et Christo non fuisse praedictum, contra Persarum opinionem Ed. // 2 Item] om. Ed. / quod] om. C C<sup>1</sup> / Perse Ed. Exp.] pro se R C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> om. P / eius] Machometum Ed. / scriptum fuisse] scriptum est B; scriptum B<sup>1</sup>; tr. Ed. / libro] libro B // 3-6 non potest... Pharan] om. R // 4 fuit, nec Sanctus] nec Sanctus fuit B B<sup>1</sup> // 5 alienorum] aliorum C C<sup>1</sup> // 7 Meche<sup>1</sup>] Methe C B<sup>1</sup> / Meche<sup>2</sup>] Methe C; Mete B<sup>1</sup> / unde] ubi C / fuit oriundus] tr. B B<sup>1</sup> // 7-8 Tayquiam] Cayyram (?) R; Quonayquiam C C<sup>1</sup> Taiquiam B B<sup>1</sup> Tayquiyam P // 8 Hayn] Hyn C; yin (cor. ex. Hayin) C<sup>1</sup>; Ayci Exp. / quem] quam R / esse montem] tr. Ed. / Meche] Me the C; Mete B<sup>1</sup> // 9 in] om. C / ex] in C C<sup>1</sup> / IV] III R; 49 C C<sup>1</sup>; 3<sup>to</sup> B B<sup>1</sup>; quarto Ed. / Moysi] *add. in C C<sup>1</sup> / capitulo] om. C C<sup>1</sup> / 13] II C // 10 Mecha] a Mecha R Meta B<sup>1</sup> Ed. // 11 sicut] ut B B<sup>1</sup> // 11-12 patet... consequencia] tr. B B<sup>1</sup> // 12 consequencia] sequencia R // 13 quod] ut B; cum B<sup>1</sup> / dicunt] dicant C C<sup>1</sup> / Christum] Christus B B<sup>1</sup> / predixisset] predixit B B<sup>1</sup> / de] om C C<sup>1</sup> Ed. / Machometo] om Ed. / 14 mittere discipulis] tr. C C<sup>1</sup>; *add. suis B<sup>1</sup>; discipulis se missurum Ed.***

dos Profetas, de David e as cartas dos reis.

Item, o que dizem em seu favor, que o seu nome fora escrito no livro do profeta Habacuc, III<sup>(1)</sup> "Deus vem de Temam e o Santo do monte Faran (b)", não pode convir a Maomé. Porque nem foi Deus, nem Espírito; pelo contrário, foi pecador e imundo. Com efeito, foi voluptuoso, usurpador dos bens alheios e assassino sem justiça, como se depreende das histórias e gestas escritas sobre ele. Nem veio do monte Faran. Veio antes, do monte Meca. Na verdade, o monte Meca, de onde ele proveio, chama-se Tayquia,<sup>(2)</sup> tal como se diz no livro Hayin<sup>(3)</sup>. Ora Faran, que afirmou ser o monte Meca é na entrada da Terra Prometida,<sup>(4)</sup> como se diz no IV livro de Moisés, no capítulo II<sup>(5)</sup>. Meca, porém, dista da Terra Prometida, através das longas distâncias terrestres, um mês ou mais de caminho. Ora a profecia aduzida convém verdadeiramente a Cristo, como se vê pelos antecedentes e pelo que segue.

Item, o que dizem<sup>(6)</sup> que Cristo profetizou acerca no Evangelho, quando prometeu aos discípulos enviar o Paráclito, querendo identificar Maomé com o Paráclito.

(1) *Habc.* 3,2. At-Tabarī (m. 923), no cap. 22 do *Kitāb al-dīn wa-l-dawla* aplica esta profecia a Maomé.

(2) Tayquia é, certamente, uma má leitura dos *mss.* O monte referido pelo texto é o *Hira*, nas imediações de Meca, para onde Maomé se retirou e onde recebeu a inspiração dos primeiros tempos. O *ms R*, sem ter seguido ler a verdadeira palavra, sugere-a, na sua grafia indefinida.

(3) Não foi possível identificar esta fonte.

(4) O A. tenta desmitificar esta suposta profecia em relação a Maomé. Com efeito, o monte Faran ou Parān foi uma estação dos israelitas no deserto, depois de deixarem o Egito; aí teve lugar uma teofania de Javé (*Deut.* 33,2). Estava situado junto a Seir (Edom), muito longe do monte Hira, na Arábia, de onde procedia Maomé.

(5) *Num.* 13,27.

(6) Nos sécs XII e XIII, os cristãos eram acusados de terem suprimido o nome de Maomé do Evangelho. Esta acusação apoiava-se em *Co.* 61,6, que parafraseia *Jo.* 14,26: "... Eu sou o Enviado que Deus vos mandou para confirmar o Pentateuco que me procedeu, e anunciar um Enviado que virá depois de mim. O seu nome será Ahmad".

O pensador Quādī 'Iyād (m. 1149) e al-Qārafī (m. 1285) fizeram listas de profecias bíblicas anunciando a vinda de Maomé, listas que foram completadas e aproveitadas pelos muçulmanos contra os cristãos.

Hoc non potest stare, quoniam Jo(an<sup>i</sup>ne) 14, promisit et dedit Dominus Paraclitum Apostolis, quorum tempore non uenit Machometus, dicens: *Paraclitum autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille uos docebit omnia.* Unde cum Paraclitus sit Spiritus Sanctus, qui docuit Apostolis omnia, non conuenit Machometo, 5 ut dicatur Paraclitus, cum nec Spiritus Sanctus fuerit, qui est Deus, nec Aposto-  
los docuerit.

Item Paraclitus idem est quod consolator, quod Machometus non fuit, ymo desolator, quia uenit cum gladio cogens homines ad suscipiendam sectam suam, quod nec Deus facere uoluit, cum hominem creauerit liberum, et sue uoluntatis, nec aliquis 10 Propheta uel iustus unquam hoc attemptauerit, sicut patet legentibus gesta antiquorum.

Item Spiritus Sanctus non uidetur ab hominibus mundanis, nec scitur ab eis. Unde Jo(anne) 14: *Ego rogabo patrem, et alium Paraclitum dabit uobis, et maneat uobis cum in eternum, Spiritum ueritatis, quem mundus non potest accipere, quia non ui-*

\* \* \*

Hoc] *add.* autem B B<sup>1</sup>/ promisit et dedit Dominus] promisit Dominus et dedit C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> Ed.; Dominus promisit et dedit B //2-3 dicens...Sanctus] *om.* B B<sup>1</sup> Ed. //3 Sanctus] scilicet R/ cum] *om.* C //5 ut dicatur Paraclitus] *om.* B B<sup>1</sup>; *add.* quod C C<sup>1</sup>/ fuerit] fuit C B<sup>1</sup>/ qui est Deus] *om.* B B<sup>1</sup>/ neq] *add.* eiam B B<sup>1</sup> Ed. //6 docuerit] docuit C C<sup>1</sup> B<sup>1</sup> //7 idem] id est B/ quod] *om.* B/ ymo] Machometus ymo fuit B; sed potius Ed. //8 ad suscipiendam suam sectam] ad suscipiendam suam legem aut sectam R; suscipere sectam suam C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup> Ed. //9 creauerit liberum] *tr.* R //10 unquam hoc] unquam C; *tr.* B<sup>1</sup>; haec unquam Ed./ attemptauerit] acceptauerit R; adtemptauit B, *et* R //12 indetur] dicitur R/ mundanis] humanis B<sup>1</sup> //13 14] quarto decimo B; XIII *Exp.* //13-2 et maneat ...erit] *om.* B //14 Spiritum] Spiritus C.

Isto não pode sustentar-se porque em João, XIV<sup>(1)</sup>, o Senhor prometeu e deu o Paráclito aos Apóstolos, no tempo dos quais não veio Maomé, dizendo: "Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, esse ensinar-vos-á todas as coisas". Já que o Paráclito é o Espírito Santo, que ensinou todas as coisas aos Apóstolos, não convém a Maomé, para que se chame Paráclito, pois nem foi Espírito Santo, que é Deus, nem ensinou os Apóstolos. <sup>(2)</sup>

Item o Paráclito significa Consolador, coisa que Maomé não foi; pelo contrário, foi desolador, porque veio com a espada e obrigou os homens a receber a sua seita, o que nem Deus quis fazer ao criar o homem livre e <senhor> da sua vontade, nem qualquer Profeta ou justo alguma vez tentou, como é evidente aos que lêem as gestas dos antigos.

Item o Espírito Santo não é visível nem conhecido pelos homens mundanos. Daí João, XIV<sup>(3)</sup>: "Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber porque não o vê

(1) Jo. 14,26.

(2) A identificação islâmica do Paráclito prometido por Cristo com Maomé foi e ainda continua a ser um dos pontos mais debatidos no diálogo islamo-cristão. Sobre ele há uma bibliografia tão longa que seria inoportuno citá-la aqui.

No tempo de S. João Damasceno, ainda os muçulmanos não falavam de profecias referentes a Maomé ("Tunc prae pudore silent" De Haer., PG, 94, col. 767). No tempo do seu discípulo Abū Qurra já falavam de profecias mas sem explicitarem estas. Deve ter sido Ibn Ishāq, em meados do sec. VIII, o primeiro a fazer a associação Paráclito - Maomé, na *Sīra*, que recebera de Ibn Hicham. No final desse século, al-Mahdī (m. 785), ao discutir com o patriarca Timóteo, faz a aplicação da profecia joanina a Maomé. No século seguinte, era um ponto generalizado do diálogo religioso, quer entre os cristãos, quer entre os muçulmanos. É a partir de então que se multiplicam as explicações filológicas tendentes a fazer derivar Ahmad de Paráclito através do grego *peryclytos* = o louvado = Ahmad, em vez de *Paracletos*.

(3) Jo. 14,16-17.

det eum, nec se~~it~~ eum. Uos autem cognoscetis eum, et apud uos manebit, et in uobis erit. Ecce per ea que hic dicuntur patet manifeste, quod nullo modo potest dici Machometus Paraclitus, cum non fuerit datus Apostolis. Inter eos enim et ipsum fluxerunt prope DC anni. Nec fuit consolator, sed potius desolator. Nec fuit Spiritus Sanctus, qui uideri non potest, sed potius corporalis et uisibilis. 5  
Explicit tractatus contra Machometum.

\* \* \*

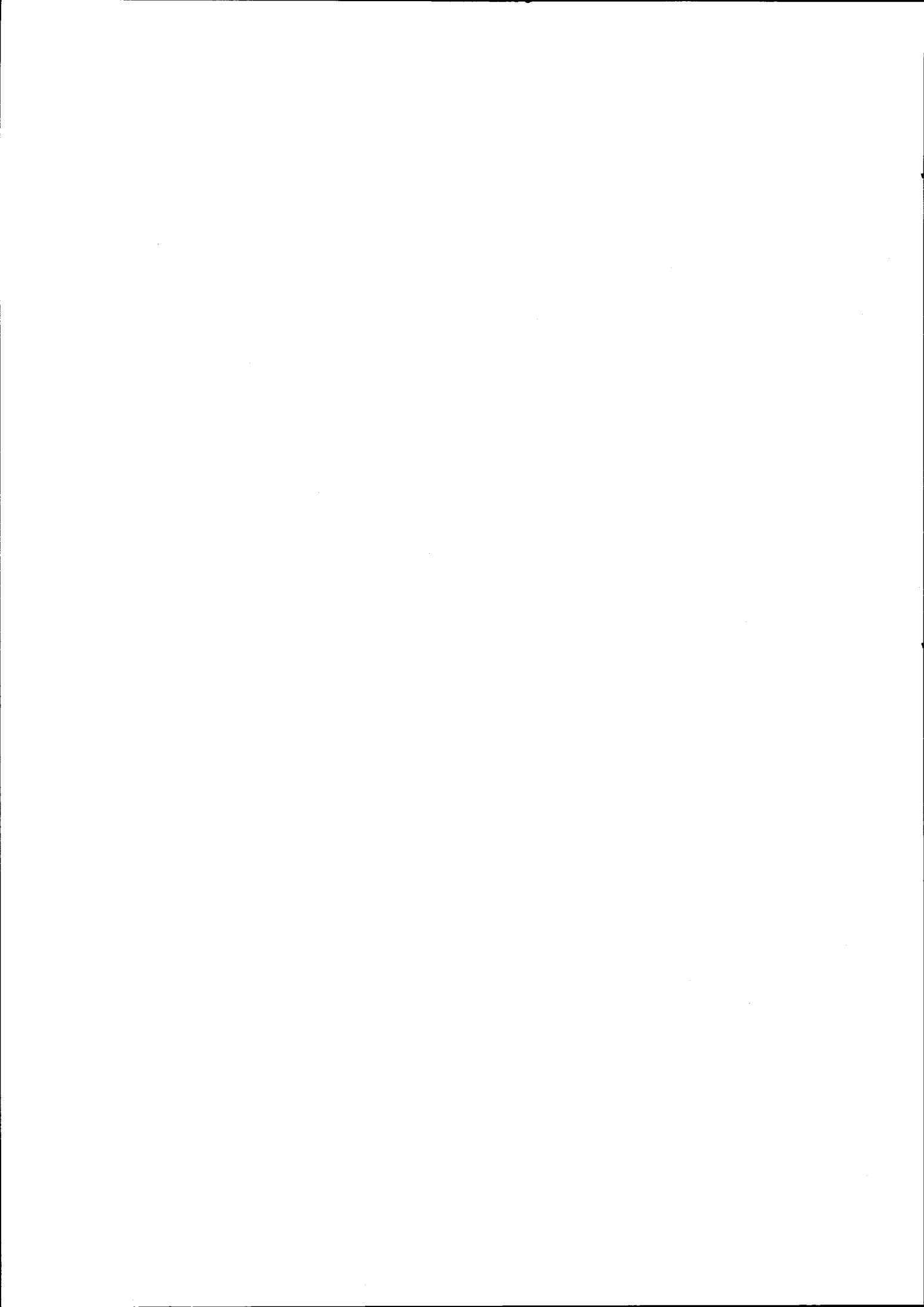
et<sup>1</sup>] quia B<sup>1</sup> //1-2 manebit...erit]om. B<sup>1</sup> //2 hic]om. C C<sup>1</sup>/ patet manifeste]tr. B  
B<sup>1</sup> //2-3 potest dici Machometus]Machometus potest dici B add. nec Spiritus Sanctus  
B B<sup>1</sup> Ed.; add. sicut C //3 fuerit datus]om. C; fuit datus C<sup>1</sup> B/ eos enim]tr. C C<sup>1</sup>  
//4 fluxerunt]effluxerunt Ed./ prope]uero B/ DC] C C R;/ nec]neque Ed./ fuit]om. Ed.  
//5 uideri non potest]non potest uideri C C<sup>1</sup> B B<sup>1</sup>/ potius]add. fuit B/ uisibilis]  
add. et eciam fedus et uilis, sicut patet in omnibus supradictis C C<sup>1</sup>; uilis et fe  
dus, ut patet in omnibus supradictis B; uilis et uedus, ut patet in omnibus supra  
dictis B<sup>1</sup> //6 Explicit...Machometus]Explicit tractatus de Ortu, processu et actibus  
(s.u. actionis C) Machometi C C<sup>1</sup>; Explicit etc. Deo Gracias B; Explicit de proces  
so, ortu et actibus Machometi. Anno Domini 1463. Saboia post Johannis Baptiste B<sup>1</sup>.



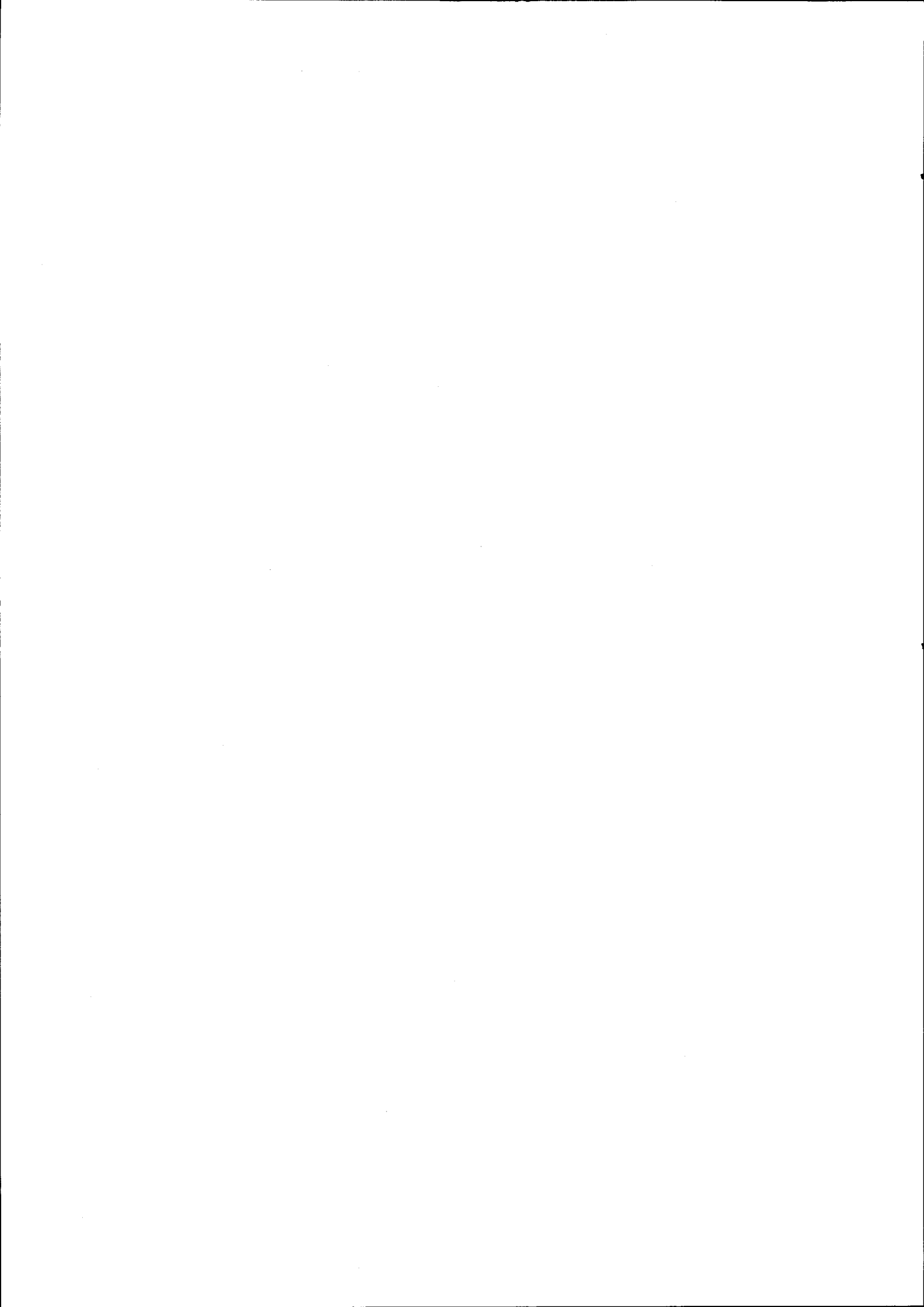
nem o conhece. Vós porém, conheci-Lo e habitará convosco e estará em vós. Através do que aqui se diz, vê-se claramente que Maomé não pode de modo algum chamar-se Pa<sub>r</sub>áclito, já que não foi dado aos Apóstolos. Com efeito, entre estes e ele passaram perto de seiscentos anos. Nem foi consolador, mas antes desolador. Nem foi Espíri-  
to Santo, o qual é invisível, mas antes corporal e visível.

Termina o *Tratado contra Maomé*. (1)

(1) O *Explicit* é a conclusão do capítulo em que está inserido e não da globalidade, que mostra, uma vez mais, que a 2ª Parte é um apêndice pré-redigido, que foi incorporado nesta obra, como teremos ocasião de verificar noutra lugar.



## **ANEXOS**



ANEXO 1

fl.151vb

INCIPIT TRACTATUS SEU DISPUTATIO FRATRIS RICOLDI FLORENTINI  
ORDINIS FRATRUM PREDICATORUM, CONTRA SARACENOS ET ALCHORANUM

CONTRA MAHOMETUM ET LEGEM EIUS

Alius Modus Procedendi, Secundum FRATREM RAYMUNDUM YSPANUM,  
Ordinis Fratrum Predicatorum

*Attendite a falsis prophetis; a fructibus eorum cognoscetis eos. Fructus seu signa ex quibus cognosci potest propheta verus a falso, sunt IIII<sup>or</sup>.*

Primum signum est, quod sit verax. Ostenditur hoc ratione et auctoritate. Ratione, sic: Deus est |summa|<sup>a</sup> et purissima veritas. Ergo ab eo mandacium non potest procedere. Nuncius autem eius vel propheta ab eo missus, in quantum talis, non potest aliud dicere, nisi quod a mittente est inspiratum vel mandatum, et hoc non potest esse nisi |verum|<sup>b</sup>. Ergo verbum prophete erit |verum|<sup>c</sup>, alioquin convin-  
citur non esse nuncius Dei.

Auctoritate, sic: Deuter(onomius) XVIIII: *propheta qui arrogancia deprauatus voluerit loqui in nomine meo, que ego non precepi illi vt diceret, aux ex nomine alienorum deorum, interficietur. Quod si tacita cogitatione responderis, et non possum intelligere verbum, quod non est locutus Dominus, hoc habebis signum: quod in nomine Domini propheta ille predixerit, et non evenerit, hoc Dominus non est locutus, sed per |tumorem|<sup>d</sup> animi sui propheta confinxit; et idcirco non timebis eum (1).*

152ra **Secundum**, cum dixit signum esse, quod sit virtuosos et sanctus, non malus et facinorosus. Ratio: certum est quod a Deo, qui ~~est summum bonum et summa mun-~~ dicia, relegata est omnis immundicia et omne peccatum, et vult quod omnes, et maxime nuncii sui, in sanctitate ipsum imitentur, iuxta illud Leu(itici):/ Sancti

\* \* \*

(1) Deut. 18, 20-22

\_\_\_\_\_  
\*

(a) summe; (b) verus; (c) verus; (d) timorem

estote, quia ego sanctus sum [1]. Et immo, quicumque est propheta vel nuntius eius, forcius tenetur habere mundiciam et sanctitatem.

Auctoritate: Ps. (almus): *ambulans in via immaculata hic michi ministrabat*, [2] et Pe(trus) I: *non enim voluntate humana allata est aliquando prophetia; sed |Spi-ritu Sancto|<sup>a</sup> inspirati, locuti sunt sancti Dei homines* [3].

Tertium signum est, quod faciat miracula. Ratio: licet talis sit verax et virtuosus, si non facit miracula, non ostendit se a Deo missum, quia miracula non potest operari homo in quantum homo. Sed quia miracula operatur, ostendit diuinam sibi virtutem adesse.

Quartum signum est, quod legem asseret uel doceat sanctam, inducentem populum ad Dei cultum et sanctitatem vite et caritatem et pacem, iuxta illud: *Lex Domini immaculata conuertens animas* [4]. Talis fuit lex mosayca et euangelica, ut patet in eis. Ideo quicumque hiis quatuor signis caret, recipiendus non est tamquam Dei nuntius, immo sicut falsus propheta uel nuntius ab omnibus est spernendus.

Nunc igitur ostendemus quod Mahometus non solum non habuit quatuor predicta, sed etiam contraria habuit manifeste.

Primo enim, fuit mendax, ut patet per verba ipsius, [que]<sup>b</sup> fuerunt partim vera, partim falsa, ut per admixtionem verorum posset falsa efficacius suadere. *Nulla enim falsa doctrina est, que non aliqua <vera> intermisceat* [5]. Multa enim bene de Christo locutus est, et de Beata Virgine, de Moyse et de Apostolis, ut patet in Alchorano. Similiter et multa falsa dixit/ ibidem, scilicet in tractatu Tharim, id est Prohibitionis, ubi dicit quod Beata Virgo Maria fuit filia Abram, et quod fuit soror Aaron [6]. In tractatu Marie, <quod beata Virgo fuit filia Abra-<sup>(7)</sup> am et soror Aaron >, que omnia falsa sunt. Item de seipso dixit in tractatu Arafat,

\* \* \*

(1) Lev. 11,44

(2) Ps. 100,6

(3) II Pet. 1,21

(4) Ps. 18,8

(5) BEDA VEN., *Commenti in Lucam*, Lib.5, cap.17, v.12

(6) Co. 66,12

(7) Co. 19,28

\_\_\_\_\_\*

(a) Spiritus Sanctus; (b) qui

XVI capitulo: illi qui <sequuntur> nuncium et prophetam ydiotam, inveniunt eum scriptum in Lege Moysi et in Euangelio<sup>(1)</sup>, quod falsum est.

Item dicit in Alchorano, in tractatu Mulierum, inducens Judeos loquentes de Christo: Nos interfecimus Messiam, Iesum filium Marie, nuncium Dei, et non interfecerunt eum, neque crucifixerunt eum, sed assimilatum fuit eis<sup>(2)</sup>. Hic negat passionem et mortem Christi, et hoc patet esse falsum per libros Prophetarum, in Evangelios, per dicta Apostolorum, per reuelaciones antiquorum, et per signum crucis, quod est memoriale passionis Christi.

Item per sepulcrum Christi, quod ipsi sarraceni custodiunt. Confitentur enim illud esse sepulcrum in quo corpus Christi mortuum requieuit.

Et dixit in Alchorano, in tractatu Mulierum, cap. (itulo) IX: Nunquid vultis dirigere illos, quos Deus ponit in errore<sup>(3)</sup>? Non inuenies inter illos, quos Deus ponit in errore<sup>(4)</sup>.

Item in libro quod dicitur Bohari, in capitulo Predestinacionis, quod Deus scripsit super hominem partem suam de luxuria, et necessario oportet ipsum consequi illam partem<sup>(5)</sup>. Unde per hoc et alia multa, ostenditur quod Deo attribuit, quod ponit homines in errorem et quod necessario fornicentur, et hoc est falsum et blasphemia Dei. Gen. (esis) IIII: [Sub te]<sup>a</sup> erit appetitus eius, et tu dominaberis illius<sup>(6)</sup>. Et propter hoc, pulcre dixit quidam sapiens sarracenorum: / si Deus prohibet me a peccato, et postea compellit ad illud, et dampnat me propter illud, ego sum primus qui dico, quod qui facit hoc, non est Deus, sed Dyabolus<sup>(7)</sup>.

\* \* \*

(1) Co. 7,156/157

(2) Co. 4,156/157

(3) Co. 30,39

(4) Co. 5,108; cfr. *ib.* 2,264

(5) Bu. 82,9

(6) Gen. 4,7

(7)

\*

(a) subters (?) te;

Item dixit in Alchorano, in tractatu Errahem, id est, Misericordis, ybi describit paradysum in aliam vitam, quod ibi eunt fontes, fructus, uxores, tapecia de serico et puella virgines, cum quibus concumbent, et non fedauerunt illas puellas ante eos homo vel Dyabolus<sup>(1)</sup>.

Et dixit in Alchorano, in tractatu Alquitel, id est, Pugne, quod in paradiso erunt riui aque incorrupte et riui lactis, cuius sapor non immatabuntur, et riui vini, quod erit delectabile bibentibus, et riui mellis collati, et habebunt ibidem de omnibus fructibus<sup>(2)</sup>.

Item dixit in Alchorano, in tractatu Nel Murtileth, vltimo capitulo, quod timentes Deum eunt in vmbriis et in fontibus, et habebunt fructus, quos concupiscent, et dicetur eis: Comedite et bibite sine perturbacione, secundum quod operati estis<sup>(3)</sup>. Per hec et alia multa, ostenditur quod creditur <et> quod predicavit, quod beatitudo eterna consistit in cibo et potu, coitu et delectacionibus corporalibus, quod patet esse falsum. Gen.(esis): Dixit Dominus ad Abraham: Ego, Dominus, ero merces tua magna nimis<sup>(4)</sup>. Et Ysa(ias): Oculus non vidit Deus absque te, etc.<sup>(5)</sup>. Luc(as): In resurrectione, neque nubent etc., sed erunt sicut angeli Dei in celo<sup>(6)</sup>. Item (Jo(anis) XVII: hec est vita eterna: ut cognoscant te solum verum Deum, et quem misisti Ihesum Christum<sup>(7)</sup>.

152vb Item dixit in libro Boahri, in tractatu Creacionis, loquens <de> demonibus, dicit suis, quod in ortu solis uel in occasu eius/ non faciunt oracionem, quia sol ascendit vel oritur inter due cornua diaboli, et occidit similiter<sup>(8)</sup>, quod patet falsum esse, et quia Dyabolus spiritus est, te cornua non habet, et propter magnitudinem solis.

\* \* \*

(1) Co. 55, 46-46

(2) Co. 47, 16/15

(3) Co. 77, 41-43

(4) Gen. 15,1

(5) Is. 64,4

(6) Luc. 20,35

(7) Yo. 17,3

(8) Bu. 59,11,5



Item mandauit quod biberent et comederent cum manu dextera, quia Dyabolus manducat et bibit cum manu sinistra.

Et dixit quod canis niger est Dyabolus.

Item dixit in tractatu[Demonum]<sup>a</sup> cap. I et II, quod quedam congregacio demonum audivit ab eo Alchoranum, et aliqui ex eis crediderunt, et facit sunt saraceni<sup>(1)</sup>. Et hoc idem lacius dicitur in libro qui dicitur[Muslim]<sup>b</sup> ubi dicitur quod ipse Machometus legit Alchoranum demonibus, quod cum audierunt facti sunt saraceni. Quo facto, pecierunt viaticum. Qui dixit eis, quod omnia ossa, que possent habere, essent viaticum eorum, et quod omne stercus caprarum vel ouium esset anona bestiis eorum. Et ideo prohibuit saracenis, vt non tergerent inferiora sua cum ossibus, quia illa sunt cibus fratrum eorum, scilicet Demonum<sup>(2)</sup>. Que omnia falsa et ridiculosa esse, homo intelligens non ignorat.

Item in libro qui dicitur Muslim, loquens de die iudicii, dixit: *antequam veniant centum anni non remanebit super terram anima nata, id est, aliquis vivens*<sup>(3)</sup>.

Item alibi, dixit Axa, quod quidam arabes veniebant ad[prophetam Mahometum]<sup>f</sup> et interrogabant eum de die iudicii, et ipse, aspiciens minorem in etate, dixit: *Si vixerit iste, non perueniet ad decrepitam etatem, donec sit dies iudicii*<sup>(4)</sup>.

153ra Que omnia falsa/ sunt, nam postea fluxerunt anni 800.

\* \* \*

(1) Co. 72, 1-2

(2) Mus. 180, 903

(3) cit. errada. A *Contrarietas Elpholica* que cita esta passagem e que, provavelmente, serviu de fonte a esta obra, atribui-a a "in historiis aprobatis";  
*Bibl. Nac. Paris, Ms. Lat. 3394, fl. 254v.;*

(4) Mus. 714 e 7050

\*

(a) Commonum; (b) Misterium; (c) prophetas Mahometi

Item in libro quod dicitur Bohari, loquens de musca, ait:

*Quando ceciderit musca in vas, submerge eam ibi, quia in vna ala portat venenum, et in alia medicinam; et ponit ante alam in qua est venenum, deinde alia<sup>(1)</sup>.*

Item dixit in eodem libro, quod dicitur Bohari: *quando gallus cantat, videt angelum; quando asinus rudet, videt Diabolum<sup>(2)</sup>.* Hec autem omnia videntur potius verba stulti, vel delusoris aut jocularis deridentis homines, quam verba prophete vel nuncii Dei. Et sic, per hec et alia multa, apparet quod fuit mendax et falsus, et sic defuit ei primum, scilicet quod sit verax in dictis suis.

Secundo. Non solum non fuit sanctus, sed malus et facinorosus. Dicitur enim in libro Buari, quod circumibat mulieres suas, iacendo cum eis in una hora noctis uel diei; et erant XI. Nam virtus XXX virorum fuit ei data in coitu<sup>(3)</sup>.

Item dicitur in eodem libro, quod dixit Axa vxor eius: *ego et propheta lauabamus nos in vno vase simul, et eramus polluti. Et mandauit michi, vt cingerem me cum lintheamine, et sic iacebat mecum, et eram menstruata<sup>(4)</sup>.*

Item dicitur in Alchorano, in tractatu Elhaaseb, IIII capitulo. Dixit Mahometus quod Deus, loquens, ait: *Nos licenciamus tibi vxores tuas, quibus debes dare sponsaliciam, et omnes ancillas tuas, quas tibi Deus dedit, et filias patru tui, et filias amitte tue, et filias avunculi tui, et filias matertere tue, que secute fuerunt te. Omnis mulier credens, si obtulerit corpus suum, siue seipsam Prophe<sup>te</sup>, si voluerit propheta coire cum ea, liceat hoc impune, [sed]<sup>a</sup> tantum tibi, et non aliis credentibus. Et post pauca dabis spem quibus volueris, de hiis que offerunt se, et recipies quas volueris; et si appetis de illis quas dimisisti, non est tibi peccatum<sup>(5)</sup>.* Et propter hoc multe mulieres offerebant seipsas, vt probatur per hoc, quod dicitur in libro Bohari, in tractatu Expositionis Alchorani.

\* \* \*

(1) Bu. 59, 17, 1; cfr. ib. 52,53 e 76,58

(2) Bu. 59, 15, 4

(3) Bu. 5, 12, 2; cfr. ib. 66, 102

(4) Bu. 6, 5, 1; cfr. ib. 6,4,21,22; 5,9,3; 5,21; Co. 2,222

(5) Co. 33, 49/50-51; cfr. ib. 4,26

\_\_\_\_\_\*

(a) seu

Dixit Axa: Ego zelabam contra illas mulieres, que seipsas offerebant nuncio Dei, et dicebam: mulier offert seipsam prophete. Sed postquam Deus dedit istam legem, scilicet quod Machometus daret spem quibus vellet, et reciperet quas vellet, dixi Mahometo: video Dominum Deum tuum velociter implentem desiderium tuum<sup>(1)</sup>.

Item in eodem dixit, quod vxores sue erant matres saracenorum<sup>(2)</sup>.

Item in eodem dixit: non licet vobis nocere prophete, nec licet vobis ducere vxores eius post eum in vxores aliquo modo, quia istud est magnum quid apud Deum<sup>(3)</sup>.

Item tangitur in Alchorano, in tractatu Prohibicionis, in principio, et in glosa que est ibi, quod quidam presentauit Machometo quandam mulierem captiuam, nomine [Maria]<sup>a</sup>, qui assumpsit eam in concubinam. Dum autem semel concubuisset cum ea, in domo vxoris sue, nomine Hafza, superuenit ipsa uxor, et videns hoc, redarguit eum eo quod in loco suo talia faciebat. Qui respondens, volens placare/ eam: *placet tibi, quod abstinenceam ab ea? Que ait: ita.* Et ille iuravit quod ad ipsam ulterius non accederet. Et mandauit quod secretum teneret. Postmodum iterum coiuit cum ipsa concubina<sup>(4)</sup>. Et dixit in Alchorano, quod Deus constituerat eis, scilicet saracenis, satisfaccionem iuramentorum suorum<sup>(5)</sup>. Hoc est, quod possint venire contra iuramentum, cum compensatione, de qua infra dicetur.

Item dicit in Alchorano, in capitulo Alfata, quod Deus pepercit ei peccata preterita et futura<sup>(6)</sup>.

Item dicitur in libro Bohari, quod dixit Mahometus: *Rapine licenciatae sunt michi et non fuerunt licenciatae alicui ante me*<sup>(7)</sup>.

\* \* \*

(1) Bu. 65,6,1; cfr. *ib.* 65,33,7; Co. 33,49-51

(2) Bu. 65,8; cfr. Co. 33,6

(3) Bu. 65,8

(4) Co. 66,1-2

(5) *ib.*

(6) Co. 48,1-2

(7) Bu. 57,8,6

\_\_\_\_\_  
\*

(a) Meria ;

Item, ad ostendendum hoc idem, scilicet quod fuit homo facinorosus et pessimus, quod<sup>a</sup> fecit quod suis tradidit leges immundissimas et abhominabiles, de quibus infra dicetur, in tractatu de lege, quam tradidit.

Tertio. Caruit tertio signo, quod requiritur in propheta, maxime in latore legis, quod miracula faciat, sicut fuit de Christo et Moyse. Non fecit enim Mahometus miracula.

Dicitur enim in libro, qui vocatur Ciar, quod arabes diversarum nacionum miserunt pro Machometo, et petiverunt ab eo miracula, dicentes: Tu scis, quod habemus strictam valde civitatem, et parum de aquis, et parum de victualibus, et ideo vitam artam. Si ergo es propheta et nuncius Dei, pete pro nobis ad Dominum Deum tuum, qui misit te, quod removeat a nobis istos montes, qui constringunt nos, et amplificet nobis terram nostram, et det nobis riuos, ut sunt riuus terre orientalis, et resuscites nobis aliquem de patribus nostris, et sic vnus de illis Cozar, qui fuit senex verax, et interrogabimus eum de hoc, quod dicis, vtrum verum sit an falsum. Et si dixerint te esse veracem, et feceris quod dicimus, credemus tibi, et sciemus quod Deus misit te, sicut dicis. Respondit eis Mahometus: Non sum vobis missus cum miracula. Item dixerunt ei: ex quo hoc non facis nobis, accipe tibi ipsi, et pete a Domino Deo tuo, quod mittat te cum angelum, qui ostendat te esse veracem super hoc, quod dicis, et respondeat nobis per te; et pete a Deo tuo, quod det tibi palacia et diuicias, et sic dicet te de hoc, quod videmus te petere. Tu enim vadis per fora, et aquiris victum tuum, sicut et nos, et sic cognoscemus gratiam tuam, si es nuncius Dei, sicut dicis. Respondit Mahometus; istud non faciam. Non sum ego ille qui petat a Deo suo istud, et non sum vobis missus cum hoc. Sed Deus misit me annunciantem et premonentem. Item dixerunt: O Mahomete, nonne sciebat Deus tuus, quod sederemus tecum et interrogaremus a te illud cum quo venisti ad nos, et peteremus quod petimus? Quare non preuenit te, ut doceret te quid responderes nobis, ex quo non recipiebamus a te illud, cum quo venisti ad nos? Iam peruenit ad nos, quod quidam homo de Armenia, qui dicitur Ramen, docet te hoc quod dicis, et nos per Deum nunquam credimus illi Ramen. Tunc recessit Mahometus tristis, rediens ad suos<sup>(1)</sup>.

\* \* \*

(1) Sir. 187-190

\*

(a) facit

154ra Item/ in Alchorano dicitur, in tractatu Ascensus, quod arabes pecierunt a Mahometo similia, et addiderunt dicentes ei, quod faceret celum cadere super eos, vt dixerat se facturum. Qui respondit, quod non erat nisi homo nuncius, quasi diceret: *facere non possum quod petitis*<sup>(1)</sup>.

Item dicitur in libro, qui vocatur Bohari, in tractatu Fidei, quod Mahometus dixit: *Non fuit aliquis propheta, cui non sit datum facere miracula, propter quod homines credebant ei, sed istud quod michi datum est, fuit inspiracio, quam Deus inspirauit michi*<sup>(2)</sup>. Et sic expresse dicit, quod non erat ei datum facere miracula.

Si autem aliquis dicit quod ad [nutum]<sup>a</sup> eius et preceptum luna scissa fuit in duas partes, et vna pars cecidit super vnum montem, et alia super alium, et quod una pars intrauit per vnam manicam ipsius, et alia per aliam, sicut fabulose asserunt aliqui sarraceni<sup>(3)</sup>, potest rationabiliter responderi, quod dictum illud per Alchoranum non potest probari, cum in tractatu Lune, vbi de hoc agitur, de [nutu]<sup>b</sup> vel precepto vel aliis supradictis nichil dicatur, sed hoc solum, quod *dies iudicii appropinquauit, et Luna scissa est*<sup>(4)</sup>. Quod recte intelligentes non potest aliud videri, nisi si hoc aliquando fieri deberet, fieret in die iudicii, quod innuitur, cum dicitur vel promittitur in auctoritate: *apropinquauerit dies iudicii* et postea subditur : *et Luna scissa est*. Et cum nondum venerit dies iudicii, constat quod nec Luna scissa est, nec miraculum factum. Et hunc sensum approbat et confirmat [Caafi]<sup>(5)</sup><sup>d</sup> glosator/ Alchorani<sup>(6)</sup>, super predictum locum. Hoc etiam ratio-  
nabile valde est, cum Luna, secundum omnes astrologos, maxima sit, et etiam legitur Mahometus dixisse, quod Luna est occies maior Terra, quauis et hoc falsum sit, quia terra est quidem maior Luna. Luna, cum maxima est, impossibile igitur et incredibile est ac ridiculosum, quod vna pars Lune cecidit super unum montem,

\* \* \*

(1) Co. 17,92/90-96/94

(2) Bu. 116,1; cfr. Co. 17,94-95; Sir. 188-189

(3) cfr. Bu. 33,36; 61,27; 64,11; Mus. 180,903

(4) Co. 54,1

(5) cfr. TCM

(6) cfr. TCM

\*

(a) nuncium; (b) motu; (c) Taali

qui est minima pars terre, et alia super alium, et multo magis incredibile et im-  
possibile de manica.

Quia cum Luna sit manifesta toti mundo, vtpote qui ab omnibus viuentibus, et  
totum mundum illuminat, si talis divisio Lune facta fuisset, manifestum fuisset  
omnibus gentibus, et multi, et maxime astrologi, hoc scripsissent, et communi re-  
lacione populorum sibi per generaciones succedencium, ad nostri temporis noticiam  
peruenisset, sicut factum est in diluio, et multis aliis factis, que contiguerunt  
in mundo. Quod neque in scriptis alicubi reperitur nec habetur ex relatione gentium qua-  
rumcunque.

Quantum signum prophete, est quod lex quam asserit, sit sancta et bona lex,  
atque quam Mahometus dedit est immunda, nociua et mala et, per consequens, nec  
fuit a Deo creatore, nec a propheta uel nuncio eius, vt manifeste patet per leges,  
quas tradidit, que sunt iste:

*Super matrimonio et mulieribus.*

Dicitur in Alchorano, in tractatu Mulierum, in principio: *Contrahatis matri-*  
*monia cum mulieribus, que placebunt vobis, et possunt esse bine et terne et qua-*  
*terne. Et si timueritis quod non possitis omnibus sufficere equaliter, ducite*  
154va *vnam, aut habeatis de mulieribus, quas/ possedit dextera vestra, hoc est, concu-*  
*binas de ancillis, quas possent habere vel emere*<sup>(1)</sup>. Et secundum hanc legem, qui-  
libet saracenus potest habere III<sup>or</sup> vxores et vnam concubinam, vel X, vel centum,  
vel amplius, si potuerit et voluerit. Hec autem lex est contra ius diuinum et con-  
tra jus naturale et rationis, ut alibi patet.

*Lex super repudio.*

In Alchorano, in tractatu Vacce: *Repudium vxorum vestrarum licet vobis bis*<sup>(2)</sup>  
et infra: *et si aliquis repudiaverit vxorem suam tercio, non licet ei reducere*  
*eam, quousque vxor cognoscatur ab alio viro*<sup>(3)</sup>. Et secundum hanc legem, potest  
saracenus dimittere vxorem suam sine omni causa. Quod quam sit inconueniens, pa-  
tet quia est contra legem diuinam, [contra]<sup>a</sup> jus naturale, contra rationem.

\* \* \*

(1) Co. 4,3

(2) Co. 2,229

(3) Co. 2,230

—————  
\*

(a) quod

*Lex cognoscendi mulieres.*

Dicit in Alchorano, in tractatu Vaçce: *mulieres vestre sunt aracio vestra; ergo intrate aracionem vestram quocunque modo volueritis*<sup>[1]</sup>. Ubi dicit glosa saracenorum: *quocunque modo, id est, ante et retro*<sup>[2]</sup>. Hanc autem detestabilem turpitudinem, quilibet sani intellectus videt contra rationem esse, tum quia est blasphemia dicere, quod Deus mundicie et puritatis talem legem dare iusserit, cum ipsa bruta talia non presumant, nullo tamen [homine]<sup>a</sup> docente, sed natura ducente; tum quia lex naturale hoc testatur, vt patet in brutis, vt dictum est, tum <quia> hec est via et occasio ad perpetrandum illud vitium, propter quod venit ira Dei in filios diffidentie, tum quia per hoc impeditur bonum prolis, quod est vnum de principalibus bonis matrimonii.

*Lex super conductione mulierum.*

Dicitur in libro, qui vocatur Muzlim, quod Mahometus concessit suis [quod pos 154vb sent]<sup>b</sup> conducere/ mulieres ad cognoscendas eas vsque ad certum terminum, et tunc ipsas dimittere pro voluntate sua<sup>(3)</sup>. Et ista lex durauit tempore vite sue, nec in morte revocauit eam. Que lex, quantum sit contra mandatum Dei et reipublice utilitatem, patet omni sapienti.

*Lex de effusione seminis extra vas debitum.*

Concessit Mahometus suis quod possent iacere cum mulieribus, ita quod effunderent semen extra vas debitum. Et super hoc sunt multe hystorie et dicta Mahometi in [libris qui vocantur]<sup>c</sup> Muzlim et Bohari<sup>(4)</sup> | Quantus<sup>d</sup> sit contra legem Dei et boni prolis patet intuenti.

*Lex de modo comedendi.*

Dicitur in libro, qui vocatur Muzlim, in tractatu Ciborum, quod Mahometus mandasset suis, quod lamberent digitos et parapsidem<sup>(5)</sup>. Et dicitur alibi, quod ipse dixisse: *quando comederit aliquis vestrum, non tergat manum suam, quousque lambat aut sugat eam, aut lambat eam ei aliquis*<sup>(6)</sup>. Et ipse Mahometus lambebat

\* \* \*

(1) Co. 2,223

(2) cfr. TCM

(3) Mu. 141,3247

(4) Mu. 560,3371; Bu. 67,96; cfr. ib. 82,3

(5) Mu. 5037

(6) Mu. 846,5043; cfr. ib. 846,5037-5038

\*

(a) homini; (b) qui possunt; (c) libro qui vocatur; (d) Quantus si

sibi manus, antequam ipsam tergeret. Hoc autem immundum et bestiale, ac ridiculosum est.

*Lex super rapinis.*

Dicitur in libro, qui vocatur Bohari, quod Mahometus dixit suis: *Deus concessit vobis rapinas* (1). Item alibi: *Deus licenciavit vobis rapinas* (2). Vidit enim debilitatem vestram et defectum vestrum, et licenciavit eas vobis. Hoc est contra preceptum Dei et legem naturale.

*Lex super transgressione juramenti.*

155ra Dicitur in Alchorano, in tractatu Mense, sic: *non reprehendet vos/ Deus de juramentis que nodastis seu affirmastis. Satisfaccio periurii est vt pascatis X pauperes de illo cibo, quo pascitis familiam vestram mediocrem, vel quod induatis eos, aut redimatis unum captivum. Et qui potest, ieiunet tres dies* (3). Hec est satisfaccio juramentorum suorum uxorum. Secundum hoc, si saracenus jurat, potest licite contravenire, si satisfacit modo predicto. Et ipse Mahometus sic fecit super facto Merie et concubine, vt habetur in Alchorano, in tractatu Prohibiciones, capitulo I. Juraverat enim eam non cognoscere, et postea cognouit, contra suum juramentum (4). Et per hunc modum dedit causam hominibus [perjurandi]<sup>a</sup>, quod est contra preceptum Dei. Vnde dicitur in libro Bohari, quod Axa dixisse, in tractatu Expositionis Alchorani, quod pater eius periuravit, quousque venit lex satisfaccionis juramenti (5).

*Lex contra illud non concupisces.*

Dicitur in libro Bohari, in tractatu Redempcionis, quod Mahometus dixit: *Deus dimittit pertransire populo meo peccatum cordis, dum tamen non perveniat ad opus vel ad sermonem* (6). Quod est dicere, quod pro peccato cordis non punietur saracenus. Quod est contra illud: *non concupisces* (7), et illud: *qui viderit mulierum, etc.* (8).

\* \* \*

(1) Bu. 57,8,6

(2) Bu. 57,8,6

(3) Co. 5,91/89

(4) Co. 66,2

(5) Bu. 65,8,2

(6) citação não identificada; cfr. TCM

(7) Mt. 5,27

(8) ib. 5,28

.....  
\*  
.....

(a) de rerandi



*Lex super peccato sodomitico.*

Dixit Mahometus, in tractatu *Mulierum*, capitulo 11: *Contra mulieres vestras, que committunt facinus inter se, inducatis quatuor testes ex vobis. Et si testificati fuerint super hoc, retinete eas in domibus] quousque moriantur aut Deus ponat eis aliquam viam, hoc est, quod det eis aliquod consilium. Et si reperti fuerint aliqui vestrum committentes inter se id facinus, arguit eos, et reprehendite* (1). Super ista auctoritate, dicit Glossarius (2), quod probatio huius sceleris inter mulieres non potest compelli, nisi per quatuor testes, qui ad hoc probandum sunt necessarii, vt videant tantum scelus. Cum igitur dicat homines per hoc scelus solum arguendos, non adiecta alia pena, ostendit quod istud peccatum non [reputabit] <sup>a</sup> magnum, cum tamen sit gravissimum et horrendum. Ex hoc ergo, quia talem legem dedit occasionem dedit suis, vt sine timore et verecundia perpetrarent hoc scelus. Et principaliter in mulieribus magis agrauavit quam in viris. Dicatur contra hanc immundissimam legem sic: aut scelus hoc est graue, aut leue. Si grauer, sic leuiter pertransiuit cum viris: Si leue, cur tam grauer, iudicauit mulieres pro hoc scelere perimendas?

Et [postquam] <sup>b</sup> mulieres talia perpetrantes, testes quatuor aduocabunt, vt coram ipsis talia committere presumant. Quasi idem fuit dicere, quod non possent conuinci nisi per quatuor testes, atsi dixisset viuere faciant sicut volunt.

Patet igitur, quod leges, quas Mahometus tradidit saracenis, sunt immundissime et pessime, et per consequens, a Deo bono purissimo non [emanantur] <sup>c</sup>, et quod [talium legum predictarum] <sup>d</sup> non fuit Dei nuncius ymo dyaboli, qui est omnis spurcicie et malicie procurator. Sic ergo de veris dicitur: *a fructibus eorum cognoscetis eos* (3).

\* \* \*

(1) *Co.* 4, 19/15 - 20/16; cfr. *ib.* 24, 4 e 13

(2) cfr. *TCM*

(3) *Mt.* 7,15

\_\_\_\_\_\*

(a) reputabit; (b) priusquam (c) emanantur; (d) tales leges predictas

155va Nunc agendum est contra saracenos/, super eo quod dicunt libros Veteris et Noui Testamenti esse corruptos et imutatos.

Dicitur igitur saraceno, sic: Tu credis Alchoranum et librum tuum esse integrum et non corruptum nec mutatum, ex eo quod credis illum, qui tradidit eum saracenis fuisse veracem. Et similiter credis eos, qui receperunt [scriptum]<sup>a</sup> et scripserunt et publicauerunt eum fuisse [veraces]<sup>b</sup>. Et dicis quod ex quo liber talis fuit sic publicatus, corrumpi non potuit, tum quia Deus conseruat librum et opus suum, tum quia homines sapientes uel insipientes, tot et tam diversi, non possent conuenire ad destrundum et corrumpendum librum, quem credunt esse a Deo.

Sapientes enim hoc non facerent, quia sapientia eorum eos ab hoc prohiberet. Insipientes non possent, quia nescirent. Et si aliquando fuisset factum, non fuisset occultatum; ymo fuisset aliquomodo scitum. Sed eadem ratio, et fortiter, est ex parte Evangelii; ergo de similibus idem iudicium erit.

Certum est enim, per libros christianorum et saracenorum, quod Christus fuit verax, et habuit apostolos et discipulos, qui fuerunt veraces, et receperunt Evangelium a Christo et mandatum, vt ipsum predicarent universo mundo, quod fecerunt. Et propter conscientiam evangelizandi fuerunt occisi. Vnde liber talis, per totum mundum diulgatus fuit, prius et magnis et multitudine prouinciarum et regionum. Receptus fuit a sapientibus et prudentibus, a principibus et ab omni genere hominum, et a iudeis multis, et ab ydolatriis, et non potuit corrumpi, tum quia Deus  
155vb conseruauit eum tum quia/ tot, et tanti, et tales fuerunt, quod receperunt eum, quod non potuissent, nec possent conuenire ad corrumpendum eum, vel ad destruendum. Et idem dicendum est de libris Moysi et prophetarum, qui fuerunt et sunt in tot nationes et populos recepti, et diulgati, et multiplicati.

Patet autem super hoc contra saracenus argumentum per Alchoranum. Sic dicitur in Alchorano, in capitulo Mense, quod cum iudei postulauerunt iudicium ab Hebi-horeyra, quem posuerat Mahometus iudicem, vt iudicaret inter homines, et ille diceret eis: *non iudico inter vos, donec interrogem Mahometum*, et iuisset ad Mahometum, ad interrogandum eum, respondit Mahometus: *Deus misit me in facto iudeorum*. Et dixit: *Si venerint ad te, iudica inter eos, aut auertere ab eis. Non nocebunt tibi in aliquid. Et si iudicaueris inter eos, iudica iuste, quia Deus diligit iuste indicantes* (1).

\* \* \*

(1) Co. 5,46/42-47/43

\_\_\_\_\_\*

(a) scriptus; (b) veracem

Et quando venient ad iudicium tuum, cum apud eos sit Lex, et in ipsa est iudicium Dei. Hic testatus est Mahometus, quod tempore suo Lex erat apud judeos, in qua erat iudicium Dei. Vnde, ex hoc patet quod remansit incorrupta, quia si fuisset corrupta, verum Dei iudicium non contineret.

Item dicitur in Alchorano, in tractatu Higer, in persona Dei loquente: *Non fecimus descendere memoriale, et sumus eius custodes* (1). Vocat autem Legem et Evangelium memoriale Dei. Et dicunt Saraceni, quod cum ipse Deus custodiat, non 156ra est corruptum, alioquin non/ esset Deus fidelis custos, quod absit.

Item in eodem capitulo V: *Non est mutacio in verbo Dei, sed verbum Dei est Lex Moysi et Evangelium* (2). Ergo non sunt mutata.

In tractatu Vacce, in fine secunde distincionis, [dicitur]<sup>a</sup>: *credimus Deum, et id quod missum fuit nobis, et quod missum fuit Abrahe et Ysmaheli et Ysaac et Jacob et tribubus, et id quod fuit datum Moysi et Jesu, et id quod fuit datum prophetis a Domino suo; et non separamus inter aliquos ex ipsis* (3). Ecce in hiis verbis est mandatum saracenis, vt credant Legem, et Prophetas, et Evangelium Jesu Christi, et quod non faciant differenciam inter aliquem Prophetarum. Cum igitur dictum sit, quod credant omnia supra dicta, vt Deus mandaret credi corrupta, non erant corrupta, sed vera et incorrupta.

Item in V capitulo, circa finem: *dedimus librum Moysi complementum ei, qui bonum facit, et discrecionem in omni re*, [dircencionem et]<sup>b</sup> *miserencordiam* (4). Sed corrupta lex non dirigit, sed pocius facit errare; ergo Lex Moysi non est corrupta.

Item in capitulo VII, in tractatu Mense: *Donec statueritis Legem et Euangelium, in nichilo estis* (5). Ibi loquitur Deus christianis et judeis, vt dicunt saraceni.

\* \* \*

(1) Co. 15,9

(2) Co. 5,50/46

(3) Co. 2,130/136

(4) Co. 6,155/154

(5) Co. 5,72/68

\_\_\_\_\_\*

(a) dicite; (b) discrecionem in

Item in eodem capitulo V, introducit Deum loquentem, et dicentem de Jesu: Nos dedimus ei, scilicet Jesu, Euangelium, in quo est directio et lumen. Ergo, etc. (1).

156rb Si quis vero dicat (2), quod in hoc sunt corrupti libri, quod nomen Mahometi est inde amotum, respondemus: non est causa quare hoc factum fuisset/, quia si bonus erat futurus, vtile erat sciri nomen eius, et cum venisset ille bonus nuncius Dei reciperetur, sicut fuit de Johanne Baptista, de cuius aduentu prophete predicauerunt, et sicut predictum est de Enoch et Helya, quorum aduentus predictus est; qui erunt in fine mundi; per quod Iudei in fine mundi converterentur. Si vero malus futurus erat, necesse fuit nomen eius sciri, vt caveretur et vitaretur eius doctrina, sicut scriptum est de Anticristo, et omnibus eius, et miraculis falsis, que ostendet, vt sicut non est ablatum nomen Anticristi, nec nomen Dyaboli, sic nec nomen Mahometi inde fuisset amotum, si ibi fuisset scriptum. Ideo friuola est excusacio.

Item Christus, qui est veritas, in pluribus locis nominauit, et induxit Legem Mosaycam, et aliorum prophetarum libros, ex quo ostenditur, quod illi libri non erant corrupti.

Item, in multis locis, arguit Christus Iudeos, quod preteribant Legem, et quod appetebant laudes et honores, et quod erant ypocrite. Et de multis aliis viciis reprehendit eos. Unde, si Legem mutassent vel corrumpissent, de hoc maxime reprehendisset eos. Ymmo ostendit eam esse integram et incorruptam, vbi dicit: Non veni Legem soluere, sed adimplere. Amen quippe dico vobis: donec transeat celum et terra, iota unum aut vnus apex non preteriet, etc. (3). Et in Luca XXI: Celum et terra transibunt; verba autem mea non preteribunt (4). [Ex] hoc apparet quod Lex incorrupta manserat apud Iudeos.

156va Item, sicut legitur/ in ystoriis, Ptolomeus, rex Egypti librorum cupidus, ad quinquaginta milia libros congregavit, et audiens quod apud Iudeos erat Lex ex ore Dei data, misit de Iudeis captiuos, qui erant in regno suo, Eleazaro summo

\* \* \*

(1) Co. 5,50/46

(2) cfr. TCM

(3) Mt. 5,17-18

(4) Lc. 21,33

\*

(a) Et

pontifici judeorum, ut ei mitteret judeos sapientes in hebraea et Greca lingua, cum Lege Dei, vt transferrent eam in linguam Grecam. Quod et factum est ante tempora Christi, et ista translacio remansit apud Grecos. Vnde et si judei voluissent Legem mutare vel corrumpere, veritas remansisset apud plures gentes, et ipsos de mutatione possent arguere. Et ita est de Evangelio, quia in tot ydiomatibus habetur, et habebatur ante Mahometum, et postquam gentes non possent congregari ad mutacionem illam faciendam, cum inter se differant in linguarum diversitate et morum, et in diversis mundi partibus habitent, quarum multe distant ab invicem valde, et si factum fuisset, non potuissent [latere]<sup>a</sup>.

Et emulacio est inter Christianos et Judeos, specialiter de scripturis, et ideo nec corrupcionem quam fecissent Judei silerent christiani, nec de mutacione et corrupcione christianorum silerent judei. Ymmo valde concordant in Scripturis Legis et Prophetarum, quantum ad textum, christiani et judei, quanvis quoad quasdam expositiones discordent.

Preterea Evangelium est complecio Legis et Prophetarum. Lex enim et Prophete fuerunt figura Evangelii. Unde Lex et Prophete continentur in Evangelio, et Evangelium in Lege et Prophetis. Ideo dixit Eze (chiel) id est, quod rota erat in medio rote (1). Si ergo Lex/ fuisset corrupta, discordaret ab Evangelio. Et si Evangelium fuisset corruptum, discordaret a Lege. Cum ergo concordent, patet quod ne trum est corruptum.

Item cuilibet magis credendum est in sua scientia, quam alteri. Stultum enim esset magis credere medico de agricultura, et agricole de medicina. Qua ergo temeritate volunt saraceni, vt de Evangelio magis credatur eis, quam christianis, qui professionem Evangelii per continuam christiani successionem ab inicio tenuerunt. Evangelium enim nostrum est et a fidelibus scriptum, et a prophetis preconizatum; a miraculis confirmatum in mirabilibus, et martirum passionibus nobilissime testificatum, quos nec mors nec gladius potuit ab Evangelio separare.

Preterea si Alchoranus, vel vnus liber gramaticæ, qui est in unalingua non potest corrumpi, quomodo Evangelium, quod fuit scriptum in diversis linguis, potuit corrumpi?

\* \* \*

(1) Ez. 1,16

\_\_\_\_\_\*

(a) latuisse;

Probatur in auctoritatibus Sacre Scripture, quod nec judei corrumperunt Legem nec christiani Eyangelium, Dicitur Deuter(onomio) IIII: Non[addeti]<sup>a</sup> ad verbum quod vobis loquor, nec auferetis ex eo (1).

Item Salomon, Prov(erbiis) 30: Omnis sermo Dei ignitus, clipeus est sperantibus in se. Nec addas quiddquam verbis illius, et arguaris inueniarisque mendax(2).

Item Apoc(alipsi), ultimo: Si quis apposuerit ad hoc, apponet Deus super illum plagas scriptas in libro isto. Et si quis diminuerit de verbis libri Prophetie huius, / auferet Deus partem eius de libro vite, et de civitate sancta(3). Non autem videtur quod aliquis sapiens, et maxime hominum multitudo in hoc conveniret, quod contra iste auderet aliquid immutare in libris sanctis.

Si quis vero dicat quod Nabuchodonosor [combussit]<sup>b</sup> libros Legis et Prophetarum, hoc ostenditur esse falsum per gesta filiorum Israel. Nam, vt habetur <IV> Reg(um) XIX, Salmanasar, Rex Assionorum, cepit terram filiorum Israel, et transtulit eos in terram Assioriorum, et posuit colonos de Babilone in civitatibus Samarie. Et cum essent ibi, seruebant ydolis. Et misit Deus leones, qui occidebant eos, et nunciatum est regi Assiriorum, quod perirent coloni eius, quia [ignorabant]<sup>c</sup> legitimam Dei terram. Et misit vnum de sacerdotibus israel cum lege Moysi, et iste docuit gentes illas legem Dei. Et licet colerent Deum Israel, colebant enim ydola, iuxta ritum gentis sue. Vnde Lex Moysi permansit apud eos, et predictus Salmanasar fuit ante Nabuchodonosor per centum annos, sicut probatur ex numero annorum regum Jerusalem, qui regnaverunt ibi ab ipso usque ad Nabuchodonosor. Vnde non potest dici, quod Nabuchodonosor combusserit Legem generaliter, cum legatur destruxisse, nisi Jerusalem, quam destruxit Nabuzardam, princeps milicie eius, non in prima vice sed in secunda. Et iam tunc libri Legis erant apud Samaritas, tempore Salmanasar. Cum igitur non legatur Nabuchodonosor destruxisse / Samariam, non destruxit etiam libros Legis, qui apud Samaritas erant(4).

\* \* \*

(1) Deut. 4,2

(2) Prov. 30,5-6

(3) Apoc. 22,18-19

(4) IV Reg. 17,6 ss

\*

(a) addedis; (b) combussis; (c) ignorabat

Quando igitur primo venit Nabuchodonosor, et expugnaret Jerusalem sicut dicitur Reg. 24: *Egressus est Joachim, rex Juda, ad ipsum, de voluntate propria, et mater eius, et secundum eius, et principes eius, et suscepit eos Rex Babilonis, et transtulit eum et omne populum Jerusalem, et non reliquit ibi exceptis pauperibus populi terre et tunc non combussit Jerusalem, nec aliquid in ea*<sup>(1)</sup>. Unde satis est veri simile, quod isti, qui se reddiderunt et translati sunt pacifice, portauerunt secum libros Legis et Prophetarum et alios libros, quos habebant, sicut contigit de saracenis, qui expulsi sunt de Oriente et Occidenteyspanie. Qui secum de libris suis quos voluerunt, portauerunt.

In secunda vice, quando captus fuit Sedechias rex, et [exoculatus]<sup>a</sup>, Nabuzardan, princeps regis Babilonis, destruxit muros Jerusalem, et combussit domos, sed non legitur aliquem librum combussisse. Et tunc, beneplacito principis, remansit Jeremias propheta cum populo judeorum, qui remansit ad colendam terram<sup>(2)</sup>. Plures autem de maioribus translati sunt de Jerusalem et de partibus illis in Babilonem, et tunc civitates eorum non fuerunt combuste nec destructe, ut habetur Jer(emie) XL<sup>(3)</sup>. Et est omnino visibile, quod tam cum transmigrantibus, quam cum populo, cum quo remansit Jeremias, fuerunt libri Legis et Prophetarum. In Daniele etiam legitur, quod iudei habebant iudices de iudeis, qui eos iudicabant secundum Legem suam. 157va Unde ibi dicitur primum, quod fecerunt duobus/ senibus, [qui]<sup>b</sup> male egerunt adversus proximam, dicendo contra eam falsum testimonium et interfecerunt eos, ut facerent secundum Legem Moysi<sup>(4)</sup>.

Item Esdre VII, dicitur quod *Esdras ascendit de Babilone; et ipse velox [scriba]<sup>c</sup> in Lege Domini, quam dedit Dominus Deus Israel*<sup>(5)</sup>. Et infra: *Esdras autem*

\* \* \*

(1) *ib.*, 24,12 ss

(2) *ib.*, 25,7 ss

(3) *Jer.* 40,1 ss

(4) *Dan.* 13,5 ss

(5) *I Esd.* 7,6

\*

(a) ex oculatus; (b) sic; (c) scribi

paravit cor suum, ut inuestigaret Legem Domini, et faceret et doceret in Israel preceptum et iudicium (1).

Item: Arthaxerses, rex regum, Esdre, sacerdoti, scribe Legis Dei celi doctissimo, salutem (...). A facie regis et VII consiliariorum eius missus es ut visites Judeam et Jerusalem in lege Dei tui que est in manu tua (2). Et Neem(mo) VIII: Dixerunt Esdre, scribe, vt auferret librum Legis Moysi (...) Attulit ergo Esdras Legem coram multitudine varorum et mulierum, cunctisque qui poterant intelligere (3). Ex his patet quod Lex permansit apud Judeos, siue in captiuitate, [siue] a post captiuitatem. Unde in secundo Machabeorum, II capitulo, dicitur de Neemia, quod [construens] b bibliotecam, congregauit de regionibus libros Prophetarum et David et epistolas regum (4).

Quod autem saraceni dicunt, quod nomen Mahometi scriptum fuit in Abacuc III: Deus ab austro veniet et sanctus de monte Pharam, (5) non potest convenire ei, quia nec Deus nec sanctus fuit, sed peccator et immundus, vt patet supra, in ystoriiis et gestis eius, vt venit de monte Pharam, ymmo de monte Meche, qui mons dicitur [Tayquiyam] c, sicut dicitur in libro Hayn (6). Nam Pharam, quem iactauit esse monte Meche, est in introitu terre promissionis, sicut habetur Numeris XIII (7).

157vb Meche vero distat a terra promissionis/ itinere mensis unius, et ultra. Prophetia illa de Christo est, vt patet ex precedencia et sequencia.

Item non potest stare, sicut dicunt saraceni, quod Christus dixit de Mahometo in Evangelio, vbi promisit discipulis Paraclitum, volentes intelligere per Paraclitum d Mahometum, quem promisit Deus apostolis, Jo(ane) XIII, dicens: Paraclitus scilicet Spiritus Sanctus, quem mitet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia etc. (8). Mahometus autem non venit tempore Apostolorum, nec est Spiritus Sanctus,

\* \* \*

(1) *ib.* 7,10

(2) *ib.* 7,12-14

(3) *Neem.* 8,1-2

(4) *II Mac.* 2,13

(5) *Abac.* 3,2

(6) *cfr. TCM*, p.

(7) *Num.* 13,27

(8) *Jo.* 14,26

\*

(a) *iteravit* siue; (b) *cum scenses* (?); (c) *Cayquiam* (?) (d) *Paraclito*



nec Deus, sicut de Paraclito dicitur,

Item Paraclitus idem est quod consolator, Machometus autem non fuit, ymmo desolator, quia venit cum gladio, cogens homines ad suscipiendam suam sectam, quod nec Deus facere voluit nec aliquis propheta,

Item Spiritus Sanctus ab hominibus videri non potest, iuxta illud Jo. 14. *Rogabo Patrem et alium Paraclitum dabit vobis, ut maneat vobiscum in eternum, Spiritum veritatis, quem mundus non potest accipere, quia non videt eum, nec scit eum. Vos autem cognoscetis eum, quia apud vos manebit, et in vobis erit*<sup>(1)</sup>.

Et ex hiis patet quod Mahometus nullo modo potest dici Paraclitus, cum non fuerit datus Apostolis. Inter eos enim et ipsum, fuerunt anni MC et ultra. Nec fuit consolator, sed potius desolator. Nec fuit Spiritus Sanctus, qui videri non potest, nec corporalis fuit, nec visibilis et miserabilis, sicut patebit in hiis, que inferius annotantur de ortu et fine eius,

Sicut habetur in libro, qui dicitur Ciar, id est, Actus Mahometi, Mahometus 158ra fuit/ de genere Ismael, filii Abrahe, et pater eius vocabatur Abdala, filius [Abdamutalibi]<sup>a</sup>, et mater eius dicebatur Elmina, filia [Neph]<sup>b</sup>. Et pater ipsius mortuus est antequam nasceretur Mahometus. Et postquam venit Mahometus ad etatem VI annorum, mortua est mater eius<sup>(2)</sup>. Et sicut dicitur in diversis ystoriis, que tanguntur in Alchorano et in aliis libris, parentes eius dampnati fuerunt in inferno, sicut ipsemet Mahometus in plerisque ex ipsis ystoriis legitur dixisse<sup>(3)</sup>.

Et dicitur in eodem libro, quod quando natus est mater eius, misit eum ad auum suum Abdalmutalib, qui erat ydolatra, qui accepit puerum, et obtulit eum diis suis, gratias agens de tali dono. Et restituit eum matri. Post cuius matris mortem, fuit cum auo suo predicto. Et postquam fuit annorum VIII, mortuus est auus eius. Et quando fuit annorum XXV; duxit vxorem Hadiga, qui erat [mercatrix]<sup>c</sup> nobilis et diues, et habebat [capitulares]<sup>d</sup> negociantes cum pecunia sua. Audiens autem quod Mahometus erat homo bene morigeratus, vocavit eum, et dedit ei pecunias magnas vt iret in Syriam, et negociaretur, et ipsa daret ei mercedem magnam. Qui

\* \* \*

(1) Jo. 14, 16-18

(2) Sir. 101-107

(3) Bu. 63, 40, 1-2

\*

(a) Abdamutalib; (b) Velip; (c) meretrix; (d) capitalarias

iuit, et lucratus est valde. Postmodum mulier allecta est ad amorem eius, et concupiuit eum, et vocans eum, ostendit ei se ipsam, et accepit ipsum in viro, et dedit ei in dotem XX[camelas]<sup>a</sup> iuenculas. De hac uxore habuit tres filios, qui mortui sunt in ydolatria. Et habuit IIII<sup>or</sup> filias, quae/ postmodum facte sunt saracene (1).

Item dicitur in libro Bohari, in capitulo Creacionis, quod Mahometus missus est propheta, postquam habuerat XL annos, et mansit apud Meham XIII annis. Iterum exiuit de Mecha, et mansit alibi X annis, et mortuus est in etate LXIII annorum (2).

Et notandum quod usque ad XL annos fuit Mahometus ydolatra, quod per Alchoranum probatur, in tractatu Dotha, capitulo I, vbi dicitur quod Deus invenit Mahometum<sup>b</sup> erroneum, id est, in errore legis Dei et direxit eum (3).

Item dicitur in tractatu eodem, quod Deus dixit Mahometo: *nesciuste quid est liber nec quid esset fides* (4).

Qualiter autem dicatur effectus fuisse propheta, habetur ex verbis Axe, uxoris sue, in libro Muzlim. Cuius verba sunt hec: *Datum fuit Mahometo, quod diligeret solitudinem, et sese dabat; et erat solitarius in quadam caverna Hire, et ibi dabat se cultui pluribus noctibus. Et redibat ad uxorem suam Hadiga, et inde portabat illuc victualia, et ibi exeunte, venit angelus, et dixit ei: Lege. Qui respondit: Nescio legere. Et accepit eum, et oppressit eum, amplectendo vehementer, et dimisit eum. Item dixit ei: Lege. Qui respondit: nescio legere. Et accepit eum secundo, et oppressit eum, amplectendo vehementer. Et dimisit eum et dixit ei: Lege. Et ait: Nescio. Item tertio, accepit eum, et oppressit eum, amplectendo vehementer, et dimisit eum, et dixit: Lege, in nomine Domini Dei tui, qui creavit hominem de sanguine coagulato. Lege, et Dominus tuus honoratus ipse est, qui docuit hominem cum calamo, quod nesciebat. Quo audito, reversus est ad dictam uxorem suam Hadiga, et dixit: cooperite me, cooperite me. Et cooperuerunt eum, quousque tremor recessit ab eo* (5).

\* \* \*

(1) *Sir.* 103-128; cfr. *Ibn Sa'd*, I, 89 ss

(2) *Bu.* 58,28

(3) *Co.* 93,7

(4) *ib.* 42,52

(5) *Mu.* 74,301; cfr. *Sir.* 96,1-5

\*

(a) cameras; (b) Mahometus

Item dicitur in libro Bohari, et refert Axa, quod quidam interrogabant eum, quomodo veniebat sibi inspiratio illa, quam dicebat esse a Deo, Qui respondit: *Aliquando venit michi inspiratio, sicut sonitus tintinabulorum; et iste est fortior modus michi. Et recedebat a me ille sonus, quando iam retinueram, quod dicebat. Et aliquando veniebat ad me angelus in forma hominis, et loquebatur michi; et retinebam, quod dicebat* (1).

Item dixit eadem Axa: *vidi quod inspiratio descendebat super Mahometum, in die magni frigoris, et recedebat ab eo, et dimittebat eum cum sudore* (2).

*De secta Saracenorum et quando ortum habuit,*

Ostenditur in libro quod dicitur Ciar, qui fuerunt primi saraceni sectatores Mahometi. Vbi dicitur quod prima mulier, que facta est saracena, fuit Hadiga, vxor eius, et primus vir fuit Ali, filius a Calip, qui erat tunc annorum X. Post istum, Zeita. Post Zeita, Elnbeet, et post hunc Uzmen etc. (3). Et sic fuit receptus ab istis, et multis aliis, tamquam propheta et nuncius Dei. Quorum quidam, sicut dicit Aliquidius intraverunt legem[eius]<sup>a</sup>.

158vb Dixit enim, vt habetur in libro qui dicitur Bohari, sibi datum a Deo, quod interficeret seu expugnaret/ homines, quousque testificarentur quod non est Deus nisi Deus, et quod Mahometus esset nuncius Dei, et darent sibi tributum seu primitias (4).

Alii fatua simplicitate decepti a Diabolo, credentes ipsum bonum hominem et prophetam Dei.

Alii quia inuenerunt parentes[eorum]<sup>b</sup> in hoc errore deceptos, et voluerunt eos sequi. De quibus completum est verbum Domini, dicentes: *Si cecus ceco ducatum prestet, ambo in foueam cadunt* (5).

Alii propter honorem et multiplicationem temporalium.

Alii propter libertatem lastimoris vite, quia lex Mahometi est lex calamitatis

\* \* \*

(1) Bu. 59,6; cfr. ib. 1,1-2

(2)

(3) Sir. 111-162

(4) Bu. 2,16,1; cfr. ib. 56,102,6

(5) Mt. 15,14

\_\_\_\_\_\*

(a) add. tres; (b) eius

et lastime, viam latam sequens, et multam libertatem in criminibus et lubricitatibus prebens.

Et sic multiplicatus est populus saracenorum post Mahometum.

*De infelicitate et villi morte Mahometi.*

Dicitur in libro qui vocatur Bohari, in capitulo Medicine, quod Axa dixit quod Mahometus fuit maleficiatus ita, quod videbatur ei, quod cognosceret mulieres, et non cognoscebat<sup>(1)</sup>.

Item in libro Actus Mahometi, quod quedam vidua, nomine Zeineb, obtulit Mahometo ouem assatam, et posuit venenum in ea, et specialiter in brachio eius. De qua, vt comedit Bier, socius Mahometi, statim mortuus est<sup>(2)</sup>, Gustavit autem de illa 159ra Mahometus, / et licet non statim, tum de illo veneno mortuus est, sicut refert Axa, in libro Bohari, in tractatu Infirmitatis Propheta<sup>(3)</sup>.

Item dicitur in libro Actus Mahometi, quod inimici eius Arabes veniebant contra eum. Quod cum ille sciuit, animauit suos fortiter ad pugnam, promittens eis adiutorium Dei. Accidit autem, quod fuit deinde deuictus: incidit in foueam, quam fecerant inimici sui. Et hoc nesciebant saraceni. Fuerunt etiam fracti dentes ipsius quatuor primi, et fuit vulneratus in facie et in labio; tandem vix euasit<sup>(4)</sup>. Ex hiis omnibus colligitur, quod non fuit verus propheta nec verus nuncius Dei.

Item dicitur in libro Muzlim, in tractatu Orationis, dixisse Axam, quod Mahometus, in infirmitate de qua mortuus est, maledicebat Iudeis et Christiani, quia fecerunt de sepulcris suorum oracula seu ecclesias<sup>(5)</sup>.

Item dicitur in libro Bohari, quod cum Mahometus esset grauiter infirmus, dixit suis: *Venite, scribam vobis librum, vt non sitis in errore post illum. Tunc dixerunt quidam ex eis: Mahometus est valde grauatus propter dolorem infirmitatis, et habetis Alchoranum; sufficit vobis. Et fuit contencio in domo. Qui fuerunt inter illos qui erant in domo. Quidam dicebant: appropinquate; scribetur vobis liber*

\* \* \*

(1) Bu. 76,49,1

(2) Sir. 764

(3) Bu. 64,83

(4) Sir. 592

(5) Mu. 197, 1082

159rb legis, ne sitis in errore legis post illum. Quidam autem [dicebant]<sup>a</sup> aliud. Et postquam multiplicauerunt maledicciones et contenciones, dixit Mahometus: Surgite. Tunc dixit Ibnaben: Infortunium super infortunium, quod diuisit inter hoc, quod nuncius Dei non prescripsit nobis illum librum<sup>[1]</sup>. Ex hijs patet, quod saraceni post mortem Mahometi, remanserunt et sunt in errore,

Item de morte eius dicitur in libro Bohari, in tractatu Matrimonii, quod Axa dixit quod Mahometus mortuus est in domo eius, quia tunc erat dies suus, in quo debebat esse cum ea. Et quando mortuus est, caput suum tenebat inter barbam et pectus Axe, et miscebatur soliu sua cum salua ipsius Mahometi. Et sic mortuus est<sup>(2)</sup>. Ex quibus omnibus patet quod mors Mahometi fuit vilis et immunda et abominabilis, et quod talis mors non conuenit prophete nec nuncio Dei.

Amen.

[Explicit tractatus seu disputatio Fratris Ricoldi Florentini, ordinis Fratrum Praedicatorum, contra Saracenos et Alchoranum, Deo Gracias]<sup>b</sup>

\* \* \*

(1) Bu. 64; cfr. ib. 83,4

(2) Bu. 64,83,18

\_\_\_\_\_  
\*

(a) dicebantur; (b) O *Explicit* foi encerrado entre parêntesis com a nota marginal:  
: *vacat*.

*Pacto de Maomé com os cristãos da Arábia* <sup>(1)</sup>

Em nome de Deus, clemente e misericordioso. Diz Abu Daud<sup>(1)</sup> que o Profeta negociou a paz com os cristãos do Najran<sup>(2)</sup> sob a condição de darem aos muçulmanos mil *rida* e *izar*<sup>(3)</sup>, (peças de roupa), metade no mês de Safar e a outra metade no de *Rachab*; além disso, atítulo de empréstimo, trinta armaduras, trinta cavalos, trinta camelos e trinta armas de cada uma das espécies com que costumavam combater contra os muçulmanos. Dariam fiança de tudo isto até que pagassem, na condição de que não lhes destruiriam igreja, nem desterrariam sacerdote, nem seriam violentados no exercício da sua religião, enquanto não dessem motivo para o contrário ou cometessem usuras.

---

(1) F. J. SIMONET, *Historia de los Mozarabes de España*, IV Madrid, 1983, p. 801.

(2) Tradicionalista que morreu em Alexandria no ano 117 da Hégira, 735 da era cristã.

(3) Cidade e comarca de Yémen. Manacci dizia deste facto: "Celeberrima fuit hoc anno (9 Hégira, 630 d.c.) legatio christianorum Nageronensium ad Mahumetum erant enim viginti nobilissimi libri illius gentis quibus praeerat Abu Harretza, Episcopus eorum...".

(4) Veste composta de 2 peças: o *rida* ou manto que cobre os ombros e o *izar* com que cingem os rins.

(5) Isto é, obrigando-os a islamizar-se.

*Pacto de Maomé com os cristãos em geral,  
principalmente com os da Síria (1)*

"Disse Abd al-Rahman ben Gunm(2). Nós escrevemos o que segue a Omar ben Alhattab(3), da parte dos cristãos de ..." "Quando avançastes contra nós, pedimo-vos o *amān* (seguro) para nós e nossas famílias, nossos bens e as gentes da nossa fê. Comprometemo-nos pessoalmente a não construir de novo, daqui para diante, tanto nas nossas povoações como nos arredores, nem igrejas, nem casa patriarcal, nem ermida de monges, nem renovar qualquer destas coisas que se arruíne e menos as que se encontrarem nos bairros dos muçulmanos.

Não impediremos a nenhum muçulmano a entrada nas nossas igrejas, quer de dia quer de noite; pelo contrário, abriremos as portas aos viandantes e aos transeuntes; daremos hospedagem durante três dias a todo o muçulmano, dando-lhe de comer. Não daremos asilo aos espias, nem nas igrejas, nem nas casas. Não ocultaremos aos muçulmanos fraude ou perfídia tramada contra eles. Não ensinaremos o Corão aos nossos filhos. Não publicaremos a nossa lei nem atrairemos ninguém para ela.

Não impediremos nenhum dos nossos correligionários de entrar no islamismo, se assim o pretender.

Trataremos os muçulmanos com honra e reverência e cederemos nos nossos assentos quando eles quiserem sentar-se. Não nos assemelharemos a eles no respeitante aos trajés, tais como a *calansúa*(4) a *imama*(5) e o calçado, nem no modo de cortar o cabelo. Ao falar, não usaremos as suas expressões(6) nem adoptaremos os seus nomes.

Não cavalgaremos em selins nem cingiremos espadas. Não fabricaremos armas nem andaremos com elas. Não gravaremos nos nossos selos caracteres árabes. Não venderemos vinho. Raparemos a parte anterior da cabeça(7). Continuaremos a usar

---

(1) Ap. F.J. SIMONET, o.c., pp. 802-804.

(2) Um dos sahíbes ou companheiros de Maomé, que morreu em 78 de Heg., em 697.

(3) Omar I.

(4) Espécie de gorro que se usa debaixo do turbante.

(5) faixa, touca; é o turbante dos árabes.

(6) *vig. salam alicum* (a paz esteja convosco) e *marhaba* (bem-vindo)

(7) os muçulmanos rapavam quase todo o cabelo. Era para evitar que os cristãos o tivessem todo.



nas vestes as mesmas formas que até aqui e apertaremos a cintura com cintos.<sup>(1)</sup>

Não exporemos a Cruz sobre as igrejas nem mostraremos as nossas cruzes<sup>(2)</sup> e livros em nenhuma rua frequentada por muçulmanos nem nos mercados (suk). Tocaremos suavemente os sinos das igrejas e não levantaremos a voz na leitura (e orações) quando nelas estiver algum muçulmano. Também não levantaremos a voz nos funerais nem iremos pelas ruas e praças dos muçulmanos com palmas ou imagens levantadas ou com velas, nem enterraremos os mortos próximo dos deles.

Não tomaremos como escravos os que tenham caído em sorte aos muçulmanos e enfim, não disputaremos de vistas sobre as suas casas.

Quando levei a Omar este texto, acrescentou: "Também não feriremos nenhum muçulmano. Tais são as condições que estipulamos para nós e para as gentes da nossa fé, em virtude das quais nos é otorgado o *amān*. E se infringirmos alguma das coisas que pactuamos e afiançamos, então não haverá *dimma* para nós e será permitido e lícito tratarmos-nos como rebeldes e sediciosos".

Escrito isto, Omar disse-lhe: "Concluí com eles o que pediram mas acrescentando mais duas letras àquilo que estipularam e subscreveram, isto é, que não poderão adquirir nenhum prisioneiro cativado pelos muçulmanos e que quem ferir intencionalmente um muçulmano ficará por isso mesmo excluído do pacto".

Conta Nafi<sup>(3)</sup>... que Omar publicou um édito acerca dos cristãos da Síria, ordenando que fossem cortados os seus estribos e que cavalgassem em albardas, com os pés pendentes para o mesmo lado. Convém, além disso, não lhes permitir cavalgar com estribos, a não ser por lugares afastados e por ruas desertas; quanto às praças dos muçulmanos, poderiam ser incomodados na sua cavalgadura. Isto, grande Deus, não pode ser permitido a não ser a um velho muito avançado em idade e que tenha necessidade de ir a cavalo, por causa da idade ou dos achaques, porque a este conviria permitir-lho. Tal foi o facto que Omar ben Alhattab fez com os cristãos.

Noutra série de tradições do mesmo autor lê-se esta cláusula imposta aos cristãos: "Obrigar-nos-emos, além disso, a não descobrir os rostos dos nossos mortos". E noutra diz-se assim: "Não poderemos ter armas em casa sem que possam despojar-nos delas. Também não poderá nenhum dos nossos associar-se a um muçulmano (para fins comerciais), a não ser que o negócio do comércio pertença ao último".

---

(1) O *Zonnar*, cinturão de couro; os muçulmanos usavam o *hizam*, faixa ricamente bordada.

(2) Na Turquia ainda hoje os cristãos *dimnis* cobrem a cruz com um véu nos enterros.

(3) Nafi ben Abd al-Rahman ben ali Nāim, célebre tradicionalista e leitor do *Corão*; morreu em 169 (ano 785).



ANEXO 4

*Pacto de 'Abd al-'Azīz  
Com Teodomiro de Múrcia*

"Em nome de Alá Clemente e Misericordioso. Escrito dirigido por 'Abd al-'Aziz ben Nuçair a Tudmir ben 'Abduch. Este último obtém a paz e recebe o compromisso, debaixo da garantia de Alá e da do seu Profeta, de que não será alterada a sua situação nem a dos seus; de que os seus direitos de soberania não lhe serão impugnados; de que os seus súbditos não serão assassinados, nem reduzidos a cativo, nem separados de suas mulheres e filhos; de que não serão estorvados no exercício da sua religião; e de que as suas igrejas não serão incendiadas nem despojadas dos objectos de culto que nelas existem; tudo isto, enquanto cumpra os encargos que lhe impomos. É-lhe concedida a paz mediante a entrega das sete cidades seguintes: Orihuela, Baltana, Alicante, Mula, Vilhena, Lorca e Elho. Além disso, não deverá dar asilo a ninguém que fuja de nós, ou que seja nosso inimigo; nem causar dano a quem goze da nossa amnistia; nem manter ocultas as notícias acerca dos inimigos, que cheguem ao seu conhecimento. Ele e os seus súbditos deverão pagar anualmente um tributo pessoal constituído por um *dinar em metálico*, quatro almudes de trigo e quatro de cevada, quatro medidas de mosto, quatro de vinagre, duas de mel e duas de azeite. Esta taxa ficará reduzida à unidade para os escravos. Escrito em Raxab do ano 94 da *égira*, (Abril de 713)".

ADDABBI, *Cód. Arab. Escur.*, n. 1676, actual 1671 da Bibl. Arab. Esc. de D. Miguel Casiri, in CODERA, *Bibliotheca Arábico-Hispana*, Madrid 1883-1895, III, p. 259; MIGUEL CASIRI, *Bibl. Ar. - Hisp. Escorialensis*, Madrid 1760, t. II, p. 106.

ANEXO 5

CRONOLOGIA DOS EMIRES E CALIFAS DE CORDOVA

*Emirato omeia de Córdoba (756-929)*

<sup>c</sup>Abd al-Rahmān I (Ibn Mu<sup>c</sup>awiya) (756-788)

Hichām I (788-796)

Al-Ḥakam I (796-822)

<sup>c</sup>Abd al-Rahmān II (822-852)

Muhammad I (852-886)

al-Mundir (886-888)

<sup>c</sup>Abd Allāh (888-912)

<sup>c</sup>Abd al-Rahmān III (912-929)

*Califado (729 até à revolta de Córdoba, em 1009)*

<sup>c</sup>Abd al-Rahmān III (929-961)

Al Ḥakām II al-Mustansir (961-976)

Al Hichām II al Mu'aiyad (976-1009)

(1010-1013)

- governo de al-Manşūr (981-1002)

- governo de <sup>c</sup>Abd al-Malik al Muzaffar ibn  
al-Manşūr (1002-1008)

- <sup>c</sup>Abd al -Rahmān Sanchuelo ibn al-Manşūr (1008-1009)

1009 - Revolução de Córdoba com a anarquia que levou à queda do  
Califado, em 1031.

MÁRTIRES DE CÓRDOVA<sup>(1)</sup>

(850-859)

1. Reinado de Abderramão II

850

18 de Março - *Perfeito*: Natural de Córdova, foi presbítero de S. Acisclo, onde estudou. Era versado nas ciências eclesiásticas e humanase na língua árabe. Traído por uns amigos que, por astúcia, o impeliram a proclamar publicamente a fé cristã e a manifestar a sua aversão a Maomé, foi arrastado pela multidão ao juiz, diante do qual negou, por fraqueza, a acusação de que era alvo. Instado pelas testemunhas, o juiz condenou-o ao cárcere. Aí se arrependeu da covardia e se preparou com orações e jejuns para o martírio. Conduzido ao local do suplício, vituperou Maomé como demoninhado, feiticeiro, adúltero e impostor. Foi logo degolado e o seu corpo enterrado em S. Acisclo.

851

3 de Junho - *Isaac*: Era descendente de cordoveses nobre e ricos. Conhecedor do árabe, era *exceptor* (notário). Ingressou no mosteiro de Tábanos e entregou-se livremente ao juiz.

5 de Junho - *Sancho*: Francês, natural de Albi, foi aprisionado pelos muçulmanos e conduzido para Córdova, onde entrou no exército do sultão, sem deixar de ser cristão fervoroso. Recebeu de Eulógio a sabedoria e o gosto pela virtude. O martírio de Isaac foi o detonador da sua vocação martirial, que o levou a entregar-se ao juiz e a professar a sua fé em Jesus e a aversão a Maomé. Foi degolado e dependurado de um pau.

7 de Junho - *Pedro*: Sacerdote originário de Écija (*urbe astigitana*), foi para Córdova, onde fez brilhantes estudos nas disciplinas eclesiásticas com o abade Frugelo.

Sendo pároco de S. Maria de Cüteclara, confessou a fé cristã diante do juiz, pelo que foi degolado juntamente com cinco companheiros: Valabonso, Sabiniano, Vistremundo, Habêncio e Jeremias.

*Valabonso*: Natural de Elepta (Niebla), foi para Córdova onde, sob a direcção do abade Frugelo se instruiu nas ciências liberais e sagradas. Ordenado diácono, enfrentou com cinco companheiros o juiz, confessando a fé cristã e vituperando o islamismo. Com eles foi degolado.

*Sabiniano*: Monge já maduro em anos, natural da aldeia de Frenjano; nas montanhas de Córdova.

*Vistremundo*: monge de S. Zoilo, natural de Écija.

*Habêncio*: Nobre cidadão cordovês que, na idade madura, entrou no convento de S. Cristovão e se entregou livremente à prisão, depois de uma vida rigorosamente penitente.

*Jeremias*: Ancião rico que construiu o mosteiro de Tábanos, onde se recolheu com a esposa, Isabel, os filhos e mais familiares. Depois de terríveis martírios, encarou a morte com alegria.

16 de Junho - *Sisenando*: Natural de Beja, foi estudar para Córdova, na escola da basílica de S. Acisclo. Era diácono quando se entregou ao juiz para confessar a divindade de Cristo. Metido na prisão, continuou a confessar a sua fé, pelo que foi mandado degolar e abandonar insepulto às portas do Alcaçar. Posteriormente, os seus restos foram encontrados por umas mulheres entre as pedras do rio. Recebeu sepultura condigna na basílica de S. Acisclo.

20 de Junho - *Paulo*: Parente de S. Eulógio, estudou na igreja de S. Zoilo. Exerceu o diaconado com especial dedicação aos presos. Ao visitar Sisenando, sentiu em si

o desejo do martírio, que veio a alcançar como consequência da confissão da fé cristã e da impugnação de Maomé do islamismo.

25 de Junho - *Teodomiro*: Jovem natural de Carmona, deu a vida pela fé em Cristo. O seu corpo foi recolhido secretamente pelos moçárabes e sepultado em S. Zoilo, juntamente com o de S. Paulo, que ficara caído junto do Alcaçar.

21 de Novembro - *Numila e Alodia*: Estas duas irmãs nasceram em Osca, de mãe cristã e pai muçulmano. Quando aquela casou de novo, o padrasto dificultou-lhes a prática religiosa cristã, pelo que fugiram para casa de uma tia cristã. Conduzidas ao tribunal, o juiz tentou seduzi-las com promessas de casamento rico. Elas preferiram Cristo.

24 de Novembro - *Maria*: Filha de um nobre cristão de Niebla, residente em Córdova, e de mãe muçulmana convertida ao cristianismo. Era irmã do diácono Valabonso e fez-se monja de Cateclara. Ficou desolada com a morte do irmão. A consternação transformou-se em ânsiado martírio. Apresentou-se com Flora no tribunal muçulmano, onde repetiu a confissão do irmão sobre a divindade de Cristo e declarou a doutrina islâmica como ficções do demónio. O juiz mandou-a prender na companhia de mulheres de má vida, que a não conseguiram perverter, pelo que foi decapitada e, depois de um dia ao ar livre, lançada ao rio. A cabeça foi recolhida e sepultada na basílica de S. Acisclo.

*Flora*: Virgem, filha de pai muçulmano de Sevilha e de mãe cristã de Ausinianos (a oito milhas de Córdova). Apresentou-se com Maria ao juiz que, ao ouvir-lhe a confissão de fé cristã, a mandou para a prisão. Nada conseguindo, o juiz fê-la decapitar.

13 de Janeiro - *Servideo*: Veio do Oriente para Córdova, quando jo-

vem. Um dia entrou com Gurmesindo na grande mesquita de Córdova; pregou à multidão a fé cristã e vituperou Maomé e o islamismo. A multidão caiu sobre eles. Quase mortos, foram metidos na prisão no meio de ladrões e bandidos. Avançou com alegria para o martírio. Depois de lhe cortarem as mãos e os pés, foi degolado. Por fim, pregaram-no numa cruz.

*Gurmesindo*: Natural de Toledo, foi educado na basílica dos Três Santos e regeu uma paróquia nos arredores de Córdova. Fez a mesma confissão e teve o mesmo martírio de Servideo. Foram ambos sepultados na igreja de S. Cristovão.

27 de Julho - *Aurélio e Natália (Sabigotona)*: Aurélio era filho de pai infiel e mãe cristã. Ficou orfão em criança e foi educado cristãmente por uma tia. Era versado na língua árabe. A sua esposa, Natália, era filha de pais infiéis. A mãe, depois de viúva, casara de novo com um cristão oculto que a convertera à fé de Cristo. Também Aurélio e Natália praticavam ocultamente a religião. Ao verem a coragem com que o comerciante João suportara os suplícios, perderam o medo e começaram a professar publicamente a fé. Venderam os bens e deram-nos aos pobres. Após terem reiterado diante do juiz a sua fé cristã foram degolados. Aurélio foi sepultado no mosteiro de Peñamelária e Natália na igreja dos Três Santos.

*Félix e Lilliosa*: Félix era um cristão apóstata que, um dia, se re-converteu à fé de Cristo. Casou com Lilliosa, filha de cristãos ocultos, e com ela professava ocultamente a fé. Venderam os bens e repararam pelos pobres e pelas igrejas o seu produto. Juntamente com Aurélio e Natália, começaram a confessar-se publicamente cristãos. Presos, foram degolados, juntamente com o monge sírio Jorge. Os seus corpos estiveram durante três dias expostos aos cães

e aves. Roubados pelos cristãos, foram sepultados em igrejas: Félix, na de S. Cristovão e Liliesana de S. Ginés.

*Jorge*: Monge sírio, companheiro de martírio dos santos Aurélio e Sabigotona, Félix e Liliesa. Ao ver que os seus companheiros eram presos e ele ficava ileso, interpelou duramente os algozes, que o conduziram com os outros ao tribunal. Aí confessou também a fé de Cristo. Foi degolado com os outros quatro mártires. Foi sepultado, após três dias de exposição, no mosteiro de Penamelária, com S. Aurélio

20 de Agosto - *Leovigildo*: Natural de Elvira, foi monge do mosteiro de S. Justo e Pastor. Após o martírio de Félix e seus companheiros, apresentou-se ao juiz, professou a fé cristã e foi encarcerado. Aí se encontrou com S. Cristovão, com quem viria a ser degolado. Os corpos foram queimados, para se evitar a veneração por parte dos cristãos. Estes conseguiram ainda salvar uns restos, que sepultaram na basílica de S. Zoilo.

*Cristovão*: Descendente de árabes, parente e discípulo de S. Eulógio, foi monge de S. Martinho, na serra de Córdova. Ao saber do martírio de S. Félix e companheiros desceu à cidade, apresentou-se ao juiz e confessou a divindade de Cristo e a impiedade de Maomé, pelo que foi encarcerado com ferros e, depois, martirizado com S. Leovigildo.

15 de Setembro - *Emila*, diácono e *Jeremias*, leigo. Estes dois jovens receberam a sua formação cultural e religiosa na basílica de S. Cipriano. Eram cultos na língua árabe.

16 de Setembro - *Rogério*: monge ancião, oriundo de Parapanda (em Eliberis) e *Abdalá* (Servideo), adolescente sírio,

entraram um dia na própria mesquita de Córdoba, na hora da oração, para vituperar o islamismo e ameaçar os muçulmanos com as penas do Inferno. Foram salvos dos furores e maus tratos da multidão pelo juiz, que os condenou ao cárcere e, depois, lhes mandou cortar as mãos, os pés e a cabeça. Os corpos foram pregados em paus, juntamente com os de Emila e Jeremias, e expostos para escárnio.

## 2. Reinado de Maomé I

853

13 de Junho - *Fandila*: Fora em criança para Córdoba, para estudar. Na adolescência, fez-se monge de Tábanos sob o abade Martín. Os monges de Penamelária, desejosos de conhecer a sua virtude, atraíram-no à sua comunidade, onde foi ordenado sacerdote. Depois de muitos jejuns, orações e penitências apresentou-se ao juiz para proclamar a divindade de Jesus e a impostura de Maomé e ameaçar os muçulmanos com as penas eternas. Foi preso e, depois de muitas ameaças, contra toda a Igreja, o que provocou a fuga do bispo de Córdoba, Saúl, foi degolado e dependurado do patíbulo.

14 de Junho - *Anastácio*: Diácono de S. Acisclo, onde estudou as letras e ciências, fez-se monge e, depois, sacerdote, com cura de almas. Entrou no palácio do emir e atacou o islamismo, pelo que foi imediatamente morto.

*Félix*: De origem africana (gétulo ou berbere. filho de pais muçulmanos, nasceu em Alcalá de Henares e fez-se cristão e monge nas Astúrias, para onde fora levado, talvez como cativo. Foi decapitado juntamente com S. Anastácio.

*Digna*: Jovem religiosa de Tábanos, sob a abadessa Isabel. Ao saber do martírio de Anastácio e Félix,



fugiu do convento e foi enfrentar o juiz, confessando o mistério da Ss. Trindade. Foi mandada degolar e o seu corpo pendurado pelos pés do patíbulo, tal como os dois mártires que a precederam.

15 de Junho - *Benilde*: Era uma matrona anciã que deu a vida por Cristo. O seu cadáver foi encinerado e lançado ao Guadalquivir, para se evitar a veneração dos cristãos.

17 de Setembro - *Columba*: Era uma cordovesa rica que se fez monja de Peñamelária. Refugiou-se com algumas companheiras numa quinta próximo da basílica de S. Cipriano. Entregou-se ao juiz para professar a fé cristã diante dele e do conselho. Foi degolada.

19 de Setembro - *Pomposa*: Monja do convento de S. Salvador de Peñamelária, fundado pelos pais, que eram ricos cordoveses. Humilde e penitente, ao saber do martírio da sua amiga Columba, acalentou a ideia de também ela dar a vida por Cristo. Uma noite, fugiu de casa, percorreu a serra e, de madrugada, chegou às portas de Córdoba, onde se apresentou ao juiz para professar a fé cristã e rejeitar Maomé. Foi mandada degolar às portas do Alcaçar e o seu corpo lançado ao rio. Uns trabalhadores encontraram-no e enterraram-no num buraco. Vinte dias depois, foi con dignamente sepultada na basílica de S. Eulália, junto de S. Columba.

*Pomposa*: Monja de Tábanos.

854

11 de Junho - *Abúndio*: Sacerdote natural de Analelos, na serra de Córdoba, sentiu a vocação para o martírio quando foi conduzido fraudulentamente à presença do juiz. Professou intrepidamente a fé de Cristo e atacou a de Maomé. Foi degolado e o seu corpo lançado aos cães e outros animais.

855

30 de Abril - *Ulex* (Amador): Jovem sacerdote natural de Martos (Jaén), fora para Córdova com os pais e irmãos para estudar. Aí veio a confessar a fé e a receber o martírio, juntamente com Pedro e Luís. O seu corpo, lançado ao rio, nunca mais apareceu.

*Pedro*: Monge cordovês, foi companheiro de martírio de Ulex e de Luís. O seu corpo foi recolhido no rio e sepultado em Peñamelária.

*Luís*: Irmão do diácono Paulo, que dera a vida por Cristo, foi mártir com Ulex e Pedro. O seu corpo foi encontrado pelos cristãos e sepultado em Palma do Rio, a oito léguas ao Sul de Córdova.

*Vitesindo*: Era um ancião natural de Cabra, que apostatara do cristianismo mas que permanecera mais cristão oculto do que muçulmano o convicto. Ao ser posta em causa a sua adesão ao cristianismo, confessou desassombradamente a fé em Cristo. Essa confissão valeu-lhe o martírio. Não se conhece o dia certo.

856

17 de Abril - *Elias*: Sacerdote oriundo da Lusitânia, derramou o seu sangue por Cristo quando já era bastante entrado em anos.

*Paulo e Isidoro*: Jovens monges que deram a vida por Cristo. Os seus corpos permaneceram pendurados em paus durante vários dias. Depois, foram lançados ao rio.

28 de Junho - *Argemiro*: Era um cidadão nobre de Cabra. Ex-censor ou juiz moçárabe, fez-se monge. Foi conduzido ao juiz por ter confessado a divindade de Cristo e injuriado a figura de Maomé. Ao reiterar essas atitudes, o santo ancião foi encarcerado e, algum tempo depois, degolado. Depois de vários dias foi o

seu corpo recolhido e sepultado na basílica de S. Acisclo.

17 de Julho - *Áurea*: De origem nobre e rica, fez-se monja de Cuteclara. Era irmã de Adolfo e João, os primeiros mártires do reinado anterior e parente do juiz de Córdova. Aprendera o árabe antes de entrar no convento. Foi denunciado ao juiz pelos próprios familiares. Este quis demovê-la com bons modos e promessas. Pareceu dar mostras de acatar a religião islâmica, pelo que foi posta em liberdade. No entanto, continuou a sua vida de cristã comprometida, penitenciando-se da sua fraqueza. Novamente denunciada, o juiz ameaçou-a duramente. A sua resposta foi uma confissão desassombrada da fé em Cristo. Foi mandada degolar e dependurar pelos pés no madeiro. Finalmente, o corpo foi lançado ao Guadalquibir para nunca mais aparecer.

857

13 de Março - *Rodrigo*, sacerdote de Cabra e Salomão. Rodrigo quis estabelecer a paz numa briga entre dois irmãos seus, um muçulmano e outro cristão. Investiram ambos contra ele e deixaram-no meio morto. O muçulmano levou-o assim pelas ruas para dizer que se convertera e quisera que publicamente se soubesse. Recuperada a saúde, conseguiu fugir para a serra. Um dia, foi reconhecido pelo irmão no mercado e entregue ao juiz. Apesar de todas as promessas, Rodrigo permaneceu firme na sua fé. Depois de alguns dias de prisão, avançou cheio de alegria para o martírio. Foi degolado e atirado ao rio.

Com ele, Salomão que, depois de ter abjurado do cristianismo, se arrependera. Fez-se amigo de Rodrigo na prisão. Apoiaram-se mutuamente na fé e, juntos, deram a vida por ela. S. Eulógio dedicou-lhes o *Liber Apologeticus Martyrum*.

11 de Março - *Eulógio*: Foi, juntamente com Álvaro, seu companheiro de estudos, o grande motor do movimento dos mártires voluntários de Córdoba. Entrou muito novo para a carreira eclesiástica na comunidade da igreja de S. Zoilo. Foi um aluno brilhantíssimo do abade Speraindeo. De uma cultura invulgar, quer nas ciências eclesiásticas, quer nas profanas, de uma vida ascética e intelectual exemplar, de uma fé viva e comprometida, S. Eulógio foi o mestre e director espiritual dos mártires da sua geração. À morte do metropolitano de Toledo, Vistremiro, foi escolhido pelos bispos da província eclesiástica como sucessor. O sultão não o autorizou. Depois de ter encaminhado e fortalecido na fé muitos mártires, chegou a vez de Eulógio ser preso, decapitado e lançado ao rio. O seu julgamento foi uma manifestação profunda de sabedoria, bravura e fé.

A sua morte foi rodeada de maravilhoso. A igreja de S. Zoilo, onde foi sepultado o seu corpo, tornou-se centro de devoção e de milagres. O grande apóstolo dos moçárabes continuou, após a morte, a ser uma pregação viva da fidelidade a Cristo e à igreja.

15 de Março - *Leocrícia*: De origem muçulmana, foi secretamente baptizada por uma religiosa da família, chamada Liciosa. Ao descobrirem a sua fé, os pais quiseram atraí-la ao islamismo; ao verem que nada conseguiram, carregaram-na de ameaças e castigos corporais. Aconselhava-se secretamente com S. Eulógio e sua irmã Anulona. Depois fez que acatava a vontade dos pais. Um dia, durante uma festa, fugiu para casa dos seus conselheiros. Aí foi presa com S. Eulógio. Quatro dias depois da morte deste, foi também ela degolada e lançada ao Guadalquivir, mas as águas

não a absorveram. Retirada pelos cristãos, foi sepultada na igreja de S. Ginés, nos arrabaldes de Tércios.

- (1) O pequeno martirologio que apresentamos tem como fontes fundamentais as obras de S. Eulógio *Memoriale Sanctorum e Liber Apologeticum Martyrum* e de Álvaro de Córdova, *Vita Eulogii*.

ANEXO 7

JULGAMENTO DE UM CRISTÃO DE CÓRDOVA

"Ouvi contar que, certa ocasião, um cristão se apresentou na Cúria a pedir a própria morte. O juiz Aslam reprimiu-o severamente, dizendo:

- Infeliz, quem te convenceu a pedires a tua própria morte sem nada teres feito de mal?

A necessidade ou ignorância dos cristãos levava-os a atribuir à acção de se oferecerem à morte, um grande mérito, quando nada de semelhante podia ser apontado como exemplo digno de ser imitado na vida do profeta Jesus, filho de Maria. O cristão respondeu:

- Acredita porventura o juiz que se me matar serei eu o morto?

- Quem será, então o morto? - respondeu-lhe o juiz.

- O morto será uma semelhança minha que se meteu num corpo; essa semelhança é a que o juiz matará. Quanto a mim, subirei imediatamente ao céu.

- Olha, disse então Aslam, aquele a quem te encomendas nestas coisas não está aqui comigo e aquele que poderia informar-te bem, para te convencer desta falsidade também o não tens junto de ti; mas está aqui um meio para nos mostrar o que está certo e assim poderemos elucidar-nos tu e eu.

- Qual é esse meio? - disse o cristão.

O juiz Aslam voltou-se para os algozes ou verdugos que estavam ali e disse-lhes:

- Trazei o chicote.

Ordenou logo que despirassem o cristão; despiram-no e, imediatamente mandou que o açoitassem. Quando o cristão começou a sentir o efeito dos açoites, pôs-se a agitar-se e a gritar. O juiz Aslam disse-lhe:

- Em que costas estão a cair os açoites?

- Nas minhas costas, disse o cristão.

- Pois bem, homem, disse-lhe Aslam, o mesmo aconteceria, por Deus, se a espada caísse sobre o teu pescoço. Pensas que poderia acontecer outra coisa?"

*NOTA AO TEXTO:* Este texto, do historiador dos Juizes de Córdova, é por um lado, uma visão burlesca da atitude dos mártires voluntários, que pretende ridicularizar. Por outro lado, apresenta-se como uma crítica que joga com elementos do dogma, negando sistematicamente, com base no Corão, a morte de Cristo, para denunciar o fanatismo dos mártires que, por "necessidade ou ignorância", se ofereciam à morte, pensando imitar Jesus. Todo o diálogo tem como pano de fundo a tradição islâmica de que não foi Cristo quem morreu mas sim um sósia, transpondo, no entanto, essa mesma tradição para a mentalidade Cristã, como se fossem os cristãos a apelar para a pseudo-morte de Cristo.

A parte final, é, possivelmente, um aproveitamento da lenda que apresenta um céptico grego sujeito aos ataques de um cão que o seu interlocutor teria lançado contra ele para lhe provar existencialmente aquilo que ele negava: a sua própria existência.

ANEXO 8

PARALELISMO ESTILÍSTICO ENTRE OS ESCRITOS POLÉMICOS  
DE ELIPANDO E EULÓGIO <sup>(1)</sup>

*Polémique adoptianiste*

*venenatis adsertionibus* ÉLIP. Ep.  
*in Mig. 2, p. 69.*

"par ses assertions vénéneuses"

*contra canem* ÉLIP. Ep. *in Mig. 2,*  
*p. 69.*

"contre ce chien"

*rabies quae contra sanctum dininae*  
*Trinitatis mysterium latrat, ibid.*

"la rage qui aboie contre le saint  
mystère de la divine Trinité"

*fabricatores mendacii et cultores*  
*perversorum dogmatum, ibid.*

"artisans de mensonge et adeptes  
de dogmes pervers"

*insania* Ep. *in Mig. 4-5, p. 71,72*

"sa folie"

*ab hujus hereticae pravitatis bara*  
*tro 5, p. 73.*

"de l'enfer de cette dépravation  
hérétique"

*venena hereticorum 5, p. 73.*

"les venins des hérétiques"

*Polémique mozarabe*

*dogma venenosum* EVL., *Mem. sanct., I,*  
*20, p. 384*

"le dogme vénéneux"

*canis impurus* EVL., *Mem. sanct., I, 7,*  
*p. 376.*

"le chien impur"

*latratibus rabidorum canum* EVL., *Mem.*  
*sanct., I, 16, p. 381.*

"(nous allons à la rencontre) des  
aboielements de chiens enragés"

*deliramenta perversi dogmatis* EVL.,  
*Mem. sanct., II, 10, 1, p. 616.*

"les délires d'un dogme pervers"

*institutorum perversi dogmatis* EVL.,  
*Doc. mart. 12.*

"l'instaurateur d'un dogme pervers"  
*insania* EVL., *Mem. sanct., I, 20, p. 384*

"sa folie"

*voragini barathri* EVL., *Mem. sanct.,*  
*II, 10, 33, p. 430.*

"(lui qui a plongé dans) le gouffre  
des enfers"

*letali veneno corrumpens* EVL., *Mem.*  
*sanct., I, 7, p. 408.*

"corrompant à l'aide d'un venin mortel"...

.../



*Polémique adoptianiste*

*omnium hereticorum ceno letali  
inebriatus* 5, p. 73.

"enivré de la fange mortelle de  
tous les hérétiques"

*pseudochristi et pseudoprophetae*  
(sermo) *Ep. episc.* 1, p. 82

"(les propos) de ce faux Christ  
et de ce faux prophète"

*pestiferi dogmatis, ibid*

"de son dogme pestiféré"

*ad infernum ignis aeterni incen  
dio exurendas secum perducat*  
Élip., *Ep. ad. C.M.*, 4, p. 95.

"qu'il entraîne avec lui les  
âmes pour qu'elles soient brûlées  
aux flammes du feu éternel"

*Polémique mozarabe*

*letale poculum* *EVL.*, *Mem. sanct.*, praef.  
2, p. 367.

"la coupe mortelle"

*Exsurgent pseudochristi et pseudoprophetae*  
*EVL.*, *Mem. sanct.*, I, 13, p. 380.

"De faux christs et de faux prophètes se  
lèveront"

*pestiferi dogmatis... cultor* *EVL.*, *Mem.  
sanct.*, I, 8, p. 410.

"un adepte du dogme pestiféré"

*aeternis incendiis* *EVL.*, *Mem. sanct.*, I,  
10, 33, p. 430.

"dans le feu éternel"

---

(1) DOMINIQUE MILLET-GÉRARD, *Chrétiens Mozarabes et Culture Islamique  
dans l'Espagne des VIII<sup>e</sup> siècles*, Paris, 1984, pp. 204-205.

**A RECONQUISTA**

1. *Covadonga vista pelos cristãos*

Pelágio estava com os seus companheiros no monte Aseuva, e o exército de Alqama chegou até ele e levantou inúmeras tendas diante da entrada da cova. O supra-citado bispo Oppas subiu a uma elevação situada ante a cova da Senhora e falou assim a Pelágio: "Pelágio, Pelágio, onde estás?" O interpelado assomou à janela e respondeu: "Estou aqui". O bispo disse então: "Penso, irmão e filho, que não ignoras como há pouco se encontrava toda a Hispânia unida sob o governo dos godos e brilhava mais do que todos os outros países pela doutrina e ciência e que, como disse antes, todo o exército godo reunido não conseguiu sustentar o ímpeto dos ismaelitas. Poderás tu defender-te sobre esse monte? Parece-me difícil. Escuta o meu conselho: dá o teu acordo; gozarás de muitos bens e disfrutarás da amizade dos caldeus". Pelágio respondeu então: "Não leste nas Sagradas Escrituras que a Igreja do Senhor chegará a ser como um grão de mostarda e crescerá de novo pela misericórdia de Deus?" O bispo respondeu: "Verdadeiramente está assim escrito". Pelágio disse: "Cristo é a nossa esperança; que por este pequeno monte que vês seja salva a Hispânia e reparado o exército dos godos. Tenho a esperança de que a promessa do Senhor se cumpra em nós, porque David disse: "Castigarei com o meu bastão as suas iniquidades e com açoites os seus pecados, mas não lhes faltará a minha misericórdia!" Assim, pois, confiando na misericórdia de Jesus Cristo, desprezo essa multidão e não temo o combate com que nos ameaças. Temos por advogado junto do Pai a Nosso Senhor Jesus Cristo, que pode libertar-nos destes pagãos". O bispo, voltando-se então para o exército, disse: "Aproximai-vos e lutai. Bem ouvistes como me respondeu; pelo que depreendo da sua intenção, não tereis a paz com ele, mas pela vingança da espada".

Alqama mandou então começar o combate, e os soldados tomaram as armas. Levantaram-se os fundibulos, prepararam-se as ~~se~~ *hondas*, brilharam as espadas, encrespam-se as lanças e lançaram-se ininterruptamente setas. Mas nesse momento se mostraram as grandezas do Senhor: as pedras que saíam dos fundibulos e chegavam à casa da Virgem Santa Maria, que estava dentro da cova, voltavam-se contra os que as disparavam e matavam os caldeus.

*Crónica de Afonso III (Rotense)*, ed. -GÓMEZ MORENO, in *Bol. Ac. Hist., C.*", 1932, p. 612.

2. *Covadonga vista pelos muçulmanos*

Diz Isa ben Ahmad al-Razi que nos tempos de Anbasa ben Suhaim al-Qalbi, se levantou na terra da Galiza um burro selvagem chamado Pelágio. Começaram desde então os cristãos em Al-Andalus a defender contra os muçulmanos as terras que ainda estavam em seu poder, o que não tinham esperado conseguir. Os muçulmanos, lutando contra os politeístas e forçando-os a emigrar, tinham-se apoderado de seu país até Ariyula, da terra dos francos, e tinham conquistado Pamplona na Galiza e não ficara senão a rocha onde se refugiou o rei chamado Pelágio com trezentos homens. Os soldados não desistiram de o atacar até que os seus soldados morreram de fome e só ficaram na sua companhia trinta homens e dez mulheres. E não tinham que comer a não ser o mel que deixaram as abelhas nas gretas da rocha. A situação dos muçulmanos chegou a ser penosa e, por fim, desprezaram-nos, dizendo: "Que dano poderão causar-nos trinta burros selvagens?", Pelágio morreu no ano 133 e reinou o seu filho Fáfila. O reinado de Pelágio durou dezanove anos e o do filho, dois. Depois de ambos reinou Afonso, filho de Pedro, avô dos Banu Afonso, que conseguiram prolongar o reino até hoje e se apoderaram do que os muçulmanos lhes tinham conquistado.

AL-MAQQARI, *Nafh al-tib*, trad. LAFUENTE ALCÁNTARA, in "Col. Obr. Ar. Ac. Ha.," I, p. 230.

ANEXO 10

CRONOLOGIA DOS REIS CRISTÃOS DA PENÍNSULA IBÉRICA  
(de 718 a 1598)

**Astúrias**

Pelágio, 718-737  
Afonso I, 739-757  
Afonso II, o casto, 791-842  
Ramiro I, 842-850  
Ordonho I, 850-866  
Afonso III, 866-909

**Navarra**

Iñigo Arista, 840-860?  
Sancho Garcês, 925-970  
Sancho Garcês II, 970-994  
Garcia Sãnhêz II, 994-1000  
Sancho Garcês III, 1000-1035  
Garcia, 1035-1045  
Sancho IV, 1054-1076  
Sob Sancho Ramirez, Navarra es  
teve unida com Aragão; Esta união  
durou até 1134  
Sancho, 1194-1234  
Teobaldo I, 1234-1253  
Teobaldo II, 1253-1270  
Henrique I, 1270-1274  
João, 1274-1304

**Leão**

Garcia I, 909-914  
Ordonho II, 914-924  
Ramiro II, 931-951  
Ramiro III, 967-984  
Bermudo II, 984-999  
Afonso V, 999-1027

**Castela e Leão**

Fernando I, 1035-1065

Fernando I, 1367-1383

**Leão**

Fernando II, 1157-1188  
Afonso IX, 1188-1230

**Castela**

Afonso VII, 1126-1157  
Sancho III, 1157-1158  
Afonso VIII, 1158-1214  
Henrique I, 1214-1217  
Dona Berenguela, 1217

**Castela e Leão**

Fernando III, 1217-1252  
Afonso X, o Sábio, 1252-1284  
Sancho IV, 1284-1295  
Fernando IV, 1295-1312  
Afonso XI, 1312-1315  
Pedro I, 1350-1369  
Henrique II, 1369-1379  
João I, 1379-1390  
Henrique III, 1390-1406  
João II, 1406-1454  
Henrique IV, 1454-1474  
Isabel, 1474-1504

**Aragão**

Ramiro I, 1035-1063  
Sancho Ramirez, 1063-1094  
Pedro I, 1094-1104  
Afonso I, o Batalhador, 1104-1134  
Ramiro II, 1134-1137  
Jaime I, el Conquistador, 1213-1276  
Pedro III, 1276-1285  
Afonso III, 1285-1291

/...

*Castela e Leão*

Sancho II, 1065 - 1072

Afonso VI, 1072-1109

Dona Urraca, 1109-1126

Afonso VII, 1126-1157

*Portugal*

Afonso Henriques, 1138-1185

Sancho I, 1185-1211

Afonso II, 1211-1223

Sancho II, 1223-1248

Afonso III, 1248-1279

Dinis, 1279-1325

Afonso IV, 1326-1356

Pedro, 1357-1367

*Aragão*

Jaime II, 1291-1327

Afonso IV, 1327-1336

Pedro IV, 1336-1387

João I, 1387-1395

Martinho I, 1395-1410

Fernando I, o de Antequera, 1412-1416

Afonso V, 1416-1458

João II, 1458-1479

Fernando II, o Católico, 1479-1516

*Aragão e Castela*

Carlos V, 1516-1555

Filipe II, 1555-1598

## ANEXO 11

## DE LAUDE SPANIAE

Omnium: terrarum, quaeque sunt ab occiduo usque ad Indos, pulcherrima es, o sacra semperque felix principum gentiumque mater Spania: iure tu nunc omnium regina prouinciarum, a qua non occasus tantum, sed etiam oriens lumina mutuat: tu decus atque ornamentum orbis, inlustrior portio terrae, in qua gaudet multum ac largiter floret Geticae gentis gloriosa fecunditas. Merito te omnium ubertate gignentium indulgentior natura ditauit. Tu bacis opima, uuis proflua, messibus laeta; segete ues tiris, oleis inumbraris, uite praetexeris. Tu florulenta campis, montibus frondua, piscosa litoribus. Tu sub mundi plaga gratissima sita nec aestiuo solis ardore torreris, nec glaciali rigori tabescis, sed temperata caeli zona praecineta zephyris felicibus enutriris. Quicquid enim arua fecundum, quicquid metalla pretiosum, quicquid animantia pulchrum et utile ferunt, parturis, nec illis annibus posthabenda, quos clara speciosorum gregum fama nobilitat. Tibi cedit Alpheus equis, Clitumnus armentis, quamquam uolucres per spatia Pisaea quadrigas Olympicis sacer palmis Alpheus exerceat et ingentes Clitumnus iuuenos Capitolinis olim immolauerit uictimis. Tu nec Etruriae saltus uberior pabulorum requiris nec lucos Molorchi palmarum plena miraris, nec equorum cursu tuorum Eleis curribus inuides. Tu superfusis fecunda fluminibus, tu aurifluis fulua torrentibus; tibi fons equi genitor, tibi uellera indigenis fucata conchyliis ad robore Tyrios inardescunt, tibi fulgurans inter obscura penitorum montium lapis iubare contiguo uicini solis accenditur. Alumnis igitur et gemmis diues et purpuris rectoribusque pariter et dotibus imperiorum fertilis sic opulenta es principibus ornandis ut beata pariendis. Iure itaque te iam pridem aurea Roma caput gentium concupiuit et licet te sibimet eadem Romula uirtus primum uictrix desponderit, denuo tamen Gothorum florentissimagens post multiplices in orbe uictorias certatim rapit et amauit, fruiturque hactenus inter regias infulas et opes largas imperii felicitate securas.

S. ISIDORO DE SEVILHA. ed. Cristóbal Rodríguez Alonso, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos de Isidoro de Sevilla*, León, 1975, pp. 168-170.

ANEXO 12

CAPITULA PETRI PICTAVENSIS

Capitula libri primi domni Petri abbatis Cluniacensis contra sectam nefandam Sarracenorum.

.i. Praelocutio ad Sarracenos, admonens et excitans eos ut patienter audiant et rationabiliter intelligant quae secuntur. .ii. Quam stulte ac ridiculose dicunt Iudeos legem suam perdidisse, et modo non nisi falsatam et mendosam habere. .iii. Quia ratine haec illorum opinio stulta et uana esse probatur. .iiii. Quod quia similiter Christianos Aeuangelium et scripta apostolica perdidisse asserunt, quomodo facillime refelli possit monstratur. .v. Quod non potuisset Christianos latere falsitas Aeuangeliorum, maxime cum per uniuersum orbem diffusi, multaque linguarum uarietate diuisi, idem prorsus Aeuangelium omnes habeant, nec ab illa unius et eiusdem Aeuangelii ueritate aliqui hoc tempore Christiani dissentiant. .vi. Quod si falsatum esset Aeuangelium, nec tot linguarum ac gentium homines, tamque studiosos ac sapientes hoc latere potuisset, nec seipsos ipsimet nudato mendacio falli permisissent, nec relictam ueritatem falsam pro ueris, incerta pro certis tenuissent. .vii. Quod ex parte illa qua Aeuangelium suscipiunt, necessario eos illud etiam ex toto suscipere debere probatur.

Capitula libri secundi.

.i. Quod Mahumeth dici uel credi propheta non debeat his de causis. .ii. Quod raptor fuerit, istudque ex sequentibus comprobatur. .iii. Quod homicida insuper et parricida multorum fuerit. .iiii. Quod proditor fuerit, incautos et dormientes sepe iugulans. .v. Quod adulter nefandus extiterit, adulteria perpetrare sibi a Deo concessum in Alchorano suo dicens.<sup>1</sup> .vi. Quod insuper rem sodomiticam atque turpissimam docuerit, praecipiens in Alchorano suo, et uelut ex persona Dei sic loquens: "O uiri, mulieres uobis subiectas, ex quacumque parte uobis placuerit perarate."<sup>2</sup> .vii. Quod se pissime in Alchorano suo sibimet contrarius sit, modo, modo negans affirmans illud

D 117 vi

<sup>1</sup>Cf. Cor. 33:49.

<sup>2</sup>Cor. 2:22<sub>3</sub>, A 3<sub>3</sub> ius

idem quod ante negavit. .viii. Quod legislationem eius nulla miracula commendauerunt, cum Moyses antiquae legislator et Christus Noui Testamenti conditor multis et magnis miraculis, leges quas dederunt diuinas et sanctas esse firmauerint.

#### Capitula libri tercii.

.i. Quod Mahumeth miracula facere non potuisse ex supradicta eius nefanda uita probatur. .ii. Quod ipse in Alchorano suo fateatur signa sibi a Deo data non esse <sup>3</sup>. .iii. Quam friuola immo quam nulla sit ratio quam ibi praetendit, quare scilicet miracula non faciat, introducens Deum sic sibi loquentem: "Nisi sciremus eos tibi non credituros, daremus tibi signa et prodigia." <sup>4</sup>. .iiii. Quod inde etiam sibi contrarius sit, quando et prophetam se nominat, et tamen signa sibi data non esse affirmat, cum prophetia maximum sit. .v. Quod necesse sit eum in altero horum duorum mentiri, quia si propheta fuit signa prophetica accaepit, si signa non accaepit propheta non fuit. .vi. Quod lux ut fabula geniturae et nutriturae ipsius habet, <sup>5</sup> inclusa costis Aadae, in deque costis Noae et sic per successiones usque ad ipsum nulla unquam fuerit, sed est omnium risu dignissima. .vii. Quod eum praedixisse dicunt successuros sibi in regno, primo Abubarcharum, secundo Aomar, tertio Odmen, quarto Hali, et quaedam alia, falsum esse monstratur, ex ipsius hystorici qui hoc refert relatione. <sup>6</sup>. .viii. Quod rursus prophetam eum esse non potuisse ex Aeuangelio Christi cui ex aliqua parte credunt, comprobetur.

#### Capitula libri quartii.

.i. Quod uerba Domini dicentis in Aeuangelio, "Lex et prophetae usque ad Iohannem", <sup>7</sup> non de omnibus prophetis dicta sunt, sed de illis tan

<sup>3</sup> Cf. Cor. 6: 45, A 49<sup>rd</sup>.

<sup>4</sup> Cor. I 7: 61, A I 53<sup>rd-vs</sup>

<sup>5</sup> i.e. Liber generationis Mahumet, A IIrs et seq.

<sup>6</sup> Fabulae Saracenorum, A 8rs-vs.

<sup>7</sup> Luc. I6:16.



tum qui uniuersalem mundi salutem quae per Christum facta est, ante Christum praedixerunt. .ii. Qvod et post Iohannem uel Christum alii prophetae fuerunt uel forte futuri sunt, qui non illa magna et singulariter salutem humanam operantia, sed quaedam proprie gentes, terræ, uel personas pertinentia prophético spiritu praedixerunt uel fortassis praedicturi sunt, quorum exempla multa tenemus. .iii. Quod nec de istis nec de illis Mahumet fuerit, qui nec salutem quae per Christum facta est, cum longe post Christum fuerit praedixit, nec aliqua saltem minima ad prophetiam pertinentia dixit. .iiii. Quod istud ex Alchorano eius ostenditur, in quo nichil prorsus propheticum scripsit, cum nulla hoc habeat ratio eum scilicet aliquid alicubi propheticè dixisse, [D. 178rs] et hoc in illa sua iuxta illum sublimi et sola scriptura tacuisse, ubi cum se prophetam dicat, nulla tamen prophetica narrat. .v. Quod tota scriptura Mahumeth nichil aliud sit quam feres horridae, et reliquiae fetidae heresum ante quingentos quam ipse nasceretur annos ab uniuersali sacrosancta totius orbis aeccl<sup>esi</sup>a damnatarum atque sepultarum, maxime autem Manicheorum et apocriphorum scriptorum, precipueque Thalmuth execrandi libri Iudeorum, quas scilicet Sarraceni hereses quia ueraces hystorias et gesta aeccl<sup>esi</sup>astica non legunt nec legere sciunt, nec ipsa tempora nec ipsas hereses fuisse aliquando audierunt, et ideo istum Sathanan quasi mira et noua dicentem, animales et miseri suscaeperunt. .v. Exhortatio et admonitio ut saltem hoc ultimo tempore quando iam finis saeculi prope est, ad ueram et sanctam Christianitatem ueniant, diaboli fabulas et deliramenta respuentes, atque in crucem Christi et mortem, in qua sola uera et tota hominum salus est, per sacri baptismatis ablutionem credentes.

Ap. JAMES KRITZECK, *Peter the Venerable*, Princeton, 1965, pp. 217-219.

ANEXO 13

De diuerfitate errancium a uia ueritatis fidei <sup>(1)</sup>

*(Pugio Fidei, I,1)*

Uiam uerae fidei ac ueritatis errancium turba licet quodammo-  
do sit incomprehensibilis, et infinita, potest tamen quodammodo sub du-  
plici distinctione concludi. Quicumque enim a fidei ueritate exorbitant,  
uel sunt habentes legem, uel minime legem naturalem habentes.

II. Porro qui non habent legem, quanquam et ii sint infiniti,  
ad trinam tamen divisionem satis possunt reduci, sunt namque uel tempo-  
rales, uel naturales, uel philosophi, et qui eorum ymaginem repraesentant.

III. Denique legem habentes, uel sibi legis uocabulum arrogantes,  
aut sunt Iudaei, uel Christiani, uel Saraceni.

IV. Temporales autem Epicurei, seu Carnales, a plerisque uocantur eo quod sint sequaces Epicuri, quem philosophi Porcum nominauerunt: Hic enim corporis uoluptatem summum esse bonum asseruit, et Deum esse negavit *ut ait Algazel in libro, qui dicitur Almonkid min Addalel. Cui consentire uidetur, quod Papias his uerbis dicit: Epicurus uoluptatem corporis summum bonum asserebat, nulla etiam providentia instructum esse mundum dicebat; nec non omnia constare corporibus; animam uero nihil esse, nisi corpus dicebat: Haec Papias de Epicuro . Cuius insaniam David non tacuit inquiens: Dixit nabal id est stultus in corde suo, non est Deus. Quales uero sequaces iste habeat ostenditur, cum subiungitur: corrupti sunt studio uel opere; non est faciens bonum. Tu ergo audiens ista signa, diligenter eisdem signis denigratos aduerte, et raros sub celo inuenies, quos cum Epicureis, et temporalibus computare non possis.*

*De Naturalibus*

Porro Naturales *ut ait Algazel in libro qui eripit ab errore,* quidam dicti sunt, qui sensibilia contemplantes, ut est dispositio plumarum in uolatilibus; scamarum, et pennularum in piscibus; florum, ac foliorum, fructuum, et granorum in herbis et arboribus; ossium, nervorum,

venarum, arteriarum, atque membrorum in animalium, et maxime hominum corporibus deinde horum omnium proprietates, colores, sapes odores, et pulchritudinem intuentes, in quibusdam autem vitam, in quibusdam vero vitam simul et sensum tactus; in aliis omnes sensus is est visum, auditum, odoratum, gustum, et tactum et astutias, industriasque stupendas considerantes, tot mirabilia reperiunt, quod Deum esse fateri compulsi sunt; sed ulterius gradientes ac simillimos homines ceteris animalibus fere in omnibus aduertentes, animamque rationalem in pluribus complexionem sui corporis subsequentem ad destructionem complexionis corporis omnimodum destructionem anime rationalis arbitrati sunt. *Hæc Algazel.* Quorum personam Salomon assumens istius modi eorum considerationem, et ipsam credulitatem iis uerbis exprimit, dicens: Quoniam contingens filiorum Ade, et contingens ipsius bestie, utique contingens unum est eis; sicut mors istius, sic mors istius: et spiritus unus eis, et amplius ipse homo quam bestia non habet, quia totum est vanitas<sup>(2)</sup>.

VI. Hanc impiam istorum credulitatem, quam in persona eorum Salomo, sic recitat multi ex eis uerbis, omnes vero moribus et operibus pessimis asseruerunt et impudenter: ad quam necessario sequitur nec praemium justis nec poenam impiis restare post mortem. *Quas ob res, uero ait Algazel ubi supra: Destructa fide in cordibus ipsorum dissolvitur frenum timoris Dei de capite illorum sequunturque concupiscencias suas more irrationabilium bestiarum in omne flagitium et facinus irruentes et immergentes se in omnem fedtatem et uoluptatem, dummodo absque arbitris et testibus valeat perpetrari.* Sub hac uero secta non solum literatorum sed et rusticorum et omnium aliorum mundi hominum infinita millia millium includuntur. Si quis uero tales ignorabat, opera singulorum requirat: teste siquidem Christo non potest arbor bona fructus malos facere, nec conuerso: et ideo a fructibus, id est ab operibus iussit quosque cognosci. Impiorum igitur nobis incredulitatem etiam ipsis tacentibus opera mala produunt. Naturaliter enim, ut ait quidam Sapiens, fugitur quod timetur et queritur quod amatur.

Si ergo in alia uita propter scelera aeterna poena, aeterna que miseria, puniendos se crederent scelerati, profecto nunc fugerent scelera, quemadmodum ait Poeta: "Impiger extremos currit mercator ad Indos. Per mare pauperiem fugiens, per saxa, per ignes".

Porro e contrario si propter uirtutum opera felicitatem sine fine se adepturos sperarent, uirtutibus utique operam non segniter darent, et ut cum exultatione in posterum meterent, nunc libenter etiam cum lacrymis seminarent. Agricola quippe propter modicum quod habet fidei, non quidem utilius frumenti, quod seminavit, recuperet millesies tantum, uel et centuplum, sed ut saltem decuplum, solis ardoribus in estate patienter uritur, hieme uero longanimiter frigoribus infestatur, stimulo boues agitat, aratro saepius terram sulcat, plurimisque aliis laboribus invictus affligitur, nouando sibi noualia denique ob fidem ejusmodi frumentum optimum iacit super faciem terre; deinde id sepelit uelut stultus nebulae, atque grandinis uredine, ac ficcitatibus, uel accidentis alterius periculo non obstante. Sic nimirum si Naturales et Epicuram beatam ac miseram vitam pro singulorum meritis futuram sibi crederent post praesentem aevadendam miseram, et obtinendam beatam rotis utique nisibus [anhelarent]. Naturaliter enim, ut dictum est, fugimus quod horremus, et querimus quod amamus, nemo quidem potest diligere, uel odire, quod esse non credit. Ex defectu ergo fidei procedunt atque procedunt omnia mala mundi.

VII. In hac autem injuria rationalis anima [teste Algazel in tractatu de ruina philosophorum], Galenum medicum patitur principalem, qui eam posuit esse complexionem: sed cum eam immortalem Deo dante probabimus, tunc Galenus cum maxima Naturalium & phisicorum turba apparebit falsiloquus.

VIII. Philosophi denique sunt, qui (ut ait Algazel in libro qui ab eo vocatus est Almonquid min Addaleb, id est, qui eripit ab errore) contra premissos, Naturales scilicet, et Epicuram, rationibus strenue pugnaverunt, et eorum perfidiam uiriliter repulerunt, probantes Deum esse; et animam rationalem nunquam interire et voluptates corporis non esse summum bonum. Quorum famosissimi fuerunt novissimi uidelicet Socrates, qui fuit magister Platoni, Plato, qui fuit magister Aristotelis, et Aristoteles, qui primatum optinet super omnes. Ipse quippe priorum scientias, et maxime logicam ad debitum ordinem congruumque reduxit, ab aliquibus dicta et uel superflue, uel fantastice plurima resecavit. Reprehensus autem aliquando cur magistrum suum in contradicendo ei reuerentus non fuisset respondit: Plato et ueritas sunt duo amici mihi carissimi, ueritas tamen semper est mihi Platone carior.

IX. Hic tamen, cum omnibus suis sequacibus, ut sunt Avicenna, et Alfarabius, in tribus repertus est hereticus, videlicet in eo, quod mundum eternum, id est semper fuisse, et fore praesumpsit asserere: et Deum particularia ignorare, et solum universalia, ut sunt genera, et species scire, et [futuram] corporum resurrectionem non esse, sed tantum spiritualem poenam impiis, et felicitatem iustis restare post mortem. Hucusque ex dictis Algazelis.

Praemissis autem erroribus non habentium legem probabitur in sequenti capitulo [Deum] esse, contra Epicurarios.

- (1) Transcrição do manuscrito n. 1405 da Biblioteca de S. Genoveva, de Paris. Os textos em itálico vem em glosa no original.
- (2) Em glosa, o texto em hebraico.

UM ESQUEMA DE DIÁLOGO RELIGIOSO SEGUNDO RAIMUNDO MARTÍ

do *Pugio Fidei*, III Parte, Capítulo VI (1)

CAPVT SEXTUM

Fol. 407.

Ubi est alius modus persuadendi, & loquendi de Trinitate.

SUMMA

- |                                                        |                                                            |
|--------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| I. Dei nomen interdum pro una persona accipitur.       | IV. <i>resp De Deo dictum.</i>                             |
| II. Modus probandi Deum habere sapientiam ex se natam. | V. <i>Genus de quo dicitur.</i>                            |
| III. <i>patet significat Pedagogum.</i>                | VI. <i>Sapientia Dei ante creaturas.</i>                   |
|                                                        | VII. <i>Deus, &amp; sapientia eius non sunt nisi Unum.</i> |

Sicut ipsa veritas docet nos, Dominus videlicet Jesus Christus, hoc nomen Deus quandoque particulariter sumitur, ut ubi Judæis dixit Iohann. 8. v. 42. *Ego ex Deo processi, & veni*, Hoc etiam modo ab Apostolo Paulo sumitur in Epistola ad Rom. cap. 8. v. 31. *Si Deus, inquit, pro nobis qui contra nos: qui etiam proprio filio non pepercit, &c.* In his enim locis, & in aliis quam plurimis non potest, nec debet intelligi hoc nomen, nisi de solo Patre.

S f f :

II. Hoc

(1) No final do capítulo anterior escreveu: *Si cui vero modus quem ego disputando sive persuadendo, Judæis, et Sarracenis, mysterium Trinitatis semper tenui, magis placuerit, legat sequens Capitulum.*







### 510 PUGIONIS FIDEI

*suas intellectione conspicuntur.* Ob hanc quoque rem dicit *Esaias cap. 40. vers. 36.*  
 לָמַחַן מִן הַשָּׁמַיִם וְרָאָה מִן הָאָרֶץ *Levato sursum oculos vestros, & videte*  
*quis creavit haec, vel cum qui creavit haec.* Magnitudo enim creaturarum ducit  
 nos ad Dei potentiam: ordo verò, & pulchritudo ad ejus sapientiam: boni-  
 tas autem, gubernatio, atque conservatio ad benignitatem. Quando au-  
 tem hæc possessio fuerit, ostendit cum subdit, *Ante opera sua, id est antequam*  
*aliquid produceret de non esse ad Esse.* Quod verò sequitur *אֲנִי דְּנִוְנָה*  
*idem secundum eos quod ante tunc, id est ante tempus, vel ex tunc, id est,*  
*etiam ex tunc.* Hebræi enim frequentissime hanc copulam non ponunt (7)  
 sed subintelligunt, ut *Habac. ult. vers. 11.* שֶׁשָׁשׁ יָרָה עֵצָה וְכִלְיָהּ *Sol Luna*  
*stetit in habitaculo, id est Sol & Luna.* Quod vero rursus subjungitur *מֵעַד*  
*à saculo, sive de saculo dominificata sum, &c sensus est, Ante saculum, sic enim*  
*sumitur de, apud eos frequenter, ut Esaiæ 43. v. 12. & 13.* וְאֵת עֲרֵי נִחַם  
 וְאֵת הַיָּם וְאֵת הָאָרֶץ *Vos testes mihi, dicit Dominum, & ego Deus de*  
*die quoque ego sum, id est ante diem, secundum eos, ego sum.* Vel à saculo, id  
 est ab eterno, sicut & *Psal. 90. v. 2.* אֶרֶץ וְחִבְרֹן אֶרֶץ וְחִבְרֹן  
 אֶרֶץ וְחִבְרֹן *Antequam montes signerentur, & parturiretur ter-*  
*ra, & orbis, & de saculo, & usque in saculum tu Deus.* Deinde subditur, *In mundum abyssi;*  
*i. e. cū adhuc nondū essent abyssi, i. e. primordialis materię chaos, vel aquarū*  
*& terræ profunditates: & ante. ol. et, i. e. ante omnem creaturā* וְיִלְדֵי *Genita sum*  
*sive parta, ut sæpe dictum est.* Item uti sapientia in præmissis de Deo di-  
 cit, *Et eram juxta vel - pnd cum* וְיָרָה *præsens tempus dicit æqua-*  
 liter, atque futurum, sicut & omnia verba illa præsentia apud Hebræos, &  
 apud Arabes: cumque adjungitur ei litera Vau cum virgula inferius, ut fit  
 hic cum dicitur וְיָרָה *facit ipsum tempus significare præteritum.* Cum  
 igitur dicit וְיָרָה *& sui sive eram juxta ipsum, datur per tale verbum*  
 iintelligi, quod quandoque significat tempus præsens, quandoque futu-  
 rum, quandoq; præteritum, quod hæc à Deo genita, parta, sive nata sapien-  
 tia tanquam lumen de lumine nunquam non fuit apud Deum, & semper  
 est in eo & cum eo. & erit in æternum.

*Quid sit  
abyssi?*

VII. His omnibus sic præmissis reducantur eadem in rationis ordi-  
 nem, & dicatur Judæis, sive Judæis. Cum Christiani istam Dei sapientiam  
 quam Deus non aliunde, sed ex seipso generavit ab æterno, vel peperit, ut  
 præostensum est, & quam possedit, & habuit, antequam aliquid faceret,  
 וְיָרָה *principium in quo, vel per quod, aut cum quo creavit coelum, & ter-*  
 rain. & ut paulo superius paragrapho III. per scripturam apud eos valde au-  
 thenticam probatum est: cum istam, inquam, Dei sapientiam illam eandem  
 credant esse firmissime quia idem effectus in Scriptura de utraque narratur, de  
 qua supra capitulo quinto ex libro Sanhedrin est dictum quod sapientia quæ  
 ædificavit domum, id est, mundum istum est וְיָרָה *middab, id est proprietas*  
 Dei; & Deum & istam de se natam sapientiam non duo *principia* (וְיָרָה)  
 nec duos dicunt esse Deos, vel creatores, sed Unum principium, & Unum De-  
 um: sic quemlibet sapientem, & sapientiam ejus non duos reputant homines  
 esse, sed unum. Rursus etiam cum Spiritum sanctum ejusdem credant esse,  
 וְיָרָה *id est Essentia cum Deo, & ista sapientia, & simul cum utroque actorum*  
 mundi fuisse ut *Tobi 33. v. 4.* innuitur ubi *Eliabu ait, Spiritum Dei fecit me, ut supra*  
 capitulo quarto habitum fuit: cum omnia, inquam, ista, ut crediderunt An-  
 tiqui sic credant Christiani fidem eorum, & sanctorum antiquorum eandem  
 esse omnino, ut antè diximus, manifestum est.

**QUOD LIBRI VETERIS ET NOVI TESTAMENTI SUNT INTEGRI ET INCORRUPTI (1)**

2<sup>v</sup> Igitur, quod libri sint integri et incorrupti, / potest ostendi per auctori-  
tates; quoniam nullus auderet mutare, vel diminuere, vel addere in veteri vel no-  
vo testamento, quoniam super hoc habetur prohibitio et etiam maledicto. Unde Moy-  
ses *Deuteronomii* IV: Non addetis ad verbum, quod vobis loquor, nec auferetis ex  
eo. Item Salomon in *Proverbiis* XXX, V: Omnis sermo Dei ignitus clipeus est speran-  
tibus in se; ne addas quicquam verbis illius, et arguaris, inveniariusque mendax.  
Item Johannes in *Apocalypsis* ultimo: Si quis apposuerit ad hoc, apponet Deus su-  
per illum plagas scriptas in libro isto. Et si quis diminuerit de verbis libri pro-  
phetie huius auferet Deus partem eius de libro vite et de civitate sancta. Non au-  
tem videtur quod aliquis esset ita presumptuosus, quod contra ista auderet aliquid  
mutare in libris sanctis. Si quis vero dicat quod Nabuchodonosor combussit libros  
legis et prophetarum, hoc ostenditur esse falsum per gesta filiorum Israel. Nam,  
sicut habetur in *IIII libro Regum* XVII., Salmanasar, rex Assiriorum terras filio-  
rum Israel et transtulit filios Israel de terra sua ad terram Assiriorum  
et posuit eos in civitatibus Medorum et adduxit de Babilone et de aliis locis ter-  
re sue colonos et collocavit eos in civitatibus Samarie pro filiis Israel. Et cum  
ibi habitare cepissent non timebant Deum, cum essent ydolatre; unde immisit Deus  
in eos leones, qui interficiebant eos. Et nunciatum est regi Assiriorum quod peri-  
rent coloni eius, quia ignorabant legitima Dei terre. Et misit rex unum de sacer-  
dotibus Israel et etiam legem Moysi, sicut dicitur in *ystoriis*. Et iste habitavit  
3 in Bethel et docebat gentes illas / legitima Dei Israel. Ipsi tamen, licet colerent  
Deum Israel, colebant etiam ydola sua unusquisque iuxta ritum gentis sue. Unde lex  
Moysi permansit apud eos. Et predictus Salmanasar rex Assiriorum fuit ante Nabu-  
chodonosor C. annis, sicut probatur ex numero annorum regum, qui regnaverunt in  
Jherusalem ab ipso Salmanasar usque ad Nabuchodonosor. Verum non potest dici quod  
ipse Nabuchodonosor combusserit legem generaliter, cum non legatur destruxisse ni-  
si Jherusalem, quam quidem destruxit Nabuzardan princeps militie eius, non in pri-  
ma vice, sed in secunda, sicut infra dicetur. Et tunc iam libri legis erant apud  
Samaritas tempore Salmanasar regis, qui fuit ante Nabuchodonosor c. annis, ut dictum  
est. Cum ergo non legatur destruxisse Salmanasar, non destruxit etiam libros le-  
gis, qui apud Samaritas erant. Quando igitur primo venit Nabuchodonosor, ut expu-  
gnaret Jherusalem, sicut dicitur in predicto libro *Regum* XXIIII: egressus est Ioa-  
chim rex Juda ad ipsum de voluntate propria et mater eius et servi eius et prin-  
cipes eius, et suscepit eum et suos rex Babilonis et transtulit eum et omnem po-  
pulum Iherusalem XVII milia, et non reliquit ibi, exceptis pauperibus populi terre.

Et tunc non destruxit Jherusalem nec combussit aliquid in ea. Unde satis videtur verum, quod isti, qui se reddiderunt et translati sunt in pace, portaverunt secum libros legis et prophetarum et alios libros, quos habebant, sicut contigit in Saracenis, qui expulsi sunt de Oriente et Occidente Yspanie, qui secum de libris suis, quos voluerunt, portaverunt.

"In secunda vero vice, quando captus fuit Sedechias rex Jherusalem et exco<sup>u</sup>latus, Nabuzardan, princeps regis Babilonis, destruxit muros Jherusalem et combussit domos; sed non legitur aliquem librum combussisse. Et tunc, de beneplacito principis, remansit Iheremias propheta cum populo iudeorum, qui remansit ad colendam terram. Populares vero de maioribus et divitibus translati sunt etiam tunc in Babilonem, non tantum de Jherusalem, sed etiam de aliis civitatibus Judee, que non fuerunt combuste, nec destructe, ut habetur *Iheremie* XI. Et est verisimile quod tam apud transmigrantes, quam apud populum, cum quo remansit Jheremias propheta, fuerunt libri legis et prophetarum. In *Daniele* etiam legitur XIII quod iudei habebant iudices de iudeis, qui eos iudicabant secundum legem suam. Unde ibi legitur quod fecerunt duobus senibus, sicut male egerant adversus proximam, dicendo contra eam falsum testimonium, et ideo interfecerunt eos, ut facerent secundum legem Moysi. Item in I<sup>o</sup> *Esdre* VII.a: Ipse Esdras ascendit de Babilone et ipse velox scriba in lege Domini, quam dedit Dominus Deus Israel. Et *infra*: Esdras autem paravit cor suum, ut investigaret legem Domini et faceret et doceret in Israel preceptum et iudicium. Item Artaxerses rex regum Esdre sacerdoti scribe legis Dei celsissimo salutem. A facie regis et VII. consiliariorum eius missus es, ut visites Judam et Jherusalem/ in lege Dei tui, que est in manu tua. Et in *Neemia* VIII<sup>o</sup> a: Dixerunt Esdre scribe, ut afferret librum legis Moysi, quod preceperat Dominus Moysi. Attulit ergo Esdras sacerdos legem coram multitudine virorum ac mulierum cunctisque, qui poterant intelligere.

"Ecce per ista patet quod lex permansit apud iudeos, sive in captivitate sive post captivitatem. Unde in II<sup>o</sup> *libro Machabeorum* II<sup>o</sup> dicitur de Neemia, quod construens bibliotecam, congregavit de regionibus libros et prophetarum et David et epistolas regum".

"Item Dominus in Evangelio *Matthei* XXIII. a: Super Katedram Moysi sederunt scribe et pharisei; omnia ergo, que dixerint vobis, conservate et facite; secundum vero opera eorum, nolite facere. Et in capitulo, ubi hec dixit arguit eos de appetitu laudis et honoris et de ypocrisi et de aliis viciis, que erant in ipsis. Unde si legem mutassent in aliquo, magis eos de hoc redarguisset Sed ipsemet ostendit legem integram esse, ubi dicit *Matthei* V. Non veni legem solvere aut prophetas, sed adimplere. Amen quippe dico vobis, donec transeat celum et terra, iota

unum aut unus apex non preteribit a lege, donec omnia fiant. Et *Luce XXI*: Celum et terra transibunt, verba autem mea non transient. Ex hoc apparet quod lex incorrupta permanserat apud iudeos.

4<sup>v</sup> Item, sicut habetur in *ystoria*, Ptolomeus, rex Egipti, librærum cupidus usque ad L. milia libros congregavit. Qui cum audisset quod apud iudeos esset lex ore Dei edita, misit de iudeis captivis, qui erant in regno suo CXX. milia et munera magna auri et argenti Eleazaro summo pontifici iudeorum, ut sibi mitteret iudeos sapientes in ebraea et greca lingua cum lege Dei, qui ad ~~eam~~ transferendam in grecum sufficerent. Unde predictus pontifex misit sibi LXX. seniores peritos utriusque lingue, qui legem et prophetas transtulerunt. Et hoc fuit per magnum tempus ante Christum. Et ista translatio remansit apud grecos. Unde, etiam si voluissent iudei aliquid mutare, nichilominus veritas translationis remansisset apud duas gentes diversas ab ipsis, qui ipsos arguere possent de mutatione. Postmodum vero tempore apostolorum Christi, cum predictæ gentes et alii recepissent fidem Christi receperunt et Evangelium ab ipsis apostolis et ab aliis discipulis, qui predicaverunt eis iuxta mandatum Christi, *Matthei* ultimo: Euntes in mundum universum predicare Evangelium omni creature; et hoc in diversis ydiomatibus. Unde iste gentes non possent congregari de finibus mundi ad mutandum Evangelium, cum inter se sint diverse moribus et linguis et sub diversis principibus et regnis, et si factum fuisset, non potuisset latere. Item, emulatio est inter christianos et iudeos specialiter de scripturis; et ideo, nec corruptionem iudeorum silerent christiani, nec corruptionem christianorum occultarent iudei. Cum autem sint discordes, circa intellectum scripturarum, constat quod ad corruptionem scripturarum non poterunt concordare. Cum igitur utrique concordent in lege Moysi et prophetis, constat legem Moysi et prophetas non esse corruptos.

"Item, Evangelium est completio legis et prophetarum, et lex et prophete fuerunt figura Evangelii. Unde lex et prophete continentur in Evangelio et Evangelium in lege et prophetis; propter quod dicit *Ezechiel* I<sup>o</sup> quod rota erat in medio rote. Si ergo Evangelium fuisset corruptum discordaret a lege et prophetis, et si lex et prophete corrupti fuissent, similiter ab Evangelio discordarent. Cum ergo perfecte concordent ad invicem, sicut patet habentibus rectum intellectum scripture; manifestum est, quod tam vetus, quam novum testamentum sine corruptione et mutatione remanserunt.

"Item, cuilibet magis credendum est in sua scientia vel in arte. Stultum, enim, esset magis credere medico de agricultura et agricole de medicina. Qua ergo temeritate volunt *sarraceni*, quod ipsis, vel domino suo, qui ignoraverunt Evangelium Christi, de ipso Evangelio magis credatur, quam christianis, qui professionem Evan

geli per successionem temporum continuam ab inicio tenuerunt? Nostrum quidem Evan-  
gelium, non solum a fidelibus testibus conscriptum est, verum multitudine prophe-  
5<sup>v</sup> tarum veridicorum et concorditer adventum Christi preconizantium roboratur nec non  
et miraculis quam plurimis supra naturam et martyrum multitudine copiosa, quos nec  
mors, nec gladius, aut tribulatio quecunque potuit a fide Evangelii separare. Unde,  
si quis temptasset Evangelium mutare, tam zelo fidelium et devotione, quam libro-  
rum veterum collatione, quam diversorum codicum apud diversas nationes attestatio-  
ne confutaretur.

Preterea si Alcoranus vel unus liber gramatice, qui est in una lingua, non po-  
test corrumpi; quomodo Evangelium, quod fuit scriptum in diversis linguis, potuis-  
set universaliter corrumpi? Quod ergo recipiunt pro se de incorruptione Alcorani,  
vel alterius libri, oportet eos necessario recipere contra se de incorruptione le-  
gis et Evangelii; quia de similibus idem est iudicium<sup>u</sup>. Et quia validius est argu-  
mentum ab hoste sumptum, sicut dicitur in Alcorano in c. *apostolorum*, apostoli,  
qui fuerunt cum Christo, sancti fuerunt et veraces; unde certum est quod, tale  
predicaverunt Evangelium et scripserunt, quale ab ipso Christo docti fuerunt; alio-  
quin veraces non fuissent.

Quod vero lex et Evangelium sint incorrupta, potest ostendi per *Alcoranum*;  
unde in capitulo *Jone* dictum fuit Machometo secundum dictum suum sic: Si fueris in  
dubio de eo quod misimus super te, interroga eos, qui legunt librum prius quam tu.  
Sed constat quod Deus, vel Gabriel, qui, ut ipse dicit, loquebatur ei, non dice-  
6 bant igitur ut interrogaret falsarios, sed veraces, qui legebant librum secundum  
veritatem, non secundum mutationem, que inducit falsitatem. Unde per hoc ostendi-  
tur quod libri Evangelii et Legis erant incorrupti; quia illi qui legebant librum  
prius, quam ipse esset, erant iudei veraces et christiani, a quibus, secundum man-  
datum Domini, debebat requirere veritatem.

Item, in cap. *mense*, quando iudei postulaverunt iudicium ab Ebi-horeyra, quem  
posuerat Machometus iudicem, ut iudicaret inter homines, et ille diceret eis: Non  
iudico inter vos, donec interrogem Machometum; et ille ivisset ad Machometum et  
interrogasset eum, respondit Machometus et dixit: Deus misit super me in facto iu-  
deorum, et dixit: Si venerint ad te, iudica inter eos, aut avertere ab eis, et si  
avertaris ab eis, non nocebunt tibi in aliquo. Et si iudicaveris inter eos, iudica  
iuste; quia Deus diligit iuste iudicantes. Et quando venient ad iudicium tuum et  
apud eos est lex et in ipsa est iudicium Dei. Et ecce hic testatus est Machometus,  
quia tempore suo lex erat apud iudeos, in qua erat iudicium Dei; unde ex hoc patet  
quod remanserat incorrupta; quia, si corrupta fuisset, verum iudicium Dei non conti-  
neret.

"Item, in cap. *Hygr*, introducit Deum sibi loquentem. Nos demissus (sic) memoriale et sumus eius custodes. Vocat autem legem et Evangelium memoriale Dei, ut dicunt sarraceni. Quod, cum ipse Deus custodiat, non est corruptum; alioquin non esset Deus fidelis custos, quod absit.

"Item, in cap. V: Non est mutatio verbo Dei; sed verbum Dei est lex et Evangelium. Cum ergo verbo Dei non sit mutatio, lex et Evangelium non sunt mutata.

"Item in cap. *Vace*, in fine secunde distinctionis dicitur: Credimus Deum et id, quod fuit missum nobis, et, quod fuit missum Abrahe et Ysmaeli et Ysaach et Yacob et tribubus, et id, quod fuit datum Moysi et Yhesu, et id, quod fuit datum prophetis a Domino suo, et non separamus inter aliquem ex ipsis. Ecce in hiis verbis mandatur sarraceni ut credant legem et prophetas et Evangelium Yhesu Christi et quod non faciant differentiam inter aliquem prophetarum; et ita de necessitate oportet eos credere legem et prophetas et Evangelium. Cum ergo dictum sit eis, quod credant omnia supradicta, nec Deus mandaret credi corrupta, nec erant corrupta, sed vera et incorrupta.

"Item in V. cap. circa finem. Dedimus librum Moysy complementum ei, qui benefecit et discretionem in omni re et directionem et misericordiam; sed corrupta lex non dirigit, sed potius facit errare; ergo lex Moysi non est corrupta.

"Item in cap. ... (sic): Donec statueritis legem et Evangelium, in nichilo estis. Ibi loquitur Dominus christianis et iudeis, ut dicunt sarraceni. Sed cum Deus bonum consulat et malum dissuadeat, hoc eis non dixisset, si lex et Evangelium corrupta fuissent; ergo incorrupta sunt lex et Evangelium apud christianos et iudeos".

"Item in *c. Jone* introducunt Deum dicentem de Jhesu: Nos dedimus ei, scilicet Jhesu, Evangelium, in quo est directio et lumen. Sed, si Evangelium corruptum fuisset, non dixisset Deus in eo esse directionem et lumen, sed potius et falsitatem. Unde constat Evangelium esse verum et incorruptum".

Item, non videtur rationabile, nec verisimile, quod christiani vel iudei corruerint, vel mutaverint libros suos, in quibus est eis tradita a Deo forma vivendi et spes salutis; cum pagani poete non mutaverint libros suos, in quibus fabule et manifesti continentur errores, sicut in eorum libris adhuc hodie invenitur. Unde astutia dyaboli suggestum videtur et hominum etiam malicia hoc firmavit ad fulcimentum sui erroris, ut libros sacros non legerent et corruptos assererent, ne, manifestato errore ipsorum, per veritatem sacrorum librorum a suis erroribus averterentur. Et hec astucia posita est in Alcorano, ubi dicitur in cap. *Vace*: Nolite interrogare quid egerunt priores, eis facta sua, vobis vestra, subaudi, sufficiant. Cum tamen in cap. *Jone* dicatur: Si fueris in dubio de eo,

quod misimus super te, interroga eos, qui legunt librum antequam tu; ubi mandatum est ei in dubiis interrogare priores.

"Si quis vero dicat, quod in hoc sunt corrupti libri, quod nomen Machometi  
7<sup>v</sup> est inde amotum, respondemus, quod non est causa, quare nomen eius amoveretur; quia si bonus erat futurus, utile erat sciri nomen eius, ut, cum venisset, sicut bonus et de quo iam prophetarum erat, reciperetur; sicut contigit in Johanne Babtista precursore Christi, de cuius adventu prophetaverunt Ysayas et Malachias. Item, si  
8 sicut scriptum est etiam de Helia et Enoch, quorum adventus in fine mundi predictus est in veteri et in novo testamento, per quos iudei in fine mundi convertentur. Si vero malus futurus erat, necesse fuit similiter sciri nomen eius et mores, ut cum veniret, per huius noticiam caveretur ab eo; sicut scriptum est de antichristo et de moribus eius, et de seductione, et de falsis miraculis, que facturus est; ut per ista iam scripta, cum venerit, cognoscatur et a fidelibus caveatur. Unde, sicut non est ablatum nomen antichristi, nec nomen dyaboli de libris; eodem modo nec nomen Machometi inde fuisset ablatum, si ibi fuisset scriptum. Unde esset frivola excusatio, que assumitur in defensione mendacii et erroris. Quod autem dicunt pro se nomen eius scriptum fuisse in libro *Abacuch* prophete c. III. Deus ab austro venit, et sanctus de monte Faran, non potest convenire Machometo; quia nec Deus fuit, nec sanctus, sed potius peccator et immundus. Fuit enim luxuriosus et raptor bonorum alienorum, et interfector hominum sine iusticia; sicut colligitur ex ystoriis et gestis de eo scriptis, nec venit de monte Faran, imo de monte Meche; nam mons Meche, unde ipse fuit oriundus dicitur Cayquiyā; sicut dicitur in libro *Ayci*. Nam Pharan, quem iactant esse montem Meche, est in introitu terre promissionis; sicut habetur ex tertio libro *Moyse* c. XIII<sup>9</sup> Mecha vero distat a terra promissionis per longa terrarum spacia, itinere mensis unius et ultra. Prophetia vero predicta verius Christo convenit; sicut patet per precedentia et sequentia.

"Item, quod dicunt quod Christus predixit de Machometo in Evangelio, ubi promisit mittere discipulis paraclitum, volentes intelligere, per paraclitum Machometum, hoc non potest stare; quoniam, *Johannis* XIII., promisit et dedit paraclitum apostolis, quorum tempore non venit Machometus, dicens: Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia. Unde cum Paraclitus sit Spiritus Sanctus, qui docuit apostolos omnia, non convenit Machometo, ut dicatur Paraclitus; cum nec Spiritus Sanctus fuerit, qui est Deus, nec apostolos docuerit.

"Item, paraclitus idem est quod consolator, quod Machometus non fuit; imo desolator, quia venit cum gladio cogens homines ad suscipiendam suam sectam, quod tamen Deus facere voluit, cum hominem liberum creaverit, et sue voluntatis; nec ali-

quis propheta vel iustus hoc attemptaverit unquam; sicut patet legentibus gesta antiquorum.

"Item Spiritus Sanctus non videtur ab hominibus mundanis, nec scitur ab eis. Unde, *Johannis XIII*. Ego rogabo Patrem et alium paraclitum dabit vobis, ut maneat vobiscum in eternum, Spiritum veritatis, quem mundus non potest accipere; quia non vidit eum nec scit eum; vos autem cognoscetis eum, quia apud vos manebit et 8<sup>v</sup> in vobis erit. Ecce per ista, que hic dicuntur, patet manifeste, quod nullo modo potest dici Machometus Paraclitus, cum non fuerit datus apostolis. Inter illos enim et ipsum fluxerunt prope DC. anni, nec fuerit consolator, sed potius desolator, nec fuerit Spiritus Sanctus, qui videri non potest, sed potius corporalis et visibilis".

Ostensa igitur veritate et sinceritate librorum, ad explanationem simboli redeamus.



ANEXO 16

A EXISTÊNCIA DE DEUS SEGUNDO RAIMUNDO MARTÍ E S. TOMÁS

(TEXTOS PARALELOS)

RAIMUNDO MARTÍ

*Quod Deus est*  
(Caput secundum)

"Deum esse, videtur quibusdam in demonstrabile, eo quod demonstrationis principia a sensu originem sumunt, ut in libro *Posteriorum* ostenditur.

Ea ergo quae omnem sensum, et sensibilia excedunt, indemonstrabilia esse videntur. Huiusmodi autem Deum esse ergo certum indemonstrabilis.

Vel ex eo etiam, quod sumendo principium ad demonstrandum *an res est*, secundum artem Philosophi, oportet accipere pro medio, quid significet eiusdem rei nomen.

S. TOMÁS DE AQUINO

*De opinione dicentium quod Deum esse demonstrari non potest sed sola fide tenetur*

Est autem quaedam aliorum opinio praedictae positioni contraria, per quam etiam inutilis redderetur conatus probare intendentium Deum esse. Dicunt enim quod Deum esse non potest per rationem inveniri, sed per solam viam fidei et revelationis est acceptum.

Ad hoc autem dicendum moti sunt quidam propter debilitatem rationum quas aliqui inducebant ad probandum Deum esse.

Posset tamen hic error fulcimentum aliquod falso sibi assumere ex quorundam philosophorum dictis qui ostendunt in Deo idem esse essentiam et esse, scilicet id quod respondetur ad *quid est*, et ad quaestionem *an est*. Via autem rationis perveniri non potest ut sciatur de Deo quid est. Unde nec ratione videtur posse demonstrari an Deus sit.

Item. Si principium ad demonstrandum *an est*, secundum artem Philosophi oportet accipere quid significet nomen; ratio vero significata per nomen est definitio, secundum Philosophum,

RAIMUNDO MARTÍ

Ratio vero significata per nomen est definitio secundum Philosophum in 4 Metaphisice. Nulla remanebit igitur via ad probandum demonstrative Deum esse, remota Divine Essentie, sive quidditatis cognitione. Hoc autem impossibile est scire. Unde Damascenus de Deo quid est, dicere secundum substantiam impossibile est. Idem est autem in Deo, ut probant philosophi. Essentia et quidditas eius et esse. Ea igitur ratione qua impossibile est per viam rationis scire de Deo quid est, videtur impossibile demonstrative posse probari quod sit.

S. TOMÁS DE AQUINO

in IV Metaph.; nulla remanebit via ad demonstrandum Deum esse, remota divinae essentiae vel quidditatis cognitione.

Item. Si demonstrationis principia a sensu cognitionis originem sumunt, ut in *Posterioribus* ostenditur, ea quae omnem sensum et sensibilia excedunt, videntur indemonstrabilia esse. Huiusmodi autem est Deum esse. Est igitur indemonstrabile.

Huius sententiae falsitas nobis ostenditur, tum ex demonstrationis arte, quae ex effectibus causas concludere docet. - Tum ex ipso scientiarum ordine. Nam, si non sit aliqua scibilis substantia supra substantiam sensibilem, non erit aliqua scientia supra Naturalem, ut dicitur in IV Metaph.. - Tum ex philosophorum studio, qui Deum esse demonstrare conati sunt. Tum etiam Apostolica veritate asserante, Rom 1,20: Invisibilia Dei per ea quae facta sunt intellecta conspiciuntur.

Nec hoc debet movere, quod in Deo idem est essentia et esse, ut prima ratio proponebat. Nam hoc intelligitur de esse quo Deus in seipso subsistit, quod nobis quale sit ignotum est, sicut eius essentia. Non autem intelligitur de esse quod significat compositionem intellectus. Sic enim esse Deum sub demonstratione cadit, dum ex rationibus demonstrativis mens

RAIMUNDO MARTÍ

Responsio ad primum: quod licet Deus cuncta sensibilia et ipsum etiam sensum excedat, tamen effectus Dei, vel operationes, ex quibus demonstratio sive probatio sumitur ad probandum Deum esse, sensibiles sunt, et sic nostre cognitionis origo, qua Deum esse cognoscimus per sensum; et in sensu, est etiam de iis quae sensum nostrum excedunt.

Ad secundum dicendum quod in rationibus, quibus probatur Deum esse, non oportet accipere pro medio Divinam Essentiam, seu quidditatem; sed loco quidditatis vel Essentie accipitur pro medio effectus Dei, vel opus, sicut fit in demonstrationibus *quia*. Hoc autem consensum est philosophiae, que optime et rationabiliter ex suis effectibus causas concludere docet.

*Prima ratio quod Deus est*

Probatur ergo quod Deus est: primo ratione cause efficientis. Invenimus enim in istis sensibilibus esse ordinem causarum efficientium, nec tamen invenitur nec est possibile quod aliquid sit causa efficiens sui ipsius: quia sic esset prius seipso, id est,

S. TOMÁS DE AQUINO

nostra inducitur huiusmodi propositionem de Deo formare qua exprimat Deum esse.

In rationibus autem quibus demonstratur Deum esse, non oportet assumi pro medio divinam essentiam sive quidditatem, ut secunda ratio proponebat: sed loco quidditatis accipitur pro medio effectus, sicut accidit in demonstrationibus *quia*; et ex huiusmodi effectus sumitur ratio huius nominis *Deus*. Nam omnia divina nomina imponuntur vel ex remotione effectuum divinorum ab ipso, vel ex aliqua habitudine Dei ad suos effectus.

Patet etiam ex hoc quod, etsi Deus sensibilia omnia et sensum excedat, eius tamen effectus, ex quibus demonstratio sumitur ad probandum Deum esse, sensibiles sunt. Et sic nostrae cognitiones origo in sensu est etiam de his quae sensum excedunt".

(Sc6. I, 12)

"Secunda via est ex ratione causae efficientis, Invenimus enim in istis sensibilibus esse ordinem causarum efficientium: nec tamen invenitur, nec est possibile, quod aliquis sit causa efficiens sui ipsius; quia sic esset prius seipso, quod est impossibile. Non autem est possibile:

RAIMUNDO MARTÍ

esset antequam esset, et hoc est impossibile. Deinde etiam non est possibile quod in causis efficientibus procedatur in infinitum. In omnibus enim causis efficientibus ordinatis primum est causa medii et medium causa ultimi, sive media sint plura sive unum tantum. Remota vero causa, removetur effectus. Si non fuisset igitur primum in causis efficientibus, non erit ultimum nec medium. Sed si procedatur in infinitum in causis efficientibus, non erit prima causa efficiens nec medie. Et sic non erit effectus ultimus, quod patet esse falsissimum. Ergo necesse ponere aliquam causam efficientem primam quam omnes Deum nominant.

*Secunda Ratio*

Secunda ratio talis est: omne quod movetur, ab alio movetur; patet autem sensu aliquid moveri, ut puta solem. Ergo illud aliud movetur aut non: si non movetur, habetur propositum, videlicet quod necesse est ponere aliquod movens immobile, et hoc dicimus esse Deum. Si autem movetur, ergo an alio movetur, aut ergo sequitur concatenatio, id est, processus in infinitum, aut erit devenire ad aliquod movens immobile.

S. TOMÁS DE AQUINO

quod in causis efficientibus procedatur in infinitum. Quia in omnibus causis efficientibus ordinatis, primum est causa medii, et medium est causa ultimi, sive media sint plura sive unum tantum: remota autem causa, removatur effectus: ergo, si non fuerit primum in causis efficientibus, non erit ultimum nec medium. Sed si procedatur in infinitum in causis efficientibus, non erit prima causa efficiens: et sic non erit nec effectus ultimus, nec causae efficientes mediae; quod patet esse falsum. Ergo est necesse ponere aliquam causam efficientem primam: quam omnes Deum nominant".

S. Theol., I, II, 3; cfr. Sc6., I, 13

"Primo autem ponemus rationes quibus Aristoteles procedit ad probandum Deum esse, qui hoc probare, intendit ex parte motus, duabus viis. Quarum prima talis est: Omne quod movetur ab alio movetur. Patet autem sensu aliquid moveri, ut puta solem. Ergo alio movente movetur. Aut ergo illud movens movetur, aut non. Si non movetur, ergo habemus propositum, quod necesse est ponere aliquod movens immobile, et hoc dicimus Deum. Si autem movetur, ergo

RAIMUNDO MARTÍ

Nota quod in hac ratione, que quidem ab Aristotele sumpta est, sunt due propositiones probande, videlicet quod omne motum movetur ab alio et moventibus et motis non sit "concatenatio". Nequaquam autem brevitatis hec patitur dicere qualiter ista probantur querantur itaque ubi a philosopho in 7 Physicorum sufficienter probantur.

E nota quod Algazel in libro quem vocavit Lampadem Luminum et Abenroxd in quarto Metaphysice sue in libro Algemi, id est, Congregationum, dicunt impossibile esse motorem celi stellati post quod non credidit Aristoteles aliud esse Deum, sed causam eius, id est, motoris ipsius celi. Post quem dicunt non esse aliam causam; esset enim superflua. Nihil autem superfluum in natura".

*Tertia ratio*

Tertia ratio: Impossibile est aliqua consonantia et dissonantia in unum iuxta eandem ordinem concordare semper, vel pluries, nisi regimine alicuius seu gubernatione, ex qua omnibus et singulis tribuitur tendere ad certum finem. Sed in mundo videmus res diversarum naturarum in unum

S. TOMÁS DE AQUINO

ab alio movente movetur. Aut ergo est procedere in infinitum aut est devenire ad aliquod movens immobile. Sed non est procedere in infinitum. Ergo necesse est ponere aliquod primum movens immobile.

In hac autem probatione sunt duae propositiones probandae: scilicet quod omne motum movetur ab alio, et quod in moventibus et motis non sit procedere in infinitum.

(Sc6., I, 13)

"Ad hoc etiam inducitur a Damasceno alia ratio sumpta ex rerum gubernatione: quam etiam innuit Comentator in II *Physicorum*. Et est talis. Impossibile est aliqua contraria et dissonantia in unum ordinem concordare semper vel pluries nisi alicuius gubernatione, ex qua omnibus et singulis tribuitur ut certum finem

RAÍMUNDO MARTÍ

ordinem concordare, non ut raro, et a casu, sed ut semper vel in maiori parte. Oportet ergo fore aliquem cuius providentia gubernatur mundus atque regatur; et hunc dicimus esse Deum.

*Quarta ratio*

Quarta ratio: cum anima de se dubitare non possit quoniam est, quia se esse, ignorare non potest, cogitur ex hoc credere se quavis cepisse, quoniam se non meminit semper fuisse. Ergo cum se videat initium habuisse, non potest ignorare quod habuerit initium. Ut ergo inceperit esse quod non erat, ab aliquo factum est quod iam erat. Et hoc dicimus Deum.

Ad hanc rationem intendebat ducere Propheta cum dicebat: "Scitote quoniam Dominus ipse est Deus, ipse fecit nos, et nequaquam nos".

S. TOMÁS DE AQUINO

tendant. Sed in mundo videmus res diversarum naturarum in unum ordinem concordare, non ut raro et a casu, sed ut semper vel in maiori parte. Oportet ergo esse aliquem cuius providentia mundus gubernetur. Et hoc dicimus Deum".

*Sc6. I, 13*

Tertia via est sumpta ex possibili et necessario: quae talis est. Invenimus enim in rebus quaedam quae sunt possibilia esse et non esse: cum quaedam inveniantur generari et corrumpi, et per consequens possibilia esse et non esse. Impossibile est autem omnia, quae sunt talia, semper esse: quia quod possibile est non esse, quandoque non est. Si igitur omnia sunt possibilia non esse, aliquando nihil fuit in rebus. Sed si hoc est verum, etiam nunc nihil esset; quia quod non est, non incipit esse nisi per aliquid quod est; si igitur nihil fuit ens, impossibile fuit quod aliquid incipere ret esse, et sic modo nihil esset: quod patet esse falsum. Non ergo omnia entia sunt possibilia; sed oportet aliquid esse necessarium in rebus. Omne autem necessarium vel habet causam suae necessitatis aliunde, vel non habet. Non est possibile quod procedatur in infinitum in necessariis quae habent causam suae necessitatis, sicut

RAÍMUNDO MARTÍ

S. TOMÁS DE AQUINO

nec in causis efficientibus, ut probatum est. Ergo necesse est ponere aliquid quod sit per se necessarium, non habens causam necessitatis aliunde, sed quod est causa necessitatis aliis: quod omnes dicunt Deum.

(S. Theol., I, II, 3)

*Quinta ratio*

Quinta denique ratio talis est: cum videt homo rerum magnitudinem, et immensitatem, ut celi, terre, marisque, et huiusmodi; deinde ipsorum dispositionem tam mirabilem ut stellarum in celo, plumarum in volatilibus, pilorum in quadrupedibus, florum, fructuum et foliorum in herbis et arboribus; membrorum, ossium, nervorum, ac venarum in animalium corporibus; denique utilitatem et conservationem, regimen et gubernationem tam diversorum, tamque contrariorum in nostris etiam corporibus; cum videt, inquam, homo universa haec, et alia multa huiusmodi, indicat proculdubio ratio ipsius naturali quodam indicio, aliquem esse per se infinite potentie, quem oportet esse causam tante molis, et tante magnitudinis, et infinite, sumeque Sapientie, qui est causa tam mirabilis dispositionis et ordinis et immense boni-

"Quinta via sumitur ex gubernatione rerum. Videmus enim quod aliqua quae cognitione carent, scilicet corpora naturalia, operantur propter finem quod apparet ex hoc quod semper aut frequentius eodem modo operantur, ut consequantur id quod est optimum; unde patet quod non a casu, sed ex intentione perveniunt ad finem. Ea autem quae non habent cognitionem, non tendunt in finem nisi directa ab aliquo cognoscente et intelligente, sicut sagitta a sagittante. Ergo est aliquid intelligens, a quo omnes res naturales ordinantur ad finem: et hoc dicimus Deum".

(S. Theol., I, III, 3)

RAÍMUNDO MARTÍ

S. TOMÁS DE AQUINO

tatis, seu bone voluntatis, qui est causa tam multiplicis utilitatis et conservationis. Ita profecto ratio iudicat, nisi sit delictis absorpta et infecta spurcitiis, nequitiis subversa et cecata malitiis. Hec ratione cecitatem Iudaicam Isaias Propheta volebat illuminare, cum dixit:  
Levate in excelsum oculos vestros et videte quis creavit hec.

Dicit Ioanes Damascenos: Quavis cognitio existendi Dei naturaliter sit nobis impressa, tamen in tantum pernitiiosa malitia hominum nature prevaluit, ut dicant, non esse Deum, sicut in Psalmo dicitur: Dixit insipiens in corde suo, non est Deus.

His itaque quinque rationibus quasi quibusdam Pugionis istius, quotiescunque talium palpaverit nequitia transfigatur".

(*Pugio Fidei*, Bibliot. de S. Geneveva de Paris, Ms. n. 1405, ff. 5v.-6v.)



ANEXO 17

RELATO [DA DISPUTA] DE IBN RACHĪQ COM OS MONGES  
A PROPÓSITO DA INIMITABILIDADE DO CORÃO <sup>(1)</sup>

Estava eu na cidade de Múrcia - Deus a devolva ao Islão - nos dias em que os seus habitantes sofriam as provas dos tributos (*al-dajñ*), de cujos jugos os livres Deus e de cujas ciladas os salve. Tinha chegado à cidade, da parte do tirano dos cristãos *tāgiyat al-rūm*, um grupo de sacerdotes e monges consagrados, segundo eles, à vida devota e a estudar as ciências, mas interessados sobretudo pelas ciências dos muçulmanos e por traduzi-las para a sua língua com o objectivo de as criticar - Deus Altíssimo contrarie os seus propósitos - com vontade de estabelecer polémica com os muçulmanos e intenção vesga de atrair os mais fracos de entre eles. À sombra disto, esbanjavam o dinheiro do rei e crescia o seu prestígio aos olhos dos seus correligionários - Deus os aniquila até ao último.

Por aquela altura, quando ainda me não apontava a barba, costumava eu sentar-me diante de meu pai - Deus altíssimo tenha misericórdia dele - [para o ajudar] a escrever documentos notariais [*al-watā'iq*] y a redigir actas legais *quūd al-aḥkām* .

Um muçulmano viu-se obrigado a prestar juramento numa contenda que tinha com um cristão, e mandaram-me comparecer juntamente com outra testemunha para que, como era devido, o muçulmano o levasse a cabo, em lugar que os cristãos, por motivos religiosos, tinham em grande estima. Dirigi-me, pois, na companhia de ambos, à reunião daqueles monges, que se celebrava numa mansão dentro da qual havia uma igreja que muito honravam.

Acabado o assunto que nos tinha aí levado, um daqueles sacerdotes, que vinha de Marrākuch [*min bilād Marrākuch*] , homem eloquente, compreensivo e moderado na discussão, chamou-me, pediu-me que ficasse, e começou a levar-me, pouco a pouco, ao caminho do diálogo, dizendo-me:

- Tu és um estudante inteligente. Ouvi falar de teu pai e de ti, e os muçulmanos contaram-me toda a espécie de coisas boas de ambos, assim como da ciência que possuis. Gostaria de falar contigo sobre um assunto proveitoso para ti e para mim. Não és daqueles que têm medo de se deixar orientar pelo erro e aos quais se oculta a verdade e não a re

conhecem quando lha mostram. Senta-te conosco, e vamos tratar uma questão.

Surpreenderam-me as palavras e o desembaraço com que falava. Sentei-me, pois, com eles, que eram quatro com ele, ainda que era evidente que lhe deixavam levar a voz cantante. Começou a falar-me a propósito do milagre [*mu<sup>c</sup>jiza*], e comportava-se como uma pessoa de boa educação ao referir-se ao profeta - as bênçãos e a salvação de Deus estejam com ele -, ainda que isso obedecesse ao medo de que eu me afugentasse e fosse um artilheiro pelo qual me sentisse inclinado a escutar as suas palavras.

Graças a Deus [e pese à minha pouca idade], eu possuía já alguns conhecimentos sólidos sobre os fundamentos da religião, que tinha aprendido com meu pai - Deus Altíssimo tenha misericórdia dele.

- Vós afirmais, começou a dizer-me, que um dos maiores prodígios [*mu<sup>c</sup>jizāt*] do vosso profeta é o Corão excelso que tendes.

- Assim é, confirmei.

- Vou falar-te apenas disso, continuou. Vós dizeis que o vosso profeta, no momento de maior esplendor e pureza da língua árabe, desafiou todos os árabes [a imitá-lo], o que foram incapazes de fazer, e isto constitui o expoente mais evidente, claro e constante da inimitabilidade (*i<sup>c</sup>jāz*), já que todas as gerações tiveram de render-se como se renderam os antigos, e que, nesse ponto e no que a conseguiu se refere, ficam ao mesmo nível o homem de nomeada e o do povo.

- Assim é, afirmei.

- Vós, continuou a dizer, ledes no Corão: *E se o não fizerdes, e não o fareis, teme o fogo do inferno*, palavras que se encontram na "sura do desafio" [*āyat al-taḥaddī*] e na declaração de incapacidade [por parte dos homens de o fazer]. Dizeis, além disso, que a negação do futuro [*nafy al mustaqbal*] contida nas palavras "e não o fareis" é o texto que declara a impossibilidade [de o imitar que tinha] naquele momento e que se manterá enquanto durarem os tempos.

- Assim é, disse-lhe.

- Naquele tempo, prosseguiu, não existiu um só imitador. Passaram os anos e os séculos, e a língua culta dos árabes entrou em decadência e ficou completamente corrompida. Continuais a manter o milagre da inimitabilidade [*al-i<sup>c</sup>jāz*] e a validade dessa negação de que falamos

como realmente probativa do assunto. Pensastes que virtualmente não há possibilidade de imitação, e que o homem do nosso tempo conseguiu neste ponto uma certeza mais absoluta do que o antigo?

- Quanto a isso, respondi-lhe, não digo que a questão continue como estava no princípio, nem que não; nem que o homem dos tempos passados tenha mais vantagem do que o de hoje, nem que o de hoje mais que o dos tempos passados, pois, se a verdade se apresenta só num determinado aspecto, a multiplicidade de aspectos não lhe acrescenta maior certeza nem lhe ficam pontos de dúvida, mas mantêm-se como tal verdade em qualquer dos aspectos, como tu mesmo disseste. Que é que pretendes construir sobre essa base?

- Deus, contestou, encontra-se acima de tais palavras, e o seu divino mandato está livre de jogos retóricos. Ouve o que te vou dizer. Não imagines que vou citar-te alguém que tenha imitado o Corão ou que, neste sentido, tenha contribuído com algo que possa perturbar-te o espírito. Não, por Deus. Não sustento tal coisa, nem pretendo dizer o que nenhum homem, da tua religião ou doutra, tenha dito. Vou falar-te de uma coisa distinta. Ouve-a bem e considera-a atentamente, pois é matéria de reflexão que tenho dentro de mim, e não encontrei ninguém da tua religião que tenha conseguido libertar-me dela, apesar de ter consultado com insistência a quantos muçulmanos de vasto saber encontrei. Refiro-me ao livro chamado *al-maqāmat*, sobre a qual a gente da vossa religião está de acordo em que os literatos se sentiram incapazes de o imitar, e que todo aquele que o tentou não conseguiu apresentar nada que, de longe, se lhe assemelhasse. Por outro lado, o seu autor desafiou todos os filólogos no tocante a uma passagem da obra; com isso pensou que ninguém seria capaz de apresentar nada. É claro que, se tivesse declarado que no futuro ninguém poderia apresentar nada parecido, não teria sido possível refutá-lo. Eis o que diz na *maqāma* XLVI: "Recita um par de versos que comecem e terminem com as mesmas palavras; que façam emudecer os que dominam a língua, e que estejam a salvo de ser completados com um [terceiro] verso. E recitou:

Deixa uma pegada cujas consequências sejam boas,  
E mostra-te agradecido ao que te dá, ainda que seja um grão de ajonjolí.  
Mesmo que possas, não recorras à astúcia  
para ganhar senhorio e nobreza".

Depois dele passaram os tempos, sucederam-se as gerações, e ninguém foi capaz de apresentar um terceiro verso como esses dois, segundo tinha dito, nem no seu tempo, nem depois dele, mesmo quando as gentes os <sup>estudantes</sup> estudantes muito e se discutiram nas tertúlias literárias e nos salões dos príncipes, e apesar da sua difusão através dos tempos. Conforme ao que reconheces no princípio e encontramos aceite pelas vosas gentes em relação à verdade do Corão, há que reconhecer que o que Harīrī diz nessa passagem constitui também um milagre, pois ainda que ele se não propusesse nem tivesse essa intenção a que vamos, ocorreu o facto, por casualidade, e sucedeu realmente [que ninguém conseguiu um terceiro verso], de maneira que não há lugar para dúvidas. E, apesar disso, não vos ocorre dizer que al-Harīrī seja um profeta. Nem vos é possível dizê-lo, nem eu o pretendo. O que digo é que qualquer de vós que tenha conhecimento desse assunto não pode dizer que seja um profe ta. Ora bem: que diferença há entre este ponto e aquele em que estámos antes, se não recorremos a outro ou a outros contextos do Corão, em cujo caso o Corão ficaria dependente da demonstração da missão profética do vosso profeta, contra o que dizem os vossos *imām-s*?

E ~~continuava a dizer coisas do~~ mesmo teor, evitando nas suas palavras que eu me impressionasse, falando comedidamente do Corão sempre que o citava e em termos laudatórios do profeta, quando tinha que mencionar.

- O mais natural, dizia, é que sejas tu a estudar esta questão e não eu.

Então, por Deus, tive grande desejo de acrescentar aos dois versos [um terceiro] ; mas não me ocorreu nesse momento nem me veio a inspiração oportuna. Puz-me, pois, a mostrar-lhe a diferença que existia entre as duas questões, por meio de argumentos teológicos e racio cínios científicos, enquanto a minha imaginação estava ocupada em acrescentar em terceiro verso. Ele contestava a tudo o que eu ia dizendo com um "isso já o ouvi e defendeu-o Fulano contra mim e eu disse-lhe tal coisa", ou ainda "ouvi falar desse ponto, e esse ponto defende-o Fulano em tal livro", ou ainda "tal outro objectou-me de tal ou tal maneira". Assim, até que Deus me facilitou encontrar um [terceiro] verso.

- Contudo, disse-lhe, há quem completou os dois versos sem

prestar maior atenção ao assunto.

- Como é isso?, perguntou-me. Por Deus, não encontrei ninguém a sustentar tal coisa, e nunca ninguém me falou disso.

- Pois vou citar-te um terceiro verso análogo, disse-lhe, ainda que não possa dizer-te agora quem é o autor. (Naquele momento não julguei oportuno confessar-lhe que era meu, porque considereei que se o dissesse não lhe causaria tanto efeito).

E puz-me a recitar.

*O dote [de uma mulher] é o das hurīs, que é o temor de Deus.  
Dã-lho depressa, seja donzela ou adulta*

Ouvir este verso, que tive que lhe repetir até que o entendesse, foi como se lhe tivesse dado uma pedrada. Vi que com ele o desbaratei, o que não tinha conseguido nem com raciocínios lógicos nem com citações dos fundamentos da teologia. Então pôs-se a fazer grandes elogios a mim, enquanto os seus companheiros lhe pediam que lhes explicasse o que eu tinha dito. Explicou-lho, puseram-no por escrito, e só me fui embora quando reconheceram que ficava solucionada a dificuldade - Deus os aniquile até ao último.

\* \* \* \*

(1) Trad. cast. do árabe de Fernando de la Granja em *Al-Andalus*, vol. 31 (1966), pp. 67-72.

## بِسْمِ اللَّهِ الْغَفُورِ الرَّحِيمِ

أَعَارِضُ قَرَأْتُ مِنْ لِسَانِ الْمَدَائِلِ وَأَوَّلَهُ الْيَمِّ ، بِلِسَانِ  
 كَصِيحِ عَرَبِيٍّ مَبِينٍ ، لَا يَمْنَعُنِي مِنْهُ سَبَبٌ وَلَا سَكِينٌ ،  
 إِذْ قَالَ لِي بِلِسَانِ الْإِلَهَامِ سَبَدُ الْمُرْسَلِينَ ، قَدْ  
 الْمَعْجِزَةُ لَا شَرِيكَ فِيهَا لِرَبِّ الْعَالَمِينَ ، وَفِي الْفَصَاحَةِ  
 يَشْتَرِكُ كَثِيرٌ كَثِيرِينَ ، يَغْلِبُ فِيهَا أَحِبَانَا الطَّالِحُ الصَّالِحُ  
 وَالْكَافِرُ الْمُؤْمِنِينَ ، فَلَبَسَتْ الْفَصَاحَةُ وَلَوْ فِي التَّهْمَايَةِ  
 آيَةٌ وَلَا مَعْجِزَةُ اللَّهُمَّ إِلَّا عِنْدَ الَّذِينَ أَوْطَأَمَ عَشْوَةٌ  
 مَعْلَمٌ مَحْنُونٌ حَتَّى قَالُوا عَنْهُ خَاتَمُ الْأَنْبِيَاءِ وَسَبَدُ  
 الْمُرْسَلِينَ ، مَعَ أَنَّهُ بِإِقْرَارِهِ فِي سُورَةِ الْأَحْقَافِ لَمْ يَدَمْ  
 قَطُّ مَا يَفْعَلُ بِهِ وَلَا يَتَّبِعُهُ أَجْمَعِينَ أَكْتَعِينَ ، فَقَدْ  
 يَا مَنْ اسْمُهُ رَمَدٌ وَلَقَبُهُ مَرْتَبَتَانِ ، أَوْ لِقَوْمٍ يَقْبَلُ  
 الْبَاطِلَ وَالْمُخْرَافَاتِ وَالْتَرَهَاتِ كَأَنَّهَا الْبَقِيَّةُ ، وَإِنْ كُنْتُمْ فِي  
 شَكٍّ مِمَّا أَلْهَمْنَا إِلَيْهِ عَبْدُنَا يَا مَعَاشِرَ الْمُسْلِمِينَ ، فَاتُوا  
 بِحَدِّ هَذِهِ الْحَجَبَةِ وَيُمَثِّلْ هَذِهِ السُّورَةَ وَأَدْعُوا لِذَلِكَ  
 إِخْوَانَكُمْ مِنَ الْجَنِّ إِنْ كُنْتُمْ مُهْتَدِينَ ، فَإِنْ لَمْ تَقْدِرُوا  
 وَلَنْ تَقْدِرُوا فَقَدْ زَهَقَ الْبَاطِلُ وَاسْتَقَامَ الْبَقِيَّةُ .  
 وَالْحَمْدُ وَالشُّكْرُ لِلَّهِ أَمِينَ أَمِينَ أَمِينَ ۞

## زيادة من نسخة اخرى

فَإِنْ لَمْ تَقْدِرُوا وَلَنْ تَقْدِرُوا فَاسْتَحْبُوا وَارْجِعُوا وَاقْتَدُوا  
 بِنُورِ الْقُرْآنِ الْبَاهِرِ وَلَا تَكُنْ كَصَاحِبِ السَّفِينَةِ سَاءَ  
 عَلَيْنَا أَوْعظْنَا أَمْ لَمْ تَكُنْ مِنَ الرَّاعِظِينَ . وَاللَّهُ الرَّحِيمُ  
 يَرْحَمُ عَبْدًا أَلْجَمَ بِهِدِهِ جَمَاعَةَ الْإِسْلَامِ وَتَبَارَكَ اللَّهُ أَحْسَنُ  
 الْمَلْمُوحِينَ ، وَلْيَقْدُ أَهْلُ السَّمَوَاتِ وَالْأَرْضِينَ أَمِينَ أَمِينَ  
 أَمِينَ ۞

EM NOME DE DEUS BENEFICIENTE E MISERICORDIOSO

C. Impugno o Corão daquele cujo nome, em língua árabe simples e clara (1) termina por *Dal* e começa por *Mim* (2).

M. Não me demoverá espada nem punhal, em quanto me disse em língua inspirada o príncipe dos enviados (3); diz tu, os prodígios são obra do Senhor dos mundos; nenhum outro ser participa de tal poder, mas a eloquência é comum a muitos e muitos. Entre os que se servem dela, às vezes o malvado vence o justo, o infiel os Crentes.

C. Mas, bom Deus! a eloquência, ainda que chegue ao último grau, não constitui milagre nem prodígio (4), excepto na mente daqueles que um mestre possesso do demônio encaminhou para as trevas com o sinal que chamam o selo dos profetas e o príncipe dos enviados; se bem que ele mesmo tenha confessado na *sūra al-aḥqāf* (5), não conhecer nem muito nem pouco a sorte que lhe caberia a ele e a todos os seus sequazes.

M. Portanto, ó tu que te chamas pelo nome Ramundo e por cognome Martin, diz: infelizes os que bebem as mentiras, as fábulas e as futilidades como se fossem coisas certas. (Deus disse): Se duvidardes daquilo que inspirámos a este nosso servo, ó povos muçulmanos, pois bem, refutai este argumento e colocai diante um (escrito) que se assemelhe a esta *sūra* e chamai ainda para tal (prova) os *jinn* do vosso lado, se sois bem dirigidos. Mas se não puderdes, e certamente que não podeis, eis dissipada a mentira e aparecida a certeza. Haja louvor a Deus e renda-se-lhe graças. Amen! Amen! Amen!

*Apêndice de um outro exemplar*

E se não pudestes nem puderdes, envergonhai-vos, afastai-vos e tomai por guia a luz resplandecente do Corão, e não sejais como o do barco (que disse): Para nós é igual que nos advirtas ou não (6). Deus misericordioso terá compaixão do homem que fez reviver isto ao povo islâmico. Bendito seja Deus, ótimo inspirador e que os habitantes dos céus e da terra repitam: Amen! Amen! Amen!.

- (1) Expressão corânica frequentemente atribuída ao Corão; cf. *Co.* 26, 195.
- (2) Alusão clara a Maomé (*Muhammad*), nome sagrado para os muçulmanos e sacrílego para os cristãos medievais.
- (3) "Príncipe dos enviados" e "Selo dos profetas", dois epítetos de Maomé. Cf. *Co.* 46, 8.
- (4) Resposta clara à pretensão muçulmana de que o próprio Corão é o milagre comprovativo do poder profético de Maomé. Cf. *Bu.* 116, 1; *Co.* 17, 94-95; *S̄ira*, 188-189.
- (5) *Co.* 46, 8.
- (6) *Co.* 26, 136. A *s̄ura* 26 trata da missão de grandes personagens bíblico-Corânicos (Moisés, Abraão, Noé, Hud, Salih, Lot, Jetro). Nesta passagem atribui a Noé (o do barco), aquilo que respondeu a Hud o povo de <sup>c</sup>*Ad*.



O ENCONTRO DE RAIMUNDO MARTÍ COM O REI DE TÚNIS NA OBRA  
DE RAIMUNDO LULO

1 - *Blanquerma* <sup>(1)</sup>

Hallándose el cardenal con sus oficiales delante del Papa a procurar su oficio, entró un sarraceno muy viejo y anciano, y presentó al Papa una carta de parte de un rey moro, con la qual le suplicaba le enviase a decir si era verdad lo que un cierto cristiano le había desengañado de la ley de Mahoma, en que estaba. Quería ser Cristiano; pero por quanto el cristianismo le decía que la fe católica no podía probarse con razones, pero esto dudaba en hacerse cristiano, porque no quería dejar una fe por otra. Pero decía que por inteligencia dejaría la fe de Mahoma y entraría en la católica, como el Papa le dijese que era probable: pues si lo era, él se haría cristiano y adoraría a Jesucristo como Dios y sujetaría todo su reino a la obediencia de la Iglesia romana, para que todos sus vasallos adorasen a Jesucristo".

2 - *Disputatio Fidei et Intellectus* <sup>(2)</sup>

"Sicut narratur, quod quidem Saracenus Rex peritus in Philosophia disputavit cum quodam Christiano, et Christianus probavit ei, quod Lex Saracenorum esset falsa. Tunc Rex dixit Christiano, quod ipsi probaret Christianam Fidem per necessarias Rationes, et sic faceret se Christianum cum omnibus Saracenis sui regni. Dicit autem Christianus, quod sua Fides non posset probari per necessarias Rationes.

Tunc ait Rex Christiano: tu valde male fecisti, quia eram Saracenus sed nunc sum nec Saracenus nec Christianus; et ipsum inhorabileriter vituperando expulit e suo Regno. Et sic videas, Fides, quam magnum damnum fuerit, quia Christianus te Fidem non probavit".

3 - *Convenientia Fidei et Intellectus* <sup>(3)</sup>

"Narratur quod quidem Rex Tunicii, qui Miramamolinus vocabatur, peritus in Logica et in Naturalibus, disputavit cum quodam Catholico Religioso valde bene sciente historias et etiam ita bene Arabicum, sed non

erat bene fundatus in Logicalibus et in Naturalibus, sed in Moralibus bene et competenter, ratione cujus moralitatis probavit illi Regi, quod Fides Mahometi esset erronea et falsa; et cognita ratione Rex concessit, nam erat rationabilis homo, ut dictum est; tunc ait Rex imposterum non sum Saracenus, sed proba mihi, quod tua Fides sit vera, et ego faciam me Christianum cum omnibus hominibus mei Regni, et qui noluerit esse Christianus, decapitabitur. Tunc dixit Religiosus, Catholica Fides est tam alta quod non possit esse probabilis, sed positive et simpliciter declaravit ipsi Symbolum in Arabico, dicens: crede hoc, et salvaberis.

Tunc ait Rex, haec non est aliqua probabilitas, imo totum est positivum, et si nolo dimittere credere pro credere, sed bene credere pro intelligere; et sic tu male fecisti, quia me evacuisti Fide, quam habebam, modo non sum Christianus, nec etiam Saracenus, nec Judaeus. Et tunc Rex fecit ipsum vituperari, et ejici illum Fratrem e suo Regno. Ego vidi Fratrem cum his Sociis, et fui locutus cum ipsis. Hoc narro propterea, quod si dictus Frater habuisset notitiam de modo probandi Articulos, sicut dedimus exempla in praecedenti Libro, ille Rex fuisset factus Christianus, et totum suum Regnum fuisset Christianorum Deo adjuvante".

4 - Liber de Fine (4)

"Ulterius accidit, quod Tunitii fuit quidem Rex Sarracenus, qui Murmiamoli vocabatur; et adhuc non est diu, quod unus Religiosus Christianus arabice huic probavit quod Sarracenorum lex erat falsa, et hoc est facile ad probandum. Tunc Rex ei dixit, quod fidem Christianorum approbaret, et ipse deinde se faceret Christianum, et omnes alios de sua patria faceret baptizari. Dictus religiosus non erat multum litteratus in Philosophia, neque in Theologia, et respondit, quod Christianorum fides non erat probabilis, sed tantum credibilis. Et tunc pro trufa Rex habuit dicta sua, et quod nolebat credere pro credere dimittere dixit ei, sed bene dimitteret credere pro intelligere veritatem: et ideo si religiosus ille de nostra fide tales dedisset rationes, ita cogentes, quod Rex non posset solvere ipsas quae rationes sunt in sacra pagina implicatae, et sum certus quod in libris meis supradictis sunt, ut patet in eisdem. Tunc Rex fuisset Christianus, et una cum eo suae gentes; quoniam Sanctus Rex Franciae Ludovicus ivit tunc Tunicium, cum exercitu suo magno, et si prae-

dictus Sarracenorum Rex consensisset, tota sua patria esset jam fidelis, et sic recuperata fuisset Terra Sancta, et ideo conscientia spectet habere iudicium contra illos, qui possunt agere bobum, et ad hoc deputati sunt, et non agunt, et quasi ab illis penitus est neglectum.

Ulterius dico et etiam juro....."

*5 Liber de Acquisitione Terrae Sanctae* (5)

"Narratur quod quidam christianus religiosus bene in arabico litteratus, fuit Tunicium disputandum cum rege, qui Miramoli vocabatur. Ille vero frater probavit ei per mores et exempla quod lex Mahometi erat erronea atque falsa; rex dictus sarracenus; qui in logicalibus et naturalibus erat sciens, cognovit istius probationes esse veras, et sic consensit dictis eius dicens; "Abhinc nolo esse sarracenus, et proba michi fidem tuam et volo fieri christianus et sic volo de omnibus regni mei ut sub poena decapitationis omnes efficientur christiani". Tunc ille frater: Fides christianorum non potest probari, sed ecce symbolum in arabico expositum; credas ipsum". Hoc dixit ille frater quia licet litteratus esset et moralis, positivus tantum erat et non cum rationibus probativus. Tunc rex dixit: "Ego non dimitterem credere pro credere, sed credere pro vero intelligere multum libens, et sic male fecisti, quia legem quam habebam, reprobasti postquam tuam michi non potes cum rationibus approbare, quoniam modo remanebo sine lege". Et tunc fecit illum cum suis sociis omnibus e regno eiici inhoneste. Istum fratrem et suos socios ego vidi.

Ulterius sciebat loqui hebraice ille frater, et inter alios cum quodam iudeo, valde in habraico litterato et magistro, Barcinone frequentius disputabat: qui Iudeus aliquociens michi dixit quod pluries dixerat illi fratri quod si in fide sua promittebat se intelligere quod credebat, ipse se faceret christianum. Et frater respondebat quod intelligere non poterat, quare iudeus remansit sicut erat spernendo legem nostram tanquam improbabilem et non veram.

Hec omnia propter hoc hic narraui: nam si predictus religiosus de fide nostra dare scivisset cogentes rationes et insolubiles a predicto ille factis fuisset christianus et per consequens plures alii, sicut dixi, quae rationes possibiles sunt reperiri, sicut certus sum et paratus sum demonstrare".

- (1) Cap. 84, nº; ed. *Miguel Batllori y Migual Caldentey*, Madrid (B.A.C.), 1968, p. 432.
- (2) (Pars I, ed. *Salzinger*, *Opera Omnia*, IV 89, Moguntiae 1729, p. 2).
- (3) (Pars III, ed. *Salzinger*, *Opera Omnia*, IV, 119, Moguntiae 1729, p.4).
- (4) (in *Divi Raymundi Lulli martiris doctorisque divinitus illustrati Libellus de Fine*, dist. I, pars V, Palmae Balear. 1665, pp. 52-55.).
- (5) (ed. *E. Longpré*, O.F.M., in *Criterion*, 3 (1927), pp. 276-277.
- (6) Os textos foram por mim editados conjuntamente em Um confronto metodológico no diálogo islamo-cristão medieval. Raimundo Martí e Raimundo Lulo, sep. da *Revista de História das Ideias*, Coimbra, III, (1981).

## CONCLUSÃO



## CONCLUSÃO

Chegados aqui, achamos que valeu a pena o empreendimento levado a cabo. Ele é fruto de duas coordenadas: o ser e o agir. O ser é pura dádiva, dom recebido do Alto. O agir é esforço humano, a tornar o ser mais ser. Ser e agir são condicionados por uma vasta rede de interferências, que os singularizam no tempo e no espaço. Ortega y Gasset diria que "yo soy yo y mi circunstancia". Do ser e agir em circunstância nasceu esta obra. Também aqui se realizou o itinerário ontológico tão expressivamente enunciado por Fernando Pessoa: "Deus quer; o homem sonha; a obra nasce".

Ao querer de Deus juntou-se, na feitura desta dissertação, um sonho que, ao defrontar inicialmente a realidade, se viu reduzido a um pequeno gérmen. Mas esse gérmen cresceu por entre dificuldades, rumo à concretização do sonho. É sempre assim:

Os grandes sonhos são potencialidades que, no confronto com a realidade, sofrem um desgaste de plenitude, uma crise de sobrevivência para, através da recuperação longa e penosa do possível, que é a sua concretização, retomarem, na matéria limitante, parcelas reais da primigénia magnitude espiritual.

Também o sonho que desencadeou a redacção desta dissertação, se viu reduzido, de início, no seu confronto com a realidade, a duas pequenas certezas: a de que Raimundo Martí escrevera algumas sumas contra o Corão e a de que o *Tractatus contra Machometum* não fora escrito por João de Gales, a quem o atribuíra o editor quinhentista, com o título *De Origine et Progressu et Fine Machometi et quadruplici reprobatione Prophetiae eius*. Foi à volta dessas duas certezas que girou o eixo das nossas investigações. Elas exigiram de mim anos de intensa labuta e muitos milhares de quilómetros percorridos, em demanda da certeza de que o *Tractatus contra Machometum* fora escrito por

Raimundo Martí. A esta, muitas outras certezas se foram acumulando. A todas elas confere voz a presente dissertação de que, em síntese, deixamos aqui os marcos mais salientes:

1 - A atribuição definitiva do *Tractatus contra Machometum* ao seu verdadeiro autor, o dominicano catalão Raimundo Martí, justificaria, só por si, o esforço dispendido. Os testemunhos de Ricoldo e de Raimundo Lulo e os argumentos de ordem interna não nos permitem pôr em causa essa atribuição. A ela dediquei o melhor do meu esforço.

2 - A edição crítica do *Tractatus contra Machometum* e da respectiva tradução acompanhada de notas bibliográficas e explicativas que inserimos no Volume III, ficarão a possibilitar ao mundo culto o acesso directo a esta obra-prima do diálogo religioso que, em boa hora, arranquei ao pó das poucas bibliotecas que tinham a dita de possuir um exemplar manuscrito ou impresso da mesma.

3 - Este estudo da vida e obra de Raimundo Martí, permite restituir ao erudito catalão o lugar que lhe compete no palco das letras, ao lado de S. Tomás de Aquino, de quem em vida foi companheiro e colaborador. A identificação e utilização do manuscrito n. 1405 da Biblioteca de S. Genoveva, de Paris, que contém o *Pugio Fidei* na sua forma original, permitiu-me iluminar, de uma maneira nova, um problema já antigo, qual é o da autoria dos textos comuns à I Parte dessa obra e à *Summa contra Gentiles*, de S. Tomás de Aquino.

A figura de Raimundo Martí sai, pois, prestigiada com este estudo, que deveria ser continuado por um hebraísta, no referente ao diálogo judaico-cristão.

4 - A integração do autor no contexto religioso e cultural em que decorreu a sua vida ficou estabelecida: a Hispânia medieval e, em especial, a Catalunha, por um lado; a Ordem Dominicana que o formou e o projectou para a



vida cultural e missionária, por outro.

É ao nível da Hispânia medieval e da Ordem Dominicana que se processa, a par da luta denodada pela subsistência e independência política e religiosa, o maior esforço de integração sócio-económica e de intercâmbio cultural e religioso, islamo-cristão.

5 - O enquadramento do autor e do meio cultural e religioso a que pertenceu, no contexto mais alargado no espaço e no tempo, que foi o do diálogo islamo-cristão hispânico, com incursões pertinentes ao resto da Europa e ao Médio Oriente, confere-lhes uma dimensão planetária no mundo das ideias. Neste campo, devo sublinhar a evolução positiva das relações islamo-cristãs. A mentalidade bélica dos movimentos Conquista-Reconquista e Conquista-Cruzada deu lugar à mentalidade de Guerra Fria que caracterizou a dominação árabe; passou depois para a mentalidade polémica, documentada literariamente pela *plebeia opinio* adversa ao islamismo para, finalmente, dar origem ao diálogo religioso, de que Raimundo Martí foi expoente máximo em relação aos muçulmanos, tal como o foi também em relação aos judeus.

Tenho consciência de que muito de novo foi aqui escrito. Na análise desta problemática, nem tudo tem o mesmo valor. O trabalho de síntese alterna-se com o da originalidade. Saliento os capítulos sobre o *movimento dos mártires de Córdova*, e a *cronografia e literatura doutrinal hispânicas*.

6 - O balanço do intercâmbio cultural que adveio, por osmose, do encontro de duas civilizações, apoiadas em distintos padrões de natureza étnica e religiosa, foi marcadamente positivo. Não foram só os sangues árabo-berbero-sírio e hispano-romano-visigodo que se mesclaram ao longo de quase oito séculos de presença islâmica na Península Ibérica. Com os sangues mesclaram-se as culturas, as diferentes maneiras de ser e estar no mundo e até uma certa maneira de viver a religião, como algo que é preciso defender tenazmente dos perigos externos e internos, de que outros credos são

geradores. O *homo hispanicus* é filho de uma amálgama de raças e culturas que, na luta pela sobrevivência, armazenou uma grande capacidade de viver, conviver, cooperar, partilhar. O sangue que lhe corre nas veias e o vigor que lhe dinamiza o espírito não são filhos da luta que cristãos e muçulmanos travaram entre si; são-no do encontro, do intercâmbio, do diálogo que os moldou na unidade do seu ser étnica e culturalmente mestiçado.

Somos o que somos, porque também somos aquilo que muitas vezes não queremos ser: romanos, arianos e árabes. A etnia e a civilização não se escolhem; recebem-se como dons gratuitos através dos genes que individualizam as pessoas e do tecido social que caracteriza os povos.

Os vaivéns da história de ontem devem servir de lição ao homem de hoje. Somos membros da mesma família humana. Crescemos na medida em que nos damos as mãos, para a construção de uma comunidade mais justa e mais fraterna, em que os homens saibam encontrar no leito onde se empolam as suas desavenças pessoais ou sociais, os veios da solidariedade, do diálogo e da partilha.

Se o espírito de diálogo que dinamizou esta obra, desde a introdução ao seu epílogo, vier contribuir positivamente, através de um melhor conhecimento mútuo de cristãos e muçulmanos, para uma maior implantação do diálogo ao nível das pessoas e dos povos, terá cumprido a sua missão primordial, já anotada na introdução.

## **BIBLIOGRAFIA**



## BIBLIOGRAFIA

Nota: A resenha bibliográfica que apresentamos recolhe apenas alguns dos livros e artigos que com maior frequência, tivemos presentes durante a redacção deste estudo. Pensamos, no futuro, publicar o elenco mais completo. Seria inoportuno fazê-lo aqui, dada a sua exagerada extensão.

### 1. COLECÇÕES DOCUMENTAIS

ARJONA CASTRO, António, *Anales de Córdoba Musulmana (711-1008)*, Córdoba, 1982.

*Corpus Scriptorum Muzarabiorum*, ed. Joannes Gil, Madrid, 1973.

CRABBE, Petrus, *Concilia Omnia tam generalia quam particularia*, Coloniae, 1538, 2 vols., 1551.

DOUAIS, G., *Acta capitulorum provincialium Ordinis Fratrum Praedicatorum*, Roma-Paris, 1198; Toulouse, 1984.

*Encyclopédie de l'Islam*, Leyden - Paris, 1913-1936.

FLÓREZ, Enrique, *España Sagrada, Theatro geographico-historico de la Iglesia de España*, 51 vols., Madrid.

*Las crónicas latinas de la Reconquista*, ed. A. Huici, 2 vols., Valência, 1913.

*Las primeras crónicas de la Reconquista*, ed. Gómez Moreno, "Boletín de la Real Academia de la Historia", 100 (1932), pp. 562 ss.

LAURENT, J. C. M., *Peregrinatores mediæ ævi quatuor*, Lipsiae, 1864.

MANSI, Gian Domenico, *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio*, Florentiae, A. Zatta, 1759-1798, 31 vols., entre 1903-1927: 53 vols.

*Recueil des historiens des Croisades*, Paris: *Historiens Occidentaux*, 5 vols., 1844-1895; *Documents Arméniens*, 2 vol., 1869-1906; *Historiens Orientaux*, 5 vols., 1872-1906, *Historiens grecs*, 2 vols., 1875-1881.

## 2. FONTES PRIMÁRIAS

### 2.1. FONTES OCIDENTAIS

AFONSO X, O SÁBIO, *Crónica de España*, ed. A.6. Solalinde, B.A., 1940.

AFONSO X, O SÁBIO, *De Sarracenis profligatis Epistola* ou *De Bello inter Hispanos et Sarracenos Epistola*, in "Bellī Sacri Historia", p. 237-24, Basileae, s.d.

AFONSO X, O SÁBIO, *Siete Partidas*, Salamanca, 1555.

AFONSO DE ZAMORA, *El Manuscrito Apologetico de Alfonso de Zamora*, Trad. y Estudio por Federico Pérez Castro, Madrid-Barcelona, 1950.

ALANO DE LILLE, *Contra Paganos seu Mahometanos*, ed. PL, 210, cols. 421-430; ed. M. T. d'Alverny, "Islam et chrétiens du Midi", CF, pp.325-350.

ALEXANDRE III, PAPA, *Carta sem data ao Sultão de Iconium (Qonya)*, in HORDUIN, *Acta Conciliorum, Parisiis*, VI-2 (1717), ed. PL, 107; ed. MATEUS PARIS, *Historia Maior*, an. 1169.

ALEXANDRE IV, PAPA, *Carta ao sultão de Iconio*, de 1257, in RAYNALDUS, *Annales ecclesiastici*, ed. Mansi, Lucca, 1747, nn. 65-72.

ALEXANDRE DU PONT, *Le Roman de Mahomet de Alexandre du Pont (1258)*, ed. crit. de Yvan G. Lepage, Paris; ed. Klincksieck, 1977.

ALONSO ESPINA,  *Fortalitium Fidei contra iudeos et saracenos*, lib IV: *De bello sarracenorum*, Lion, 1525.

ÁLVARO DE CÓRDOVA, *Epistulae*, ed. CSM, pp. 144-270.

ÁLVARO DE CÓRDOVA, *Indiculus Luminosus*, ed. CSM, pp. 270-315.

ÁLVARO DE CÓRDOVA, *Vita Eulogii*, ed. CSM, pp. 330-345.

ANÓNIMO, *De Saracenis et de situ ipsorum in oratione et jejuniis et aliis moribus ipsorum*, ed. G. GOLUBOVICH, *Biblioteca...*, I, pp. 400-401.

ANÓNIMO, *Gesta Sancti Ludovici Noni, Francorum Regis*, in "Recueil des Historiens des Gaules et de la France", t. 20, ed. de P. Daunon e J. Nandet, Paris, 1894, pp. 45-47.

ANÓNIMO, *Vita de Mahoma*, Cod. de Uncastillo, ed. M. Serrano y Sanz, Madrid, "Érudición ibero-ultramarina", 2 (1931), pp. 115-120.

- ARNALDO DE VILANOVA, *Eulogium de notitia verorum et pseudo-apostolorum*, Gerona, 1302 ou 1303.
- BENTO DE ALIGNAN, *Tractatus fidei contra diversos errores*, BNP, ms. lat. n. 4224; Roma, Bibl. Alex., n. 141.
- BIBLIANDER, *Machumetis Saracenorum principis, eiusque successorum vitae, doctrina ac ipse Alcoran... Haec omnia... redacta sunt opera et studio Theodori Bibliandi*, Basileia, 1550 (2ª edição).
- BONGARS, *Gesta Dei per francos, sive orientalium expeditionum et regni Francorum Hierosolimitani historia... a Jacobo Bongersio*, Hanover, 1611.
- BURCARD DU MONT SION, *Descriptio Terrae Sanctae*, ed. J. C. M. Laurent, Leipzig, 1864, pp. 19-84.
- Chanson de Roland (La)*, ed. G. Picot, 2 vols. Paris, Larousse, 1965.
- Chronique latine des rois de Castille Jusqu'en 1236*, ed. Georges Cirot, sep. de "Bulletin Hispanique", Bordeaux, Féret, 1913.
- Chronicon Sebastiani*, ed. A. HUICI, *Crónicas Latinas de la Reconquista*, València, 1913, pp. 196-239; ed. *PL*, 129, cols 1111-1124.
- Continuatio Byzantia Arabica a. DCCXLI et continuatio Hispana a. DCCLIV*, ed. Th. Mommsen, in "Monumenta Germaniae Historica", *Chronica Minora*, Berlin, 1894, Rep. 1961, vol. XI, pp. 334-368.
- Crónica de Albelda*, ed. A. HUICI, *Crónicas latinas...*, pp. 114-196; ed. GÓMEZ MORENO, *Las Primeras Crónicas*, pp. 600-609; ed. *PL*, 129, cols. 1127-1146.
- Cronica Adefhonsi Imperatoris*, ed. Luis Sánchez Belda, Madrid, 1959; ed. E. FLÓREZ, *España Sagrada*, vol. 21.
- Crónica del obispo Pelayo ou Chronicon Regum Legionensium*, ed. E. FLÓREZ, *Esp. Sag.*, t. 14, pp. 458-475; ed. B. SÁNCHEZ ALONSO, *Cron. del. ob. Pel.*, Madrid, 1924; ed. A. HUICI, *Crónicas Latinas...*, t.1, València, 1913, pp. 306-337.
- Crónica Mozarabe de 754*, ed. crit. e trad. de José Eduardo López Pereira, Zaragoza, 1980.
- Crónica Najerense*, ed. António Ubieto Arteta, València, 1966.

- Crónica Profética*, ed. GÓMEZ MORENO, *Las Primeras Crónicas...*, pp. 622-628.
- Cronicón Villarense (Liber Regum)*, ed. M. Serrano y Sanz, "Boletín de la Real Academia Española", VI (1919), pp. 192-220; VIII (1921), pp. 367-382.
- DIAGO, F., *Historia de la Provincia de Aragón de la Orden de Predicadores desde du origen hasta 1600*, Barcelona, 1599.
- DIAGO, F., *Historia del B. Cathalan Barcelones S. Raymundo de Peñafort, Tercero Maestro General de la Orden de Predicadores*, Barcelona, 1601.
- DRECHSLER (WOLFGANG), *De Saracenis et Turcis chronicon, Wolfgangi Drechsleri. Item de Origine et progressu et fine Mahometi, et quadruplici reprobatione probletiæ eius Joannis Galensis...*, liber, 1550.
- EMBRICON DE MAYENCE (Maguntinus), *Vita Mahumeti*, ed. crit. de Guy Cambier, coll. Latomus, 52, Bruxelles, 1962.
- EULÓGIO DE CÓRDOVA, *Confessio*, ed. CSM, pp. 315-330.
- EULÓGIO, S., *Documentum Martyriale*, ed. CSM, pp. 459-475.
- EULÓGIO, S., *Epistulae*, ed. CSM, pp. 495-503.
- EULÓGIO, S., *Liber Apologeticus Martyrum*, ed. CSM, pp. 475-495; ed. PL, 115.
- EULÓGIO, S., *Memoriale Sanctorum*, ed. CSM, pp. 363-459.
- FIDENZO DE PÁDUA, *De recuperatione Terrae Sanctae*, ed. GOLUBOVICH, *Biblioteca* II, pp. 9-60.
- GALATINUS, PETRUS, *Opus de arcanis catholicae veritatis*, Basileae, 1550.
- GAUTIER DE COMPIÈGNE, *Otia Machomete*, ed. Yvan G. Lepage, Paris, 1977.
- GILBERTO DE MANS, *Historia de Machumete*, PL, 171, cols. 1345-1366.
- GILBERTO DE NOGENT, *Gesta Dei per Francos*, ed. PL, 161, 689-693.
- GREGÓRIO VII, *Carta a Anzír, "rei" da Mauritània, em 1076*, in "Gregorius PP. VII Epist. Registrum", t. 3, nn. 20 e 21; ed. E. GASPAR, *Epist. Select.* II, 1, pp. 287-288.
- GUILHERME DE ADÃO, *Guillelmi Adæ... de modo Saracenis extirpandi*, ed. "Recueil des historiens des croisades; documents arméniens", Paris, 1869-1906, II (1906).



- GUILHERME DE ALVÉRNIA, *Opera Omnia*, Nuremberg, 1497; Veneza, 1591; Paris-Orléans, 1674-1675; Franckfurt-s-Main, 1963.
- GUILHERME DE TIRO, *Historia Rerum in partibus Transmarinis Gestarum*, ed. "Recueil des historiens des Croisades"; "Historiens Occidentaux", Paris, 1844.
- GUILHERME DE TRIPOLI, *Tractatus de statu Saracenorum*, ed. H. PRUTZ, *Kulturgeschichte der Kreuzzuege*, Berlin, 1883, pp. 575-598.
- Historia Compostellana*, ed. E. FLÓREZ, *Esp. Sag.*, t. 20, Madrid, 1765.
- Historia Karoli Magni et Rotholandi ou Chronique du Pseudo-Turpin*, ed. C. Meredith-Jones, Paris, 1936; reimp Genève, 1972.
- Historia Roderici Campi Docti*, ed. Menéndez Pidal, Madrid, 1947, pp. 921-971.
- HUMBERTO DE ROMANS, *De praedicatione sanctae crucis*, Nuremberga, ca. 1495.
- HUMBERTO DE ROMANS, *Opusculum Tripartitum*, ed. Petrus Crable, Colonia, 1551, pp. 967-1003.
- ISIDORO DE SEVILHA, S., *De Origine Gothorum*, ed. CRISTÓBAL RODRIGUEZ ALONSO, *Las Historias de los Godos, Vandalos y Suevos*, Leon, 1975.
- JACOBI A VORAGINE, O.P., *Legenda Aurea, Vulgo Historia Lombardica Dicta*, ed. Dr. Th. Graesse, Dresdae et Lipsiae, 1846.
- JIMÉNEZ DE RADA, RODRIGO, *Historia Arabum*, ed. de Jose Lozano Sánchez, Universidade de Sevilha, 1974; ed. "Opera", Valência, 1968, pp. 242-284.
- JIMÉNEZ DE RADA, RODRIGO, *Rerum in Hispania Gestarum Chronicon*, in Rodericus Ximinius de Rada, 1968, pp. 1-208.
- JOÃO DE SEVILHA, *Epistola Joannis Spalensis Albaro directa*, Madrid, 1947, pp. 170-171.
- LEÃO, *Epistula a Umar*, trad. lat., PG, 107, cols. 315-324.
- LEOVIGILDO, *Liber de habitu clericorum*, ed. CSM, pp. 665-684.
- LUDOLF DE SUDHEIM, *De itinere Terrae Sanctae*, ed. G. A. Neumann, "Archives de l'Orient", t. 2, Paris, 1884; ed. de F. Deycks, Stuttgart, 1851.
- LUDOVICO PIO, *Epistola ad Emeritanos*, in E. FLÓREZ, *Esp. Sag.*, t. 13.

- MARCOS DE TOLEDO, *Prefácio à tradução de Ibn Tūmart*, ed. M. T. D'ALVERNY e G. VAJDA, *Marc de Tolède...*, pp. 268-269.
- MARCOS DE TOLEDO, *Prefácio à tradução do Corão*, ed. M. T. D'ALVERNY e G. VAJDA, *Marc de Tolède...*, pp. 260-268.
- MATTAEUS PARIS, *Historia Maior, iuxta exemplar Londinense, 1571, verbatim recusa*, Parisiis, 1644.
- MATTHAEUS PARIS, *Scriptum quoddam missum ad Papam de Lege Machometi anno 1236*, ed. H. R. Luard, II, pp. 343-355.
- OLIVIER DE PADERBORN, *Descriptio Terrae Sanctae*, in "Die Schriften des Kölner Domscholastus...", ed. Hoogeweg, Tübingen, 1894, pp. 1-79.
- OLIVIER DE PADERBORN, *Epistola salutaris doctoribus Egipti Transmissa...* in "Die Schriften des Kölner Domscholastus...", ed. Hoogeweg, Tübingen, 1894, pp. 307-314.
- OLIVIER DE PADERBORN, *Epistola Salutaris regi Babionis...*, in "Die Schriften des Kölner Domscholastus...", ed. Hoogeweg, Tübingen, 1894, pp. 296-306.
- OLIVIER DE PADERBORN, *Historia Damiatina*, in "Die Schriften des Kölner Domscholastus...", ed. Hoogeweg, Tübingen, 1894, pp. 158-282.
- OTTO DE FREISING, *Chronica sive Historia de duabus civitatibus*, ed. A. Hofmeister, *MGH*, t. 20, pp. 219 e 257.
- PEDRO AFONSO, *Dialogus V: De Sarracenorum lege destruenda...*, in *Dialogi*, *PL*, 157, cols. 597-606.
- PEDRO DE ALCALÁ, *Vocabulista aráuigo en lengua castellana*, Granada, 1505 e Gottinga, 1883.
- PEDRO DE PENNIS, *Tractatus contra Alchoranum, legem mendacissimam Saracenorum*, BNP, ms. lat. 3646.
- PEDRO DE POITIERS, *Capitula Petri Pictaviensis*, ed. J. KRITZECK, *Peter the Venerable*, Princeton, N. Y., 1964, pp. 217-219.
- PEDRO DE POITIERS, *Epistola Petri Pictaviensis ad Domnum Petrum Albatem*, ed. J. KRITZECK, o.c., pp. 215-226.
- PEDRO, O VENERÁVEL, *Epistola Petri Cluniacensis ad Bernardum Claravallis*, ed. J. KRITZECK, o.c., pp. 212-214.

- PEDRO, O VENERÁVEL, *Liber contra sectam sive Haeresim Saracenorum*, ed. J. KRITZECK, o.c., pp. 220-291; ed. PL, 189, cols. 659-720.
- PEDRO, O VENERÁVEL, *Summa totius haeresis Saracenorum*, ed. J. KRITZECK, o.c., pp. 204-211.
- PEDRO PASCUAL, S., *Sobre la Seta Mahometana*, ed. PEDRO ARMENGOL VELENZUELA, *Obra de S. Pedro Pascual, Mártir*, Roma, 1908.
- POEMA DE MIO CID, Trad. por M. Martínez Burgos, IV, Burgos, 1982; ed. e trad. A. Reyes, Buenos Aires, 1938.
- Primera Crónica General de España*, ed. R. Menéndez Pidal, Madrid, 1977.
- PUYOL, J., *Las crónicas anónimas de Sahagún*, Madrid, 1920.
- RAIMUNDO LULO, *Pro recuperatione Terrae Sanctae Petitio*, ed. A. S. ALIYA, *The crusade in the later Middle Ages*, Londres, 1938.
- RAIMUNDO MARTÍ, *Capistrum Judeorum*, BUBol, ms. n. 1675; BNP, ms. lat. n. 3643.
- RAIMUNDO MARTÍ, *Explanatio Symboli*, ed. J. M. March, Barcelona, "Institut d'estudis Catalans", 1908, pp. 443-496.
- RAIMUNDO MARTÍ, *Pugio Fidei*, Leipzig, 1650; 1687.
- RAÚL GLABER, *Historiarum libri quinque*, ed. M. Prou, 1886.
- RICOLDO DE MONTE CROCE, *Cartas*, tr. fr. "Archives de l'Orient Latin", II, Paris, 1884, pp. 258-296.
- RICOLDO DE MONTE CROCE, *Disputatio contra Saracenos et Alchoranum*, BNP, ms. lat. 14503; *Ib.*, 4230; tr. lat. do grego, PG, 104; tr. cast., Sevilla, 1501.
- RICOLDO DE MONTE CROCE, *Itinerarium ou Liber Peregrinationis*, Lipsiae, 1864; 1873; ed. J. C. M. LAURENT, *Peregrinatores...*, pp. 101-141.
- RICOLDO DE MONTE CROCE, *Libellus ad nationes orientales*, ed. A. Dondaine, *Ricoldiana, notes sur les oeuvres de Ricoldo da Montecroce*, "AFP", 37 (1967), pp. 162-170.
- RICOLDO DE MONTE CROCE, *Regule generales*, ed. A. Dondaine, a.c., pp. 168-170.
- ROBERTO DE KETTON, *Liber legis Saracenorum quem Alcoranum vocant*, ed. Bibliander, I, Basileia, 1550.

- ROBERTO DE KETTON, *Praefatio translatoris*, ed. Bibliander, I, Basileia, 1550, pp. 7-8.
- ROGÉRIO BACON *Opus Maius*, ed. J. H. Bridges, Oxford, 1897; reed. Franckfurt am Main, 1964.
- Rotense*, ed. GÓMEZ MORENO, *Las Primeras Crónicas...*, e.c., pp. 609-621.
- SANSÃO, *Apologeticus*, ed. CSM, pp. 506-658.
- SIGEBERTO DE GEMBLoux, *Gemblacensis Chronica*, ed. PL, 160.
- SPERAINDEO, *Apologeticus*, ed. J. GIL, CSM, II, pp. 375-376.
- SPERAINDEO, *Epistola a Álvaro*, ed. E. FLÓREZ, *Esp. Sag.*, t.10; ed. J. GIL, CSM, I, pp. 203-210.
- SUDHEIM, LUDOLF, *De itinere Terrae Sanctae*, ed. "Archives de L'Oriente Latin", t. 2, Paris, 1884.
- TIAGO DE ACQUI, *Chronicon Imaginis Mundi fr. Jacobi ab Acquis*, in "Monumenta Historiae Patriae Scriptorum", III, Turim, 1848.
- TIAGO DE VITRY, *Cartas*, ed. R. B. C. Huygens, Leiden, 1960.
- TIAGO DE VITRY, *Historia Hierosolimitana Abbreviata*, ed. BONGARS, *Gesta Dei per Francos*, Hanover, 1601.
- TOMÁS DE AQUINO, S., *Summa Contra Gentiles e Pugio Fidei*, Madrid, B.A.C., 1967.
- VICENTE DE BEAUVAIS, *Speculum Historiale*, ed. "Biblioteca Mundi, seu speculi Maioris: Bellovacensis speculum quadruplex", t. 4, Douai, 1624, pp. 912-923.

## 2.2. FONTES GREGAS

- ABŪ-KURRA, TEODORO, *Opúsculos*, n. 18; PG, 94, cols. 1586-1597; os outros: PG, 97, cols. 1492-1596.
- ABŪ-KURRA, *Disputatio Christiani et Saraceni*, PG, 94, cols. 1585-1596.
- ANÓNIMO, *Contra Mahomet*, PG, 104, cols. 1448-1457.
- ANÓNIMO, *Muhammad*, ed. PG, 105, col. 842.
- ARETHAS, *La lettre polémique "d'Aréthas" à l'emir de Damas, "Byzantion"*, XXIV (1950).

- BARTOLOMEU DE EDESSA, *Confutatio Agareni*, PG, 104, cols. 1383-1448.
- EUTIMO DE ZIGABENE, *Panoplia Dogmatica*, tit. XXVIII, PG, 130, cols. 1332-1361.
- EUTIMO MONGE, *Disputatio de Fide*, PG, 131, cols. 20-37.
- JOÃO DAMASCENO, S., *De Haeresibus Liber*, cap. 101, PG, 94, 764-773.
- JOÃO DAMASCENO, S., *Disputatio Saraceni et Christiani*, tr. lat. PG, 94, cols. 1336-1348.
- JORGE CEDRENO, *Historiarum Compendium*, PG, 121, cols. 808-816.
- JORGE HAMARTOLOS, *Crónica Breve*, PG, 110, cols. 864-873.
- NICETAS DE BIZÂNCIO, *Refutatio Mohamedis*, PG, 105, cols. 669-805.
- TEODÓSIO MELITENE, *Chronographia*, ed. L. F. Tafel, München 1859, pp. 105-106; ed. C. de Boer, Leipzig, 1883-1885; ed. PG, 108, cols. 684-688.
- TEÓFANO, O CONFESSOR, *Chronographia*, PG, 108, cols. 684-689.
- ZONARAS, JOÃO, *ANNALES*, ed. PG, 134, cols. 1285-1288; ed. Th. Büttner-Wolst, t. 3, Bona, 1897, pp. 214-215.

### 2.3. FONTES ÁRABES

- AJBAR MACHMUA, (*Colección de Tradiciones*), Crónica anónima del siglo XI, ed. Don Emilio Lafuente y Alcántara, Madrid, 1984.
- ALGAZEL, *Al-radd al-jamīl*, trad. e com. de P. Robert Chidiac, S. J., Paris, E. Leroux, 1939.
- ANÓNIMO, *Contrarietas Efolica*, tr. lat. de Marcos de Toledo, BNP, ms. lat. 3394.
- ANÓNIMO, *Doctrina Mahumet*, tr. de Hermano, o Dalmata, ed. Bibliander, I, 1550, pp. 189-200.
- ANÓNIMO, *Fabulae Saracenorum: Chronica mendrosa et ridiculosa Saracenorum*, tr. lat. de Roberto de Ketton, ed. Bibliander, I, Basileia, 1550, pp. 213-223.
- ANÓNIMO, *Liber Generationis Mahumet*, tr. lat. de Hermano, o Dalmata, ed. Bibliander, I, Basileia, 1550, pp. 201-212.

- AL-BĀJĪ, ABŪ L-WALĪD, *Réponse à la lettre du moine de France à al-Muqtadir bi-Llah, roi de Saragosse*, tr. ingl. de D. M. Dunlop, "Al-Andalus", 17 (1952) pp. 259-310.
- AL-BUHĀRĪ, *Sahīh, Les traditions islamiques*, tr. de O. Houdas e W. Marçais, 4 vols., Paris, 1903-1914.
- CORÃO, tr. port. de José Pedro Machado, Lisboa, 1979; tr. fr. de Régis Blachère, Paris, 1956; tr. lat. de Roberto de Ketton, Bibliander, I, Basileia, 1550, pp. 8-188.
- AL-HUŠĀNĪ, *Kitāb al-quḍāt bi-Qurtuba (Historia de los Jueces de Córdoba)*, tr. esp. de J. Ribera, Madrid, 1914.
- IBN ISHĀQ, *The Life of Muhammad, a translation of Ishaq's sirat rasul Allah, with introduction and notes*, by A. Guillaume.
- IBN SAB'ĪN, *Resposta às questões do Imperador Frederico II da Sicília*, ed. S. Yalrkaya, intr. H. Corbin, Istanbul-Paris, 1943.
- IBN SA'D, *Tabakāt, I, I*, tr. ingl. de A. FEFFERY, *A Reader on Islam*, La Haye, 1962.
- AL-JĀHIS, *Ar-Radd 'alā an-Nasārā*, ed. e tr. de ALLOUCHE, J. S., *Un traité de polémique christiano-musulman au IX<sup>e</sup> siècle*, "Hesperis", 26 (1939), pp. 123-155.
- AL-KINDĪ, *Risāla*, tr. lat. de Pedro de Toledo, e.c., J. MUÑOZ SENDINO, *Apologia del cristianismo*, Pbro, Santander, tr. fr. G. TARTAR, *Dialogue...*, Paris, 1985.
- MUSLIM, IMĀM, *Sahīh Muslim*, trad. ingl. 'Abdul Hamid Siddiqi, 4 vols., Sh. Muhammad Ashraf, Kashmiri-Bazar-Lahor, Paquistan, 1974.
- TABARĪ, 'ALĪ RABBAN, *Kitāb al-Dīn wa l-dawla (Livro da Religião e o Império)*, ed. Mingana, Manchester, 1923; tr. ingl., Mingana, Manchester, 1922.

### 3. FONTES SECUNDÁRIAS

#### 3.1. DOMINICANOS E MARTÍ

- BATLLORI, Miguel, *San Ramon de Penyafort en la historia político-religiosa de la Corona de Aragón*, Sesión de Apertura del Curso académico 1975/76, Instituto de España, pp. 26-43.
- BERTHIER, André, *Raymond Marti, Frère Prêcheur*, Positions de thèses de l'École de Chartres, 1931, pp. 3-13.
- BERTHIER, A., *Un Maître Orientaliste du XIII<sup>e</sup> siècle, Raymond Martin, O. P.*, vol. VI (1936), pp. 267-311.
- CAVALLERA, F., *L'Explanatio Symboli de R. Martin*, in "Studia Medievalia in Honorem R. Martin", Bruges, 1949.
- COLL, José M., *La Crónica de Fr. Pedro Marsilio y la "Vita Anonyma" de S. Ramón de Penyafort*, "AST", 22 (1949), pp. 21 ss.
- COLL, J. M., *San Raymundo*, "Missionalia Hispanica", 5 (1948), pp. 417-457.
- COLLEL COSTA, A., *Escritores Dominicanos del Principado de Cataluña*, Barcelona, 1965, pp. 171-172.
- COLOMER, Eusébio, *Ramon Martí*, in "Gran Enciclopedia Catalana", Barcelona, 1976, vol. 9, pp. 642-643.
- CORTABARRIA BEITIA, Angel, *El estudio de las lenguas en la Orden dominicana*, Sep. de "Estudios Filosóficos", 19 (1970), pp. 77-127 e 359-392.
- CORTABARRIA, A., *La connaissance des Textes Arabes chez Raymond Martin O. P. et sa position en face de l'Islam*, Privat Editeur, 1983, pp. 279-300.
- CREYTENS, Raimundo, *Les constitutions des Frères Prêcheurs dans la Redaction de saint Raymond de Penyafort, 1241*, "AFP", 18 (1948), pp. 5-68.
- D'AMATO, Afonso, *RAIMONDO MARTÍ*, "Enciclopedia Cattolica", X, Vaticano, 1953, cols. 502-503.
- DÍEZ MACHO, A., *Acerca de los Midrasim falsificados por Raimundo Martí*, "Sefarad", 9 (1949), pp. 165-196.

- DOUAIS, C., *Essais sur l'organisation des études dans l'Ordre des F.P. au XIII<sup>e</sup> et au XIV<sup>e</sup> siècle (1216-1342)*, Paris, 1888.
- DOUAIS, C., *Essai historique sur l'organisation des études dans l'Ordre des Frères Prêcheurs*, Paris-Toulouse, 1884.
- EDZARDI, B. Esdras, *Annotationes ad Raymundi Martini Purgionem Fidei*, J. C. WOLF, *Biblioteca Hebraea*, t. 4, Hamburgo, 1733, pp. 571-638.
- FÉRET, H. M., *La vie intellectuelle et la vie scolaire dans l'Ordre des Prêcheurs*, "Archives d'Hist. Dominicaine", I, pp. 5-37.
- FONTANA, Vincenzo Maria, *Monumenta Dominicana*, Roma, 1675.
- FORMENTÍN, Ibañez Justo, *Funcionamiento pedagógico y proyección cultural de los Estudios de Árabe y Hebreo promovidos por San Ramón de Penyafort*, "Escritos del Vedat", 7 (1977), pp. 155-175.
- GARGANTA, J. M., *Introducción general a "St<sup>o</sup> Tomás de Aquino, Suma contra los gentiles"*, Madrid, B.A.C., 1967.
- GETINO, G. A., *La "Summa contra Gentes" y el "Pugio Fidei" (Carta sin sobre a D. Miguel Asín Palacios)*, Vergara, 1905.
- GÓMEZ NOGALES, Salvador, *Santo Tomas y los arabes*, sep. de "Miscelanea Comillas", 33 (1975) 2<sup>a</sup> Sem., n. 63, pp. 205-50.
- GRIFFIN, David A., *Los mozarabismos del "Vocabulista" atribuido a Ramón Martí*, Madrid, 1961.
- HUERGA, A., *Hipótesis sobre la génesis de la Summa C. Gent. y del "Pugio fidei"*, "Angelicum", 51 (1974) pp. 533 ss.
- KAEPPPELI, Th., *Scriptores Ordinis Praedicatorum Medii Aevi*, I vol. A-F, Romae, Ad S. Sabinae, 1970, II vol. G-J, Romae, Ad S. Sabinae, 1975, p. 544.
- LAVAJO, J. Ch., *A ordem dos Pregadores como resposta às exigências de renovação eclesial e intelectual da "Hispania" Medieval*, sep. de "Actas do II Encontro sobre História, Dominicana", I, 225-242.
- LLOVERA, J. M., *Raimundo Martí, un teólogo español del siglo XIII*, "Cristiandad", n. 42 (1945), pp. 539-543; n. 43 (1946), pp. 4-7.
- LONGPRÉ, E., *Le B. Raymond Lulle et Raymond Martí O. P.*, "Boletín de la Sociedad Arqueologica Luliana", Fev-Marzo, 1933, pp. 269-271.



- LOPES MARTINEZ, N., *Martí, Raimundo*, "Gran Enciclopedia Rialp", XV, pp. 187-188.
- MANDONNET, Pierre, *La Théologie dans l'Ordre des Frères Prêcheurs*, "DTC", t. 6, Paris, 1924, col. 903.2
- MARC, Petrus, *Introductio in librum de Veritate Catholicae Fidei, "Sti Thomae Aquinatis, Summa contra Gentiles"*, I, Turim-Paris, 1967.
- MARCH, J. M., *En Ramón Martí y la seva "Explanatio Symboli Apostolorum"*, "AIEC", Barcelona, 1908, pp. 443-496.
- MARCH, José M., *Valor apologético de la "Explanatio Symboli Apostolorum" de Ramón Martí*, "Razón y Fe", 29 (1911), pp. 203-210.
- MARTÍNEZ VIGIL, Ramón, *La Orden de los Predicadores*, Madrid, 1884, pp. 317-318.
- MAUSSAC, J., *Raimundi Martini Pugio Fidei... e veteribus membranis Bibliothecae Collegii Foxensis Tolosani nunc primum in lucem editus, cura et studio Maussaci*, Lutetiae, Parisiorum, 1642.
- MAUSSAC, Ph. de, *Prolegomena in Pugionem Fidei, Testimonia variorum*, in RAIMUNDUS MARTINI, *Pugio Fidei*, ed. 1650.
- MEDRANO, Fr. Manuel José, *Historia de la Provincia de España de la Orden de Predicadores*, Primera Parte, Lib. VII, vol. II, Madrid, 1727.
- MULHERN, P. F., *Raymond Martini "New Catholic Encyclopedia"*, 12, p. 104.
- NALLINO, C. A., *Celestino Schiaparelli*, "Rivista degli studi orientali", VIII (1919-1920) pp. 451-464.
- NEUBAUER, A., *Raymundus martini and the rev. Dr. Schiller-Szinessy*. "The Academy", 32 (1887), pp. 188-189.
- NICKS, J., *La polémique contre les juifs et le Pugio Fidei de Raymond Martin*, "Mélanges offerts à Charles Moeller", Paris, 1914, pp. 519-526.
- NICOLAU ANTÓNIO, *Bibliotheca hispana vetus*, II, Madrid, 1788, pp. 89-93.
- POGGI, V. M., *Il Munqid e il Pugio Fidei*, "Studia Missionalia. Documenta et opera", 3 (un classico della spiritualità musulmana), Roma, 1967, pp. 55-79.
- QUÉTIF, J. e ECHARD, J., *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, II, Paris, 1719, pp. 396-398.

- RIBES y MONTANÉ, Pedro, *Conoció Santo Tomás la "Explanatio Symboli" de Ramón Martí*, "Espiritu", 26 (1977), pp. 93-97.
- RIBES, y MONTANÉ, P., *San Alberto Magno, maestro y fuente de l'apologista medieval Ramón Martí*. "Doctor Communis", 33 (1980), pp. 169-193.
- RIBES y MONTANÉ, P., *San Ramón de Penyafort y los estudios eclesiásticos*. "AST", 48 (1975), pp. 85-142.
- ROBLES, Laureano, *Dominicos en la Corona de Aragón*, in "Reportório de História de las Ciéncias Eclesiásticas en España", 3 vols., Salamanca, 1971.
- ROBLES L., *En torno a una vieja polémica: el "Pugio Fidei" y Tomás de Aquino*, "Revista Española de Teología", 34 (1974), pp. 321-350.
- SANCHIS GUARNER, M., *El mozarabismo peninsular*, in "Enciclopedia lingüística hispánica", t. 1, Madrid, 1960.
- SANCHO, M., *La Explanatio Symboli Apostolorum de R. Martí*, "Ciencia Tomista", 15, (17), pp. 394-408.
- SARANYANA, José Ignacio, *La creación "Ab Aeterno", Controversia de Santo Tomás y Raimundo Martí con San Bonaventura*, "Scripta Theologica", 5 (1973), pp.154-155.
- SCHILLER-SZINESSY, S. M., *The Pugio Fidei*, "The journal of Philology", 16 (1887) (London & Cambridge), pp. 131-152.
- SECRET, F., *Le premier emploi du "Pugio Fidei" en France au XVI<sup>e</sup> S.*, "AFP," 47 (1977), pp. 169-182.
- SECRET, F., *Notes pour une histoire du Pugio Fidei à la Renaissance*, "Sefarad", 1960, fasc. 2, pp. 401-407.
- SECRET, F., *Une première édition oubliée du "Pugio Fidei"*, "AFP", 36, pp. 449-455.
- SOLANA, Marcial, *Corroboración filosófica del dogma de la Trinidad por Ramón Martí*, "Revista de Filosofía" 22 (1963), pp. 335-368.
- TOURON, A., *Histoire des hommes illustres de l'Ordre de saint Dominique*, Paris, 1743, t. 1, pp. 489-504.
- VALLS Y TABERNER, Fernando, *San Ramón de Penyafort*, Barcelona, 1979.
- VOISIN, Joseph, *Liber de lege divina...*, Parisiis, 1650.

### 3.2. BIBLIOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA

- ANAWATI, G. C., *Bibliographie islamo-arabe*, de 1960-1966, "MIDEO", 9, (1967), pp. 143-213.
- BARBERO, A. e VIGIL, M., *Sobre los origenes sociales de la reconquista*, Barcelona, 1974.
- BRUNSCHVIG, Robert, *La Berbérie Orientale sous les hafsides des origines à la fin du XV siècle*, Paris, 1947.
- CAGIGAS, Isidoro de las, *Minorías etnico-religiosas de la Edad Media española. Los Mozárabes*, 2 vols., Madrid, 1947.
- CAGIGAS, I. de las, *Los Mudejares*, 2 vols., Madrid, 1948-1949.
- CAHEN, Cl., *L'islam et les minorités confessionnelles au cours de L'Histoire*, "La Table Ronde", Junho 1958, pp. 61-72.
- CASTRO, Américo, *La realidad histórica de España*, México, ed. Porrúa, S. A., 1971.
- CASTRO, A., *Realité de l'Espagne (Histoire et Valeurs)*, Paris, 1963.
- CHEJNE, ANWAR G., *Historia de España Musulmana*, Madrid, ed. Cátedra, S. A., 1980.
- DANIEL, Norman, *The Arabs and Mediaeval Europe*, Londres e Nova York, 1979.
- DÍAZ y DÍAZ, M., C., *Index scriptorum latinorum M. A. hispanorum*, Madrid, 1959.
- DÍAZ y DÍAZ, M. C., *La historiografía Hispana desde la invasión arabe hasta el año 1000*. "Sett. Spoleto", 20 (1973) pp.313-320.
- DÍAZ y DÍAZ M. C., *Los Textos antimaometanos mas antiguos en codices españoles*, "AHD", 37 (1970) pp. 149-164.
- DOZY, R., *Histoire des Musulmans d'Espagne*, Leyden, 1961, tr. cast. *Historia de los Musulmanes de España*, Madrid, ed. Turner, 1982.
- ESPALZA, M. de, *Bibliographie du dialogue islamo-chrétien*, "Islamochristiana", 1 (1975), pp. 173-176.
- GASPAR, R., *Bibliographie du Dialogue Islamo Chrétien*, "Islamochristiana", 2 (1976) Roma, pp. 187-249.
- GASPAR, R., *Le dialogue islamo-Chrétien, Bibliographie*, "Parole et Mission", n. 33 (1966), pp. 312-322; n. 34 (1966) pp. 475-481.

*Historia de Andalucía, I de Tartessos al Islam*, Madrid, Cupsa Editorial, Editorial Planeta, S. A., 1980.

*Historia de la Iglesia en España. La Iglesia en la España de los siglos VIII-XIV*, II-1º, dir. Ricardo García-Villoslada, Madrid, B.A. C., 1982.

LÉVI-PROVENÇAL, E., *Histoire de l'Espagne Musulmane*, Paris, Leiden, 1950.

MARCH, J., *Un códex manuscrit del "Pugio"*, "Bulletí de la Biblioteca de Catalunya", vol. V, 1918-1919, pp. 195-198.

MENÉNDEZ PIDAL, R., *Historia de España España Musulmana 711-1031*, tr. e intr. de Emilio García Gómez, Madrid; Espasa-Calpe, S. A., 1976.

MENÉNDEZ PIDAL, R., *La España del Cid*, 2 vols., Madrid, 1947.

MENÉNDEZ PELAYO, M., *Historia de los Heterodoxos españoles*, III, Madrid, 1917, pp. 251-255.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio, *De la invasión islámica al Estado continental (Entre la creación y el ensayo)*, "Rev. de Occidente", t. XXIV, n. LVII, 1929, pp. 15-40.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, C., *España un Enigma Histórico*, 2 vols. Buenos Aires, 1956.

SÁNCHEZ-ALBORNOZ, C., *La España Musulmana según los autores islamitas y cristianos medievales*, t. 1, Madrid, Espasa-Calpe, S. A., 1974.

SIMONET, F., *Historia de los Mozárabes de España*, 4 vols., Madrid, 1897-1903.

### 3.3. MAOMÉ E O ISLAMISMO

ASÍN PALACIOS, Miguel, *Abenházam de Córdoba y su historia crítica de las ideas religiosas*, 5 vols. Madrid, 1927-1932.

ASÍN PALACIOS, M., *Abenmasarra y su escuela*, "Obras Escogidas", Madrid, 1946.

ASÍN PALACIOS, M., *El justo medio en la creencia. Compendio de Teología dogmática de Algazel*, Madrid, 1939.

ASÍN PALACIOS, M., *El averroísmo teológico de Santo Tomás de Aquino*, "Homenaje a D. Francisco Codera...", Zaragoza-Escar, 1904; pp. 271-331.

ASÍN PALACIOS, M., *La espiritualidad de Algazel y su sentido cristiano*, t. 4. *Crestomatía algazeliana*, Madrid-Granada, 1941.

- BADAWI, 'Abdurrahman *Histoire de la Philosophie en Islam*, 2 vols. Paris, J. Vrin, 1972.
- BLACHÈRE, Régis, *Le Coran, Introduction au Coran*, Paris-Maisonneuve, 1947.
- BLACHÈRE, R., *Le Problème de Mahomet. Essai de biographie critique du fondateur de l'Islam*, Paris, 1952.
- BOISARD, Marcel A., *L'Humanisme de l'Islam*, Paris, Albin Michel, 1979.
- CARRERAS y ARTAU, Tomás y Joaquín, *Historia de la Filosofía Española. Filosofía Cristiana de los Siglos XIII al XV*, Madrid, 1939-1943.
- CASANOVA, P., *Mohammed et la fin du monde. Notes complémentaires*, 1<sup>er</sup> fasc., Paris, 1911; 2<sup>e</sup> fasc., Paris, 1922.
- CRUZ HERNÁNDEZ, Miguel, *Historia de la Filosofía Española. Filosofía hispano-musulmana*, 2 vols., Madrid, 1957.
- CRUZ HERNÁNDEZ, M., *La Filosofía Árabe*, Madrid (Rev. de Occidente), 1963.
- DELLA VIDA, G. Levi, Sira, "Encyclopédie de L'Islam", 4 vols., Leyden-Paris, 1924, pp. 458-462.
- DERMENGHEM, Émile, *Mahomet et la Tradition islamique*, Paris, 1955.
- GARDET, Luis, *Dieu et la Destinée de l'Homme* col. *Études Musulmanes*, IX, Paris, J. Vrin, 1967.
- GARDET, L., *L'Islam religion et communauté*, Paris, Desclée de Brower, 1967.
- GARDET, L., *La notion de prophétie en théologie musulmane*, "RT", 66 (1966), pp. 353-409.
- GARDET, L., *Le problème de la Philosophie musulmane*, in "Mélanges offerts à Étienne Gilson", Toronto, Paris, 1959, pp.261-284.
- GARDET, L., e ANAWATI, M. M., *Introduction à la Théologie Musulmane. Essai de Théologie comparée*, Paris, J. Vrin, 1948.
- GUILLAUME, Alfred, *The life of Muhammad*, Oxford, Univ. press., 1955.
- JOMIER, Jacques, *Les grands thèmes du Coran*, Paris, Le Centurieu, 1978.
- MATTEO, I. di, *La predicazione religiosa di Maometto e i suoi oppositori*.
- PAREJA, Felix M., *Islamologia*, Madrid, 1952-1954.

- TOR ANDRAE, *Mahomet, sa vie et sa doctrine*, tr. fr. de J. Gaudefroy-Demombynes, Paris, 1945 e 1979.
- TOR ANDRAE, *Les origines de l'Islam et le Christianisme*, Paris, A. Maisonneuve, 1955 e 1956.
- WATT, W. Montgomery, *Muhammad as the founder of Islam*, "Studia Missionalia", 33 (1984), pp. 227-249.
- WENSINCK, A. J., *A Handbook of Early Muhammadan Tradition*, Leiden, 1927.

### 3. 4. DIÁLOGO ISLAMO-CRISTÃO

- ABEL, Armand, *L'apologie d'Al-Kindi et sa Place dans la Polémique Islamo-Chrétienne*, "Oriente cristiano nella storia della civiltà", Acad. Naz. dei Lincei, Anno CCCLXI, 1964, Quad. n. 62, pp. 501-523.
- ABEL, A., *L'Apologie d'Al-Kindi et son influence au Moyen Âge*, Roma, 1960.
- ABEL, A., *L'Influence de la polémique islamo-chrétienne dans les débuts de la pensée islamique*, in "Actes du Colloque d'Histoire des Religions", Estrasburgo, 1959.
- ABEL, A., *La polémique damascénienne et son influence sur les origines de la théologie musulmane*, in "Élaboration de l'Islam", Paris, P.U.F, 1961, pp. 61-85.
- ABEL, A., *La "Réfutation d'un Agaréne" de Barthélémy d'Édesse*, "Studia Islamica", 37 (1973), pp. 5-26.
- ABEL, A., *Le problème des relations entre l'orient musulman et l'Occident au Moyen Âge*, "Annuaire de l'Institut de Philol. et d'Histoire Orient et slaves", 14 (54-57) pp. 229-261.
- ABEL, A., *Les caractères historiques et dogmatiques de la polémique islamo-chrétienne des origines au XIII<sup>e</sup> siècle*, in "IX<sup>e</sup> Congrès International des Sciences Historiques", Paris, Août-Sept. 1950 (ronéotypé).
- ABEL, A., *Réflexions comparatives sur la sensibilité médiévale autour de la Méditerranée aux XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*, "Studia Islamica", 13 (1960).

- ADOLF, Helen, *Christendom and Islam in the Middle Ages: new lights on "Grait Stone" and "Hidden Host"*, "Speculum" 6 (1931), pp. 329-343.
- ALLOUCHE, J. S., *Un traité de polémique christiano-musulman au IX<sup>e</sup> siècle*, "Hesperis", 26 (1939) pp. 123-155.
- ALPHANDÉRY, P., *Mahomet-Antéchrist dans le moyen âge latin*, in "Mélanges M. Derenbourg", Paris, 1909, pp. 261-277.
- ALPHARDÉRY/DUPROND, *La Chrétienté et l'idée de Croisade. Premières Croisades*, Paris, 1954.
- ALPHARDÉRY/DUPROND, *La Chrétienté et l'idée de Croisade. Recommencement nécessaire*, Paris, 1959.
- ALTANER, Bertold, *Zur Geschichte der anti-islamischen Polemik Während des 13. und 14. Jahrhunderts*, "Historisches Jahrbuch", 56 (Köln, 1936).
- ANAWATI, G. C., *Nicolas de Cues et le problème de l'Islam*, in "Atti del Congresso internazionale in occasione del V centenario della morte de N. Cusano", Firenze 1964, pp. 141-173.
- ANAWATI, G. C., *Polémique, apologie et dialogue islamo-Chrétien. Positions classiques médiévales et positions contemporaines*, "Euntes Docete", 22 (1969) Roma, pp. 374-451.
- ANAWATI, G. C., *Saint Thomas d'Aquin, Avicenne et le Dialogue islamo-chrétien*, Cairo, 1975.
- ARNALDEZ, R., *Les chrétiens selon le commentaire coranique de Razi*, in "Mélanges d'Islamologie", volume dédié à la mémoire de A. Abel, ed. Pierre Salmon, Leiden, E. J. Brill, 1974, pp. 45-57.
- ARNOLD, Sir Thomas, *Letter of al-Hāšimī inviting al-Kindī to embrace Islam*, London, 1935, pp. 84-85; 428-435.
- BARKAI, Ron, *Cristianos y Musulmanes en la España Medieval. (El enemigo en el espejo)*, Madrid, Ed. Rialp, S. A., 1984.
- BASSET, R., *Hercule et Mahomet*, "Journal des Savants", 1903, pp. 391-402.
- BECKINGHAM, C. F., *Between Islam and Christendom. Travellers, facts and legends in the Middle Ages and the Renaissance*, Rep. London, 1983.
- BENEDICTO Ceinos, I., *Apendice sobre la data y origem de la Historia de Mahoma*, "AHD", 37 (1970), pp. 165-168.

- BISHOP, E. F. F. e GUTHRIE, A., *The Paraclete, Almunhamanna and Ahmad*, "The Muslim World", 41 (1951), pp. 251-256.
- BOUTHILLIER, C. D. e TORRELL, J. P., *Miraculum, une catégorie fondamentale chez Pierre le Vénérable*, "RT", 80 (1980), pp. 357-386; 549-566.
- BRIDREY, E., *La condition juridique des croisés et le privilège de la croix*, Paris, 1900.
- BRUNSCHVIG, Robert, *L'argumentation d'un Théologien Musulman du X siècle contre le Judaïsme*, in "Homenaje à Millás-Valllicrosa", vol. I, Consejo Superior de Invest-cientif., Barcelona, 1954, pp. 225-241.
- BURNS, R. I., S. J., *Christian-Islamic Confrontation in the West: The thirteenth-century dream of conversion*, "The American Historical Review", 76 (1971), pp. 1386-1434.
- BURNS, R. I., S. J., *Islam under the crusaders. Colonial servival in the Thirteenth-century Kingdom of Valencia*, Princeton, University Press, 1973.
- CAMBIER, Guy, *Embricon de Mayence, La vie de Mahomet*, coll. Latomus, 52, Bruxelles 1961.
- CAMBIER, G., *L'épisode des Taureaux dans la légende de Mahomet (MS. 50, Bibl. du Sém. de Pise)*, in "Hommages à Léon Hermann", Bruxelles-Berchem, 1960, pp. 228-236.
- CANTARINO, Vicente, *The Spanish Reconquest: A cluniac Holy War Against Islam?*, in "Islam and the Medieval west", ed. Khalil I. Semaan, State University of New York, 1980, pp. 82-109.
- CARDAILLAC, Louis, *Morisques et Chrétiens, un affrontement polémique, (1492-1640)*, Paris, 1977.
- CASANOVA, P., *Mahom, Jupin, Apollon, Tervagant, dieux des Arabes*, in "Mél. H. Derenbourg", Paris, 1909, pp. 391-395.
- CASCIARO, José Maria, *El dialogo Teológico de Santo Tomas com Musulmanes y judios, El tema de la profecía y la revelacion*, Madrid, 1969.
- CERULLI, Enrico, *L'islam Nella storia Dell'Alto Medioevo*, in "Settimane di studio del centro italiano di studi sull'alto medioevo, XIII", Spoleto, 1965.



- CERULLI, E., *La questione del Corano increato e le dottrine analoghe nel giudaismo e cristianesimo d'Oriente*, in "L'Islam di ieri e di oggi", Roma (Ist. per l'Oriente), 1971, pp. 59-65.
- CERULLI, E., *Nuove ricerche sul libro della scala e la conoscenza dell'Islam in Occidente*, Città del Vaticano, 1972.
- COLL, José M., *Las disputas Teológicas en la Edad Media*, "AST", 20 (1947).
- COMFORT, W. W., *The literary role of the Sarazens in the French epic*, "PMLA" 1940, pp. 628-659.
- COMFORT, W. W., *The Saracens in the French Epic*, in "Publications of the Modern Language Association of America", 55, (1940), pp. 628-659.
- CROSLAND, Jessie, *The old French epic*, Oxford, 1951.
- CUMONT, F., *L'Origine de la formule grècque d'abjuration imposée aux musulmans*, "RHR", tomo 64, Paris, 1911.
- D'ALVERNY, M. Th., *Pierre le Vénérable et la légende de Mahomet*, in "A. Cluny, congrès scientifique", Dijon, 1950, pp. 151-170.
- D'ANCONA, A., *La Leggenda di Maometto in Occidente*, sep. de "Giornale della letteratura italiana", XIII (1889), pp. 199-281.
- DANIEL, N., *Holy War in Islam and christendon*, "Blackfriars", Set. 1958.
- DANIEL, N., *Islam and The West (The Making of an Image)*, University Press, Edinburgh, 1966.
- DANIEL, N., *Pensamento cristão ocidental sobre o Islã, dos inícios a 1914*, "Concilium"/166, 1976/6, pp. 11-20.
- DANIEL, Norman *The Development of the Christian Attitude to Islam*, "Dublin Review", Winter 1957.
- DELGADO, Josep Hernando I., *Le "De Seta Machometi" du Cod. d'Osma, ouvre de Raymond Martin (Ramón Martí)*, in "Islam et chrétiens du Midi (XII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup>s)", "CF", 18 (1983) pp. 351-371.
- DUFEIL, Michel-Marie, *Vision d'Islam depuis l'Europe au début du XIV<sup>e</sup> siècle*, in "Islam et chrétiens du Midi (XII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup>s)" "CF", 18, (1983), pp. 235-258.
- EPALZA, M., de *Notes pour une histoire des polémiques anti-chrétiennes dans l'Occident musulman*, "Arabica", 18 (1971), 105.

- FLÓREZ, Enrico, *España Sagrada, Teatro geográfico-histórico de la Iglesia de España*, 57 vols. Madrid, 1747-1879.
- GARCÍAS PALOU, Sebastian, *Ramón Lull y el Islam*, Palma de Mallorca, 1981.
- GUDEFROY-DEMOMBYNES, Maurice, *Mahomet*, Paris, Albin Michel, 1957 e 1969.
- GILLES, Henri, *Législation et doctrine canonique sur les Sarrasins*, in "Islam et chrétiens du Midi (XII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup> s.)", "CF", 18, (1983) pp. 195-213.
- GOLBOVICH, P. Jerónimo, *Biblioteca Bio-bibliografica della Terra Santa e dell'oriente Francescano*, vols. 1-5, Quaracchi, 1905; vol. 13, 1920.
- GÓMEZ Moreno, M., *Las primeras crónicas de la Reconquista*, "Boletín de la Academia de la Historia", t. 100 (1932).
- GONZÁLEZ PALENCIA, Angel, *Moros y cristianos en la España Medieval*, Madrid, 1945.
- GORCE, M. M., *La lutte "contra gentiles" à Paris au XIII<sup>e</sup> siècle*, in "Mélanges Mandonnet", t. 1 Paris, 1930, pp. 235-240.
- GRAF, Georg, *Apologie de "Abd al-Masih al-Kindi*, in "Geschichte des Christlichen arabischen literatur", Cidade do Vaticano, 1947, t. 2, pp. 135-145.
- GRANJA, Fernando de la, *Una polemica religiosa en Murcia en tiempos de Alfonso el Sabio*, "Al-Andalus", vol. 31 (1966), pp. 47-72.
- HATEM, Anouar, *Les poèmes épiques des Croisades. Genèse, historicité, localisation. Essai sur l'activité littéraire des colonies franques en syrie au Moyen Âge*, Paris, 1932.
- HUICI MIRANDA, A., *Las crónicas latinas de la Reconquista, estudios prácticos de latin Medieval*, 2 vols., València, 1913.
- JOMIER, Jacques, *Bible et Coran*, Paris, Éd. du Cerf, 1959.
- KHOURY, Adel-Teodoro, *Cristãos e Muçulmanos*, Concilium, 116, n. 10 (1976/6).
- KHOURY, A. T., *Les Théologiens Byzantines et l'Islam. Textes et auteurs (VIII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> s.)*, Lovaina-Paris, 1969.
- KHOURY, A.T., *Les théologiens chrétiens du Moyen-Âge et l'Islam. "Perspectives de Catholicité"*, II, 1966, pp. 77-88.

- KHOURY, A. T., *Polémique Byzantine contre l'Islam (VIII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> s.)*, Leiden, E. J. Brill, 1972.
- KHOURY, Paul, *Jean Damascène et l'Islam*, "Proche-Orient chrétien" (Jérusalem, Jordânia), t. 7 (1957), pp. 44-63 e t. 8, (1958), pp. 313-339.
- KRITZECK, James, *Peter the Venerable and Islam*, Princeton, University Press, 1964.
- LAVAJO, Joaquim Ch., *Um confronto Metodológico no Diálogo Islamo-Cristão Medieval Raimundo Martí e Raimundo Lulo*, sep. de "Revista de História das Ideias", III (1981).
- LAVAJO J. Ch., *Uma página de S. Tomás de Aquino no Contexto Islamo-Cristão Medieval*, Sep. de "Actas do II Encontro sobre História Dominicana", II, pp. 289-307.
- MANCINI, A., *Per lo studio della legenda di Maometto in Occidente*, "Rendiconti della R. Ac. Naz. dei Lincei", Cl. di sc. Morali, Storiche e Filologiche, vol. X, series sesta, Roma, 1934, pp. 325-349.
- MANDONNET, Pierre, *Fra Ricoldo de Monte-Croce, pèlerin en Terre sainte et missionnaire en, Orient*, "RB" 2 (1893) pp. 44-61; 182-202; 584-607.
- MARRACCIUS, Ludovicus, *Refutatio Alcorani*, 3 vols., Patavii, M. Dc. XCVIII.
- MATTEO, I. di, *Il "tahrif" ed alterazione della Bibbia secondo i musulmani*, "Bessarione", 38 (1922) pp. 64-111 e 223-226.
- MERIGOUX, J. M., *Un précurseur du dialogue islamo-chrétien: Frère Ricoldo (1243-1320)*, "RT", Toulouse et Bruxelles, 73, (1973), pp. 609-621.
- MONNOT, Guy, *Les citations coraniques dans le "Dialogus" de Pierre Alfonse*, in "Islam et chrétiens du Midi (XII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup> s.)", "CF", (1983), 18, pp. 261-277.
- MONTET, *Un rituel de l'Abjuration des Musulmans dans l'Église Grécque*, "RHR", t. 53. Paris, 1906, pp. 145-163; ed. PG, 140, cols. 124-136.
- MUÑOZ SENDINO, J., *Apologia del Cristianismo*, "Miscelanea Comillas", t. 11-12, Comillas (Santander), 1949.
- MUÑOZ SENDINO, J., *La Escala de Mahoma*, Madrid, 1949.

- PELLAT, Charles, *L'idée de Dieu chez les "Sarrasins" des chansons de geste*, "Studia Islamica, 22 (1965), pp. 5-42.
- PELLAT, Ch., *Le Roman de Mahomet d'Alexandre Dupont*, in "En Terre d'Islam", 1943, pp. 216-235.
- PELLAT, Ch., *Mahom, Tervagan, Apollin*, in "Actas del primer congreso de estudios árabes e islámicos", Madrid, 1964, pp. 265-269.
- PELLAT, Ch., *Note sur la légende relative au cercueil de Mahomet*, "Bulletin des Études Arabes", 23 (1945) pp. 112-113.
- PRUTZ, Hanz, *Wilhelm von Tripoli*, in "Kulturgeschichte der Kreuzzuege", Berlin, 1883.
- RICHARD, Bernard, *L'Islam et les musulmans chez les chroniqueurs Castillans du milieu du Moyen Âge*, "Hespéris/Tamuda", XII (1971-73), pp. 107-132.
- SACHAS, Daniel J., *John of Damascus on Islam, The "Heresy of the Ishmaelites"*, Leiden, J. Brill, 1972.
- SEPTIMUS, B., *Petrus Alfonsi on the cult at Mecca*, "Speculum", 56 (1981), pp. 517-533.
- SOUTHERN, R. W., *Western views of Islam in the Middle Ages*, reimpr. Cambridge, Mass., 1978.
- SPULER, Bertold, *L'Islam et les minorités*, sep. de "Die islamische Welt zwischen Mittelalter und Neuzeit", Beirut, 1979, pp. 609-619.
- TARTAR, Pasteur Georges, *Dialogue Islamo-Chrétien sous le Calife al-Ma'mun (813-834), Les épîtres d'Al-Hashimi et d'Al-Kindi*, Paris, 1985.
- TIMÓTIO, Patriarca, *Dialogue religieux entre le calife al-Mahdi et le Patriarche Timothée*, ed. CHEIKHO, *Trois traités de polémique et de Théologie chrétienne*, Beyrouth, 1923, pp. 1-26.
- VERNET, Juan, *Le Tafsir au service de la Polémique antimusulmane*, sep. de "Studia Islamica", Paris, 1970, pp. 305-309.
- VILLARD, U. Monneret de, *Il libro della Peregrinazione nelle parti d'Oriente di frate Ricolto da Montecroce*, Roma, 1948.
- VILLARD, U. M. de, *Lo studio dell'Islam in Europa nel XII e nel XIII secolo*, Vaticano, 1944 (Studi e Testi, 110).

WILLIAMS, A. Lukyn, *Adversus Judaeos; a Bird's-eye view of christian Apology until the Renaissance*, Cambridge, 1935.

ZIOLECKI, Boleslaw, *La Légende de Mahomet au Moyen Âge*, tr. do alemão por Ch. Pellat, "Terre d'Islam", 3<sup>o</sup> Trimestre 1943.

### 3.5. INTERCÂMBIO ÁRABE-OCIDENTAL

ALONSO ALONSO, M., *Influencia de Algazel en el mundo latino*, "Al-Andalus", 1958 (2), pp. 371-380.

ALONSO, Manuel, *Notas sobre los traductores toledanos Domingo Gundisalvo y Juan Hispano*, "Al-Andalus", 7 (1943) pp. 155-188.

ALONSO GETINO, G., *Por los mundos del Tomismo*, "CT", 3 (1911) pp. 46-56.

ANAWATI, M. M. e GARDET, L., *Introduction à la Théologie musulmane*, Paris, Vrin, 1948.

ASÍN PALACIOS, Miguel., *Bosquejo de un dicionário técnico de la Filosofía y teología musulmana*, "D.C.", pp. 171-215.

ASÍN PALACIOS, M., *Historia y crítica de una polémica*, Madrid, 1924.

ASÍN PALACIOS, M., *Huellas del islam. sto Tomás de Aquino*, Turmeda, Pascal, S. Juan de la Cruz, Madrid, 1941.

ASÍN PALACIOS, M., *Influências evangélicas en la literatura religiosa del Islam*, in "Obras escogidas", II y III, pp. 319-353.

ASÍN PALACIOS, M., *L'Influence Musulmane dans la Divine Comédie. Histoire et Critique d'une polémique*, "Revue de littérature comparée", 1924.

ASÍN PALACIOS, M., *La escatología Musulmana en la Divina Comedia, seguida de la Historia y crítica de una polémica*, Madrid, 1961.

ASÍN PALACIOS, M., *Un aspecto inexplorado de los orígenes de la Teología escolástica*, in "Mélanges Mandonnet", II.

BEDARET, *Les premières versions toledanes de philosophie. Oeuvres d'Avicenne*, "R.N.S.Phil." t. 41 (1938); pp. 80-97 e 374-406.

BERTHIER, André, *Les écoles de langues orientales fondées au XIII<sup>e</sup> siècle par les Dominicains en Espagne et en Afrique*, "RA", n. 73, pp. 84-104.

- BERTHIER, A., *Raymond Martí et son oeuvre inédite: le "Capistrum Judaeorum"*.  
*Positions de thèses de l'École de Chartres*, 1930, pp. 13-18.
- BLACHÈRE, Régis, *Regards sur un passage parallèle des Évangiles et du Coran* in  
"Mélanges d'Islamologie", volume dédié à la mémoire de A. Abel,  
ed. Pierre Salmon, Leiden, E. J. Brill, 1974, pp. 69-73.
- BOUYGES, M., *Notes sur les philosophes arabes connus des latins au moyen âge*,  
in "Mélanges de l'Université Saint Joseph", Beirut, 8 (1922),  
pp. 397-406; 9 (1924), pp. 43-89.
- BOUYGES, M., *Roger Bacon a-t-il lu des livres arabes?* "AHDLM", V (1931),  
pp. 311-316.
- BRUMMER, Rudolf, *L'enseignement de la langue arabe à Miramar (Faits et  
conjectures)*, comun. ao II cong. intern. de Lulismo em Maiorca  
(Miramar), 1976, "Estudios Lulianos", 22 (1978), pp. 37-48.
- BURCKARDT, Titus, *La Civilización hispano-árabe*, Madrid, Alianza Editorial, 1977.
- CANTARINO, Vicente, *On the origin and Developement of the College in Islam and  
the West*, in "The Spanish Reconquest".
- CASCIARO, José Maria, *Las fuentes árabes y rabínicas en la doctrina de Santo  
Tomaso sobre la profecia*, Roma, PUL, 1969.
- CERULLI, E., *Il "Libro della scala" e la questione delle fonte arabe-spagnole  
della Divina Commedia*, Vaticano, 1949.
- CHEJNE, Anwar, *The role of al-Andalus in the tranmission of ideas*, "Islam and  
the West", Bringhampton, Nova York.
- COLL, José M., *Escuelas de lenguas orientales en los siglos XIII y XIV*, "ATS",  
Barcelona, (1946).
- CORTABARRÍA, Angel, *Originalidad y significación de los "Studia Linguarum" de  
los Dominicos Españoles de los siglos XIII y XIV*, "Pensamiento",  
25 (1969), pp. 71-92.
- CORTABARRÍA, A. *San Ramón de Penyafort y las Escuelas Dominicanas de Lenguas*,  
"Escritos del Vedat", VII (1977), pp. 125-154.
- D'ALVERNY, Marie Thérèse, *Deux traductions latines du Coran au Moyen Âge*,  
"AHDLM", 1947-1948, Paris, 1948.

- D'ALVERNY, M. Th., *La connaissance de l'Islam en Occident du IX<sup>e</sup> au milieu du XII<sup>e</sup> siècle, (P. le Vénérable)*, in "Settimane di studio del centro italiano di studi sull'alto medioevo", XII, Spoleto, 1965, pp. 576-602.
- D'ALVERNY, M. Th., *Notes sur les traductions médiévales d'Avicenne*, "AHDLMMA", 19 (1953) pp. 384, 358.
- D'ALVERNY, M. Th., *Notes sur les traductions médiévales des oeuvres philosophiques d'Avicenne*, "AHDLMMA", 27, (1952), pp. 348-358.
- D'ALVERNY, M. Th. e VAJDA, G., *Marc de Tolède, Traducteur d'Ibn Tumart*, "Al-Andalus", vol. XVI, fasc. 1 e 2; vol. XVII, fasc. 1 (1951-1952).
- DE VAUX, R., *La première entrée d'Averroès chez les latins*, "R.S.Ph.", 22 (1933), pp. 193-242.
- DOZY, R., e ENGELMANN, W. H., *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. Leyden, 1869.
- DOZY, R., *Supplément aux dictionnaires arabes*, 2 vols., Leyden, 1881; reprod. mecánica em 1927.
- DUFOURCQ, Charles-Emmanuel, *L'Espagne Catalane et le magrib aux XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*. Paris, PUF, 1966.
- FORGET, *L'influence de la philosophie arabe sur la philosophie scolastique*, "R.N.S.Ph.", 1894, pp. 385-410.
- GAZULLA, F. D., *Jaime I y los musulmanes*, Barcelona, 1919.
- GILSON, E., *Avicenne et le point de départ de Duns Scot*, "AHDLMMA", 2 (1927) pp. 89 ss.
- GILSON, E., *Avicenne en Occident au Moyen Âge*, "AHDLMMA", 44 (1969), pp. 89-121.
- GILSON, E., *Les sources gréco-arabes de l'augustinisme avicennisant*, "AHDLMMA", 5 (1930), pp. 40-107.
- GIMÉNEZ SOLER, Andrés, *Episodios de la historia de las relaciones entre la Corona de Aragón y Túnez*, "AIEC", 1907, pp. 195-224.
- GÓMEZ NOGALES, Salvador, *Filosofía musulmana y humanismo integral de Santo Tomás*, "Miscelamia Comillas", 25 (1967), pp. 229-265.

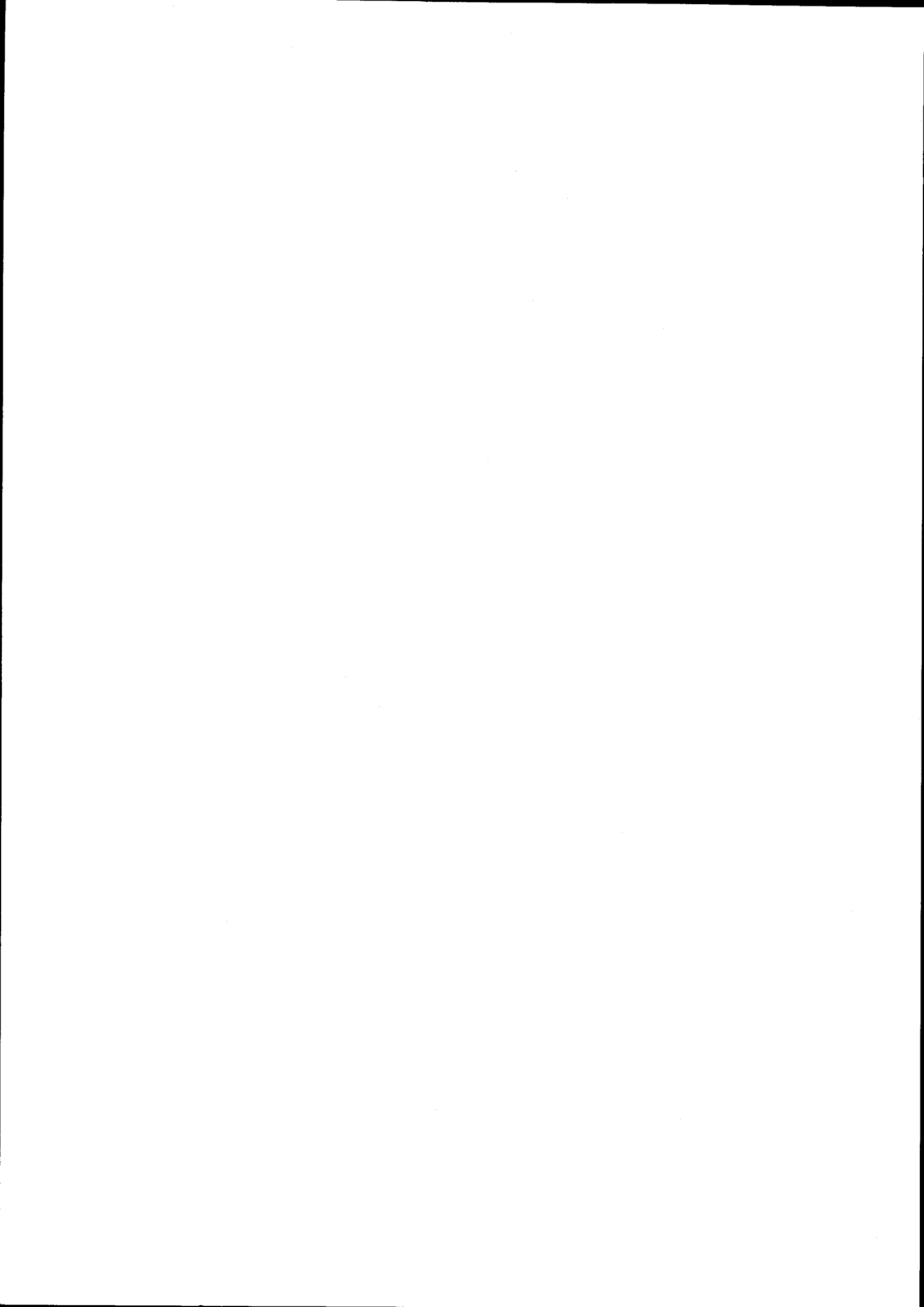
- GÓMEZ NOGALES, S., *La filosofía Musulmana y su influjo determinante en el pensamiento Medieval de Occidente, (Estado actual de la polémica)*, Madrid, 1969.
- GÓMEZ NOGALES, S. *La proyección histórica de la Metafísica de Aristoteles especialmente en el mundo árabe*, sep. de "Pensamiento", 35 (1979) pp. 347-378.
- GÓMEZ, Nogales S., *Sabiduría Oriental y Filosofía Árabe*, Sep. da "Revista del Instituto Egipcio de Estudios Islámicos en Madrid", 19 (1976-1978).
- GÓMEZ NOGALES, S., *Saint Thomas, Averroès et l'averroïsme*, sep. "Mediaevalia Lovainiensia", Serie I, Studia V, Leuven-The Hague, 1976, pp. 161-177.
- GONZÁLEZ PALENCIA, Angel, *El Arzobispo D. Raimundo de Toledo*, Madrid-Barcelona, 1943.
- GONZÁLEZ PALENCIA, A., *Historia de la Literatura árabe-española*, Barcelona-Buenos Aires, 1928.
- GONZÁLEZ PALENCIA, A., *Islam and the Occident*, "Hispania" XVIII, 3 (1935), pp. 245-276.
- GONZÁLEZ PALENCIA, A., *Moros y Cristianos en la España Medieval*, Madrid, 1945.
- HAMMOND, Robert, *The Philosophy of Alfarabi and its influence on Medieval Thought*, New York, 1947.
- HENNINGER, Joseph, *L'influence du Christianisme oriental sur l'Islam naissant*, in "L'Orient cristiano nella storia della Civiltà", Academia Nazionale dei Lincei, 1964, pp. 379-410.
- HENNINGER, J., *Sur la contribution des missionnaires à la connaissance de l'Islam, surtout pendant le Moyen Âge*, "Neue Zeitschrift für Missionswissen schaff-Nouvelle Revue de Sience Missionnaire", 9 (1953) pp. 161-185.
- LAVAJO, J. Ch., *Túnis e o primeiro "Studium arabicum" Peninsular*, sep. de "Actas do 11º Congresso de Arabistas e Islamólogos".
- LEVI DELLA VIDA, G., *I Mozarabi tra Occidente e Islam*, in "Sett. Spoleto", XII, t. 2, Spoleto, 1965.



- LÉVI-PROVENÇAL, É., *La civilización Árabe en España*, Col. Austral, Madrid, Espasa-Calpe, 1977.
- LOPES, Cenival, *Contribuição para o estudo da cultura arábica em Portugal*, in "Mélanges", Paris, 1945, pp. 75-138.
- MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- MACHADO, J. P., *Influência Árabe no Vocabulário Português*, vol. I-II, Lisboa, 1958-1961.
- MAKDISI, George, *Interaction between Islam and the West*, in "Colloques Internationaux de la Napoule", I, Paris, 1976, pp. 287-309.
- MANDONNET-P., *Siger de Bravant et l'averroïsme latin au XIII<sup>e</sup> siècle*, Friburgo, 1899; 2<sup>a</sup> ed., 2 vol., Lovaina, 1908-1911.
- MAS LATRI, Comte de *Relations et commerce de l'Afrique septentrionale ou Magreb avec les nations chrétiennes au Moyen Âge*, Paris, 1886.
- MENENDEZ PIDAL, R., *Orígenes del Español*, Madrid, 1929; 1980.
- MONROE, J. T., *Islam and the Arab in Spanish scholarship*, Leiden, 1970.
- RENAN, Joseph Ernest, *Averroès et l'Averroïsme*, Paris, 1861.
- RICHARD, Jean, *L'enseignement des langues orientales en Occident au Moyen Âge*, in "Colloques Internationaux de la Napoule", I, Paris, 1976, pp. 150-165.
- ROBLES, Laureano, *El "studium Arabicum" del Capitulo Dominicano de Toledo de 1250*, "Estudios Lulianos", 24 (1980), pp. 23-47.
- RODRÍGUEZ BACHILER, Angel, *Influencia de la Filosofía Árabe en el Púgio de Raimundo Martí*, Madrid (Casa Hispano-Árabe), 1969.
- SALMAN, D., *Algazel et les Latins*, "AHDLM", 10-11, (1935-1936), pp. 108-110.
- SALMAN, D., *Note sur la première influence d'Averroès*, "RNP", 40 (1937).
- SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio, *El Islam de España y el Occidente*, Madrid, Espasa-Calpe, S. A., 1974, 1981.
- SARTON, G., *Introduction to the History of Science*, 3 vols., Baltimore, 1927-1948.
- SCHIAPARELLI, C., *Vocabulista in Arabico*, Firenze, 1871.

- SERRA, Pedro Cunha, *A influência árabe na Península Ibérica*, in "Actas do XI Congresso da União Europeia de Arabistas e Islamólogos, Évora, 1986, pp. 97-112.
- SIMÓN Haik, *Las traducciones medievales y su influencia*, 2 vols. Madrid, 1981.
- SIMONET, D. Francisco Javier, *Glosário de voces Ibericas y Latinas usadas entre los mozárabes*, Madrid, 1888.
- SOUSA, Frei João de, *Vestígios da língua Árábica em Portugal ou lexicon etymológico das palavras e nomes portugueses que têm origem árábica, composto por ordem da Academia Real das Siencias de Lisboa*. Lisboa, Officina da A.R.S., 1789.
- STEENBERGHEN, Fernand Van, *L'averroïsme latin*, sep. de "Philosophica Conimbricensia", 1 (1969), pp. 3-32.
- STEENBERGHEN, F. Van, *L'Averroïsme latin au XIII<sup>e</sup> siècle*, in "Multiple Averroès", pp. 283-286.
- URVOY, Dominique, *Les Musulmans, et l'usage de la langue arabe par les missionnaires chrétiens au Moyen-Âge*, "Traditio", 1978, pp. 416-427.
- URVOY, D., *Penser l'Islam. Les présupposés islamiques de l'Art de Lull*, Paris, 1980.
- VERNET, Juan, *La cultura Hispanoárabe en Oriente y Occidente*, Barcelona, Caracas, México, Ed. Ariel, 1978.
- WALZER, Richard, *Arabic transmission of greek thought to medieval Europe*, "Bull of the John Rylando Library", 29 (1945-1946) Manchester, pp. 160-183.
- WATT, W. Montgomery, *The Influence of Islam on Medieval Europe*, Edimburgo, Univ. Press., 1927.
- WULF, M., de, *L'Augustinisme avicennisant*, "RNP", 33 (1931), pp. 11-39.

## ÍNDICE GERAL



DEDICATÓRIA	3
SUMÁRIO	5
REDE DE SIGLAS	7
SISTEMA DE TRANSLITERAÇÃO DAS PALAVRAS ÁRABES	11
APRESENTAÇÃO	15

## I PARTE

### CRISTÃOS E MUÇULMANOS. DA LUTA ARMADA À POLÊMICA VERBAL

INTRODUÇÃO - CONQUISTA E RECONQUISTA DA PENÍNSULA IBÉRICA	29
1. Precedentes históricos da conquista árabe	29
2. A conquista árabe e a sorte dos hispanos	35
3. A reconquista cristã	43
4. A reconquista e independência de Portugal	53
5. O significado da reconquista	60
Notas	64
CAPÍTULO I - SITUAÇÃO DOS MOÇÁRABES: GÊNESE DE UMA GUERRA FRIA	69
1. Duas comunidades em tensão	70
1.1. Fraude-traição	71
1.2. Violência	73
2. Agravamento da tensão sócio-religiosa dos moçárabes	77
Notas	86
CAPÍTULO II - O MOVIMENTO DOS MÁRTIRES CORDOVESES COMO INDICATIVO DA INTOLERÂNCIA ISLÂMICA E DO INCONFORMISMO CRISTÃO	89
1. Origem e caracterização do movimento	89
2. Fontes árabes	93

3. Fontes moçárabes	95
4. A cultura clássica e cristã dos moçárabes	97
5. Cultura islâmica dos moçárabes e suas fontes	99
6. Estratificação sócio-religiosa da comunidade moçárabe	104
7. Atitude polémica dos moçárabes cordoveses frente ao islamismo	109
7.1. Biografia fantasista de Maomé	114
7.2. Invectivas anti-islâmicas	118
7.3. Epítetos anti-islâmicos	120
7.4. Anti-valores islâmicos	122
7.4.1. Violência e intolerância	122
7.4.2. Corrupção moral	129
7.4.3. Fraude	134
7.4.4. Exploração	138
7.4.5. Idolatria	140
Notas	143
<b>CAPÍTULO III - FONTES DO DIÁLOGO ISLAMO-CRISTÃO HISPÂNICO</b>	151
1. Fontes doutrinárias e sócio-políticas	151
2. Influências orientais	163
2.1. Veículos de contacto	163
2.2. O diálogo islamo-cristão oriental e sua repercussão na Hispania	167
2.2.1. Os inícios	167
2.2.2. S. João Damasceno e Abū-Qurra	171
2.2.3. <i>Apologia</i> de al-Kindī	174
2.2.4. <i>Chronografia</i> de Teófanos	179
3. Influência das heresias hispânica	179
Notas	185

<b>CAPÍTULO IV - A IMAGEM ISLÂMICA NA CRONOGRAFIA CRISTÃ HISPÂNICA</b>	191
1. Esperança da libertação: os cristãos avançam até Toledo	193
1.1. Denominações dos muçulmanos	203
1.1.1. Caldeus	203
1.1.2. Sarracenos, agarenos e ismaelitas	204
1.1.3. Árabes	204
1.1.4. Mauros	204
1.1.5. Inimigos	205
1.1.6. Rei babilónico	205
1.2. Qualidades negativas islâmicas	205
1.2.1. Traição e fraude	205
1.2.2. Crueldade	206
1.2.3. Corrupção moral	206
2. Equilíbrio de forças: da invasão almorávida à batalha de Navas de Tolosa	212
2.1. As crónicas deste período	212
2.2. Uma mentalidade de mudança	214
3. A vitória definitiva: a Grande Reconquista	225
3.1. Maomé e o islamismo	228
3.2. Os muçulmanos: suas denominações e qualidades	235
3.2.1. Astúcia	237
3.2.2. Deslealdade	237
3.2.3. Fealdade	238
3.2.4. Crueldade	238
3.2.5. Corrupção moral	238
3.2.6. Espírito de discórdia	238
Notas	248

<b>CAPÍTULO V - A IMAGEM ISLÂMICA NA LITERATURA DOCTRINAL HISPÂNICA</b>	255
1. A <i>Chronographia</i> de Teófanos-Anastácio	257
2. Os <i>Diálogos</i> de Pedro Afonso	258
3. Pedro, o Venerável, e o <i>Corpus cluniacensis</i>	265
3.1. O <i>Corpus cluniacensis</i>	268
3.1.1. <i>Chronica mendosa et ridiculosa Saracenorum</i>	270
3.1.2. <i>Liber generationis Mahumet et nutritia eius</i>	271
3.1.3. <i>Doctrina Mahumet</i>	272
3.1.4. As obras de Pedro, o Venerável e seu secretário	272
3.1.4.1. Carta a S. Bernardo	272
3.1.4.2. <i>Summa totius haeresis Saracenorum</i>	273
3.1.4.3. Carta de Pedro de Poitiers a Pedro, o Venerável	277
3.1.4.4. Os <i>Capitula</i> de Pedro de Poitiers	278
3.1.4.5. <i>Liber contra sectam sive haeresim Saracenorum</i>	280
4. A obra de D. Rodrigo Jiménez de Rada	288
5. As traduções de Marcos de Toledo	292
5.1. <i>Libellus Machometi</i>	292
5.2. <i>Corão</i>	293
5.3. <i>Contrarietas Efolica</i>	297
6. <i>Vita Mahometi</i> de Uncastillo	304
7. <i>Liber Scalae Machometi</i>	309
Notas	315
<b>CAPÍTULO VI - A IMAGEM ISLÂMICA NA LITERATURA DE ALÉM-PIRENÉUS</b>	321
1. O islamismo segundo as crônicas de Além-Pirenéus	329
1.1. Gilberto de Nogent, <i>Gesta Dei per Francos</i>	329



1.2.	Sigeberto de Gembloux, <i>Chronica</i>	330
1.3.	Guilherme de Malmesbury, <i>Gesta Regum</i>	330
1.4.	Otão de Freising, <i>Chronicon</i>	330
1.5.	<i>Crónica do Pseudo-Turpin</i> ou <i>Historia Karoli Magni et Rothlandi</i>	330
1.6.	Godofredo de Viterbo, <i>Pantheon</i>	331
1.7.	Oliver de Paderborn, <i>Historia Damiatina</i>	332
1.8.	Tiago de Vitry, <i>Historia Orientalis</i>	333
1.9.	Mateus Paris, <i>Chronica Majora</i>	336
1.10.	Vicente de Beauvais, <i>Speculum Historiale</i>	337
2.	O islamismo segundo as canções de gesta	338
2.1.	Origem das canções de gesta	338
2.2.	Conteúdo anti-islâmico das canções de gesta	343
2.2.1.	A idolatria islâmica	344
2.2.2.	A morte de Maomé	346
2.2.3.	O túmulo de Maomé	348
3.	A literatura apologético-polémica de Além-Pirenéus	351
3.1.	Embricon de Mayence, <i>Vita Machometi</i>	352
3.2.	Gautier de Compiègne, <i>Otia Machometi</i> e Alexandre du Pont, <i>Roman de Mahon</i>	357
3.3.	Alano de Lille, <i>Contra Paganos</i>	362
3.4.	Guilherme de Tripoli, O. P., <i>Tractatus de statu Saracenorum</i>	365
	Notas	371
	Índice do Volume I	376 <sup>a</sup>

VOLUME II

II PARTE

DA POLÉMICA AO DIÁLOGO RELIGIOSO  
OS DOMINICANOS E RAIMUNDO MARTÍ

INTRODUÇÃO - OS DOMINICANOS E O NOVO TIPO DE RELAÇÕES ISLAMO- CRISTÃS: DAS CRUZADAS À MISSIONAÇÃO	379
1. Os ventos da mudança	379
2. As cruzadas em regressão	381
3. Implantação do diálogo e das missões	385
4. Os dominicanos e o novo conceito de evangelização	388
5. As escolas dominicanas de línguas ao serviço das missões	390
Notas	404
CAPÍTULO I - RAIMUNDO MARTÍ, UM ESPÍRITO ECUMÉNICO MEDIEVAL	411
Notas	423
CAPÍTULO II - A OBRA DE RAIMUNDO MARTÍ	429
I. <i>Capistrum Judaeorum</i>	431
1. Manuscritos e divulgação	431
2. Manuscritos perdidos	434
3. Autenticidade do <i>Capistrum</i>	435
4. Estrutura da obra	438
5. Génese e objectivos da obra	439
Notas	442
II. <i>Pugio Fidei</i>	445
1. Datação e título	445

2. Gênese, objectivos e metodologia	445
3. Manuscritos	452
4. Edições	459
5. Projecção histórica	463
6. Estrutura	469
Notas	473
III. <i>A problemática do "Vocabulista" in Arabico</i>	480
Notas	486
IV. <i>As "Summae contra Alchoranum"</i>	490
1. O testemunho de Pedro Marsílio	491
2. O testemunho dos manuscritos do <i>Pugio Fidei</i>	494
3. O testemunho de António de Sena Lusitano	495
4. O testemunho de Francisco Diago	496
5. Síntese interpretativa dos testemunhos	498
6. Identificação das obras de polémica islamo-cristã	499
7. Uma falsa pista	499
Notas	502
V. <i>A "Explanatio Symboli Apostolorum" é uma das "Summae contra Alchoranum"</i>	505
1. Manuscrito e edição	505
2. Erudição	507
3. A <i>Explanatio</i> no contexto islamo-cristão medieval	508
3.1. Integridade e incorruptibilidade da Sagrada Escritura	514
3.2. A falsificação da Sagrada Escritura	515
3.3. Predição bíblica de Maomé	520

4. Unicidade de Deus	523
5. A Ss. Trindade	524
6. Messianismo de Cristo	526
7. Morte de Cristo	527
8. Ascensão de Cristo e Mi-raj de Maomé	529
9. Os sacramentos	529
9.1. Baptismo cristão e abluções islâmicas	530
9.2. Penitência	530
9.3. Matrimónio	531
10. A ressurreição	532
11. Natureza da felicidade ultra-terrena	533
12. Conclusão	535
Notas	536
VI. A I parte do <i>Pugio Fidei</i> e as <i>Summae contra Alchoranum</i>	541
Notas	547
<b>CAPÍTULO III - A ERUDIÇÃO ORIENTALISTA DE R. MARTÍ</b>	549
<b>I. <i>Erudição árabe</i></b>	551
1. O testemunho dos historiadores	551
2. Formação e actividade linguística	552
3. Análise das obras martinianas	557
3.1. Alfarabi	561
3.2. Algazel	562
3.3. Avicena	570
3.4. Averróis	576
3.5. Al-Rāzī	585

3.6. Ibn <u>H</u> atib	586
Notas	588
<b>II. Erudição hebraísta</b>	598
1. Aquisição e manifestação da erudição	598
2. Fontes bíblico-rabínicas de Martí	610
2.1. Fontes bíblicas	611
2.2. Fontes targúmicas	613
2.3. Fontes talmúdicas	613
2.4. Fontes midráchicas	613
2.5. Outras fontes judaicas	614
2.6. Autores citados	614
3. Autenticidade da erudição hebraísta de Martí	616
Notas	619
<b>CAPÍTULO IV - ORIGINALIDADE E OBJECTIVOS DA I PARTE DO PUGIO</b>	
<b>FIDEI: R. MARTÍ E S. TOMÁS</b>	625
1. O paralelismo dos textos	625
2. O autor original: opiniões e pistas de solução	627
2.1. O problema cronológico	629
2.2. Análise dos manuscritos	632
2.3. Análise estilística comparada	635
2.4. Análise metodológica comparada	638
2.5. <i>Capistrum Judaeorum</i> e <i>S. c. Gentiles</i>	641
2.6. <i>Explanatio Symboli</i> e <i>S. c. Gentiles</i>	645
3. Proposta de solução: originalidade interdependente de S. Tomás	646
4. Conclusão	652
Notas	



III PARTE

UMA OBRA-TIPO DE DIÁLOGO ISLAMO-CRISTÃO

RAIMUDO MARTÍ É O AUTOR DO "TRACTATUS CONTRA MACHOMETUM"

<b>CAPÍTULO I - O AUTOR DO TCM: DE JOÃO DE GALES A RAIMUNDO MARTÍ</b>	661
1. <i>O Tractatus contra Machometum</i> não é de João de Gales	661
1.1. O testemunho dos manuscritos	661
1.2. A tradição historiográfica	662
1.3. Análise da vida e obra de João de Gales	664
1.4. Objectivo e metodologia de João de Gales	667
1.5. Erudição de João de Gales	670
1.5.1. Erudição latina	671
1.5.2. Erudição helenista	671
1.5.3. Erudição árabe	672
1.6. Conclusão	672
2. <i>O Tractatus contra Machometum</i> não é de Alexandre de Hales	675
3. Raimundo Martí é o autor do TCM	676
Notas	678
 <b>CAPÍTULO II - O TESTEMUNHO DE RICOLDO, O. P.</b>	683
Notas	695
 <b>CAPÍTULO III - O TESTEMUNHO DE RAIMUNDO LULO</b>	697
Notas	704
 <b>CAPÍTULO IV - A ANÁLISE COMPARADA PROVA QUE O TCM É DE RAIMUNDO MARTÍ</b>	705
I. O conteúdo e a forma	705

1. O <i>TCM</i> e a <i>Explanatio</i>	705
1.1. Incorruptibilidade, veracidade e integridade da Sagrada Escritura	705
1.2. A moral matrimonial	714
1.3. O paraíso islâmico	718
1.4. A purificação ritual islâmica	720
2. O <i>TCM</i> no contexto do <i>Capistrum</i> e do <i>Pugio</i>	722
2.1. Imaculada Conceição de Maria	722
2.2. Virgindade de Maria	723
2.3. Paixão e morte de Cristo	726
2.4. O milagre e a missão profética	728
2.5. Identidade de matrizes de diálogo islamo-cristão	731
2.6. Causas da expansão religiosa	733
2.7. A inimitabilidade do Corão	734
II. O método literário	740
1. Aceitação incondicional da verdade	741
2. Actuação a partir do campo do adversário	743
3. Divisão dos interlocutores	752
4. Carácter revisivo e eclético da obra de Martí e do <i>TCM</i>	761
5. A oralidade da obra de Martí e do <i>TCM</i>	766
III. A Estrutura lógica	771
1. O argumento de <i>autoridade</i>	773
2. O argumento da <i>crebra fama</i>	774
3. O argumento da analogia	776
4. O argumento <i>a fortiori</i>	778
Conclusão	780
Notas	781

IV - PARTE

UM BALANÇO POSITIVO: INTERCÂMBIO CULTURAL ISLAMO-OCIDENTAL

INTRODUÇÃO	789
1. O islão à procura da sua identidade cultural	790
2. A islamização da Península	798
2.1. No campo da filosofia	802
2.2. No campo das ciências	803
2.3. No campo da literatura	805
3. Veículos de transmissão cultural	807
3.1. Aquisição de manuscritos	808
3.2. As bibliotecas	809
3.3. O movimento de traduções	811
3.3.1. Traduções para o árabe	811
3.3.2. Traduções do árabe para as línguas ocidentais	814
3.4. Relações diplomáticas, culturais e sociais	821
3.5. Relações comerciais	825
3.6. Contactos religiosos	827
4. Influências da língua árabe	829
4.1. A língua árabe e o Ocidente	829
4.2. Influência da língua árabe sobre o léxico português	830
5. Literatura árabe e literatura ocidental	841
5.1. Literatura árabe	841
5.2. Lírica hispano-árabe	844
5.3. Lírica hispano-árabe e lírica romance	845
5.4. A narrativa hispano-árabe e a ocidental	848
5.4.1. <i>Disciplina Clericalis</i>	848
5.4.2. <i>As mil e uma noites (Alf Layla wa-Layla)</i>	849



5.4.3. <i>Kalīla wa-Dimna</i> ( <i>Calila e Dimna</i> )	849
5.4.4. <i>Sindbār</i> ou <i>Syntipas</i>	850
5.4.5. <i>Barlamm e Josafat</i>	850
5.4.6. <i>Liber Scalae</i> ( <i>Kitāb al-Mi<sup>c</sup>rāj</i> )	851
6. A filosofia árabe e a filosofia ocidental	851
7. O ensino islâmico e o ensino ocidental	855
7.1. As instituições	855
7.2. A organização	857
7.2.1. Ensino Primário	858
7.2.2. Ensino Médio	858
7.2.3. Ensino Superior	858
8. A escolástica e o seu método	859
9. As <i>Summas</i>	861
Notas	864
Índice do Volume II	867 <sup>a</sup>

### VOLUME III

<b>TRACTATUS CONTRA MACHOMETUM</b>	869
Introdução	871
Notas	908
Edição, tradução e notas	900
<b>ANEXOS</b>	1029
Anexo 1 - <i>Contra Machometum et legem eius</i> , de Ricoldo (BNP, ms. n. 4230)	1031
2 - Pacto de Maomé com os cristãos da Arábia	1056
3 - Pacto de Maomé com os cristãos em geral, princi- palmente com os da Síria	1057

4 - Pacto de Abd al-Aziz com Teodomiro de Múrcia	1059
5 - Cronologia dos emires e califas de Córdoba	1060
6 - Mártires de Córdoba (síntese biográfica)	1061
7 - Julgamento de um cristão de Córdoba	1072
8 - Paralelismo estilístico entre os escritos polémicos de Elipando e de Eulógio	1074
9 - A Reconquista	1076
10 - Cronologia dos reis cristãos da Península Ibérica	1078
11 - <i>De Laude Spanie</i> , de S. Isidoro de Sevilha	1080
12 - <i>Capitula Petri Pictavensis</i>	1081
13 - <i>De diuersitate errancium a uia ueritatis fidei</i> ( <i>Pugio</i> , I, I)	1084
14 - Um esquema de diálogo religioso segundo Raimundo Martí ( <i>Pugio</i> , III, VI)	1088
15 - <i>Quod libri Veteris et Novi Testamenti sunt integri et incorrupti</i> ( <i>Explanatio Symboli</i> , Bibl. Capit. Tortosa, ms. n. 6)	1092
16 - A existência de Deus segundo Raimundo Martí e S. Tomás	1099
17 - Relato [da disputa] de Ibn Rašiq com os monges, a propósito da inimitabilidade do Corão	1107
18 - Diálogo de Raimundo Martí com um muçulmano	1112
19 - O encontro de Raimundo Martí com o rei de Túnis na obra de Raimundo Lulo	1115
<b>CONCLUSÃO</b>	1119
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	1125
<b>ÍNDICE GERAL</b>	1157



2